EDIÇÃO DUPLA DE ANIVERSÁRIO!!!

EDITORA AZUL
N.º 24
Julho 1987
Cz$ 60,00

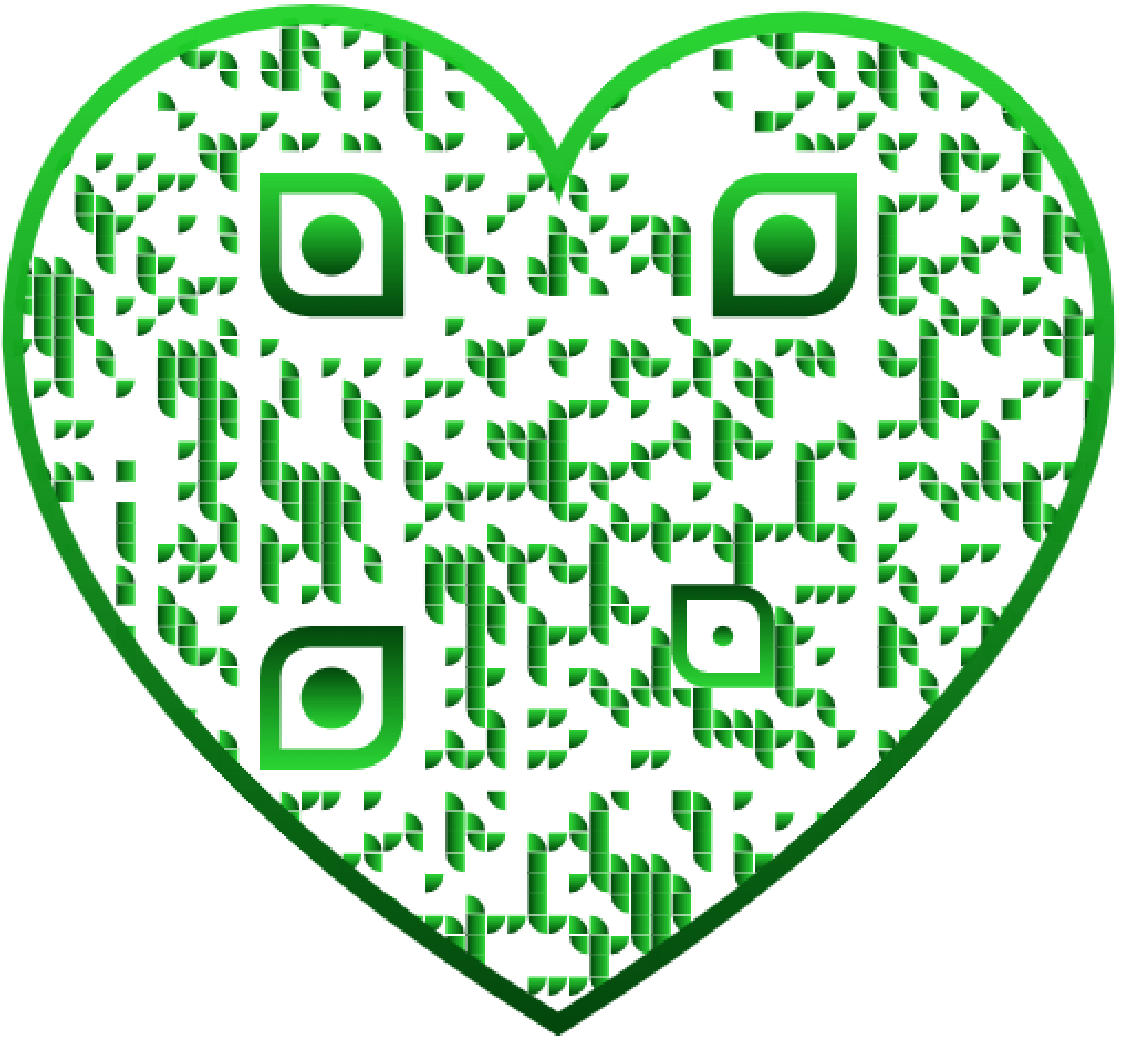
BIZZ

EXCLUSIVO

LOBÃO

POR DENTRO DA VIDA BANDIDA

CULT • ECHO • NICK CAVE • DURUTTI COLUMN • IRA!
PRINCE • BANGLES • GAROTOS PODRES • RITA LEE



BIZZ

Um Led Zeppelin bastardo ou um heavy psicodélico legítimo? Resposta na pág. 32

[redacted] "Ele não é marginal, e sim uma pessoa sensível." A frase do juiz que libertou **Lobão** encerra duas verdades e um preconceito. Criminoso Lobão nunca foi. Mas por que o artista autêntico, o "homem sensível", carrega o estigma de ser um homem à parte? Por que, preso, ele deve servir de exemplo, execrado como um lobo mau, e não julgado com a isenção que a Justiça pretende? Errou quem prendeu? Errou a lei ou quem a interpretou? Ou será que o rock errou? A verdade é que, encoberto pelas bandeiras dos carcereiros — e até pelas dos libertadores — ficou um lado esquecido, redescoberto aqui por **Sônia Maia** e **José Emílio Rondeau,** com exclusividade.

No capítulo *amenidades*, "Red" Sônia — que descansa carregando pedra — conversou ainda com **Rita Lee** e **Garotos Podres.** De Londres, **Pepe Escobar** enfrenta a quimera e nos manda as respostas — afinal, o que é o **Cult? Ian Astbury** e **Billy Duffy** em pessoa examinam a questão com nosso correspondente. Em São Paulo, **Jean-Yves de Neufville** remexeu seus alfarrábios e saiu-se com a biografia definitiva de **Prince,** traçando os passos da Eminência Púrpura até o disco atual, *Sign O' the Times. No Rio,* todos os ingredientes do **Echo & the Bunnymen** reservaram a noite seguinte a seu último show no Brasil para um longo papo com **Maurício Valladares** e **Tom Leão.**

De malas prontas para Los Angeles, onde armará uma barraquinha de BIZZ, **Zé Emílio** encontrou tempo — entre uma visita ao despachante e uma ao cambista — para um papo telefônico com as **Bangles** (umas gracinhas) e uma biografada em **Los Lobos** (nem tanto...). Quem não saiu do telefone vermelho foi **Thomas Pappon,** às voltas com o cavernoso **Nick Cave** e com **Vini Reilly,** o joalheiro da **Durutti Column.** E, para fechar esta superedição de aniversário, o suplemento sobre os dez anos da **New Wave,** aquela senhora de má fama... Vamos à festa!

Alex Antunes

ESTE MÊS

32 **THE CULT**
Pauleira concentrada em novo LP > *Pepe Escobar*

40 **PRINCE**
Um investigação por trás do silêncio > *Jean-Yves de Neufville*

46 **GAROTOS PODRES**
O hardcore do ABC volta a atacar > *Sônia Maia*

48 **BANGLES**
California girls andam como egípcias > *José Emílio Rondeau*

50 **GANG 90**
O disco novo de uma banda com história > *Marcel Plasse*

52 **NICK CAVE**
Um papo com o australiano das cavernas > *Thomas Pappon*

58 **LOS LOBOS**
Rock'n'roll à moda mexicana

60 **ROCK NO PARANÁ**
Toda uma safra de bandas e estilos > *Luiz Antonio de Oliveira*

64 **SUGAR BLUES**
O maior gaitista de blues vivo?

78 **LOBÃO**
Uma entrevista com quem tem algo a dizer

88 **RITA LEE**
Titia, eu não estou na menopausa criativa

94 **DURUTTI COLUMN**
Uma banda única, enfim lançada aqui

98 **BARÃO VERMELHO**
Rhythm & blues verde & amarelo > *Carlos Albuquerque*

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

14 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e a Parada do Leitor

18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

30 **VÍDEO**
Uma garimpada no acervo das locadoras

67 **ENTREVISTA**
Echo & the Bunnymen num balanço da turnê brasileira

102 **AO VIVO**
Leon Russell & Edgar Winter, Bruhaha Babélico, Keith Jarrett, Jerry Lee Lewis, Ira!, Arrigo Barnabé, Tom Verlaine, Velocidade e Dizzy Gillespie

112 **CINEMA**
Jim Jarmusch, cult-movies em branco e preto Totalmente Selvagem e Besame Mucho

122 **CLIP**
"With or Without You", *U2*

126 **PORÃO**
The Pastels

128 **LETRAS**
"Sign o' the Times", *Prince*

130 **MEU INSTRUMENTO**
Hélcio Milito

132 **AIR MAIL**
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

134 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. Nesta edição, *Closer* do Joy Division

136 **CARTAS E SERVIÇOS**

Foto de Capa Marcelo Faustini

SIOUXSIE & THE BANSHEES

VOCÊ NÃO TEM A MENOR IDÉIA DO QUE É ESTE DISCO! SÓ OUVINDO!

through the looking glass

Em discos e fitas
PolyGram

24 SÉCULOS DE MÚSICA

Bizz está fazendo 24 meses de idade. Isso equivale a 24 séculos, porque fazer revista de música no Brasil é barra pesada!
Parece que foi ontem que Bizz ajudou Dire Straits a vender mais de quinhentas mil cópias do Lp Brothers In Arms, Sting a faturar Disco de Platina com Bring On The Night, Jean Michel Jarre a ultrapassar a barreira dos duzentos mil com Rendez-Vous.
Isso sem falarmos nos Discos de Ouro do Police (Every Breath You Take), Elton John (Leather Jackets), Supertramp (The Autobiography) e tantos outros.
The Cure é um caso à parte. Standing On A Beach e The Top, juntos, venderam mais de duzentas e cinqüenta mil cópias e, ao que tudo indica, o novo álbum Kiss Me Kiss Me Kiss Me também vai descabelar o palhaço.
A Polygram agradece a força que Bizz tem dado em seus primeiros vinte e quatro séculos de vida.

PolyGram

Foto Gamma-Liaison / Sigla

Dylan e Bono, cantando juntos: duas gerações de protestos pela paz e pela liberdade

NA ONDA DO U2

A recente excursão americana do U2 causou um verdadeiro furor entre a classe artística local. A rapaziada em peso prestigiou os concertos da banda irlandesa realizados em estádios e ginásios — literalmente lotados — de várias cidades americanas. Na costa oeste, celebridades como **Bruce Springsteen, Madonna, Robbie Robertson** (do **Band**), **Little Steven** e **Rod Stewart** foram vistas na platéia, e, em um dos concertos, **Bob Dylan** subiu ao palco para acompanhar Bono na interpretação de "Knocking on Heaven's Door" e "I Shall Be Released".

Na costa leste, entre os astros que foram sacudir mãos com o pessoal do U2, estiveram **Frank Sinatra** e **Dean Martin**.

FIM DA LEGIÃO?!?!

Foto Frederico Mendes / Azul

Todos juntos, rindo felizes e satisfeitos. É assim que os fãs querem a Legião...

Os fãs da **Legião Urbana** passaram por momentos de aflição quando começou a circular uma onda de boatos a respeito da dissolução da banda. Na verdade, tudo começou com uma gravação para o Globo de Ouro, que acabou não acontecendo. Depois, foram vários shows que foram cancelados, inclusive alguns no exterior (Argentina e Portugal). Nesse meio tempo, **Renato Russo** foi para Brasília visitar os pais e foi ficando por lá mais do que o previsto. E os rumores se espalhando sem que ninguém confirmasse ou desmentisse. A notícia mais recente é que **Dado Villa-Lobos, Bonfá** e **Renato Rocha** estão em estúdio no Rio de Janeiro, preparando as músicas para o próximo LP. Russo recebeu uma fita em Brasília e disse que as novas músicas são muito boas, e mais: "A gente parou para voltar a ser amigo. Depois, fazer show pra quê, se as pessoas não vão ter dinheiro para ir?" Aguardem os próximos capítulos.

PIL NO BRASIL

Foto Tom Sheehan / LFI

John Lydon: em breve, no Brasil...

Deus é grande! Chegou a vez do **PIL**, também conhecido como **Public Image Limited**, tocar no Brasil. **John Lydon** — esse mesmo, que se chamava Johnny Rotten em outras eras — e seus companheiros estarão em carne e osso se apresentando durante o mês de agosto em apenas duas cidades brasileiras. Em São Paulo, estarão tocando no Palácio das Convenções do Anhembi, nos dias 17, 18 e 19. No Rio, tocarão nos dias 21 e 22, no Canecão. *Oooooooobaaaaa!*

EM DEFESA DA BILLINGS

A Comissão de Defesa da Represa Billings idealizou um concerto de rock, com participação de vinte e duas bandas, para chamar atenção para o lamentável estado em que se encontra o desprezado "aguadouro" dos paulistas. Numa fria e chuvosa noite de sábado, 6 de junho, o antigo galpão dos desativados Estúdios Cinematográficos Vera Cruz foi o palco do SHOW BILLINGS. Desfilaram nomes como **Mercenárias, Black Future, Fellini, Hai Kai Music, De Falla, Ratos de Porão, Muzak, Kid Vinil & Os Heróis do Brasil, Kafka, Varsóvia, Kães Vadius, Lobotomia**, e outras bandas. Para as estimativas da organização o público foi pequeno — compareceram cerca de 1.500 pagantes. Já para as bandas representou muito mais do que cada uma delas poderia habitualmente atingir. Houve bons momentos no concerto. Deixando a desejar, apenas a organização do evento, que, por motivos ignorados, interrompeu o show por mais de uma hora, deixando o público a ver navios...

A FESTA DE LES PAUL

Foto Ebet Roberts / LFI

Les Paul e o modelo que leva seu nome

Que festança foi a comemoração do septuagésimo segundo aniversário de **Les Paul!** O grande guitarrista de jazz-pop, inventor da guitarra elétrica de corpo compacto e do gravador de oito canais, certamente sorriu satisfeito quando alguns amigos subiram num palco improvisado, para uma jam session — gente como **Jimmy Page, John Sebastian, Rick Derringer, Nile Rodgers** e **Tony Bennett. Bo Diddley,** outra lenda viva do rock, também passou por lá para abraçar o velho amigo.

Les Paul tinha feito anos em janeiro, mas a festa foi no dia 9 de junho, no Hard Rock Café, em Nova York.

RPM LANÇA GRUPO E GRAVADORA

Foto Ricardo Siqueira

RPM e Cabine C, no lançamento do selo Revoluções: apostando na ousadia

Onze de maio foi o dia C, no Rio de Janeiro. Foi nessa data que o **RPM** fechou a boate Studio C, em Copacabana, para apresentar ao mundo o primeiro lançamento de sua gravadora, a Revoluções Discos. O produto inicial é o álbum de estréia do grupo paulista **Cabine C,** intitulado *Fósforos de Oxford*. Com este disco, o selo Revoluções pretende se consolidar no mercado, apostando em três itens: "qualidade, ousadia e independência". Para tal, tentou manter um padrão de alto nível na gravação e prensagem, para competir com a sofisticação tecnológica das gravadoras maiores.

Ambos os grupos — RPM e Cabine C — deram coletivas a uma platéia que misturava jornalistas e artistas como **Ritchie** e **Lord K. Paulo Ricardo** — ao lado de sua esposa **Moyra**, grávida de oito meses — disse que o RPM está investindo alto no projeto do selo, e que "se o Cabine C afundar, o selo vai junto".

Enquanto isso, a CBS vai colhendo os frutos da colaboração do RPM com Milton Nascimento, que resultou num dos mais luxuosos "compactões" — compactos de doze polegadas — já lançados no país (com capa dupla e o scambau). "Homo Sapiens" e "Feito Nós" são as músicas do disco, em que Milton e Paulo Ricardo se revezaram nas autorias de música e letra. A idéia da colaboração pintou depois que os envolvidos se encontraram nos camarins, depois de um show de Milton realizado no ano passado em Los Angeles.

O FIM ESTÁ PRÓXIMO

Parece que não adiantam mais as negativas dos porta-vozes: os **Rolling Stones** estão mesmo perto do fim, ou melhor, de uma iminente separação. Em uma entrevista concedida ao jornal inglês *Daily Mirror*, **Mick Jagger** declarou que "dificilmente voltaria a tocar com **Keith Richards**", acrescentando um "I love Keith"... Por seu lado, Richards declarou ao *The Sun*, outro tablóide inglês, que já tinha até achado um substituto para Jagger: **Roger Daltrey**, o cantor do **Who**. Enquanto isso, **Bill Wyman** dava uma entrevista para uma estação de vídeo, reforçando a hipótese: "Parece mesmo que o grupo vai acabar, e a culpa é de Mick Jagger. Ele decidiu que quer ficar famoso sozinho". E, para deixar os fãs ainda mais desesperados, aqui vai outra notícia quente: Richards assinou um contrato milionário com a Virgin, para gravar seu primeiro disco solo. O disco será gravado na Holanda, e Richards dividirá os vocais com **Bobby Womack**. Buááááááá...

Foto Sipa Press

Jagger & Richards, nos bons tempos. Hoje, só agressões...

AGRESSÕES NAZISTAS

Phillip Boa & The Voodoo Club é uma das mais importantes bandas alemãs surgidas nos últimos anos. Voodoo é na verdade o apelido de um alemão que morou cerca de cinco anos no Haiti e aprendeu horrores com os percussionistas locais. Quando voltou para a Alemanha, conheceu Phillip Boa, um andarilho com idéias fusionistas, e juntos formaram a banda em questão, que já tem dois LPs lançados (aguardem, no próximo número de BIZZ, uma sensacional matéria completa sobre a história da música pop alemã, desde o final da 2.ª Guerra Mundial). O grupo tem a reputação de simpatizante com os movimentos políticos de esquerda na Alemanha. E, por isso mesmo, eles têm sido vítimas de constantes ataques promovidos por neonazistas. Recentemente, Voodoo teve sua orelha esquerda amputada pelos cantos afiados de uma lata de cerveja. Ele foi levado às pressas para um hospital, onde os médicos conseguiram costurar a orelha de volta no lugar. Xô, Quarto Reich!!

NOVIDADES NO VINIL

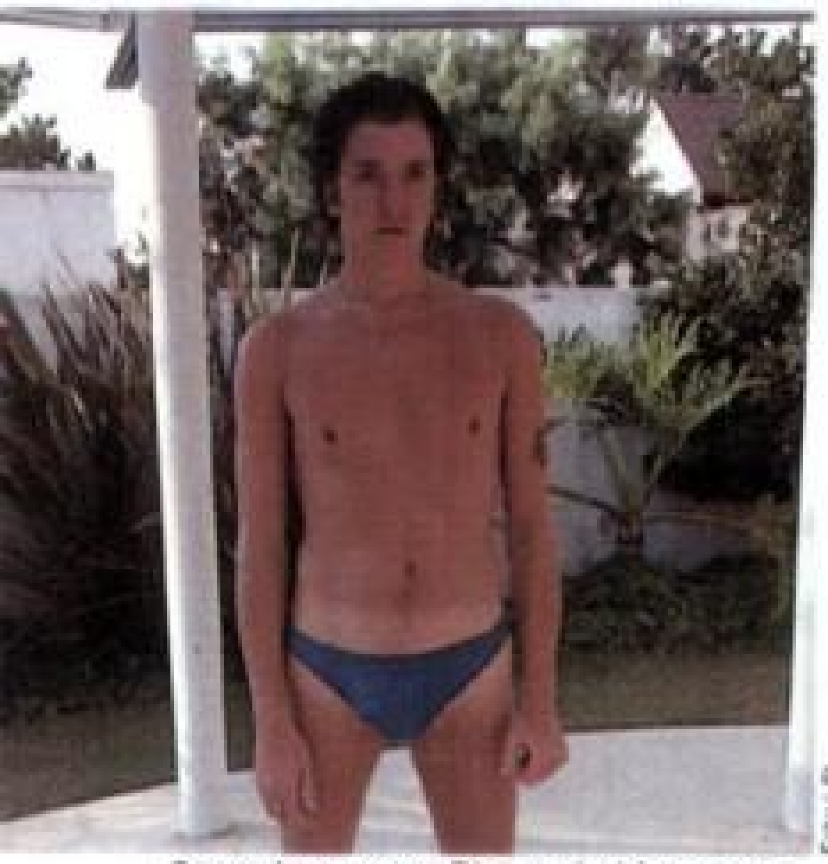


Foto LFI

Steve Jones: dos Pistols à vida mansa...

O **Simple Minds** acaba de lançar um LP duplo, *In the City of Light*. O disco reúne gravações colhidas ao vivo, durante a turnê mundial que eles promoveram no ano passado. Basicamente, o repertório é composto de músicas dos últimos três LPs do grupo escocês.

Já saiu o primeiro LP solo de **Boy George**. Chama-se *Sold*.

O LP de estréia do ex-guitarrista dos **Sex Pistols, Steve Jones**, também já está nas lojas (americanas, por enquanto). O disco tem o título de *Mercy*.

Está saindo o primeiro LP solo de **Andy Summers**, do **Police** (ele também já gravou com **Robert Fripp**), intitulado *XYZ*.

A MORTE DE ANDRES SEGOVIA

Foto Camera Press

Andres Segovia: depois de Casals, a morte de mais um gênio da música espanhola

Faleceu no dia 2 de junho passado **Andres Segovia**, um dos maiores violonistas de todos os tempos. Segovia, filho de um carpinteiro, aprendeu a tocar violão de ouvido, e aos quinze anos de idade já era considerado um virtuose na interpretação de peças eruditas — que, aliás, eram bem escassas na época. Com o passar dos anos, a fama de Segovia correu pelo mundo inteiro, e vários compositores renomados, como **Villa-Lobos, Rodrigo, Albeniz** e **De Falla**, chegaram a compor peças especialmente para sua interpretação no violão. Mas não foi só na música clássica que sua influência foi notada. **Django Reinhardt, Joe Pass** e **B.B. King** são apenas alguns dos guitarristas que já declararam seu fascínio pela arte do violonista espanhol.

Segovia morreu em Madri, aos 94 anos de idade, vítima de um edema pulmonar, quando assistia à televisão com sua família.

O NOVO LP DE MILTON

O próximo LP de Milton Nascimento contará com participações e parcerias especialíssimas. A começar por Sting, que "namorou" Milton nos camarins, depois de um show do Bituca em Londres. Sting já está com uma música de Milton para colocar a letra. A gravação da mesma contará com a presença da banda de Sting e do percussionista brasileiro Robertinho Silva.

Na mesma base dos "contatos de camarim", rolou um acordo com Paul Simon, de quem Milton é grande fã. Simon está preparando letras para duas canções do cantor/compositor mineiro. Uma será incluída no LP de Milton e a outra será gravada pelo grupo vocal americano Manhattan Transfer.

Dois arranjadores do primeiro time também estarão presentes no LP, que deverá entrar com tudo no mercado internacional: Quincy Jones — que estará aqui em setembro, gravando um disco com repertório de músicas brasileiras — fará um novo arranjo para "Morro Velho", e Herbie Hancock arranjará uma parceria antiga — e inédita — de Milton com Cat Stevens.

Foto Antonio Ribeiro / Abril

Milton Nascimento: parcerias com Sting, Paul Simon, etc...

OUÇA ESSA

"Parece um pouco a música pop francesa — não tem nada de bom. É europop — horrivelmente banal. E os grupos brasileiros são realmente ruins. O mais popular deles é um tal de Menudo. Dos outros, até o mais 'avançado' parece um Simple Minds diluído."

Robert Smith, sobre a música pop brasileira, na *Star Hits*.

O FILME DE PHIL COLLINS

Ficou pronto o filme *Buster*, que conta com **Phil Collins** no papel principal, o de **Buster Edwards**, um dos companheiros de **Ronald Biggs** no "grande assalto ao trem", cometido na Inglaterra na década de sessenta. O filme — uma comédia romântica — foi dirigido por **David Green**, e quem faz o papel de June, esposa do assaltante, é a atriz **Julie Walters**.

Phil Collins e Julie Walters em Cannes...

BESTAS EXPIATÓRIAS

Foto A.J. Pantsios / LFI

Beastie Boys (alvos fáceis para a imprensa marrom): cerveja, mulheres enjauladas...

Faz muito tempo que uma excursão de um grupo americano pela Europa não causava tanto furor, pelo menos na imprensa local. Durante sua primeira visita à França, Suíça e Inglaterra, os **Beastie Boys** foram vítimas de uma extensa campanha de acusações e difamações promovida pelos tablóides ingleses mais sensacionalistas. Tudo começou com os primeiros espetáculos do grupo na França, em que eles aparentemente promoveram "trocas de cusparadas com a platéia". Evidentemente, o comportamento "folgado" dos jovens integrantes do grupo os tornou alvo fácil de jornais como o *Sun*, o *Star* e o *Daily Mirror*, que seguiam — diariamente — noticiando destruições de hotéis e outros vandalismos promovidos pelos rapazes. Em Montreaux, na Suíça — onde os Beastie Boys participaram de um festival de rock —, a coisa toda pegou fogo. Uma repórter do *Mirror* esteve presente numa sessão de autógrafos realizada no lobby de um hotel, e afirma que ouviu os Beasties rechaçando algumas crianças deficientes com frases agressivas como "saiam daqui, seus aleijados..." No dia seguinte, toda a imprensa marrom britânica destacava manchetes como "ÍDOLOS DA MÚSICA POP ZOMBAM DE CRIANÇAS À BEIRA DA MORTE" e coisas do tipo...

Os ânimos de ambos os lados não mudaram muito com a chegada do grupo à Inglaterra, para uma série de shows com o **Run DMC**. Várias brigas e arruaças se sucediam nos concertos, e em Liverpool a coisa ficou mais feia. **Ad Rock**, depois de "devolver" ao público — com um taco de basebol — algumas latas de cerveja atiradas no palco, acabou ferindo uma fã e foi detido (e solto em seguida mediante o pagamento de uma fiança).

Nas últimas semanas da turnê, graças a reportagens publicadas em semanários como *New Musical Express* e *Melody Maker*, a verdade veio à tona. Muitas das brigas que estouraram nos shows foram causadas por "elementos provocadores", que, estimulados pelos meios de comunicação mais conservadores (programas de rádio, imprensa marrom), se dirigiam aos concertos com a intenção única de causar estragos. Quanto ao episódio que teria ocorrido em Montreaux, apurou-se que nem sequer houve um contato direto das crianças deficientes com os integrantes do grupo.

Outro caso, envolvendo uma garota que fora "raptada para dançar numa jaula durante um show dos Beastie Boys", também foi esclarecido. A moça, que tinha subido ao palco voluntariamente, era free-lancer do *Sun*. Tudo indica que, imediatamente após a sua "participação" no espetáculo, ela ligou ao jornal para vender sua história.

BRANDO VOLTA ÀS TELAS

Brando e um coco, em foto recente...

Apesar das inúmeras declarações de que não voltaria mais a filmar, **Marlon Brando** aceitou o convite de **Terry Gilliam** (diretor de *Brazil, Os Viajantes do Tempo* e *Jabberwocky*) para protagonizar o filme *O Barão de Münchhausen*. O filme será rodado nos estúdios da Cinecitta, em Roma. Ao que tudo indica, será uma superprodução, pois as famosas aventuras do Barão de Münchhausen — extraídas do folclore alemão — são todas absurdamente fantásticas, e o diretor, Gilliam, já deu provas de que sabe filmar esse tipo de coisa. Aguardem maiores informações a respeito.

Foto Claus Meyer / Camara Três

Caê, em outras eras: experiências...

A VOLTA DO ARAÇÁ AZUL

Finalmente! O malfadado LP *Araçá Azul* de **Caetano Veloso** foi relançado pela Polygram. Trata-se do primeiro disco gravado por Caê no Brasil, depois de seu exílio em Londres no início da década de 70. É um disco "experimental" em que o cantor/compositor/violonista baiano trabalhou com tapes, ruídos, fez arranjos inusitados e tocou vários instrumentos, com participações do guitarrista **Lanny Gordin** e da cantora **Edith Oliveira.** O LP foi lançado em 73, e sua aceitação foi tão difícil que cerca de dez mil cópias chegaram a ser devolvidas. Este relançamento deverá desagradar apenas os donos de sebos de discos, onde cópias usadas do *Araçá Azul* — fora de catálogo desde 75 — chegavam a custar mil e quinhentos cruzados.

TRÊS SEMANAS IMAGINÁRIAS

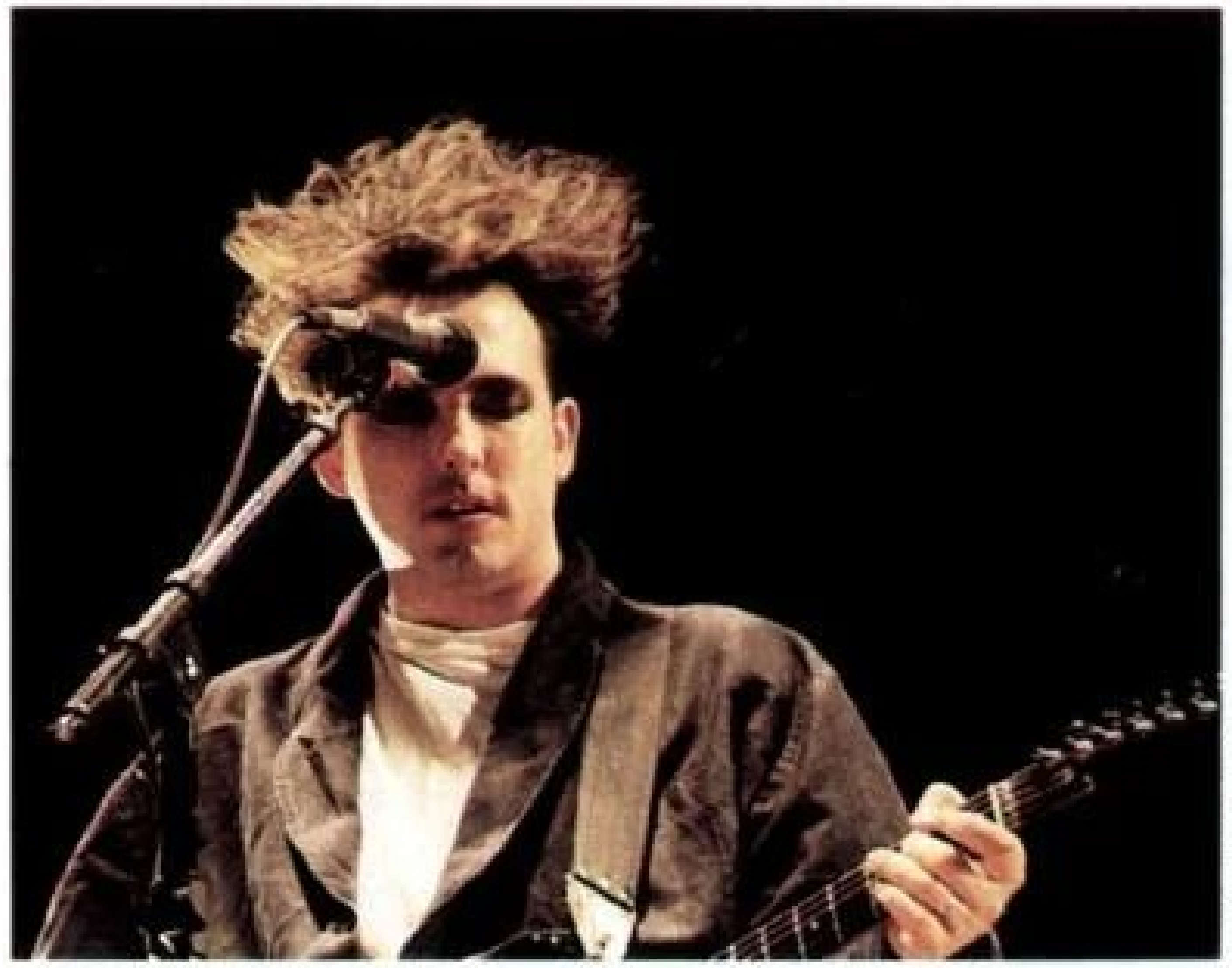


Foto Claudia Dantas / Azul

Smith, sobre a estréia paulista: "O som é terrível, mas a platéia parece não ligar..."

Foi na edição de 30 de maio que o semanário inglês *Melody Maker* publicou o diário de **Robert Smith**, escrito durante a turnê sul-americana do **Cure.** "Three Imaginary Weeks" (Três Semanas Imaginárias) é o título do texto em que Smith narra os acontecimentos mais marcantes da sua passagem pela Argentina — com todos os reboliços que pintaram entre a platéia e a polícia locais — e Brasil.

Entre relatos de momentos de tédio, embriaguez e enclausuramento em quartos de hotéis, o líder do Cure comete algumas pequenas gafes: chama nossa aguardente preferida de *pinger*, diz que assistiu a um jogo do *Vascow* e elogia o restaurante indiano "Taj Mahal" (na verdade, era o Govinda), situado em *Sau Paulo*.

O ponto alto da excursão, segundo Smith, foi a última apresentação deles em São Paulo, numa quinta-feira, que ele chamou de "gloriosa", "a melhor da turnê" e provocou nele a seguinte indagação: "Por que será que o Brasil foi o único lugar na minha vida em que eu vi uma platéia inteira dançando e cantando do início ao fim do show?"

O ponto baixo foi quando Smith e Gallup foram atacados pelo beijoqueiro — "The Kisser" — em pleno Maracanã...

A MORTE DE YOGI HORTON

Yogi Horton, baterista americano que tocou nos LPs *The Catherine Wheel*, de David Byrne, e *My Life in the Bush of Ghosts*, de Byrne e Eno, e que atualmente tocava com Luther Vandross, cometeu suicídio no dia 8 de junho passado. No fechamento desta edição não tínhamos ainda maiores detalhes sobre as circunstâncias do ocorrido, mas uma coisa é certa: trata-se de uma perda lastimável, pois Horton era um baterista de rock inventivo como poucos.

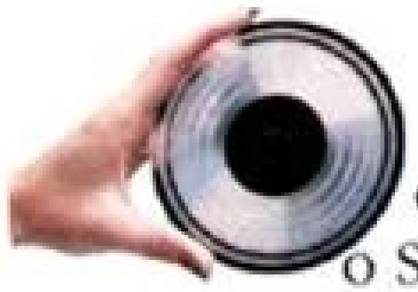
MICHAEL JACKSON & SEAN LENNON

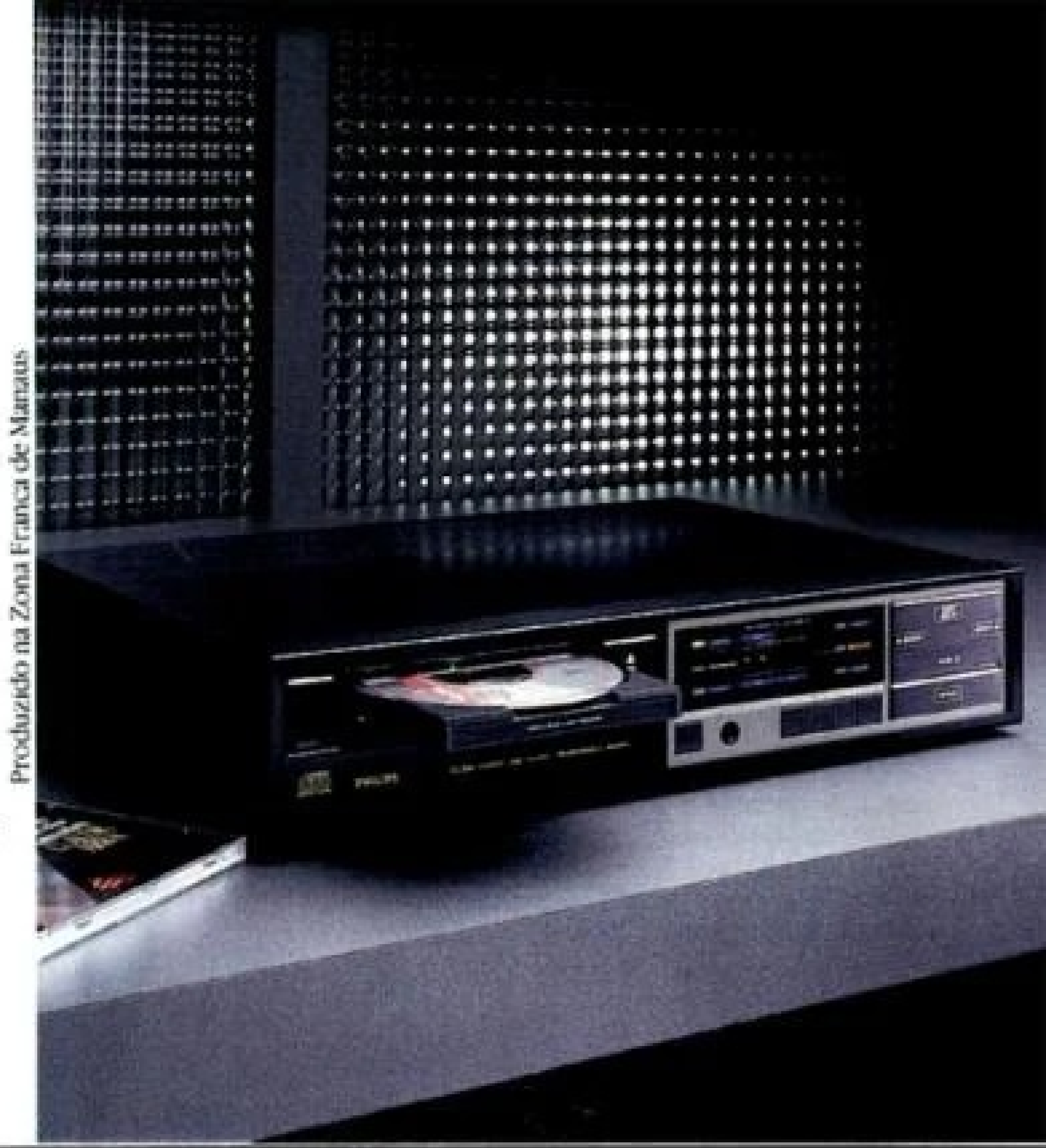
Foto R. Rosen / Sipa Press

Sean. A música está no sangue?

Bomba! Bomba! Michael Jackson convidou Sean Lennon, o filho de John Lennon e Yoko Ono, para uma colaboração musical. Ambos se conheceram quando Sean, agora com doze anos de idade, participou de um clip novo de Mr. Jackson. Sean já está de posse de alguns tapes contendo músicas e sugestões do seu amigo. Com a assistência de sua mãe, deverá botar alguns vocais nas fitas e enviá-las de volta.

Sobre quando e como esses trabalhos conjuntos serão lançados, pouco se sabe. O LP e os novos clips de Michael Jackson continuam envoltos por uma espessa fumaça de mistério.





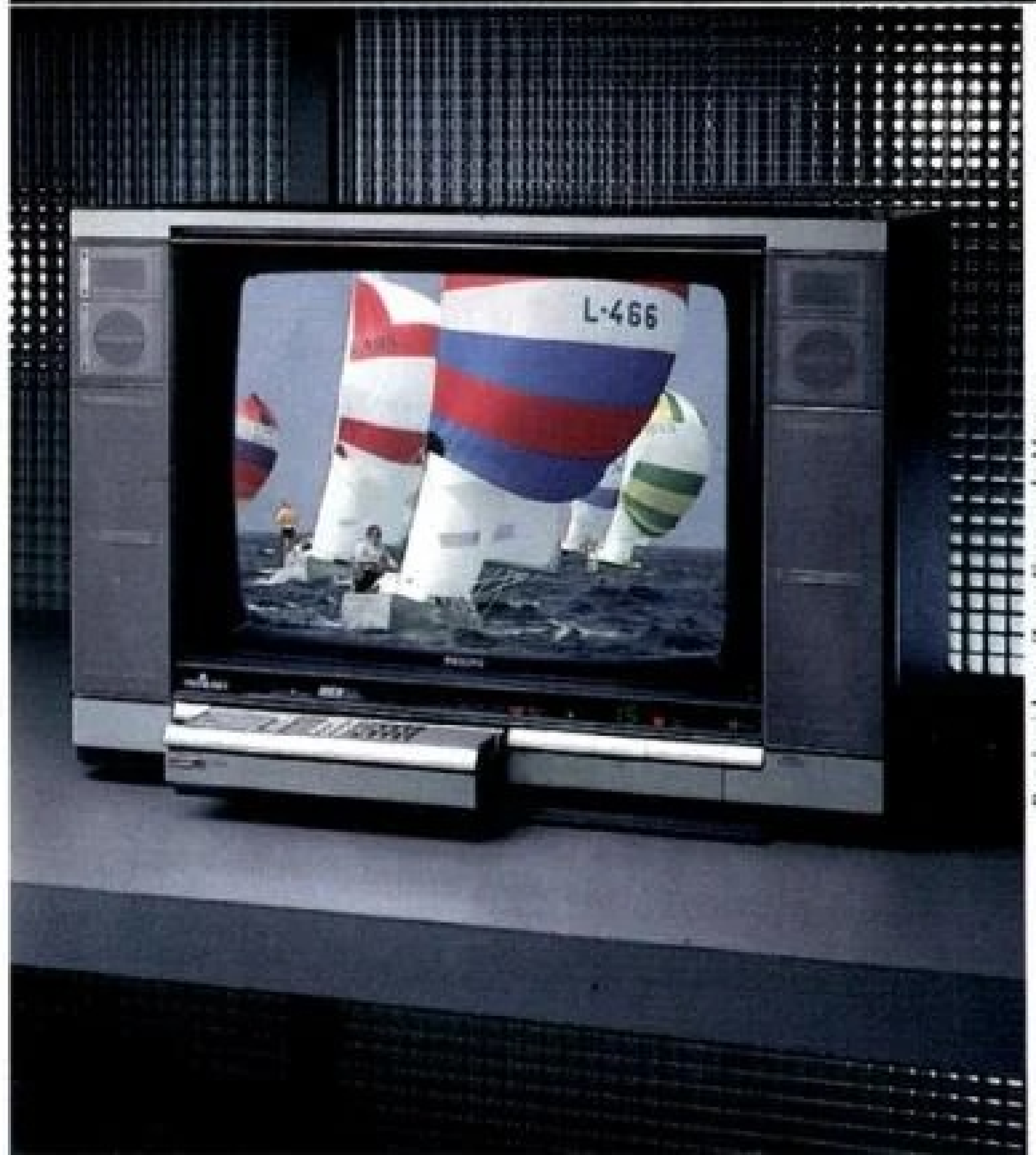
Quando a Philips inventou o Sistema Compact Disc Digital Audio, o som digital a laser, os críticos e amantes de música ficaram emocionados com o som puro e perfeito. Sem distorções, chiados ou ruídos. Além disso, o processo de leitura óptica que não desgasta o disco e a película protetora que recobre a gravação digital tornaram os discos quase eternos.

Mas o Compact Disc é hoje mais do que uma maneira de obter um som puro e perfeito. A Philips levou o CD mais longe desenvolvendo o CD-ROM (Read Only Memory), que com seus 600 megabytes pode armazenar até uma enciclopédia completa.

E o CD-Interactive, que dá acesso de forma interativa e simultânea a um sistema multimídia, com áudio, vídeo, textos e dados.

Produzido na Zona Franca de Manaus

Philips. Dá o tom em matéria de som.



Mas se a Philips aperfeiçoa o som e a imagem da era digital, também aperfeiçoa seus aparelhos de TV. E aí está o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped. Imagem perfeita, som perfeito e estéreo. Painéis de conexão que permitem ligar diversos equipamentos de áudio e vídeo ao mesmo tempo.

E sistema de controle remoto destacável, o mais completo disponível no mercado, com 31 funções. Tanto o Compact Disc como o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped são provas de como a pesquisa da Philips é usada para inovar sempre, dando mais colorido à sua vida.

Philips. Produtos de última geração.

Produzido na Zona Franca de Manaus

PHILIPS

HEAVY METAL EM ALTA

Nunca o heavy metal esteve tão popular nos EUA como agora. Desde a segunda semana de junho, dos seis primeiros colocados na parada dos LPs mais vendidos da *Billboard*, cinco são de heavy metal (a exceção é o primeiro colocado, o LP *The Joshua Tree*, do **U2**). O melhor colocado dos heavies é o novo LP do **Whitesnake** — cujo título é o nome do grupo. Na seqüência, seguem *Slippery When Wet* — que já vendeu mais de sete milhões de cópias —, de **Bon Jovi**, *Look What the Cat Dragged in*, do grupo **Poison**, *Girls Girls Girls*, do **Motley Crue**, e o *Tribute*, de **Ozzy Osbourne**.

O LP do Motley Crue realizou outra bela façanha: é o primeiro LP de estúdio, desde o *Hotter Than July* (lançado em 80 por **Stevie Wonder**), a entrar direto na quinta posição da parada americana de LPs.

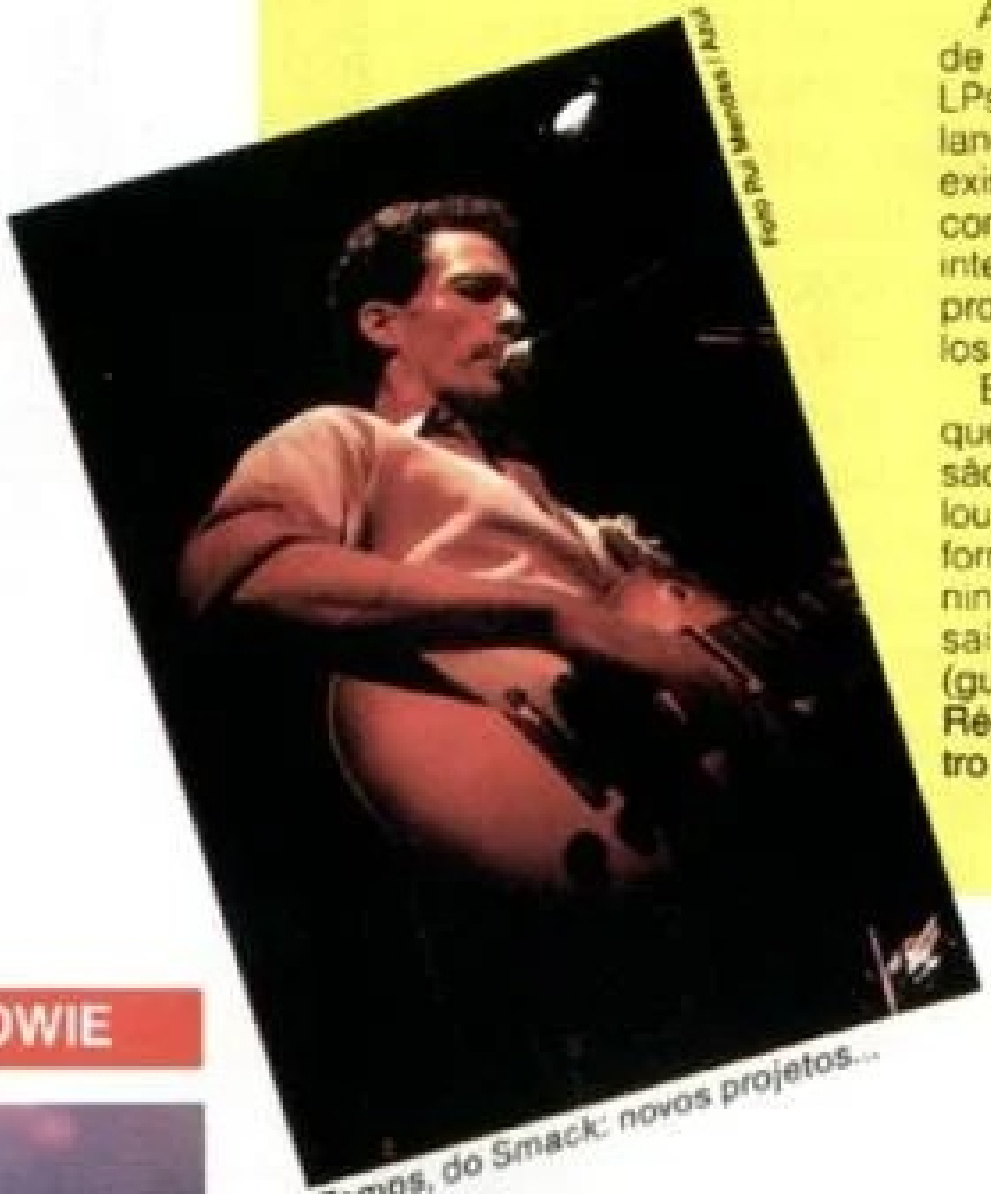


Foto Rui Mendes / Azul

Pamps, do Smack: novos projetos...

O SMACK ACABA, O MUZAK CONTINUA

A cena underground paulista está de luto. O grupo **Smack**, que tem os LPs *Ao Vivo No Mosh* e *Noite E Dia* lançados pela Baratos Afins, já não existe mais. A decisão de acabar com o grupo foi tomada pelos seus integrantes, em benefício de novos projetos musicais desenvolvidos pelos mesmos.

Em compensação, os rumores de que o grupo **Muzak** teria acabado são totalmente infundados. O que rolou foi a saída do baterista **Vitor**. A formação do grupo — que está definindo sua nova gravadora, depois da saída da Odeon — hoje é: **Nivaldo** (guitarra), **Osmar** (baixo e vocais) e **Régis** — ex-**Ness** e **Garotas do Centro** — (bateria).

NOVAS DE BOWIE

Foto Claudia Thompson

David Bowie: quebrando recordes

Logo no início da sua excursão européia — em que promove seu novo LP *Never Let Me Down* — **David Bowie** já garantiu sua entrada no *Guinness Book of Records*. Nenhum outro concerto de rock, até hoje, teve todos os seus ingressos vendidos em menos tempo do que o show marcado para Rotterdam, Holanda. Em menos de uma hora, os fãs se encarregaram de comprar todos os ingressos, superando os recordes de tempo de vendagem de shows, que estavam em posse de **Bruce Springsteen** e dos **Rolling Stones**.

Outra de Bowie: ao que tudo indica, já está sendo preparado o filme que deverá reunir **Mick Jagger** e ele no elenco. Aguardem informações quentíssimas a respeito...

DIVÓRCIO À VISTA

Foto Preston / LFI

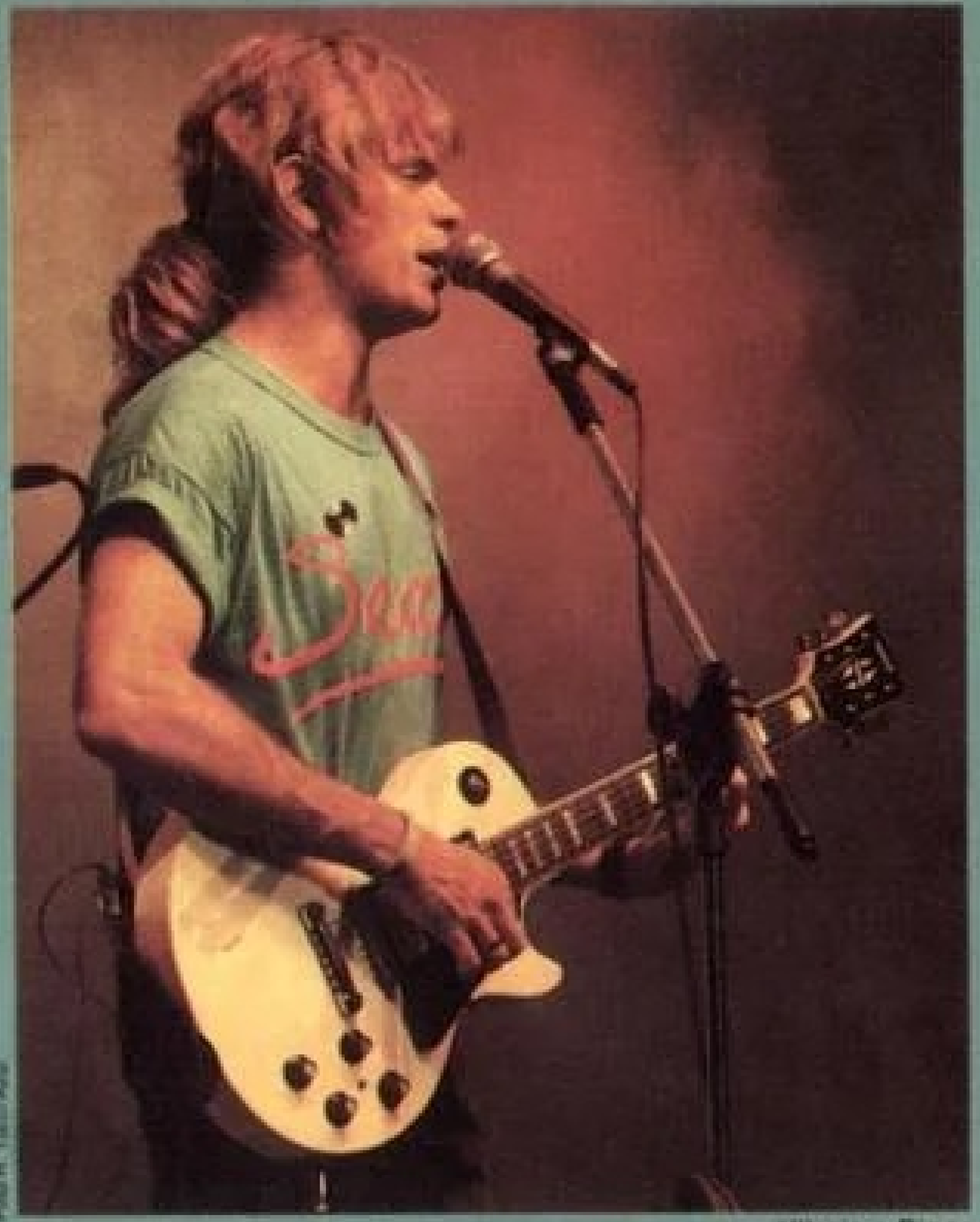
Madonna e Sean Penn dois anos de um tempestuoso casamento,que chega ao fim

Parece que não são mais boatos as notícias de que **Madonna** estaria se separando de seu marido, o esquentado ator **Sean Penn**. Alguns meses atrás, a imprensa musical destacou o namoro de Madonna com o modelo/cantor **Nick Kamen** — aquele que tira as calças num comercial de jeans —, mas a gota d'água foi mesmo um outro incidente, envolvendo Mr. Penn. Durante as filmagens de seu último filme, *Colors*, realizadas num gueto em Los Angeles, Penn brigou com um rapaz que queria tirar uma foto sua. O problema é que o rapaz era membro de uma das mais perigosas gangues locais, os *Raymond Street Crips*, e Sean Penn se viu obrigado a contratar meia dúzia de guarda-costas para garantir sua segurança. Madonna soube da história e ficou profundamente irritada por ter sido posta em perigo pelos atos impulsivos do marido — que se esqueceu de contratar guarda-costas para a esposa. Resultado: Madonna teve de contratar alguns seguranças com seu próprio dinheiro, e a separação do casal é iminente.

2º ANIVERSÁRIO:

A EMI bate palmas e pede BIZZ

COLAGEM: VALERIO DO CARMO PARA CENTRAL DE IDEIAS



Ultraje a Rigor

LPs (EUA)

1	(4)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
2	(2)	*Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
3	(1)	*Licensed to Ill* — **Beastie Boys** (Def Jam)
4	(3)	*Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
5	(N)	*Trio* — **D. Parton, L. Ronstadt, E. Harris** (Warner Bros)
6	(8)	*Look What the Cat Dragged In* — **Poison** (Enigma)
7	(N)	*Sign 'O' Times* — **Prince** (Paisley Park)
8	(N)	*Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
9	(N)	*Into the Fire* — **Bryan Adams** (A&M)
10	(N)	*Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros)

Compactos (EUA)

1	(9)	"Looking for a New Love" — **Jody Watley** (MCA)
2	(N)	"With or Without You" — **U2** (Island)
3	(N)	"(I Just) Died in Your Arms" — **Cutting Crew** (Virgin)
4	(N)	"La Isla Bonita" — **Madonna** (Sire)
5	(N)	"The Lady in Red" — **Chris de Burgh** (A&M)
6	(N)	"Heat of the Night" — **Bryan Adams** (A&M)
7	(N)	"You Keep me Hanging On" — **Kim Wilde** (MCA)
8	(N)	"Big Love" — **Fleetwood Mac** (Warner Bros)
9	(4)	"Don't Dream It's Over" — **Crowded House** (Capitol)
10	(5)	"Sign 'O' Times" — **Prince** (Paisley Park)

LPs (GB)

1	(1)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
2	(N)	*Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros)
3	(9)	*Raindancing* — **Alison Moyet** (CBS)
4	(6)	*Sign 'O' Times* — **Prince** (Paisley Park)
5	(N)	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega** (A&M)
6	(N)	*Never Let Me Down* — **David Bowie** (EMI America)
7	(N)	*F.L.M.* — **Mel & Kim** (Supreme)
8	(2)	*Running in the Family* — **Level 42** (Polydor)
9	(4)	*Now That's What I Call Music 9* — **Vários** (Virgin)
10	(N)	*Invisible Touch* — **Genesis** (Virgin)

Compactos (GB)

1	(N)	"Can't Be With You Tonight" — **Judy Boucher** (Orbitone)
2	(4)	"La Isla Bonita" — **Madonna** (Sire)
3	(N)	"Nothing's Gonna Stop Us Now" — **Starship** (Grunt)
4	(N)	"Living in a Box" — **Living in a Box** (Cooltempo)
5	(N)	"April Skies" — **Jesus & Mary Chain** (Blanco & Negro)
6	(N)	"A Boy From Nowhere" — **Tom Jones** (Epic)
7	(N)	"The Slightest Touch" — **Five Star** (Tent)
8	(6)	"Lean on Me" — **Club Nouveau** (King Jay)
9	(N)	"To Be With You Again" — **Level 42** (Polydor)
10	(7)	"If You Let Me Stay" — **Terence Trent D'Arby** (CBS)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*The World Won't Listen* — **Smiths** (Rough Trade)
2	(N)	*Hypnobeat Live* — **Woodentops** (Rough Trade)
3	(N)	*Happy Hour* — **Ted Hawkins** (Windows of The World)
4	(3)	*Reunion Wilderness* — **Railway Children** (Fact)
5	(6)	*The Circus* — **Erasure** (Mute)
6	(N)	*Indie Top 20* — **Vários** (The Band of Joy)
7	(N)	*The Ideal Copy* — **Wire** (Mute)
8	(N)	*Squirrel and G-man* — **Happy Mondays** (Factory)
9	(2)	*Shabini* — **Bhundu Boys** (Disque Afrique)
10	(9)	*Locust Abortion Technician* — **Butthole Surfers** (B. First)

Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"Sheila Take a Bow" — **Smiths** (Rough Trade)
2	(N)	"Our Summer" — **All About Eve** (Eden)
3	(7)	"Preacher Man" — **Fields on Nephilim** (Beggars Banquet)
4	(2)	"What Gives You the Idea..." — **Crazy head** (Food)
5	(N)	"Nosedive Karma" — **Gaye Bykers on Acid** (In Tape)
6	(N)	"Strange Love" — **Depeche Mode** (Mute)
7	(N)	"Anatomy of Love" — **Shelleyan Orphan** (Rough Trade)
8	(1)	"Always There" — **Rose of Avalanche** (Fire)
9	(N)	"Happy All the Time" — **Flatmates** (Subway)
10	(N)	"Crawling Mantra" — **Lorries** (Red Rhino)

Parada do Leitor (LPs)

1 (N) *Sexo!!* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
2 (N) *The Top* — **Cure** (Polygram)
3 (4) *Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
(9) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
5 (10) *Longe Demais das Capitais* — **Engenheiros do Hawaii** (RCA)
(8) *Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
7 (5) *Vivendo e Não Aprendendo* — **Ira!** (WEA)
8 (1) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
(6) *Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
(2) *Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
11 (N) *Hunting High and Low* — **A-ha** (WEA)
12 (6) *Correndo o Risco* — **Camisa de Vênus** (WEA)
(3) *Notorious* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
(R) *True Blue* — **Madonna** (WEA)
15 (R) *The Head on the Door* — **Cure** (Polygram)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 07 a 28.03.87

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participaçao é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

UM TOQUE DE RUA.

TOQUE QUALQUER COISA ALTERNATIVA. TOQUE O TOM DA ROUPA. A VOZ ROUCA. UM NEW SHOCK. TOQUE ESSE MUNDO LÁ DA LUA. UM ROCK ALTERNATIVA. UM TOQUE QUE FAZ A MODA DO MUNDO DA RUA. MUDE, CARA, MUDANDO DE ROUPA. QUE AS TRIBOS, AGORA, TÊM OUTRA SINTONIA. TROQUE TUDO. PORQUE NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR. TOQUE MUITO. PORQUE BICHOS URBANOS SÓ FALAM POR MÚSICA.

ALTERNATIVA®

NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR

EXCLUSIVIDADE

MESBLA

ALTERNATIVA NATIVA

JULHO

CANECÃO - RIO

19h

PUBLIC IMAGE — Public Image Ltd. (RCA)

Que o PIL tenha sido o grupo mais importante a fazer a travessia do punk ao pós, ninguém discordará. Afinal, era o próprio John "ex-Rotten" Lydon dirigindo a manobra, tão escolado na safadeza terrena de Malcolm MacLaren quanto imbuído daquela ira visionária do movimento. Deus e o Diabo no mercado do rock. O resultado é, a um só tempo, o álbum mais óbvio e o mais enigmático da banda.

Mas Lydon não estava sozinho na empreitada. Com pelo menos dois de seus três parceiros ele dividiu a responsabilidade real sobre o projeto: Jah Wobble e Keith Levene. Wobble (ou John Wardle, um branquela de olhos claros, abusado o suficiente para chamar-se de "O Tremelicar de Jah"), o melhor mau baixista do mundo, e Levene, um guitarrista punk de excelente extração (foi co-fundador do Clash) tinham já seu próprio disco (Jah Wobble & Stratetime Keith: *Steel Leg vs. The Eletric Dream)*, antecipando o dub reggae e o avant funk brancos-azedos. Esses dois gêneros e o punk são o tripé estilístico do PIL nascente. Ao punk, é claro, cabe a primazia da abertura: "Public Image"/"Low Life"/"Attack" são os três números óbvios — harmonias manjadas, vocais esganiçados, baixos de uma nota só. Mas de onde emana, então, aquela aura indefinível, inquietante? O PIL tinha acabado de invadir um lugar esquecido — o da arte, no que ela tem de primitivo, de ritualístico. *Public Image*, o LP, é isso: um rito de entrada. Entre 77 e 78, há mil anos...

As faixas se sucedem, mais longas e experimentais: "Fodderstomp" (algo como um "embaço rítmico" — *stomp* é um ritmo e *fodder*, no caso, é a popular "encheção de lingüiça"...), o mastodôntico "Theme", "Religion", uma pregação anti-religiosa em suas versões falada e musicada (com direito a um solo de pianinho de brinquedo), a sólida "Annalisa". Todas em busca de um rock básico, poderoso. Aí a conexão deste primeiro LP com o último do grupo, *Album* (o único, até agora, conhecido no Brasil). Se o mais antigo é o mais bem-sucedido, as presenças de Levene e Wobble, depois desfalcadas, têm tudo a ver com isso. No mais, é ouvir para crer. *A.A.*

O OUTRO LADO — Tokyo (CBS)

Dane-se se Supla interpreta tudo numa nota só e continua parecendo Billy Idol. Isso faz parte do rock nacional atual, em busca de melhores tempos "granfíferos" (nada contra).

As composições e a parte instrumental são mais cuidadas que no LP precedente, mas devem funcionar melhor num palco do que no vinil. As letras falam (às vezes debochadamente) do cotidiano do jovem de classe média na cidade grande. As melhores: "Metralhar e Não Morrer", "Na Ronda dos Nats" e "Siga". Mas falta aquela centelha. *L.R.*

IGNITE THE SEVEN CANNONS — Felt (Eldorado)

O título do primeiro LP do Felt, lançado há seis anos, ainda vale como descrição do som do grupo: "o esfarelamento da beleza antisséptica" *(The Crumbling of the Antiseptic Beauty)*. Líricos, de uma singeleza tão *naïf* que beira o *muzak* num flerte que nunca se consome, os guitarristas Lawrence e Maurice — coração da banda — permanecem um caso excêntrico no mundo cada vez mais antisséptico da música pop.

Este, o quarto LP de 85, conta com a participação dos Cocteau Twins Robin Guthrie (produção) e Liz Fraser (vocal em duas faixas, uma delas — "Primitive Painters" — o principal petisco). Mas, como nos LPs anteriores e posteriores do Felt, eles se revelam mesmo é nas faixas instrumentais, uma renda delicada e sonhadora. Talvez por isso mesmo seu melhor disco ainda seja *Let the Snakes Crinkle their Heads to Death*, inteirinho instrumental.

Ignite... comparece, porém, com uma boa cota: quatro belíssimos instrumentais no melhor estilo Felt. *J.A.L.*

PANORAMA 86 — Festival da Música Popular Jovem (RCA)

Sempre se soube que o jazz e o rock eram tidos na terra de Gorbachev como modismos de uma sociedade decadente. Por isso mesmo foram reprimidos internamente e curtidos subversivamente por alguns poucos.

Este festival prova que estão abrindo e aderindo irrestritamente a essa decadência, uma boa amostra do que estão ouvindo e tocando do outro lado da Cortina de Ferro. O EVM faz um hard-pop com bom vocalista e bom trabalho de guitarra e baixo; o Mashina Uremeni tanto vai de tecno como de country; S. Sarichev e Grupo Alva é um progressivo com algumas boas tiradas do tecladista; com uma bela e afinada voz feminina o Bravo apresenta um reggae (e acredite, combina com letras em russo!). E, para completar... heavy metal com o Cruise numa linha Black Sabbath. *L.R.*

LICENSED TO ILL — The Beastie Boys (CBS)

Se você entende lhufas de inglês, nada feito. Melhor um coreano assistir um repente num forró de Natal.

O que contam Ad-Rock, Mike D e MCA? Quer saber mesmo? Segura: "Meninas (4 vezes)/ para cozinhar pra mim/ para limpar meu quarto/ para lavar a roupa/ e no banheiro./ É tudo o que eu quero/ Meninas. Duas ao mesmo tempo" ("Girls"). Em "Fight for Your Rights", golpes de heavy metal sobre o tema "jovens deste país f*, lutem pelo direito de plantar a merda". Já tinham colocado o rock no rap com os negros do Run DMC. Agora colocam o rap no rock desses três brancos filhos de intelectuais judeus. Para entrar na legenda do rock, aprontam todas: como os Sex Pistols, foram banidos dos escritórios de sua própria gravadora por roubo de câmera e perseguição de secretárias. Como os Who, derrubaram com uma britadeira a parede de seus quartos de hotel e encheram de água o banheiro até que tudo explodisse. Como os Led Zeppelin, esqueceram de ir ao banheiro de um avião da Eastern Airlines para fazer suas necessidades. Dois milhões de garotos abestalhados já compraram o disco dos caras cujo clip mostra como cuspir cerveja pelas orelhas. Seu credo: "Para ser livres, afirmamos de cara nossa primordial estupidez. Voltamos à massa. Ao grau zero". É o recreio da geração hamburger-atari nos *States*. E aqui? Essa onda pega? *J.Y.N.*

MIDNIGHT TO MIDNIGHT — The Psychedelic Furs (CBS)

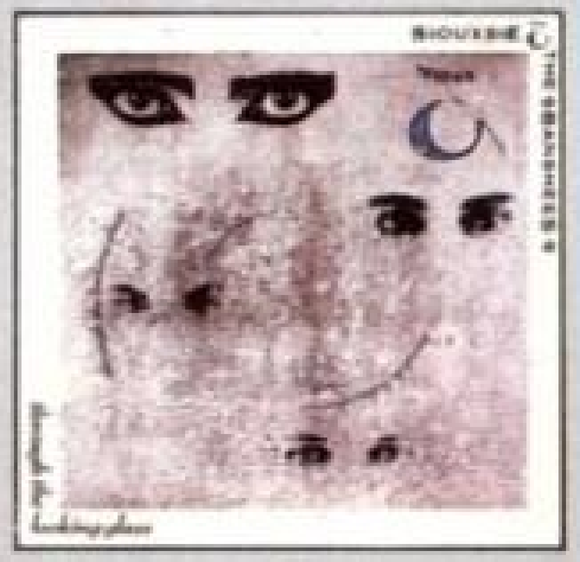
Para quem desconhece, um alerta: as Peles Psicodélicas não são uma banda qualquer. Surgiram no coração da onda pós-punk inglesa para desenvolver um som ancorado na tradição do rock elétrico branco (Stooges, Velvet, Stones), sintonizados com uma certa sensibilidade dos anos 60 (daí o nome que escolheram). *Midnight to Midnight*, seu quinto LP em sete anos, é uma lição de equilíbrio. Sobre o muro de guitarras — típico do som da banda, agora mais duro e violento — construído por John Ashton, cimentado pelo sax de Mars William e a voz gordurosa de Richard Butler, as Peles criam climas densos, sombrios, doentios, sem perder de vista os aspectos dançantes e até líricos ("All of The Law") do pop, com as concessões e indulgências que isso implica. Exatamente o que fizeram o Cure e os Talking Heads. *J.Y.N.*

FLERTE FATAL — Rita e Roberto (EMI-Odeon)

Flerte fatal? Só se for com a redundância. Mesmo sem ser um fiasco como *Bombom*, o novo LP do casal exala um inequívoco odor de naftalina. Senão, vejamos: *takes* requentados ("Me Recuso", dos tempos do Tutti Frutti, ironicamente uma das melhores coisas do disco), uma *cover* inócua ("Blue Moon"), sobras ("Bwana", antes "Jouna Buana", excluída de *Rita & Roberto)* e, no mais, um anêmico roquenrou que insiste em soar estéril. A desculpa mais convincente vem de um verso de Rita: "Meu defeito é não saber parar..." *A.G.C.D.*

CABINE C (RPM)

Não fossem os timbres dos teclados de Wania Forghieri, desesperadamente parecidos com os do grupo inglês Magazine... Não fosse a fossa tremenda das composições de Ciro Pessoa — (in)voluntariamente? —, parecidas com aquelas do grupo inglês Magazine... Não fossem as letras existencialistas de Ciro Pessoa, por vezes discutíveis: "Sei que te amo/ Mas isto é pouco/ Pode ser tudo/ Mas tudo é nada..." ("Neste Deserto"), este disco, beneficiado por uma produção impecável de Luiz Schiavon na estréia do selo RPM, seria capaz de envolver pela sua sensibilidade, à flor da pele. *J.Y.N.*



THROUGH THE LOOKING GLASS — Siouxsie and the Banshees (Polygram)

Cover girl Siouxsie continua com olhos egípcios. Mas a maquiagem das canções de seu novo LP não está com uma cor muito simpática. O baixista Severin chama esse disco de "parte homenagem, parte sacrilégio". E ele está certo. A maioria das músicas são insuperáveis em suas interpretações originais. Foram escolhidas, a exemplo das versões gravadas em LPs e compactos anteriores — "Helter Skelter", "Dear Prudence" (Beatles) e "20[th] Century Boy" (Marc Bolan) —, por sua aura mística e penumbra. A seleção é apenas perfeita. Porém, os arranjos grandiloqüentes confinam a interpretação no nível da paródia. Só os *covers* de Doors e Roxy Music conseguem prestar alguma homenagem. O resto vai descabelar fãs tão diferentes quanto os de Billy Holiday e John Cale. *M.P.*

BRIGHTER THAN A THOUSAND SUNS — Killing Joke (RCA)

É deprimente — uma banda que, nos saudosos idos de 79/83, nos brindava com uma forja infernal de punk-wave-funk-metal, apresentar agora tal baba!! A corrupção do melhor é a pior — a Brincadeira Mortal já não tem graça. Uma fórmula esboçada em *Night Time*, o LP anterior, acabou por absorver de vez a banda nos tecladinhos etéreos e nos vocais de Jaz Coleman (que, não mais urrados, têm agora a inflexão dos vocais do Bono?!). Cadê a bateria tonitroante do Paul Ferguson, a guitarra corrosiva do Geordie? (O baixo do Youth, mais esperto, bandeou-se para o grupo Brilliant a tempo de escapar deste vexame.) Só não recomendo este melodismo frouxo para os fãs do A-ha porque o Jaz, além do mais, é feio pra cacete. *A.A.*

REBEL MUSIC — Bob Marley and The Wailers (WEA) **/ LINTON KWESI JOHNSON** (WEA)

Bob Marley não se apresenta. Hoje, seis anos após a sua morte (11/05/81), o autor das canções mais contundentes, subversivas e influentes já escritas num país do chamado Terceiro Mundo continua um símbolo vivo para milhões de oprimidos. Esta coletânea, orientada pelo tema da rebeldia, prova que a brasa continua incandescente. Mas a obra do *rastaman* não é só mensagem. Se fosse, ela nunca teria ultrapassado as fronteiras dos guetos de Kingston. Há ESSA música, feita de blues, soul, ska, rock-steady e algo mais, definida pela pulsação do baixo de Aston "Family Man" Barrett (seu assassinato em abril deste ano foi soberbamente ignorado pela imprensa brasileira), a batida hipnótica de seu irmão Carlton e a produção de Chris Blackwell. O resto é literatura. Um disco que não dispensa duas obras-primas, *Catch a Fire* (73) e *Natty Dread* (74), mas que tem o mérito de trazer uma faixa inédita, "Roots", mais uma flor da planta mágica deixada como herança para a eternidade.

Nascido na Jamaica em 1952, o emigrante Linton Kwesi Johnson emergiu a partir de 78 como intelectual, poeta e crítico da sociedade, inspirado pela sua experiência de homem negro vivendo num cortiço de Brixton, na periferia de Londres. Esta coletânea reúne dez faixas extraídas de três de seus LPs: *Forces of Victory* (79), *Bass Culture* (80) e *Making History* (84), uma seleção mais preocupada com a música — um reggae palpitante e definitivo — em que se destaca a co-produção de Dennis Bovell, mestre do *dub* — remixagens, ecos e efeitos especiais que valorizam as verdades faladas/cantadas por LKJ, seus apelos a pegar as armas, suas crônicas sombrias do sadismo policial e da repressão aos negros, que estabeleceram na época uma ponte entre o reggae e o punk.

Dois discos preciosos que estaríamos no direito de esperar da música popular brasileira, se existisse por aqui uma cultura de rua, mais consciência e menos conformismo. *Jean-Yves de Neufville*

BROTHERHOOD — New Order (WEA)

Olhe bem para esta capa (assinada Peter Saville): na prateleira da loja, não vá confundí-la com aquelas placas que separam os discos por ordem alfabética. Azul titânio neutro. Título neutro. É o New Order transmitindo sua não imagem para obrigar as pessoas a se concentrarem na sua música. Só nos resta obedecer.

Cada lado deste álbum (o mais recente e o melhor da banda) tem sua atmosfera própria. O lado cara corresponde à volta a um rock mais básico. As linhas melódicas das cinco faixas, simples, aparentemente banais, são definidas e recortadas pelo *beat* da guitarra de Barney Sumner — a marca registrada do som da Nova Ordem — apoiado sobre o andamento precipitado da bateria de Stephen Morris e do baixo de Peter Hook. Uma aparente simplicidade que esconde uma produção sofisticada, em que as sonoridades têm finalidade harmoniosa, mesmo quando distorcidas.

''Bizarre Love Triangle'', uma das mais puras e límpidas pérolas pop já perpetradas pela banda, inicia o lado coroa de *Brotherhood*, agora numa linha mais *tecnodisco*, centrada em torno dos sequenciadores e das baterias eletrônicas. Os sintetizadores da misteriosa Gillian Gilbert passam à frente, trazendo timbres por vezes deslumbrantes (na sinfônica ''All Day Long''), por vezes sublimes (em ''Angel Dust'', com inflexões nitidamente orientais).

As letras e a voz sempre ficaram em segundo plano nesta banda conhecida pela sua imagem séria, hermética, austera. Em ''Every Little Counts'', Barney, brincalhão, prova justamente o contrário. Não resiste e começa a rir (da estupidez das letras que está cantando). A canção, lenta, elegíaca, acaba de forma surpreedente... Mas não vou desvendar o final do filme. *Jean-Yves de Neufville*

LONDON PAVILLION — Vários (Eldorado)

Num país ainda defasado em relação ao pop contemporâneo, todo e qualquer estímulo que destoe do óbvio já é significativo, ainda mais quando se trata de uma compilação de nomes absolutamente inéditos e fundamentais. É o caso de *London Pavillion* com seus 14 representantes. Uma amostra do que é o pop enquanto luxo e refinamento. Todas as faixas são muito boas, porém preste atenção no *60's-beat-flamenco-rock* do grupo The King of Luxembourg, no excêntrico frescor de variações latinas de Anthony Adverse e Bid, no dramático lirismo de Momus (o legítimo herdeiro do visionário Jacques Brel), nos tons operístico-experimentais do Cagliostra e na delicada transparência folk-psicodélica de Rosemary's Children. Imperdível. *F.N.*

KICKING AGAINST THE PRICKS
Nick Cave & the Bad Seeds (Eldorado)

Existem muitas maneiras de fazer a versão de uma canção. Tem o exercício de estilo tipo Siouxsie, que serve apenas para mascarar a falta de criatividade, tem a simples homenagem... e tem a maneira de Nick Cave. Ele pega doze músicas, a maioria bastante desconhecida, e, ajudado pelas suas Más Sementes Blixa Bargeld (a guitarra do grupo de rock industrial alemão Einstürzende Neubauten), Barry Adamson (baixista do extinto Magazine), Mick Harvey (multiinstrumentista que tocava com Nick no Birthday Party, sua primeira banda) e Thomas Wydler (bateria), arranca esses blues e baladas de seu passado tranqüilo para uma memorável sessão de defloramento/estupro/eletrochoque, que os deixa de quatro. Oscilando entre o escracho e o respeito, o lirismo e a ironia, mas permanecendo acima de tudo visceral, a voz do australiano é a grande responsável pelos tratamentos esquisitos dados a cada faixa. Com referências tão ecléticas, Nick consegue o que quer: fazer o novo com o velho. *B.A./J.Y.N.*

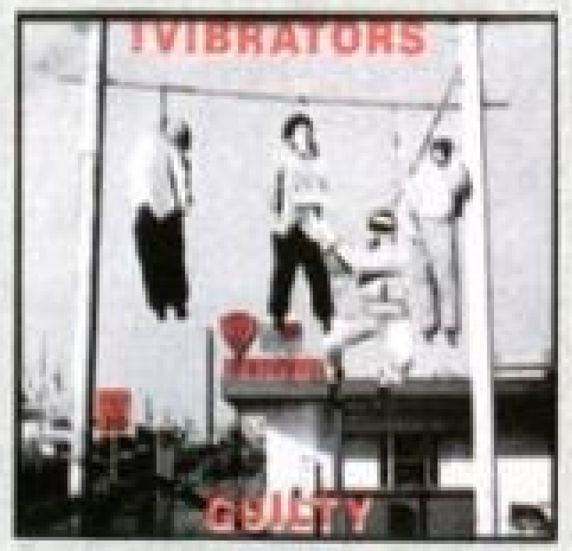
ELECTRIC — The Cult (RCA)

O que o álbum anterior — *Love* — fazia suspeitar, este novo disco confirma: o Cult ''heavyou'' de vez. Para não deixar dúvida alguma quanto a isso, o Cult chamou o produtor Rick Rubin (Beastie Boys e AC/DC) e transou uma capa que pode enganar o *headbanger* menos informado.

A quase totalidade do conteúdo musical é pura recriação de climas do Led Zeppelin. ''Love Removal Machine'' nada mais é que o negativo de ''Whole Lotta Love'' e isso fica claro na versão remix desta faixa. Só que Ian Astbury não alcança os agudos que eram marca registrada de Robert Plant. De quebra, a regravação de ''Born to be Wild''. *T.L.*

O STRIP-TEASE DA ALMA — O Último Número (Câmbio Negro)

''A lua estilhaçava-se/ em pedaços de cristal/ Sobre eles se cortava/ este animal sentimental.'' Poema simbolista? Não, letra de rock perpetrada por um interessante quarteto de Belo Horizonte. O Último Número estréia no vinil com baladas que remetem o ouvinte à MPB dos anos 60, e rocks moldados nas formas dos Doors e Joy Division. A banda adota a via particular e consegue, no vocal tenso de Gato Jair, na bateria plástica de Clode e na guitarra breve de João. Uma ótima surpresa. *L.A.G.*



GUILTY — Vibrators (Continental)

Embora tenham começado na leva inicial do movimento punk, os excelentes Vibrators não tiveram a mesma (milionária) sorte de outros contemporâneos como o Damnded, o Clash e os Sex Pistols. Uma injustiça que merece ser reparada antes que seja tarde. Este álbum — que marcou a volta do grupo em 82 — é uma incendiária prova da qualidade deste quarteto. Em 14 faixas, jamais limitadas à ortodoxia punk, os Vibrators experimentam outras facetas do tecido pop, indo do mais tradicional big rock até infernais aventuras pelo mundo das *garage bands*, onde até *covers* como ''Jumpin' Jack Flash'' (Stones) tornam-se significativas. *F.N.*

PIRATE — Ini Kamoze (WEA)

Cortejado pelo punk, paquerado pelo hip hop e vampirizado por um batalhão de grupos pop em falta de inspiração, era de se esperar que o reggae desse de cara, um dia ou outro, com o tecnopop. Aconteceu com Ini Kamoze, assistido pelos magos dos estúdios de Kingston, Jamaica, Sly Dunbar (bateria) e Robbie Shakespeare (baixo e guitarra). Como produtores e músicos, eles conseguem dar consistência às baladas leves e açucaradas de Kamoze. Entre os bons momentos, "Gunshot", atravessados por interessantes colagens sonoras, e a divertida "Betty Brown's Mother", em que Kamoze se confessa gamado pela sogra. O resultado é agradável, para ser consumido *on the rocks*. *J.Y.N.*

VIDA BANDIDA — Lobão (RCA)

Uma greve de músicos e um par de cabeludíssimos episódios policiais (injustamente exagerados pelos homens da lei) poderiam ter posto a perder a criação do álbum que, enfim, arremete Lobão ao pódio dos superastros brasileiros — pela primeira vez o artista estava fazendo um disco que, ao contrário dos seus predecessores, não considerava "torto". Tanta atribulação, no entanto, deu a *Vida Bandida* um doce sabor de vingança. Este é, de longe, o melhor produto já oferecido por Lobão em vinil, uma sucessão vertiginosa de polaróides urbanas ("Sangue e porrada na madrugada", ruge ele na faixa-título) revestida pela produção *state-of-the-art* de Marcelo Sussekind, o mesmo que pilotara os oito canais espartanos em que Lobão injetou as músicas de seu disco de estréia, *Cena de Cinema*.

Não é demérito algum dizer que *Vida Bandida* não é um disco somente de Lobão, mas um esforço conjunto, igual, entre ele e o produtor. Andam de mãos dadas a agressividade lupina e o polimento técnico de Sussekind. Por isso, *Vida Bandida* é ao mesmo tempo o disco mais translúcido e pesado de toda a carreira do Grande Lobo.

Outro trunfo é o foco perfeito obtido através de um repertório eclético, que mistura country ("Chorando no Campo"), bossa/choro ("Girassóis da Noite", com trinta mudanças de acorde só na introdução) e blues (o pesadérrimo "Tudo Veludo" e "Soldier Lips", onde está um dos melhores solos de toda a carreira de Sussekind. Embora ambientado de forma distante na mixagem, este solo parece uma navalha cortando impiedosamente a madrugada). Pela primeira vez em muitos anos no comando das baquetas, Lobão adiciona inflexões, pontuações que faltavam em seus discos anteriores. A volta de Lobão à bateria é a segunda melhor notícia do ano. A primeira seria a de sua liberação. *José Emílio Rondeau*

WAREHOUSE — Hüsker Dü (WEA)

Ano passado o LP *Candy Apple Grey* marcou a chegada dos Hüskers ao Brasil. Com ele, o grupo cruzava a linha da independência rumo ao internacionalismo discográfico e implodia teses sobre a decadência do rock com um dos melhores discos do ano. Agora eles estão de volta. Depois de *Zen Arcada* (84), Bob Mould, Greg Norton e Grant Hart arriscam mais uma vez um álbum duplo. Sem pausa para respiração, da primeira à última faixa os Hüskers ardem como estreantes. Em "She Floated Away", a aceleração diminui para tornar clara a influência dos Byrds. "Ice Cold Ice" é um clássico dos Hüskers em que resgatam a mística dos grandes trios como Cream, Jam e o Experience de Hendrix. Após oito anos de vida, o Hüsker Dü chega ao tempero exato. Hardcore e os Beatles contribuem para esse sabor. Desilusão e impotência continuam como temas prediletos.

A música "You Can Live at Home" começa com Hart dizendo: "Você está esperando o momento para um descanço à sua cabeça". Se este é seu caso, esqueça o Hüsker Dü. *M.V.*

MELODIA SENTIMENTAL — Olivia Byington (Continental)

O quinto LP da soprano tenta recobrar um modelo pouco usado no Brasil: o camerístico, que se vale de instrumental acústico e arranjos elaborados para dar vida a canções lentas e líricas. Esse tipo de disco serve mais para revelar quem está na regência dos arranjos do que quem canta. É o talento do saxofonista e arranjador Edgard Duvivier que se explicita. Ele elaborou sofisticadas excursões pelas obras de Cartola, Villa-Lobos e Egberto Gismonti. Mas a voz da cantora soa coralística, com dicção afetada e vocalises excessivos. Bonito, mas não funciona... *L.A.G.*

TNT (Plug)

Quebre o vaso da capa, semelhante ao de um LP do New Order, e acenda o pavio. Não há nenhum sintetizador por perto. Há quatro *rockers* gaúchos mal encarados (média etária 18 anos), preste a explodir, baby. Suas letras nao dizem nada demais, mas são coerentes. A proposta é simples, *I know, it's only rock'n'roll*...E os canalhinhas são duca. Ingenuidade e sacanagem num quadrado básico bem produzido — do pianão *killer* à balada *beatle*. Pena o lado B nao segurar o pique. *M.P.*

CLARO — Luiz Melodia (Continental)

Faz tempo né Luiz? Estava mesmo na hora dessa grave voz malandra infestar novamente nossas rádios, porque "quando um rei diz que é rei, nem sei." Luiz é samba, funk, rock, é negritude, favela, subúrbio, asfalto, é amor, malandragem e malemolência. E tanto faz incrementar arranjos ou não porque ele passa por isso com a maior classe. É algo para se ouvir ao lado de alguém especial, tomando todas ou passeando.

Como exemplos: "Decisão", "Seja Amar", "Verão Tropical", "Que Loucura", "Revivendo" e o primeiro sucesso de Erasmo Carlos, regravado com sobriedade, "Broto do Jacaré". E dá-lhe Estácio, Engenho e Melodia. *L.R.*

SIMPLY RED

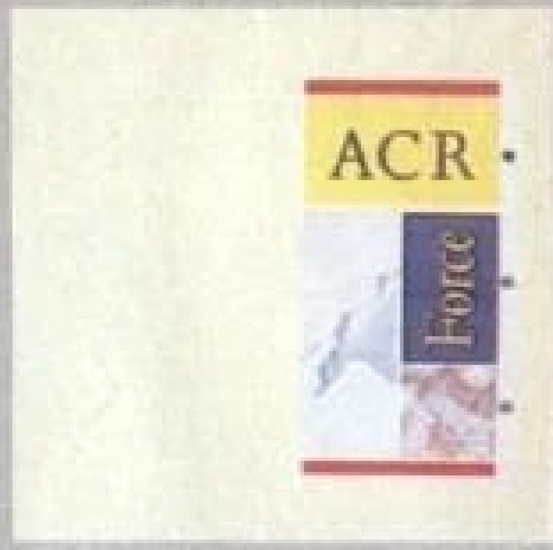
MEN AND WOMEN

JUSTIÇA SOCIAL — Bezerra da Silva (RCA)

Cartola compunha músicas líricas e melancólicas, tinha no samba postura de poeta. Ostentava, porém, um nariz de cobre, prótese para o nariz carcomido pela cocaína. Já Bezerra da Silva canta a brutalidade da vida do morro sem sublimação alguma. Neste sexto LP de sua carreira, Bezerra mostra-se mais uma vez mestre no samba de partido alto, gênero tradicional em que um refrão dá a deixa para os versos improvisados. É o rei do samba atual, sem dúvida. Sabe ser tosco e lírico a um só tempo. "Quem foi que pôs maizena no meu pó?", pergunta brincalhão em "São Murungar". E responde àqueles que querem apadrinhar e amadrinhar o samba, pedindo respeito ao sambista do morro. Verdadeira lição de samba contemporâneo. *L.A.G*

THE GREAT ROCK'N'ROLL SWINDLE — Sex Pistols (RCA)

Depois de 10 anos de clandestinidade, finalmente a bomba estoura. Estilhaços de conceitos num álbum duplo. De um lado, orquestras sinfônicas, "Anarcky in the UK" em francês e em ritmo disco: Malcolm McLaren — no papel de megalômano esperto. Do outro, quatro *kids* arrebentados, a quem não restou mais nada... além do quê? O que pode um garoto pobre fazer na sonolenta Londres? — tocar ópera é que não. Pauleira: rock em *covers* impagáveis. De Bill Halley a Jonathan Richman & The Modern Lovers, passando por Monkees, The Who... e — por que não? — Sex Pistols. Além da canja carioca de Ronald Biggs (o ladrão esperto), cantando "No One Is Inocent", ao lado de Cook e Jones, depois do colapso do grupo. E Sid, o próprio mito, descendo as escadas — ops! — cantando "My Way". Uau! *M.P.*



FORCE — A Certain Ratio (Eldorado)

Mais uma pérola do pacote Stiletto/Eldorado. Aviso aos navegantes: é o quarto LP do grupo (descontados um *cassette-only*, vários EPs, uma coletânea e um álbum ao vivo), ativo desde 78 na lúgubre — e prolífica — Manchester (berço do Joy Division, Magazine, Fall). E nem é o mais típico do seu som — que sempre acrescentou ao travo amargo da velha Inglaterra um incendiário pendor funky, uma cozinha explosiva o suficiente para torná-la a banda mais inovadora (musicalmente) das suas conterrâneas (o que não é bolinho).

Force é mais polido, as ácidas trumpetadas de antes substituídas por um sax redondinho, vocais mais limpos, um ou outro baixo sintetizado e nenhuma daquelas esdrúxulas batucadas de samba que eram a marca registrada do grupo. Mas a melancolia suingada está toda lá, além de duas das melhores músicas do repertório da banda: "Bootsy" e "Mickey Way", esta um instrumental com uma espantosa metaleira à la Glenn Miller (!). *A.A.*

LC — Durutti Column (Eldorado)

O Durutti Column poderia ser considerado uma espécie de alma gêmea do Joy Division. Só que, ao invés do clima abissal que caracterizava o som do Joy, o Durutti destila sua melancolia em músicas leves e fluidas através da guitarra impressionista de Vini Reilly, de um estilo único, que incorpora acordes, solos e linhas de baixo, tudo simultaneamente. Todas as boas promessas insinuadas no primeiro LP *The Return of the Durutti Column* (79), gravado apenas por Vini e com alguns efeitos eletrônicos do produtor Martin Hannett, parecem se realizar em *LC*, o segundo LP do grupo (e o único lançado no Brasil). Apoiado em uma instrumentação básica (guitarras, piano e eventuais baixos) a cargo de Vini, acompanhado a partir deste disco pelo baterista Bruce Mitchell, *LC* é a cristalização desta primeira fase do Durutti Column, que em seus LPs posteriores daria outros rumos à sua música com a utilização de novos elementos como instrumentos clássicos e metais. *LC* prima pela simplicidade e o despojamento em temas sutis e delicados. A maioria das faixas do disco é instrumental. Nas outras, a tímida voz de Reilly, que sempre parece estar em segundo plano, meio canta e meio balbucia as letras. A constante preocupação de Vini em associar sua música com a pintura (especialmente a impressionista) está explícita tanto na capa e no encarte do álbum, como nos títulos de algumas das músicas ("Sketches for Dawn", "Portrait for Frazier"). A energia do som está exatamente em sua suavidade. Um som sem tom definido, composto de nuances. Às vezes em cores claras como na doce melodia de "Jacqueline" ou nas evoluções de guitarras e bateria em "The Act Committed". Já em "Never Known" e "Sketch for Dawn (2)" surgem tintas mais sombrias na paleta de Vini Reilly. *Celso Pucci*

ROYAL GARDEN BLUES — Branford Marsalis e convidados (CBS)

Hoje a população dos saxofonistas aumenta mais que a doscoelhos. Ouve-se sax por todo canto, vendendo roupas e até mesmo discos: Branford Marsalis, irmão do trompetista Wynton, é outro. Ele pertence à seita dos iniciados no jazz de primeira. Neste LP de sete faixas, ele percorre os terrenos bem conhecidos do *cool*: improvisos medidos, melodias discretas e muito virtuosismo para tracejar compassos multiformes. Em "Emanon", composição do irmão, Branford prova que o sax ainda pode vibrar com ineditismo. *L.A.G.*

ROCK DO ABC — Várias bandas (Rocker).

O ABC paulista é, seguramente, um dos maiores ninhos de cobras roqueiras do Brasil. O disco mostra doze faixas executadas por seis bandas que representam as principais tendências desse rock agressivo e crítico, cujos filhos mais célebres são os Garotos Podres e seu fantástico dançário oi. Do punk brutal do Hino Mortal ao flamenco-depré da ótima Ibiza, o LP indica o nascimento iminente de novos estilos no rock nacional. *L.A.G.*

Quando você entrar num Olympikus ninguém vai lhe pedir nada.

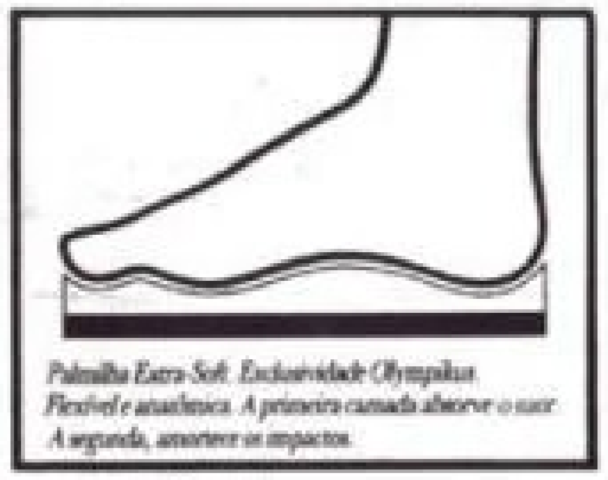
Com Olympikus, seu pé não precisa do famoso tempo de adaptação.

"Depois ele melhora", "andando você acostuma", são frases que você não vai ouvir.

Tudo isso tem uma razão muito simples: quem testa Olympikus é a fábrica e não o seu pé. E os testes são os mais rigorosos e complicados.

O resultado você vai sentir com Olympikus no pé.

Sentir no conforto, na resistência, na anatomia perfeita, nos detalhes exclusivos.



Olympikus tem palmilha Extra-Soft, desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Olympikus. É anti-transpirante e você pode retirá-la quando quiser. Lavou, está nova.

Com Olympikus você tem toda a segurança. O solado é antiderrapante, de borracha pura, vulcanizado pelo sistema autoclave, o mais avançado.

A lona é sanforizada, super-resistente, nunca encolhe nem estica.

O design é o show.

Exclusivo, charmoso, com várias cores e uma personalidade que deixa todos os outros tênis para trás.

Por tudo isso é que já é hora do seu pé deixar de ser piloto de prova de qualquer tênis.

Entre num Olympikus.

OLYMPIKUS
Um show de tecnologia.

ATLANTIC BLUES — Vários (WEA)

Olha só o atentado aos salários, mesadas e poupanças dos pobres viciados em vinil. Nada menos do que um pacotão de quatro álbuns duplos desenterrando tesouros do selo Atlantic na época em que foi um dos principais celeiros do blues urbano (e do rhythm'n'blues, outro acervo precioso reeditado o ano passado e que a WEA "nacional" fica nos devendo).

Duas das coletâneas são organizadas por instrumento — *Piano* e *Guitar* (as primeiras a chegar às lojas) —, a terceira, de cantores, é a *Vocalists* enquanto a quarta é toda dedicada à produção de *Chicago*, capital do blues eletrificado pós-guerra.

Impossível é selecionar um ou dois itens do pacote para facilitar a vida do consumidor: cada álbum contém preciosidades absurdas, mesmo que acompanhadas por uma e outra inclusão discutível (como Dr. John no *Piano* e Stevie Ray Vaughn no *Guitar*, ambos fora de contexto e sofrendo barbaridade com isso; nesse sentido, a exceção é o volume *Chicago*, onde o pau come do começo ao fim).

No volume *Vocalists*, uma injustiça brutal: apenas uma faixa do inacreditável Bobby "Blue" Bland. Em compensação, temos o rei do "shout", Big Joe Turner, acompanhado pela guitarra de Elmore James, Rufus Thomas acompanhado pela banda cativa do selo Stax (com os gênios Steve Cropper na guitarra e Booker T. no órgão), além de Jimmy Witherspoon e Wynonie Harris (segundo Miles Davis, o estilo Jagger no original).

No volume *Piano* — em que Joe Turner reaparece, sem nenhuma causa aparente (não, não são suas gravações com Count Basie!) — o estraçalho fica por conta de Jack Dupree, o freakaço Professor Longhair e Floyd Dixon, *entre outros*. No *Guitar* (ops, olha o Big Joe aí de novo!), monstros sagrados a granel: só John Lee Hooker e T-Bo&J-ne Walker já valeriam, não tivesse ainda Blind Willie McTell e Albert King. E o grande T-Bone Walker reaparece em *Chicago*, ao lado de Buddy Guys & Junior Wells, Freddie King, Muddy Waters, Howlin' Wolf... *Sai de baixo!!!*

Como se não bastasse tudo isso, estão — em papéis coadjuvantes ao longo dos quatro volumes — duas figuras fundamentais: King Curtis, maior saxofonista da história do r&b, e o compositor/baixista Willie Dixon, autor dos blues mais safados. Até Eric Clapton aparece acompanhando seu ídolo Buddy Guy, mas um dos efeitos colaterais desta verdadeira enciclopédia é uma visão mais crítica do blues inglês e outras corruptelas subseqüentes. *J.A.L.*

INFECTED — The The (CBS)

Os ouvidos vão ficar contaminados com as coisas que Matt Johnson, o membro solo do The The, inseminou nos sulcos deste LP. *Infected* tem o vírus da qualidade. E culpa a civilização ocidental por sua competência. Do pânico da Aids à resignação com o imperialismo, o terceiro LP do homem-banda Johnson (o primeiro, afinal, lançado aqui) é terrivelmente contemporâneo. Focaliza a Inglaterra — uma nação decadente, transfigurada no 51.º Estado dos Estados Unidos da América —, e depara-se com o mundo: a selva humana — pessoas poluídas pelo desejo ocidental. O vídeo, que inclui locações no mesmo local em que Herzog rodou *Fitzcarraldo*, na Bolívia, explicita tudo. Quem quiser apenas dançar, é só fechar os olhos — a doença que ataca as pernas também acompanha o vinil, e é transmitida por uma tecnologia bastante apurada, que assegura a eficácia deste cantor de blues moderno. Difícil vai ser passar mal com seu swing infectado. *M.P.*

ACID BATH — Alien Sex Fiend (Continental)

Se os Cramps entraram para os anais do rock ao forjar o psychobilly em pleno *halloween* de 76, não há como negar que a fórmula foi definitivamente aprimorada por Nik Fiend e sua gang sulfúrica.

Poucas vezes se ouviu tamanho frenesi num vinil. O que temos aqui é uma psicose aguda em technicolor, entremeada por arrotos, riffs primevos, vinhetas de rádio e citações safadas de Screamin' Jay Hawkins (quem?), Eddie Cochran e Iggy Pop. Nesse lodaçal de excrecências e caos, alguns momentos de puro absurdo: "Attack!!!!! 2" e o chacoalhante zumbi core "Dead and Re-buried". No último volume, não há pagode que resista. *A.C.D.*

MÚSICA BARROCA RUSSA DO SÉCULO XVIII — Conjunto de Câmara "Barroco" (RCA/Ariola).

O que era a Rússia no século XVIII? Nada mais que um potentado feudal com os olhos voltados ainda a Bizâncio. Daí a surpresa que este LP causa. Pela primeira vez, os brasileiros poderão ouvir ecos da Rússia feudal por meio da música que se praticava então. Suítes de Fomin (1761-1800) e concertos de Dortnyasky (1751-1825) revelam que os russos eram muito bem-informados em relação às modas da Europa Ocidental. E que, mesmo assim, insistiam em cultivar formas já ultrapassadas, com rigor vivo. *L.A.G.*

INSIDE THE ELECTRIC CIRCUS — Wasp (EMI-Odeon)

Blackie Lawless reassumiu a guitarra e colocou Johnny Rod (ex-King Cobra) no baixo, mudando o show e transformando tudo num grande e verdadeiro circo. A abertura, com "The Big Wellcome"/"Inside The Electric Circus", de início nos leva a algo apoteótico, mas não é nada disso. Permanece aquele mesmo som da banda em todas as faixas, os principais solos guitarrísticos ficando por conta de Chris Holmes. O Wasp é um grupo com vocação para o palco, e para ser criticado pelas ligas de proteção à moral. *L.R.*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPI

No país do LP a 230 fracassados cruzados muita gente reclama da falta de material adequado para certos lançamentos. No entanto, tem selo por aí lançando disco adoidado. Começando pelo mais estimulante: o mini LP de estréia do grupo santista **HARRY** (Wop Bop). Três faixas ("Blood and Shame", "Adeptos" e "Caos") com boas idéias a nível de arranjos sintetizados, que denunciam todo um potencial a ser explorado. Para os amadores da linha tecno-pau-Brasil. ⊗ A Lupsom relança dois **Huriah Heep, DEMONS & WIZARDS** e **ABOMINOG**, e o jazz rock do **Colosseum II, STRANGE NEW FLASH**, quando essa banda tinha em sua formação gente como Gary Moore, Neil Murray e Don Airey ⊗ Os selos independentes metálicos não páram: a Woodstock lança um pacotão de inéditos que inclui **Exciter** em **LONG LIVE THE LOUD** e **UNVEILING THE WICKED**, um mini LP do **HELLOWEEN** e mais **IRON ANGEL, Kreator (PLEASURE TO KILL), Celtic Frost (MEGATHERION), Onslaught (THE FORCE), DESTRUCTION, EXORCIST** e **Voivod (ROAR)** ⊗ Já a Rock Brigade lançou seus nacionais **Vodu (THE FINAL CONFLICT)** e **VIPER**, (este, cantado em inglês, visando o mercado internacional), e nos sapecou recentemente a obra caos de **Wendy O' Williams** e os **Plasmatics, MAGGOTS: THE RECORD**("Vermes: O Disco") ⊗ A Warner tem sua recaída pauleira: além do quarto LP do **Ratt**, vem com **POWER**, álbum que marca o retorno do **Kansas** com Steve Morse (ex-Drags) na guitarra ⊗ Mudando agora para praias mais tranqüilas: a 3M nos traz **MARCO CAMARGO**, aquele mesmo que quase esvaziou o Anhembi quando subiu no palco durante o show de Dizzy Gillespie para executar uma das canções deste novo LP... ⊗ Nosso mais resistente blueseiro, **Celso Blues Boy**, lança **3** em busca do que sobrou do tempo perdido. E, para encerrar, temos ainda o grupo sueco **Europe**, nova sensação do hard arena e sério candidato ao troféu "Hollywood — Ao Sucesso". É só conferir seu **THE FINAL COUNTDOWN** (EMI-Odeon)... Ah! Já ia esquecendo: nosso karaokê popular brasileiro continua firme com a nova entrega de **Elba Ramalho, ELBA** (Polygram). Mesmice, mesmice...

L.R.

BOLSA DE DISCOS

	NEVER LET ME DOWN David Bowie (EMI-Odeon)	A MÃO DE MAO Metrô (CBS)	THE WHOLE STORY Kate Bush (EMI-Odeon)	JAZZ FROM HELL Frank Zappa (EMI-Odeon)	THE WORLD WON'T LISTEN The Smiths (WEA)	STAND BY ME Vários (WEA)
Carlos Arruda	Razoável	Razoável	●	Bom	Razoável	●
Alex Antunes	Razoável	Bom	Interessante	Bom	Razoável	Interessante
José Emílio Rondeau	Bom	●	Sublime	Razoável	●	Sublime
Luiz Antônio Giron	Lixo	Bom	Bom	Bom	Bom	Sublime
Jean-Yves de Neufville	Razoável	Bom	Sublime	Interessante	Interessante	Sublime
Marcel Plasse	●	Interessante	●	Interessante	Interessante	Bom
Fernando Naporano	Lixo	Interessante	Interessante	Lixo	Sublime	Bom

Sublime / Bom / Interessante / Razoavel / Lixo

LANÇAMENTO

OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (The Raiders of the Lost Ark, 1981)

Foto Prod. DB

Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford e Karen Allen. CIC Vídeo.

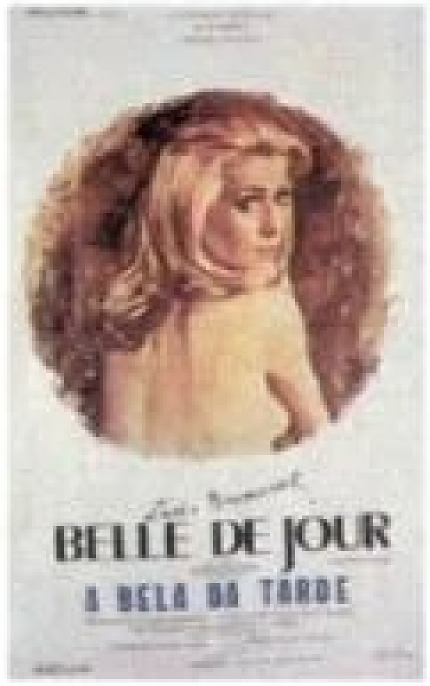
A estréia de Indiana Jones não podia ser melhor. A busca da Arca de Moisés, onde estão as tábuas dos Dez Mandamentos, é o pretexto para duas horas de ação ininterrupta de perder o fôlego, com efeitos especiais realmente muito bons. Spielberg, em grande forma, amarra todos os clichês de filmes de aventura com soluções tão inverossímeis quanto emocionantes. E Harrison Ford tem a vantagem de ser um herói extremamente simpático.

A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM (The Graduate, 1967)

Direção: Mike Nichols. Com Dustin Hoffman, Anne Bancroft e Katherine Ross. Globovídeo.

Esse tio das comédias adolescentes perdendo a virgindade tinha muito mais charme do que os *Porky's*. O tema da iniciação sexual é tratado com muito mais delicadeza e mais sensualidade do que com vulgaridade pretensamente cômica. Um garoto recém-saído do *college* se envolve com uma garota (Ross) e é seduzido pela mãe dela (Bancroft). Hoffman, no seu primeiro papel principal, já anunciava suas qualidades como ator. E a trilha sonora, assinada por Simon & Garfunkel, marcou uma época. Simpático.

A BELA DA TARDE (Belle de Jour, 1967)

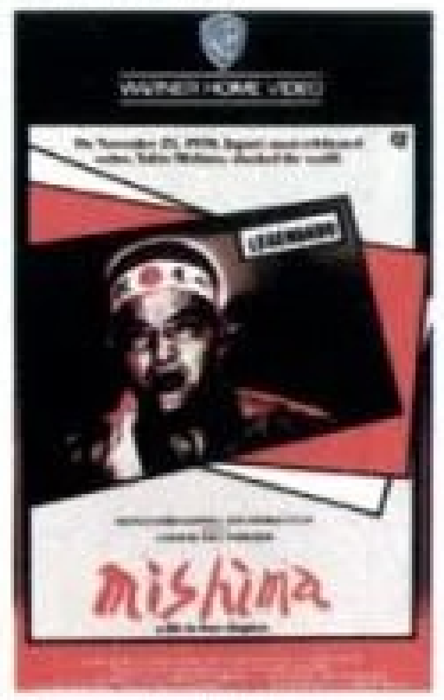


Direção: Luis Buñuel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel e Pierre Clémenti. Wilder Cine Vídeo.

Não é um Buñuel tão típico, mas mesmo assim conserva sua marca. Deneuve é uma mulher frígida que começa a freqüentar um bordel de tarde, enquanto o marido trabalha, e lá se envolve com um tipo sádico (Clémenti). Embora seja considerado como o filme mais comercial do cineasta espanhol, percorre alguns estranhos caminhos com as imagens, misturando de forma desconcertante os pontos de vista do(s) narrador(es) e aproveitando para alfinetar as instituições burguesas, suas vítimas prediletas.

DRAMA

MISHIMA — UMA VIDA EM QUATRO CAPÍTULOS (Mishima — A Life in Four Chapters, 1985)



Direção: Paul Schrader. Com Ken Ogata, Ken Swada e Yasusuka Brando.

Uma maneira curiosa de fazer uma biografia de um escritor. Dividida em capítulos, mistura a vida do escritor japonês mais conhecido no Ocidente com representações de alguns de seus romances. Às vezes um pouco palavroso demais, consegue estabelecer hábeis relações entre a vida e a obra de Mishima. E sua vida não foi despida de interesse: além de escritor prolífico, Mishima tinha estranhas obsessões estéticas. Criou um exército particular e, como um de seus personagens, cometeu o suicídio ritual em nome da tradição.

TWIST AND SHOUT (1986)
Direção: Bille August. Com Adam Tonsberg, Lars Simonsen, Camilla Soeberg e Ulrikke Bondo.

1963. Os Beatles cantavam o prazer de segurar a mão da gatinha. A revolução sexual engatinhava ao som da *beat* de grupos de terninho e gravata. O primeiro amor acontecia numa troca de olhares, os cabelos cresciam e a dança chamava-se *twist*... É nesta época que dois amigos, um garoto reprimido e um animado baterista do ritmo da onda, enfrentam o mundo — pais, aborto e padrões adultos de crescimento. Há mais imagens de frustração do que de rebeldia neste hit dinamarquês. Drops agridoce do novo cinema europeu, no rastro do definitivo *Gosto de Mel* (1961, Tony Richardson). *M.P.*

O AMIGO AMERICANO (Der Amerikanische Freund, 1977)

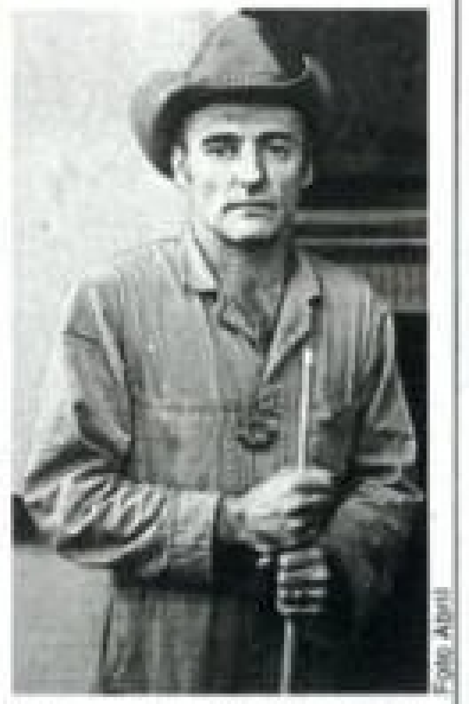


Foto Abril

Direção: Wim Wenders. Com Dennis Hopper, Bruno Ganz e Lisa Kreuzer.

Um policial cheio de elementos dramáticos. Hopper é Ripley — famoso personagem de Patricia Highsmith, escritora de policiais bem não convencionais, que já foi vivido numa outra história por Alain Delon em *O Sol por Testemunha* —, um americano de moral duvidosa que faz uma oferta irrecusável para um doente terminal (Ganz). A direção de Wenders não se prende a nenhum dos padrões convencionais de filme policial e cria uma atmosfera de tensão totalmente original. Ganz e Hopper estão ótimos. Imperdível.

MUSICAL

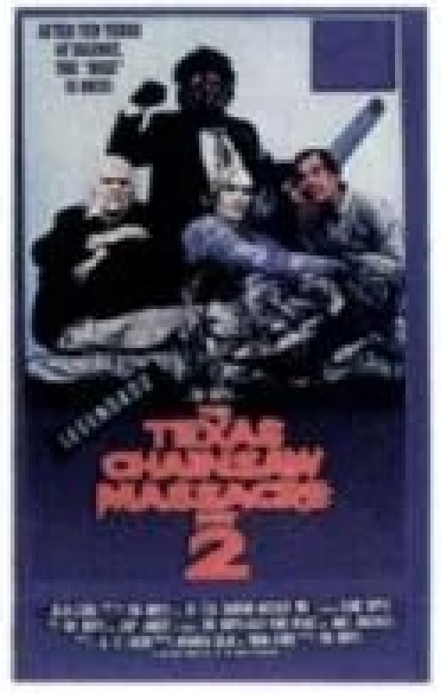
JAPAN OIL ON CANVAS (1983)

Foto LF

O vídeo (como o álbum homônimo) é o trabalho de despedida do grupo inglês, que de certa forma desenvolveu o conceito original do Roxy Music (período em que Brian Eno disputava com Bryan Ferry a direção da banda). A performance dândi do vocalista Davi Sylvian convive bem com arranjos arrojados, toques de *ambient music* e desempenho excepcional dos músicos, com destaque para o baixista Mick Karn, um gênio do instrumento. Mas Masami Tsuchyia (guitarrista convidado e um dos músicos mais criativos do cenário japonês), Steve Jansen (bateria) e Richard Barbieri (teclados) não ficam atrás. Alternativa inteligente para quem ainda perde tempo com rock progressivo, *new age* ou babas afins. E não só. *A.A.*

TERROR

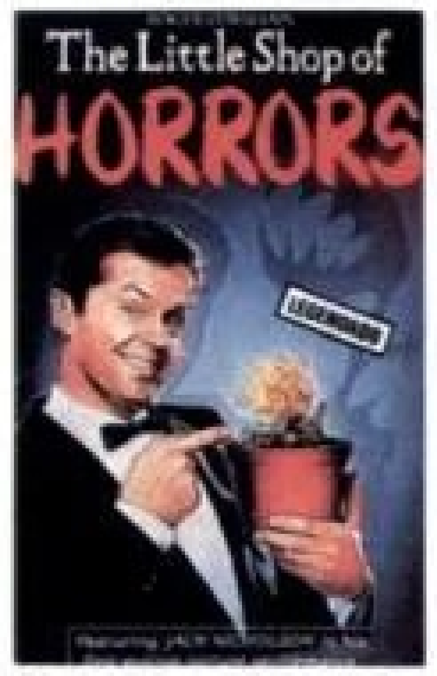
THE TEXAS CHAINSAW MASSACRE 2 (1986)



Direção: Tobe Hooper. Com Dennis Hopper e Caroline Williams.

Tobe Hooper colocou vários dólares e sangue a mais na continuação de seu maior sucesso. Fez um filme muito explícito e repugnante. Repetiu seqüências originais e exagerou o humor negro até o mau gosto. O primeiro — como de regra — é melhor. Até Dennis Hopper está "canastreando" seu papel de vingador destemido, atrás dos irmãos dementes do Texas. Mas o filme tem os seus momentos, sempre envolvendo a bela Caroline Williams em apuros nas mãos do debilóide da serra elétrica (Leatherface). Numa das cenas, ele resolve brincar com a serra em suas pernas... Whiiizzzz, ai, ai! *M.P.*

THE LITTLE SHOP OF HORRORS (1960)



Direção: Roger Corman. Com Jonathan Haze, Mel Welles e Jack Nicholson.

Filme um tanto quanto inclassificável. Um filme de terror tão malfeito que é engraçado ou uma comédia hilariante a respeito de filmes de terror? Melhor acreditar na segunda alternativa e se divertir com a improvável história de uma planta exótica que se alimenta de corpos. O mestre do B, Corman, chega a cúmulos de mau gosto que são cômicos. Interessante ponta de Jack Nicholson, bem jovem. A cópia colorizada disfarça um pouco a precariedade.

SUSPENSE

SEM DESTINO (Easy Rider, 1960)
Direção: Dennis Hopper. Com Peter Fonda, Jack Nicholson e Dennis Hopper.

A aventura de dois motoqueiros que, vindos do México com a grana de uma transa de cocaína, atravessam alguns Estados do sul dos EUA, encontrando comunidades hippies e fazendeiros violentos. Retomada hippie do tema beatnik por excelência, "on the road". Este filme, hoje um tanto quanto datado, marcou a cultura jovem do fim dos anos 60. No meio do caminho, eles encontram um advogado bebum que segue com eles. Nicholson está excelente, ao lado de um bom Hopper — também responsável pela direção segura — e um Fonda correto. *O.P.*

AVENTURA

VELUDO AZUL (Blue Velvet, 1986)

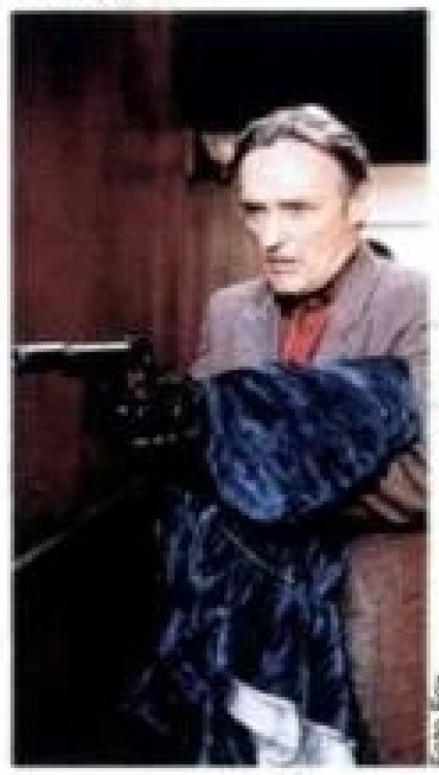


Foto Fox

Direção: David Lynch. Com Kyle MacLachlan, Isabella Rossellini, Dennis Hopper e Laura Dern.

Um filme feito especialmente para virar *cult movie*. Lynch sabe, de fato, criar climas estranhos. A doença e a deformidade são os seus elementos prediletos. Aqui, ao contrário de *O Homem Elefante*, os defeitos são morais. Um psicopata assassino (Hopper, excelente), uma cantora de night club masoquista (a bela Rossellini) e um sujeito tão enjoado de normal que é, mas irresistivelmente atraído pela perversidade (MacLachlan), se confrontam numa trama bem montada de mistério e suspense, entremeada com uma love story das mais cretinas com a rainha da sem-gracice (Dern). No vídeo, é uma boa oportunidade para conferir.

DENNIS HOPPER

Foto Prod. DB

Dennis Hopper, nascido em Dodge City, Kansas, em 1936, é um desses atores cuja imagem é uma curiosa fusão entre os papéis que vive na tela e sua própria personalidade. Se não chegou a ter a estatura verdadeiramente mitológica de Marlon Brando ou James Dean — atores com os quais atuou e conviveu —, Hopper, mais que nenhum outro, encarnou a consciência jovem radical dos americanos nas últimas três décadas.

Uma das características de sua carreira é estar presente em filmes que acabam por virar *cult*. O primeiro destes foi *Juventude Transviada* (1955), que dimensionou a rebeldia sem causa dos jovens da época e lançou James Dean como o protótipo do rebelde atormentado. Hopper aprendeu com Dean — com quem também trabalhou em *Assim Caminha a Humanidade* — muito do que iria nortear seu estilo como ator. Aprendeu a não atuar como quem fuma um cigarro mas a fumar diante das câmeras. Aprendeu aquele olhar indefinido que torna sempre imprevisível a seqüência da ação. Aprendeu que um ator não deve ser submisso ao papel e que deve reservar um espaço para a improvisação.

A sua primeira investida como diretor também foi num filme que marcou época: *Sem Destino* (1969). Hopper também trabalha como ator, ao lado de Jack Nicholson e Peter Fonda. O filme teve um orçamento de 350 mil dólares e foi um sucesso que rendeu mais de cinco milhões.

Seus personagens sempre têm um pé na marginalidade. O fotógrafo *freak* de *Apocalypse Now* (1979), o Ripley de *O Amigo Americano* (1977) — que considera o melhor papel de sua carreira —, o excelente desempenho como o pai de Rusty James em *O Selvagem da Motocicleta* (1984), bêbado e ausente. Mesmo que não seja o protagonista em muitos deles — e contracene com monstros do cinema como Dean, Brando e Nicholson —, Hopper marca cada um de seus papéis à sua maneira.

Atualmente, Hopper é um dos atores que mais filmam. Em 86, ele trabalhou em nada menos que seis filmes. E, como os tempos mudaram e ele não é mais tão jovem, é de se supor que seus personagens tenham mudado. Em *Veludo Azul*, o antigo rebelde dá lugar a um assassino psicopata.

Dennis Hopper, como diretor, em papéis principais ou secundários, percorreu como nenhum outro ator de sua época as alternativas que se ofereceram à sua geração. Mais que um grande ator ou um bom diretor, é a encarnação viva dos sonhos (ou dos pesadelos) de seu tempo.

Otávio Perdigão/B.A.

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com sinal * estão disponíveis em vídeo): *Johnny Guitar** (54), *I Died a Thousand Times* (55), *Juventude Transviada** (*Rebel Without a Cause*, 55), *The Steel Jungle* (56), *Assim Caminha a Humanidade** (*Giant*, 56), *Gunfight at the OK Corral** (56), *The Story of Mankind* (57), *From Hell to Texas* (58), *The Young Land* (59), *Key Witness* (60), *Night Tide* (61), *Tarzan and Jane... Sort Of* (63), *Os Filhos de Katie Elder* (*The Sons of Katie Elder*, 65), *Planet of Blood* (66), *The Glory Stampers* (67), *Viagem ao Mundo da Alucinação* (*The Trip*, 67), *Rebeldia Indomável** (*Cool Hand Luke*, 67), *Panic in the City* (67), *Hang 'em High* (67), *Head* (68), *Bravura Indômita* (*True Grit*, 69), *Sem Destino** (também como diretor, *Easy Rider*, 69), *The American Dreamer* (70), *O Último Filme* (também como diretor, *The Last Movie*, 70), *Crush Proof* (71), *Kid Blue Não Nasceu para a Forca* (*Kid Blue*, 73), *Hex* (73), *James Dean — The First American Teenager* (75), *The Sky Is Falling* (75), *Tracks* (76), *Mad Mog Morgan* (76), *O Amigo Americano** (*Der Amerikanische Freund*, 77), *Les Aprentices Sorciers* (77), *l'ordre et la Securité du Monde* (78), *Couleur Chair* (78), *The Human Highway* (78), *Apocalypse Now** (Id., 79), *Out of Blue** (também como diretor, 80), *King of Mountain* (80), *Reborn* (81), *Biker's Heaven* (82), *White Star* (83), *Jungle Warriors* (83), *The Osterman Weekend** (83), *O Selvagem da Motocicleta** (*Rumble Fish*, 84), *The Uterly Monstruos Mind-Roasting Summer of O C and Stiggs* (84), *The Inside Man* (84), *My Science Project** (85), *Running Out of Luck** (85), *The American Way* (86), *Veludo Azul** (*Blue Velvet*, 86), *The Texas Chainsaw Massacre 2** (86), *River's Edge* (86), *Hoosiers* (86), *O Mistério da Viúva Negra* (86).

Os vídeos foram cedidos pelas distribuidoras CIC Vídeo, Globovídeo e Wilder Cine Vídeo e pelas locadoras 2001 Vídeo (284-8019/8788) e Rentacom (826-4399). As resenhas não assinadas são de Bia Abramo.

Foto Adrian Boot/Retna

O Cult vem aí com um LP produzido pelo especialista em *metal rap* Rick Rubin. O disco foi inteirinho gravado em Nova York, onde Ian Astbury e Billy Duffy permaneceram por mais de um ano. De volta à Inglaterra e com o primeiro single lançado — "Love Removal Machine" — eles receberam a visita do nosso ilustre *Pepe Escobar*, que está com sua nova jaqueta de franjas cheirando a incenso até hoje...

CULT

O LED ZEPPELIN DOS ANOS 80

CULT

Cretinos, desinformados, idiotizados, sub-yuppinhos e coterie podem relinchar o que quiserem: o Cult é a banda de rock'n'roll mais vital das ilhas britânicas, ou seja, Europa *tout compris*. É reciclagem de Led Zeppelin, de Free, de AC/DC? É e não é. E daí? O teste, em parte, é no vinil. O Cult tem mix antológicos, como "Ressurection Joe", "Sanctuary" e o recente "Love Removal Machine". O teste definitivo é ao vivo. E aí, designer boys e material girls, o negócio é o seguinte: só quem viu sentiu na pele (espinha, neurônios, aparelho circulatório...). O Cult é um quarteto de apaches assaltando o forte, e não sobra nenhum cara-pálida para contar a história.

No problem. Se Run-DMC é o mais sério candidato a Rolling Stones dos anos 90, o Cult já é o Zeppelin dos 80. Perto de Jimmy "Lúcifer" Page, afogado em pragas diabólicas que lhe roubaram a criatividade, Billy Duffy não faz feio. E perto de Bob Plant na fase jeans, cachos e barriguinha de fora, Ian Astbury tem mais sex-appeal — e um uivo de coiote mais de acordo com a época. O Cult vive em um armário em cuja porta está grudado "anos 70"? Não: recém-produzidos por Rick "Def Jam" Rubin, estão ali no *fotochart* da adrenalina, pau a pau com os Beastie Boys.

Aí vai a nossa conversa regada a chá com as cabeças pensantes da banda favorita dos morcegos hiperativos e das gatinhas *femme fatale*. Billy Duffy de basic black, sem topete, e Ian Astbury de óculos escuros e boné de lobinho. Paz e amor para todos vocês. Falando com o Cult, dá até para achar que o flower power não acabou. Bem, essa é a matéria de que são feitos os sonhos...

BIZZ — *Vocês sabiam que são a banda favorita dos surfistas e skaters no Brasil?*

Ian — É mesmo? *Cool, very cool*.

BIZZ — *Há um enorme interesse da moçada em ver o Cult ao vivo no Brasil. Um manager baseado em Miami me disse que já havia contatado o empresário de vocês para umas datas. É verdade?*

Billy — Ouvimos uns rumores, algumas vezes. Duas vezes. Havia a possibilidade de fazermos alguns shows no Brasil. Mas nós achamos que ainda não era o momento certo. No verão passado, a nossa maior preocupação era gravar o LP. Nós já tínhamos começado as gravações. Mas nos próximos nove meses o Brasil está nos nossos planos. Provavelmente depois de uma excursão americana.

BIZZ — *Vocês acabaram de voltar da América. E então, como foi?*

Ian — Muito grande. Muito fria.

BIZZ — *Como é que vocês tiveram a idéia de gravar com Rick Rubin?*

Ian — Foi há algum tempo. Estávamos fazendo uma grande excursão entre os EUA e o Canadá, no começo do ano passado, e ganhamos um cassete de um DJ, um amigo nosso em Toronto, com algumas músicas dos Beastie Boys. Ficamos interessados na maneira como eles estavam misturando Led Zeppelin, AC/DC com hip hop. Era um som estimulante. Um som bem básico, sem superprodução.

"Muita gente não consegue relaxar com a música... É natural cantar 'Oh baby', não é um efeito..."

Vocal, guitarra e bateria. Ficamos muito interessados no trabalho de Rick Rubin. Quando saiu "Walk this Way", do Run DMC com o Aerosmith, aquilo fazia sentido para nós.

BIZZ — *Vocês já estavam procurando um som mais esparso, nessa época.*

Ian — É isso. Basicamente queríamos despir o som de muitas guitarras, muitos efeitos nos vocais, chegar "no osso" da banda.

BIZZ — *É interessante, porque quando vocês tocam ao vivo, o som é muito mais esparso do que no estúdio. Há mais "espaço".*

Ian — É verdade. Quando entramos em estúdio existe um clima de competição com todo aquele equipamento *state of the art*. Há uma tentação de começar a acumular uma série de efeitos...

BIZZ — *Em retrospecto, vocês diriam que os dois primeiros álbuns foram superproduzidos?*

Ian — Ah, sim!

Billy — Em retrospecto, sim.

BIZZ — *Considerando o som que vocês querem ter agora.*

Billy — É... Mas eu fiquei satisfeito com o som do álbum *Love*. Na época. Agora acho que ele tem muitas coisas supérfluas. A hora certa para estarmos fazendo uma coisa nova é agora. Antes, não daria certo. Nem com o músicos, nem com o público em geral, nem com fãs do Cult. Nós viemos trabalhando em um processo gradual.

BIZZ — *Mas vocês continuam fissurados em blues.*

Ian — É natural dentro do que nós fazemos. Nós estamos ligados ao blues no sentido de que blues é uma maneira muito natural de fazer música. Afinal, *rock music* é isso aí.

BIZZ — *Vocês costumam ouvir blues antigos?*

Ian — Raramente. Eu acho que tenho um álbum do Howlin' Wolf, um LP de Joe Turner e outro de Janis Joplin — é o que considero minha coleção de blues.

Billy — Eu tenho um LP de Muddy Waters, e essa é a minha coleção *inteira* de blues. O negócio é o seguinte. As pessoas que nós crescemos ouvindo e que nos influenciaram, Led Zeppelin, por exemplo, Free, essas bandas, elas foram influenciadas diretamente por artistas de blues, pois eles estavam bem mais próximos. Eles tinham que ouvir esses artistas para aprender suas *licks* de guitarra. Nós somos uma geração após. Claro que sempre é bom voltar e ouvir esses discos antigos.

Ian — O blues do delta do Mississipi influenciou os Rolling Stones, Led Zeppelin, Free. É uma coisa natural. Os Rolling Stones estavam ouvindo bandas que faziam um som dez anos antes deles mesmos montarem um grupo.

BIZZ — *O blues no início, nos anos 30 por exemplo, Blind Lemmon Jefferson, esse é um som muito puro, que provavelmente atrairia vocês, da maneira como vocês querem soar agora.*

Billy — Provavelmente. A verdade é que não temos tido tempo de realmente voltar. Estamos ocupados a maior parte do tempo. Pessoalmente, eu faço um esforço para não ouvir outros discos, em termos de guitarra, porque aí você começa a pegar *riffs*, inconscientemente. É provável que eu comece a escutar muita coisa, agora que nós já gravamos o álbum.

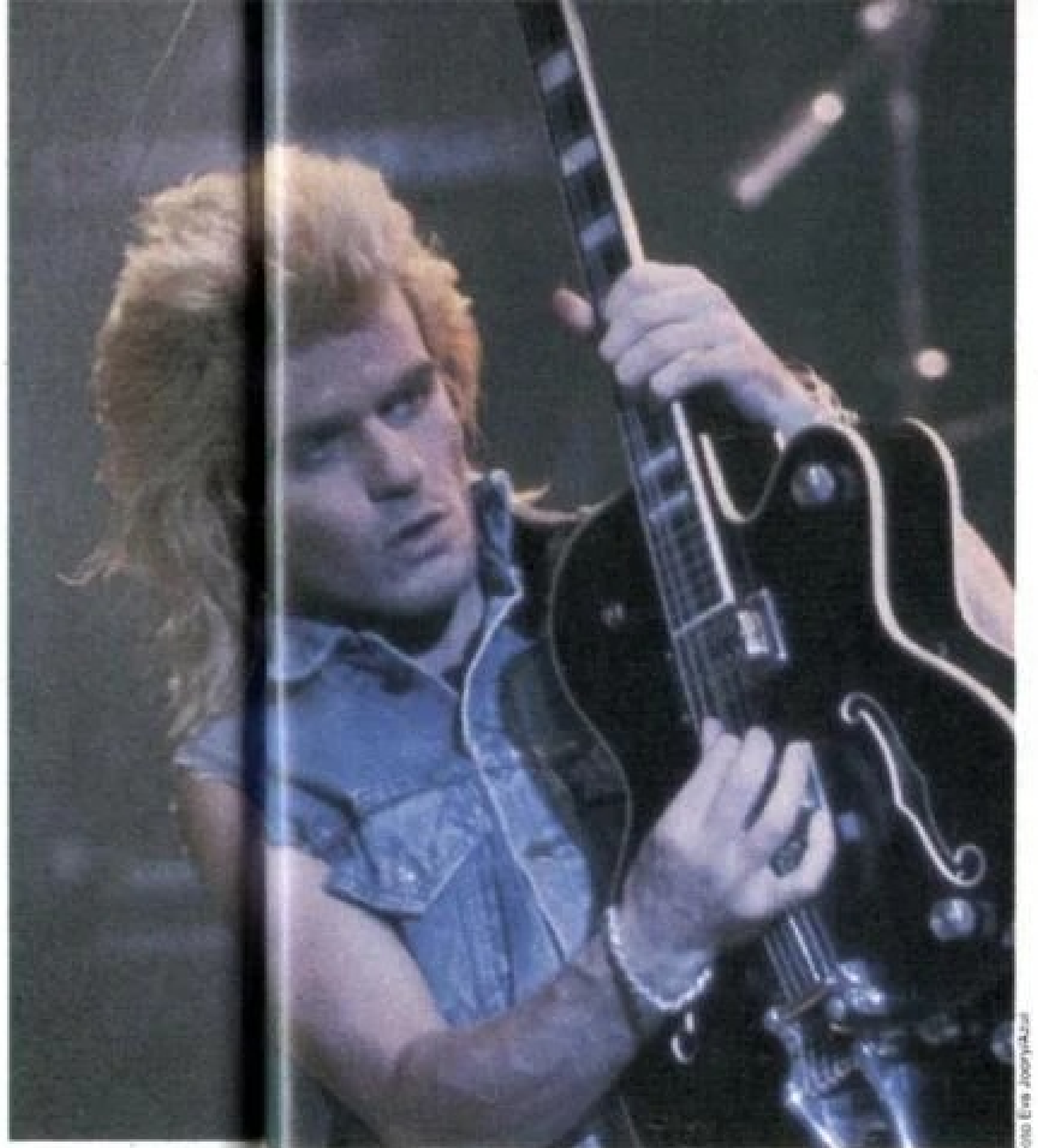


Foto Eva Joory/Azul

Ao vivo: uma celebração da eletricidade: o guitarrista Billy Duffy (acima) e Ian Astbury na recente turnê inglesa do Cult.

Foto Tim Bauer/Retna

BIZZ — *Aquele riff em "Love Removal Machine" é bem Keith Richards, não é? Foi coisa do subconsciente?*

Ian — Não, não. Claro que tem um feeling de guitarra de rhythm'n'blues, as pessoas podem achar os acordes parecidos, é um *jittery blues*.

BIZZ — *E o seu "Oh baby, baby, baby", no meio, nos lembra Robert Plant...*

Billy — Eu acho que já é tempo de mais gente cantar "Oh baby, baby, baby". Todo mundo tem medo de fazer uma coisa assim, hoje. É bom para a gente, porque nós a fazemos bem. Muita gente não consegue relaxar com a música, e parar de tentar causar boa impressão nos outros. Não conseguem tocar o que é agradável e natural. É natural cantar "Oh baby, baby, baby", não é um efeito.

BIZZ — *O que vocês acham dessas comparações com o Led Zeppelin?*

Ian — É um elogio.

Billy — Fico estupefato. Acho que eles foram a melhor banda de rock de uma era. Todos eram excelentes músicos. Eram a melhor combinação possível de guitarra, baixo, bateria e um cantor. Eram uns gigantes, e ainda são. Acho que os discos do Led Zeppelin ainda vendem muito. Em termos puramente musicais, é sempre um prazer ouvir alguém como John Bonham — qualquer baterista gostaria de tirar alguma coisa desse som.

Ian — Se você pega por exemplo Frankie Goes to Hollywood, e vê de onde tiraram aquele som de bateria, vê que tiraram direto de John Bonham.

Billy — As pessoas fizeram do Led Zeppelin uma coisa muito maior do que a música. Quanto aos músicos, eles apenas faziam músicas, davam concertos, comportavam-se de um jeito bem *wild*, faziam o que qualquer jovem no lugar deles faria. Os discos ainda são muito bons.

Ian — As pessoas têm inveja daquela tremenda química entre os quatro.

Billy — Eles nunca tiveram moleza. O primeiro LP, metade é roubado diretamente de clássicos de blues. Eu acho que eles reescreveram alguns blues antigos e botaram o nome deles em cima.

Ian — Mas é tão natural cantar "I've been down for so long"...

Billy — Blues é sobre gente. É uma forma de música muito natural. E o rock baseado em blues naturalmente tem um componente bem terra-a-terra: canções de amor, canções sobre estar feliz ou estar triste. Basicamente, é emoção.

BIZZ — *Ian, você se interessa bastante pelos índios americanos. O que mais o atrai é a sua rebeldia, a luta do povo, os mitos, os rituais?*

Ian — Não é uma romantização em cima deles. É sua espiritualidade, a sua relação com a terra.

BIZZ — *Você também se interessa por outras culturas, especialmente as antigas?*

Ian — Sim, não tanto quanto em relação aos índios. Eu comecei a ler umas coisas sobre a história da Europa antiga.

BIZZ — *Mitos celtas, por exemplo?*

Ian — É, o pré-cristianismo, quando tudo era selvagem, quando não havia leis. Não é minha obsessão, é apenas um interesse.

BIZZ — *Falando de rebelião, você acha que a juventude inglesa, ou americana, ainda tem a capacidade de se rebelar contra o sistema, ou a maioria se conforma?*

Billy — Eu acho que todo ser humano, depois que passa a puberdade, termina achando o que o interessa. Eu não acho que em uma nação inteira a juventude tenha um só tipo de angústia. A revolta é sempre do novo contra o velho — sempre foi assim desde o início da humanidade. Não vejo uma maior significação política nesse processo. É uma evolução natural.

Ian — Garotos se rebelam desde que existem adultos no mundo.

BIZZ — *O que vocês acham que mais atrai o público do Cult, em relação à banda?*

Ian — Acho que as pessoas se ligam na energia.

Billy — No poder e na glória... Não, é o seguinte: acho que a maior parte de nossos discos tende a ter um elemento *up*, do jeito que soa. É uma energia. *Good time music*, música como uma coisa física, que afeta seu estado físico. Não acho que torne as pessoas necessariamente felizes, mas as faz se sentirem vivas. É uma celebração desse fato. Alguém tem que fazer isso. Poucas bandas estão fazendo música desse jeito.

BIZZ — *De uma certa maneira, vocês estão bem à parte do mainstream*

CULT

da indústria, que é essa coisa plástica, pré-fabricada, sem nenhum elemento de excitação.

Billy — Eu gosto de pensar que nós existimos como uma banda em nosso pequeno... hemisfério, ao mesmo tempo em que funcionamos no mundo das vendas, que é a base da indústria da música. Ontem nós fomos ao *Top of the Pops (programa musical da TV inglesa)*. Nós fomos tocar as nossas músicas do jeito que somos, com as nossas roupas. Estávamos completamente deslocados. Estava errado, não devíamos ter ido. As pessoas que controlam o rádio e a TV são inundadas de produtos atirados todos os dias em cima delas pelas gravadoras. Quando nosso disco chega, elas piram. Não entendem como é que um grupo faz música assim, de um jeito que não cabe na sua percepção de música popular dos anos 80. Eu dou risada. Porque nós não estamos desesperados em ter pop hit singles. Não estamos em uma situação de competição tipo Madonna, Prince, artistas pop, cuja carreira é tão boa quanto seu último single nas paradas.

BIZZ — *Como é que vocês lidam com essa* hype *constante da mídia inglesa, esse desespero de criar um mito por dia, que no dia seguinte já não vale nada?*

Billy — Essa vontade constante de querer me induzir ao suicídio, para que eles continuem escutando álbuns dos Smiths? Ah, eu e Ian sempre pensamos que a imprensa é invejosa. Não em termos da música que a gente faz, mas do fato de que somos uma banda de rock, somos jovens, não somos feios...

BIZZ — *E não estão comprometidos com alguma causa...*

Billy — Nós não fazemos discos para gente que usa anorak e se sente miserável.

Ian — Não fazemos discos para gente miserável.

Billy — Fazemos discos para quem gosta de se sentir vivo. Não fazemos nada para induzir as pessoas ao desespero. Mas o que a imprensa diz não interessa.

Tivemos vários hit singles, "Sanctuary", "Rain", "Revolution", o álbum *Love*. OK, ficamos fora do país cerca de um ano. Voltamos. E o primeiro single, na primeira semana, já estava no 18.º posto das paradas, e nós no *Top of the Pops*. A única razão pela qual damos entrevistas é que eu gosto de saber que um garoto em algum lugar da Inglaterra comprou discos do Cult, nos viu em concerto, e está genuinamente interessado em saber algo sobre nós. É só isso. A imprensa pode entrar nos jogos que ela quiser.

BIZZ — *Vocês vêm de Sheffield, certo?*

Billy — Errado! Perto, mas não muito. Eu sou de Manchester.

Ian — E eu de Merseyside, perto de Liverpool.

BIZZ — *Eu ia perguntar a vocês sobre o som de Sheffield, grupos como Chakk e Age of Chance, que são bem pesados, quase hip hop, mas ao mesmo tempo tem guitarra e bateria bem definidos. Vocês já ouviram?*

Billy — O que mais me irrita em relação a essas bandas novas é que o *NME (New Musical Express)* diz que são boas. E normalmente o que o *NME* diz ser bom eu acho sempre uma merda. Eu odeio 99 por cento das coisas que eles gostam. Acho que sei o que você está falando, o fato de serem bandas agressivas no som, mas elas não são muito orientadas para o funk?

BIZZ — *São.*

Billy — Má notícia, porque eu não agüento nada funk. Funk é uma piada.

BIZZ — *Mas funk é tão black quanto o blues...*

Billy — *Black as blues*, hey?

BIZZ — *É curioso, porque você odeia funk e continua ligado em blues. Talvez seja o* hype *em cima do funk que o irrite.*

Billy — Eu entendo. Como diz Ian, todas as formas de rock vêm do blues. Talvez eu não goste de funk mesmo porque não tem guitarra suficiente. Sou um maníaco por guitarra.

Ian — Nós somos mesmo é contra junk music. O lixo. Existe boa funk music.

Billy — Bootsy Collins! Johnny Guitar Watson, uma coisa bem próxima do blues e do funk.

BIZZ — *E aqui, na Inglaterra, vocês não acham que a melhor música vem do norte, como Manchester?*

Billy — Eu não gostaria de ser qualificado como anti alguma coisa. Eu não posso ser anti algum músico. É difícil dar certo, e conseguir viver trabalhando como músico em uma banda. O problema é que essa dita "nova música" do norte da Inglaterra parece ter sido inventada para agradar a mentalidade *NME*, no sentido de não ser muito *rock-ist*. Parece que eles fazem questão de serem críveis aos olhos da imprensa. A maior parte dessas bandas, assim que elas viajam para fora da Grã-Bretanha, e fazem concertos pelo mundo, mudam de mentalidade. Eles não sabem muita coisa, no início. Saem de uma cidadezinha, com alguns clubinhos e, de repente, alguém em Londres, a grande cidade, escreve alguma coisa sobre eles. Então eles descem para Londres, fazem uns shows e, de repente, "America!" E eles fazem tours na América, e de repente estão em uma posição como a nossa, de dar entrevista para o Brasil. Imagine, há três anos nós nem poderíamos acreditar que alguém no Brasil fosse comprar um disco do Cult. Você entende? Em relação a essas bandas, chega um momento em que tem de haver uma decisão: você deixa de ser uma *cool British band* e vai passar a ser uma banda aclamada internacionalmente. A maioria termina não segurando a barra. Mesmo assim, eu gosto do New Order...

Ian — Eles são uma das minhas bandas pop favoritas. Todo ano eles conseguem aparecer com uma música que é no mínimo memorável.

BIZZ — *E eles ainda tocam guitarra...*

Billy — Quase... Ele (Barney Sumners) toca guitarras como eu quando

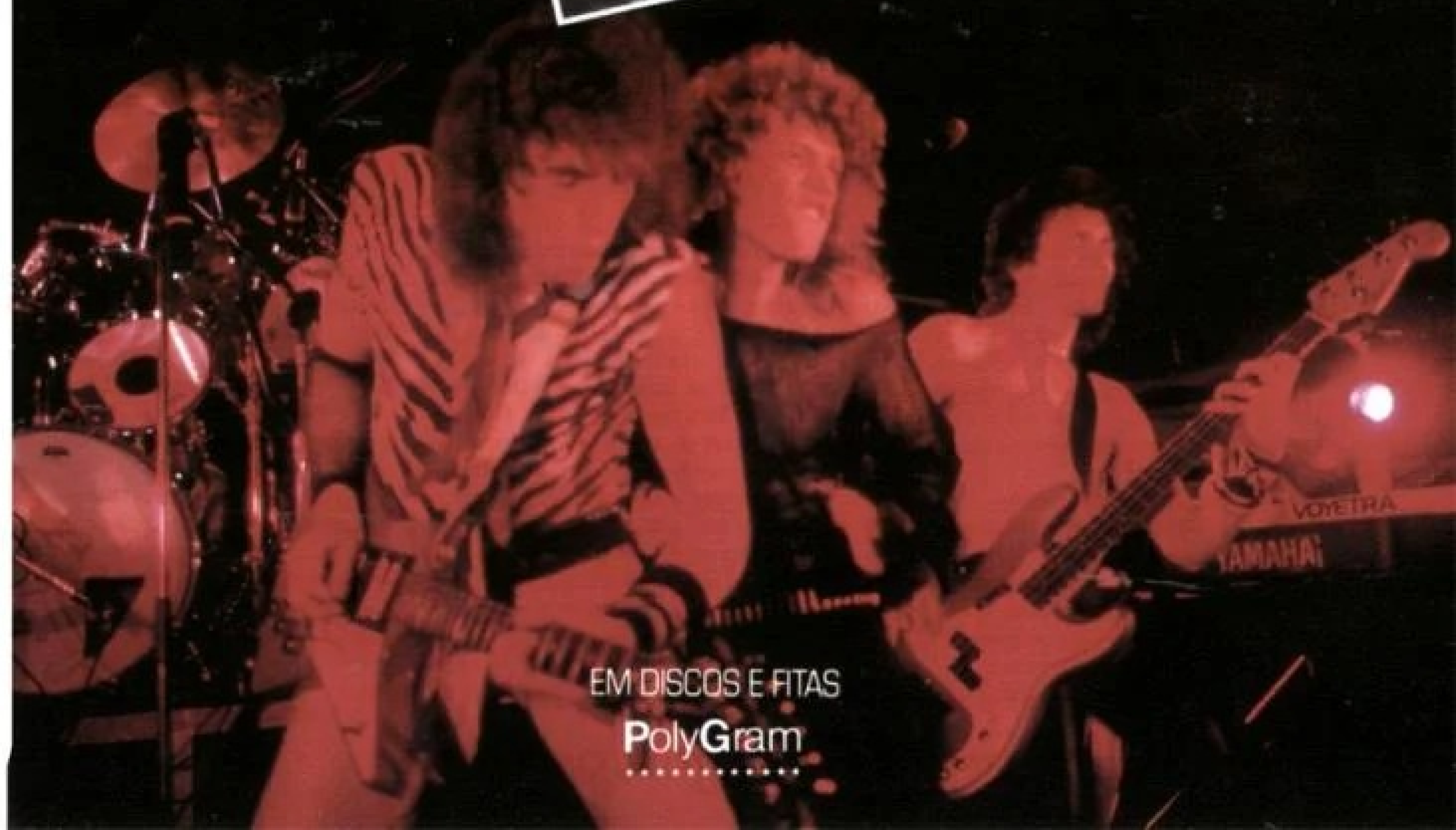
Billy com Ian, o núcleo da banda que ressuscitou o hard rock

Foto Guido Harari/Stills

VOCÊ NÃO SABE O QUE É

BON JOVI

A prova está no novo Lp do grupo,
Slippery When Wet.
Metal? Não.
Ao longo do disco rola até Blues.
Pop? Não.
Apesar de ter tomado de assalto
as paradas européia, norte-americana e japonesa,
Slippery When Wet também pega pesado.
Hard? Não.
Nesse disco o *Bon Jovi* detona
até algumas baladas.
Francamente,
você não sabe o que é Bon Jovi. E isso é bom.
Isso é novo!



EM DISCOS E FITAS
PolyGram

O quarteto completo, em sua atual formação, posando para a posteridade.

Foto Eva Joory/Azul

CULT

tinha uns treze anos...
BIZZ — *Onde vocês estavam há dez anos, quando o punk estourou?*
Ian — Eu estava no Canadá, indo à escola.
BIZZ — *Já cantava?*
Billy — No banheiro? Você devia dizer há quanto tempo canta, muita gente não sabe.
Ian — O quê?
Billy — Que você só canta há quatro anos e meio.
Ian — É, eu comecei em 82.
Billy — Eu era um punk rocker. Não, em 1976, eu não sabia o que fazer. Tinha 15 anos. Fui ver os Pistols, em Manchester, junto com gente como Paul Morey (ex-jornalista e um dos donos da gravadora ZTT). A cena em Manchester era muito restrita. Tinha os Buzzcocks, algumas bandinhas e eu não sabia se queria ser punk ou não. A maioria das bandas punks era como as americanas, como Johnny Thunders, ou como Iggy Pop. Eu não gostava do lado inglês do punk, só mesmo os Pistols e o Generation X, que eram realmente rock. Eu cresci ouvindo punk, bandas como o UK Subs, Exploited, mas eu achava que eram uma merda. Em 78, tudo estava virtualmente acabado, em termos de criatividade.
BIZZ — *Qual era o som que vocês tinham em mente quando formaram o Cult?*
Ian — Fazer barulho.
Billy — Não tínhamos um som na cabeça.
Ian — Tinha de ser uma banda com ênfase na guitarra. Guitarras enlouquecidas e vocais gritados.
Billy — É o seguinte: você pediu para entrar no Southern Death Cult, não é?
Ian — É.
Billy — O Southern Death Cult era uma banda que só existia como nome, eles não tinham um cantor. Essa, The Cult, é a primeira banda que nós realmente formamos. Nós dois escrevemos algumas músicas, conseguimos um baixista e um baterista. Para mim foi uma coisa nova. No Theatre of Hate *(banda em que Duffy tocava antes do Cult)* eu era um guitarrista, apenas. E eu nunca tinha escrito música antes. Agora é que nós estamos realmente pegando o jeito.

"Há três anos atrás nem poderíamos acreditar que alguém no Brasil fosse comprar um disco do Cult"

BIZZ — *Vocês acham que o som da banda poderia evoluir para algo como vocais, guitarra e bateria eletrônica, bem esparso?*
Billy — Bateria eletrônica, nunca. Não tem a menor naturalidade.
Ian — O som da maioria das baterias eletrônicas é uma merda.
Billy — É uma questão de interação química entre os seres humanos. Não dá pra fazer isso com *drum machine*. Fica tum-tá-tum-tá... É a antítese total do que a gente pensa. As *drum machines* ficaram sofisticadas há algum tempo atrás, as pessoas gostavam, era um novo brinquedo. Acho que um cara que mora em uma ilha no norte da Escócia e não consegue achar um baterista pode gravar uma batida e se dar bem.
Ian — É como o abridor de lata elétrico; entra no capítulo ''Grandes Invenções do Século XX''.
Billy — E agora as *drum machines* são baterias de verdade, *sampled*. São gloriosos gravadores que tocam uma seqüência, um programa. Seres humanos, com intensidade, fazem isso melhor. E na maior parte do tempo são mais confiáveis.
BIZZ — *Como é que vocês compõem suas canções? Música antes, letra, um* riff *na cabeça...*
Ian — Um *riff*. Sempre começa com um *riff*, às vezes eu escrevo uma letra em torno do *riff*, às vezes já tenho alguma coisa escrita.
Billy — Ele sempre tem um monte de letras num livrinho.
BIZZ — *Aquele medley com que vocês encerram os shows, ''Wild Thing/Louie Louie'', é uma homenagem ao passado, estão entre as músicas favoritas de vocês?*
Ian — Não. ''Louie Louie'', esse é o único pedaço que eu sei.
Billy — O negócio é que nos concertos, em determinado momento acabavam as nossas músicas, não tínhamos material adequado para ser tocado ao vivo, e aí tentamos. Foi uma piada que deu certo. Eu toquei o *riff* e ele começou a cantar. Acho que o que nós fazemos é uma combinação entre as duas músicas.
BIZZ — *Nos concertos de vocês há sempre um feeling de celebração, de dança índia.*
Billy — É *free style dancing*, do jeito que nós chamamos.
Ian — Nós não estamos muito preocupados com cultura, no caso. Não há nada místico do tipo ''eu sou um índio''.
BIZZ — *Vocês não acham que no fim toda essa trip ''cultural'' matou a pop music? Essa aparência de ser mais do que é. Pop music é para dançar, é uma celebração.*
Ian — Não, isso foi bom para algumas bandas em certo contexto, como no caso de Adam and the Ants, quando ele dizia que era índio.
Billy — Mas depois vira só uma imagem.
Ian — E não se pode negar que música é uma coisa espiritual. A música é como se fosse a religião contemporânea. Quando as pessoas dizem de nós que somos mais inspiradores do que apenas músicos de rock, acontece uma coisa que não dá para se perceber totalmente, é uma energia que resume tudo, a emoção, a energia, e isso não dá para rotular.
BIZZ — *Você acredita em magia?*
Ian — Acredito. A magia já existe há tanto tempo quanto o cristianismo.

WALK

ANDE COM O BOM HUMOR SIDE WALK.

"Gosto do risco. É o que mais falta no pop de hoje. O mais importante é ser honesto. Não procuro evitar as coisas sérias. Meu objetivo é excitar, provocar em todos os níveis"

O CETRO E O CULTO

PRINCE

Prince é um ególatra, Prince é um paranóico, Prince é um tarado. Ele nunca dá entrevistas? Mentira. Um mito que ele e sua corte incentivaram. A verdade é que ele dá entrevistas, estrategicamente programadas para provocar o maior impacto possível.

A começar pela entrevista "histórica" que concedeu à revista *Rolling Stone*, publicada em setembro de 85 (traduzida na *BIZZ* 5) — "Prince Fala: O Silêncio é Rompido" —, na qual torturava o leitor falando sobre assuntos interessantes mas de forma superficial, retendo visivelmente informações mais específicas. Pelo menos, ficamos sabendo que Sua Majestade rejeitava a maioria das leituras críticas de sua música e negava, com muita ênfase, estar vivendo uma existência de eremita.

Em 1986, Prince deu outra entrevista inusitada à MTV — outro evento planejado — na qual se mostrou aparentemente calmo, tímido, sofrido, confuso, estranho, saindo pela tangente. Um ser que não é deste mundo. Quem assiste sai convencido de que Prince não bate direito. Mas a loucura faz parte da dança: ele também apareceu numa sessão de fotos posando de Hamlet, o príncipe original da confusão. No universo romântico de Prince a distância e a estranheza são os medidores do gênio, e o gênio está um andar acima do estrelato.

Mas nem sempre foi assim. No início de sua carreira, o aspirante ao sucesso falava a quem quisesse ouvi-lo, concedendo entrevista ao mais medíocre fanzine que pintasse. A maior parte do que sabemos dele provém de entrevistas requentadas feitas naquela época. O depoimento de maior relevo foi dado por Andre Cymone, amigo de infância de Prince, à revista *Rock Magazine*, no início de 1984. Vamos lá.

Prince Rogers Nelson nasceu a 7 de junho de 1958 em Minneapolis (Minnesota). Toca qualquer instrumento que estiver à sua frente. É uma doença de família. Seu pai, John, era pianista e regente da Prince Rogers Band. Sua mãe, Mattie, mestiça de pele muito clara, era cantora. Com sete anos, Prince já tocava os temas de *Missão Impossível* e *Batman*, na ausência do pai, que o proibia de tocar o piano da família. Logo começaria a improvisar suas próprias melodias. Na mesma época descobriu algumas revistas pornôs debaixo da pilha de *Better Homes & Gardens* que sua mãe colecionava.

PRINCE

Com 8 anos ele já estava escrevendo histórias de sacanagem por conta própria. O elo entre sexo e música estava fixado para sempre em sua mente. Os seus pais se separaram. O garoto nunca conseguiu encarar o padrasto.

Com 12 anos, Prince fugiu de casa. Sua tia o acolheu. Como ela não possuía instrumento algum, seu pai lhe deu uma guitarra elétrica. A tia, aborrecida com o barulho, não demorou para apontar o caminho da saída. Ele foi recebido pela família de Andre Cymone, com quem passou a dividir um quarto e montou uma banda, Grand Central, com outros seis amigos de colégio. A essa altura, ele já escrevia canções bastante salgadas, mas, segundo Andre, Prince era um adolescente comportado, tímido até a humildade. Não falava palavrões, não bebia, nem fumava. A mãe de Andre deixava os garotos à vontade: "Enquanto vocês não me voltam com um filho nas costas ou coisa do gênero, tudo bem". Momento propício para Prince: "Foi uma grande virada na minha vida, porque eu podia fazer o que bem entendesse. Eu estava bem na escola e escrevia quantidades de canções. Minha mente estava livre de tudo. Foi então que eu aprendi que a música pode expressar os sentimentos, e isso começou a aparecer nas minhas canções — solidão, pobreza e sexo".

Em 74 Prince e Andre reformam a banda com o nome de Champagne e conquistam algum sucesso. As garotas da escola não demoram a manifestar certo interesse pelos dois. Estes, por sua vez, não perdem tempo. Uma noite, resolvem testar quantas delas conseguem segurar de uma só vez. Prince leva duas, Andre três. Para eles, era apenas uma experiência inocente. Para a senhora Cymona, que voltara mais cedo para casa naquela noite, era um crime do inferno. Quando ela entrou no quarto, foi recebida pelos gritos histéricos de cinco meninas de calcinha que fugiram para a rua apertando sutiãs e saias sobre o peito.

Os rapazes tiram as lições do episódio e passam a morar no porão da casa, onde Prince começa a elaborar sua filosofia de livre pensamento e seu sonho de uma América sexualmente aberta. Eles dividiam o único toca-discos da casa e sempre brigavam para decidir o que tocar: "Eu queria Seals and Croft. Prince queria Sly Stone. Eu não conseguia dormir com Sly Stone". As drogas nunca fizeram parte da vida deles. Pelo menos naquela época. No final dos anos setenta, Prince chegou a experimentar algumas substâncias ilegais, mas sempre teve ojeriza ao álcool: "Seus pais tinham um grande bar onde ele entrou ainda criança. Acho que saiu de lá muito mal", conta Andre. A música e o sexo eram as drogas favoritas dos rapazes, nem sempre nesta ordem. Dos 14 aos 18 anos, a dupla costumava dividir as garotas, se fazendo passar por irmãos. Ao final de sua adolescência, toda a mulherada de Minneapolis estava aos seus pés. Andre se lembra que brincavam de embrulhar as meninas em fitas de prata e vendavam os olhos delas. Chegaram até a pendurar uma delas no teto. "Odiávamos o tédio", justifica Andre.

Desde os seus primeiros álbuns, Prince sempre mostrou seu fascínio pela imagem da ambiguidade sexual. Mais do que nenhum outro, incluindo os Beatles, Jimi Hendrix e Bowie, foi um certo Little Richard Penniman, com seu corte de cabelo Pompadour perfumado e seus olhos maquiados, quem exerceu a mais visível influência sobre Prince. Little Richard, que trilhou um caminho semelhante algumas décadas antes dele, explodira as divisões entre as músicas negra e branca, vivendo entre as categorias sexuais sem saber por qual optar. A voz de Prince — entre suas diversas vozes, aquela que volta sempre é a de "Kiss", um dos maiores sucessos de rhythm & blues de todos os tempos —, comparável àquela de Curtis Mayfield, possui uma sensualidade andrógina. Ele também foi visto pelado montando um cavalo branco, seu visual remetendo sempre ao tema de sua música "Controversy": "Sou eu preto ou branco?/ Sou normal ou gay?/ Controvérsia". Ironicamente, sua carreira irá proporcionar respostas muito claras. Ao contrário de Little Richard, a sexualidade de Prince é ambígua apenas no sentido teatral.

Com 19 anos, Prince assina com a Warner um contrato em que mantém o controle total de sua criação

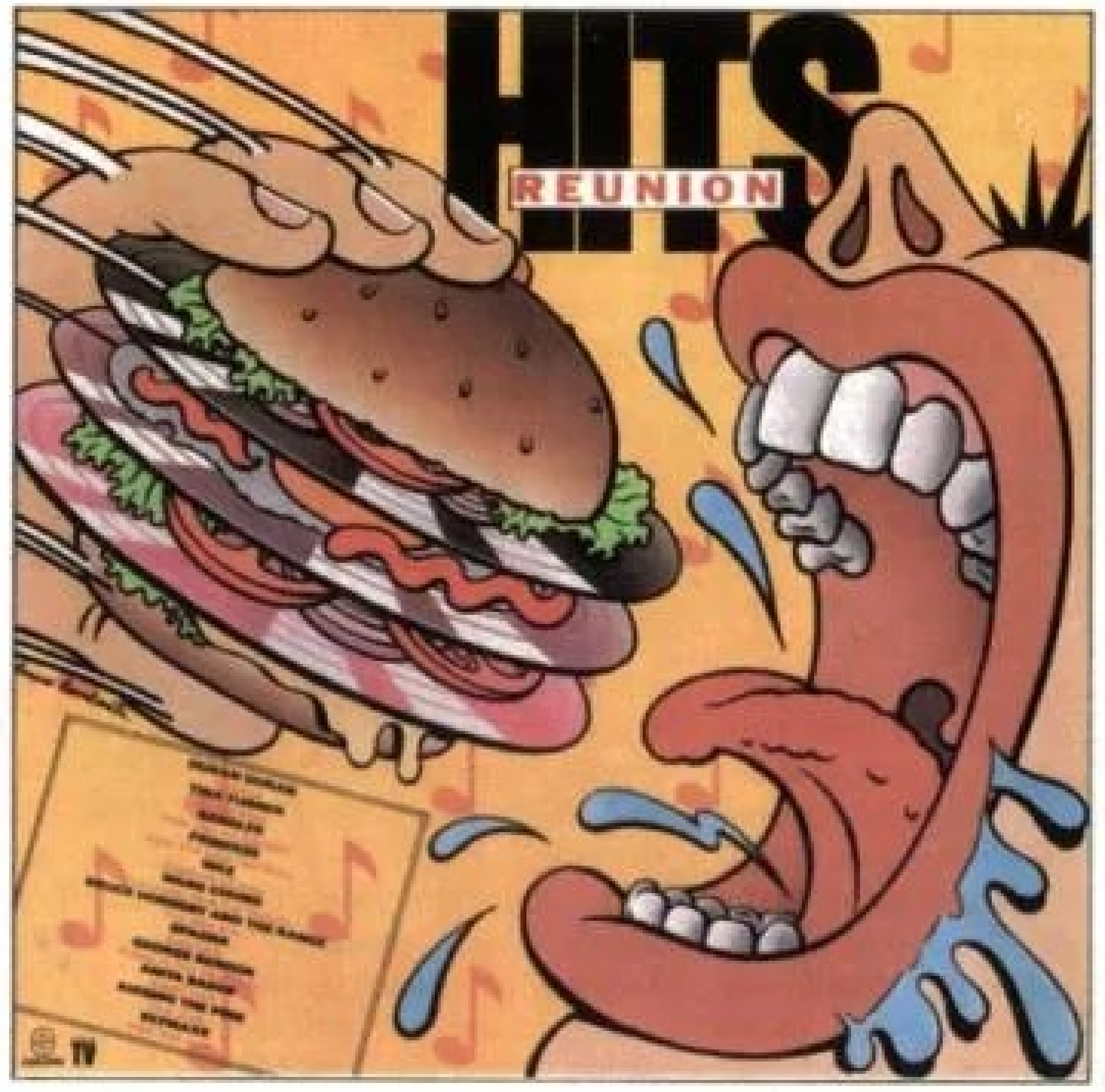
Terminados seus estudos no liceu, Prince vai tentar a sorte em Nova York. Nas suas malas, algumas *demos* gravadas em Minneapolis no estúdio de Chris Moon (baterista do Champagne), onde ele passara muitas noites em claro, aprendendo a técnica na marra. Prince encontra Owen Husney, ex-relações públicas de Alice Cooper, que oferece seus serviços. Negócio fechado, o *manager* tenta interessar as gravadoras. Dificuldade n.º 1: Prince exige o controle total da produção do seu primeiro álbum e quer tocar ele mesmo todos os instrumentos. Finalmente é a Warner que resolve arriscar após ter mandado Ted Templeman e Russ Tittelman, os produtores-faróis da casa, espiarem o jovem atrevido no estúdio. Este acabava de se tornar o mais novo artista na história da companhia a se ver atribuir o controle total de sua própria produção musical.

Apesar de um pequeno hit *black*, "Soft and Wet", o primeiro álbum de Prince, *For You*, lançado em 1978, tem pouco sucesso. Já o segundo, sem título, torna-se rapidamente disco de ouro graças às rádios negras que empurram a sugestiva "I Wanna Be Your Lover" até as portas do Top Ten. Este primeiro sucesso acende as chamas do demônio paranóia que dormia dentro dele. Mandado em turnê em janeiro de 80 para abrir o show de Rick James, o pequeno prodígio surpreende com seu visual de efebo — seu cabelo então é muito comprido — e sua arrogância lhe cria alguns inimigos. A começar por Rick James, revoltado quando o garoto recusa um autógrafo a sua mãe. Prince, por sua vez, resolve andar armado, convencido de que James quer matá-lo. De volta a Nova York, estimando que Owen Husney começa a mostrar seus limites, Prince não demonstra sentimento e o despede para entregar a direção de sua carreira ao triunvirato Bob Cavallo, Joe Ruffalo e Steve Fargnoli, antigos andarilhos do showbiz que já haviam cuidado dos destinos dos Lovin' Spoonful, Earth, Wind & Fire e Weather Report. Será preciso todo o peso dos seus novos empresários para convencer a Warner de aceitar a metamorfose de Prince.

O efebo principesco, agora de cabelo curto, adota uma imagem sexualmente provocadora, exibindo-se ▶

Na noite em que a nata do pop grava "We Are the World", Prince manda seu jet púrpura buscar Madonna e fecha um restaurante japonês. Objetivo: oferecer à cantora o papel principal de *Purple Rain*. Ela aceitou o flerte, mas não a proposta

H I T S   R E U N I O N



O MISTO QUENTE

DURAN DURAN
NOTORIUS
TINA TURNER
TYPICAL MALE
BANGLES
WALK LIKE AN EGYPTIAN
PRINCESS
AFTER THE LOVE HAS GONE
WAX
SHADOWS OF LOVE
WANG CHUNG
EVERYBODY HAVE FUN TONIGHT
BRUCE HORNSBY AND THE RANGE
THE WAY IT IS
SPAGNA
EASY LADY
GEORGE BENSON
KISSES IN THE MOONLIGHT
ANITA BAKER
SWEET LOVE
KISSING THE PINK
ONE STEP
KLYMAXX
MAN SIZE LOVE

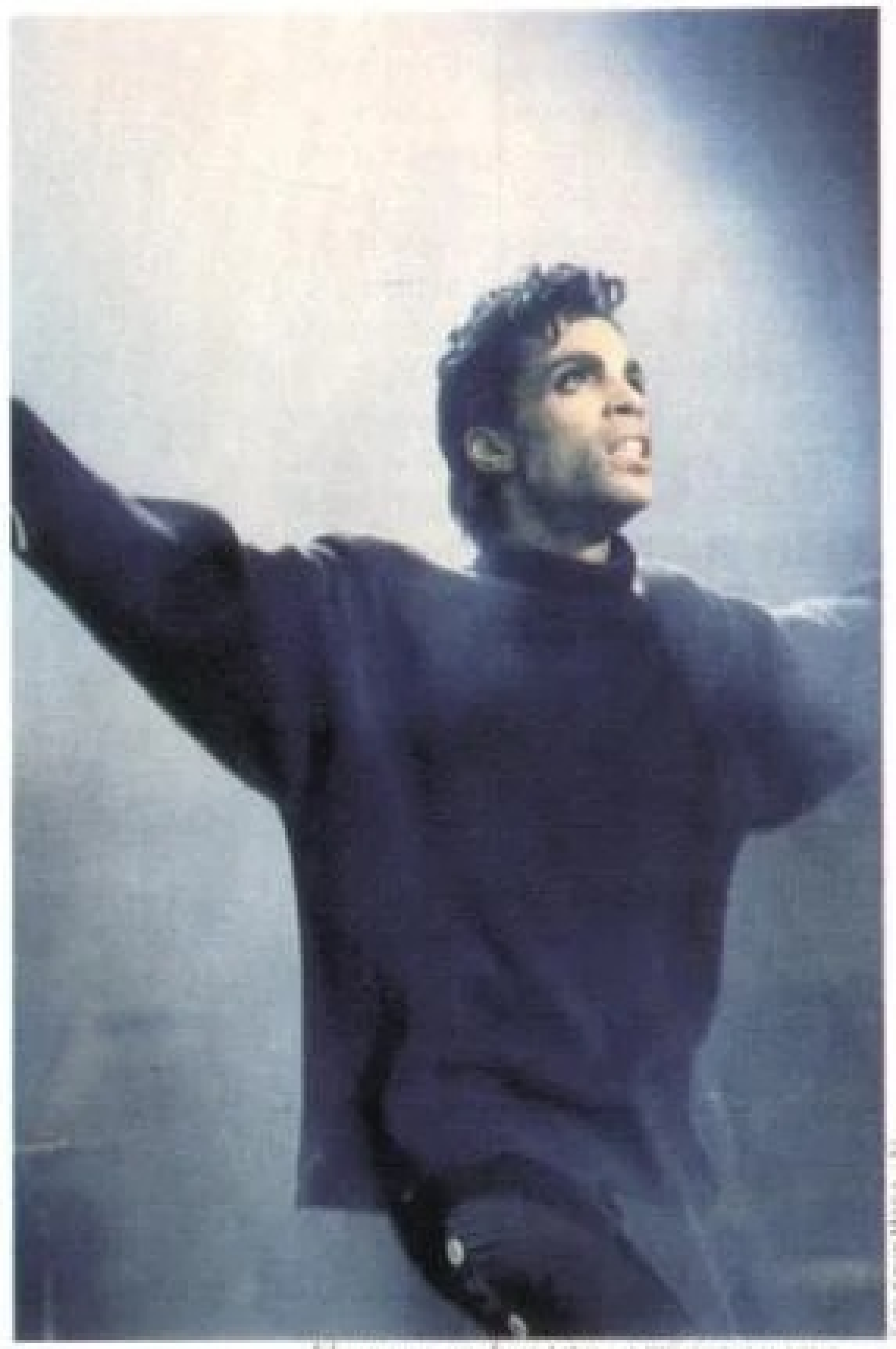
LANÇAMENTO
SOMLIVRE.
EM LP E K7.

PRINCE

com uma capa de velho tarado e calcinha de biquíni e sutiã, ou com meias-calças transparentes e ligas. Ele coloca suas canções em sintonia e canta hinos ao incesto e à felação. Se as vendas dos seus discos se ressentem disso, ele se torna pelo menos objeto das atenções de uma América que permanece altamente puritana. Com seu quarto LP, *Controversy*, lançado em outubro de 81, Prince dá a volta por cima, acrescentando à sexualidade de *Dirty Mind* umas rodelas de política planetária através de dois títulos: ''Ronnie, Talk to Russia'' e ''Annie Christian'', canções que defendem o desarmamento.

Impulsionado por seu ego real, Prince se distancia do seu passado, acenando com deselegantes bananas diante daqueles que ameaçam atrapalhar sua ação. Assim dança Andre Cymone, assim dançarão os outros. Para dar vazão a sua criatividade agora transbordante, Prince monta The Time, um grupo de dândis negros de Minneapolis em que reencontramos Morris Day, e Vanity Six, trio feminino centrado em torno da *girlfriend* do momento de Prince, Vanity. Prince compõe e produz para eles sob o pseudônimo de Jamie Starr. Incansável, ele passa a quase totalidade do ano de 82 trancado em seu novo estúdio de 24 canais que mandou construir em Paisley Park. Sai de lá com quilômetros de fitas gravadas, mais que suficientes para um álbum duplo. Agora acostumada com as excentricidades de Sua Majestade, Warner lança *1999* no final de outubro. É o primeiro disco em que aparece o nome do Revolution (escrito pequeno e ao avesso), a banda que acompanha Prince no palco, integrada por Bobby Z. na bateria, Lisa Coleman nos teclados, Diz Dickerson na guitarra, Dr Fink nos sintetizadores e Brown Mark, que substitui Andre Cymone, no baixo. *1999* funciona a todo vapor nos Estados Unidos, empurrado pelos hits ''Little Red Corvette'', ''Delirious'' e a faixa-título. A Europa, ainda ocupada em digerir o fenômeno Michael Jackson, permanece de mármore.

Em seu estúdio de 10 milhões de dólares em Paisley Park, Prince produz seus protegidos: Dale Bozzio, Jill Jones, Tony Le Man, Taja Sevelle e grava um álbum de jazz, intitulado *Madhouse*



Ele mama em duas tetas: a música e o sexo

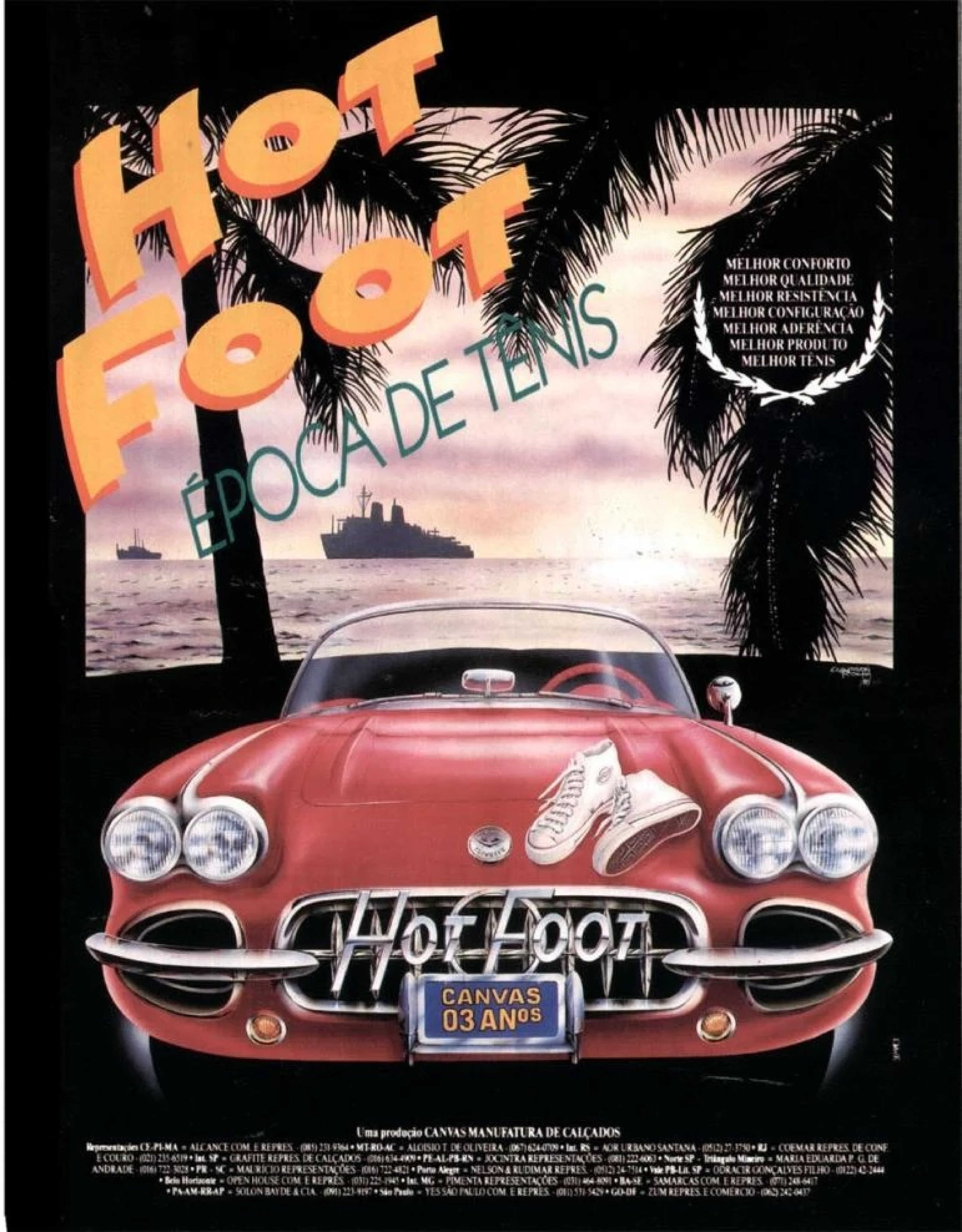
Prince, que não duvida de nada, anuncia então sua intenção de se lançar no cinema. Hollywood dá gargalhadas, mas um filme está sendo rodado em 83, em Minneapolis, sob a batuta de um jovem cineasta desconhecido, Albert Magnoli (ainda a *Spaghetti connection!*), e com orçamento irrisório. Para a surpresa geral, *Purple Rain*, o filme, é o grande sucesso comercial do verão de 84, contribuindo para a consagração mundial do príncipe. Como é de se esperar, a trilha sonora deste filme — que conta uma história semi-autobiográfica de bandas rivais — pulveriza as paradas, e a turnê que se segue empalidece seriamente aquela dos irmãos Jackson.

Prince veste agora o mesmo manto de cor púrpura que consagrou Jimi Hendrix (''Purple Haze''). Mas para ele é apenas uma outra referência, mais uma peça do seu guarda-roupa, mais uma forma de resgatar, incorporar e consumir o estilo da geração psicodélica, sem realmente questionar seu sentido e a dimensão de sua loucura. LSD? Necas. Overdose? Só se for de sexo. Prince não é daqueles que cometem suicídio. Ele ama demais a si mesmo, e sua compreensão da história do rock é lúcida demais para que ele se deixe levar pela sedução do mito.

Mais uma vez Prince desorienta seu público com o lançamento rápido, em abril de 85, de *Around The World in a Day*, tingido por cores fortemente psicodélicas. Mas a Sua Majestade Púrpura não está nem aí, ocupada com a filmagem do seu segundo filme, *Under The Cherry Moon*, nos estúdios da Victorine, em Nice. No ano seguinte, o álbum *Parade*, apresentado como parte de sua trilha sonora, atinge o número confortável de 2 milhões de LP's vendidos. O compacto *Kiss* alcança o n.º 2, seguido por ''Manic Monday'', uma canção que Prince deu às Bangles, assinando com o pseudônimo de Christopher. O lançamento do filme em julho é um desastre: a crítica o fuzila e as salas permanecem vazias. Para se consolar, Prince faz uma turnê triunfal na Europa.

O LP duplo *Sign O' The Times*, lançado este ano, marca uma certa ruptura na carreira de Prince. Fora os protestos antinucleares já mencionados, pouca coisa na sua obra se referia aos assuntos políticos ou sociais. Agora temos as letras tétricas da faixa-título: ''Na França um homem magrinho morreu de uma grande doença com nome curto/ Por acaso sua namorada deu com uma agulha e seguiu logo o mesmo caminho...'' Além disso, as composições parecem ser tratadas com certo desleixo, à maneira de um pintor que deixaria seus quadros inacabados, desorientando o ouvinte. Um disco tão rico quanto imperfeito, na contra corrente do universo gelado e quase sempre vazio da maior parte das superproduções dos anos 80. Com ele, Prince mostra ser uma das raras estrelas do *show business* ainda capazes de arriscar tudo, questionar sua própria arte, buscando caminhos para a renovação, o que não é pouco nesta conservadora década em que vivemos.

Prince esteve entre os primeiros artistas que foram alvos da campanha americana para censurar as letras dos compositores de rock. Na berlinda do Parents' Music Resource Center (PMRC) liderado pelas Donas de Casa de Washington, as canções ''Darling Nikki'', do álbum *Purple Rain*, e ''Sugar Walls'', escrita para Sheena Easton. A primeira descreve uma moça imaginária de vícios múltiplos, que vive num castelo de obscenidade, e cuja principal distração é a de se masturbar lendo revistas eróticas. A segunda é um guia levemente disfarçado para a estimulação do clitóris. Contra a censura, a estratégia de Prince tem sido escrever letras aparentemente inócuas e editar na mixagem sons eróticos.



GAROTOS PODRES

Foto Geraldo Luis Gomes

PISANDO NA META

Com dezenas de milhares de discos vendidos (uma boa marca até para bandas apadrinhadas pela indústria — e isso com toda certeza eles não são...), esses "pivetes" estão dando uma lição de independência ao rock nacional

BIZZ — *O primeiro LP de vocês,* Mais Podres do que Nunca, *teve muito impacto. Quantas cópias ele vendeu?*

Mau — Ainda está vendendo; ultrapassou 25 mil... E foi um trabalho artesanal. Fizemos tudo em doze horas — gravação, mixagem... Quase o impossível... As primeiras quatro mil cópias foram distribuídas debaixo do braço, de loja em loja. Mesmo assim, conseguimos tocar em algumas rádios alternativas — 97 e 89 FM de São Paulo — e espaço na imprensa especializada, tipo BIZZ, jornais... E divulgação boca a boca. Se tivesse sido melhor divulgado, teria vendido mais.

BIZZ — *Falem do novo disco...*

Mau — A gente está com o material pronto desde o meio do ano passado. Acho que as faixas estão mais trabalhadas — tanto musicalmente como as letras.

BIZZ — *E as influências?*

Mau — Eu ouvia bastante som oi, punk, mas não ouço mais nada...

Sukata — Não tem nada que preste!

Mau — É como se estivéssemos...

Sukata — ...num buraco negro.

Mauro — Não estamos seguindo nenhum outro grupo.

Sukata — O que a gente tem são bases antigas, que eram como um alicerce para nossa estrutura musical — Clash, Sex Pistols... Isso a gente guarda e serve como uma bagagem que provavelmente carregaremos para a vida inteira.

BIZZ — *Vocês não acham que a aceitação do seu disco prova que existe um público que as grandes gravadoras não estão satisfazendo?*

Sukata — Justamente. Não está sendo cultivada a planta. Aí é que está o grande lance... Apesar de todas essas pedras que nos desafiam, existe um mundo florido e sorridente à nossa frente...

BIZZ — *Então os Garotos Podres estariam retomando o* flower power?

Sukata — Porra! Não era isso que eu queria dizer!

BIZZ — *O que tem de interessante lá fora que não está pintando aqui?*

Mau — Quer ver uma coisa superinteressante? Um disco do Cólera (o compacto "Dê o Fora") que foi lançado lá fora e não aqui *(risos)*... Quer dizer, não precisa nem buscar lá fora, porque tem aqui mesmo. E eles estão excursionando pela Europa... Isto tudo foi possível porque o pessoal trocava discos pela Vynil Boogie *(Um selo alemão)*. Nosso disco foi lançado pela Vynil. Eles trabalham por reembolso postal e vendem discos de cinqüenta países. São mais de mil discos em catálogo! Em janeiro e fevereiro de 86 estivemos entre os quatro mais vendidos. Segundo Pepe Escobar, o *New Musical Express (semanário londrino)* disse que nosso LP estava entre os quatro mais interessantes feitos fora da Inglaterra. Já tocamos na BBC de Londres, em rádios piratas da Alemanha, França, Bélgica e até da Polônia.

BIZZ — *Como vocês se sentem produzidos pelo Maurício, do Ultraje?*

Mau — De repente a gente não manja de estúdio. O técnico não tem obrigação de entender nosso som... O Maurício é como um intermediário entre o músico e o operador, é quem vai traduzir em "estudianês" o que a gente quer...

BIZZ — *Contem um pouco da história de vocês...*

Mau — Era uma vez um cara chamado Mauro que chegou para um cara chamado Mau e falou: vamos montar um grupo? Pegamos dois caras para fazer baixo e bateria. Era final de 82. O Mauro comprou uma

"Vamos evitar a hipocrisia artística que existe aqui"

guitarra Rey e uma caixa Tanaka de 15 watts. Eu fiquei no vocal. Um baixo velho, uma bateria roubada e começamos a ensaiar... Fizemos o primeiro show só em junho de 83, num festival beneficente para o fundo de greve do sindicato de Santo André, e passamos o ano tocando em todo festival que aparecia... Em 84 gravamos a primeira fitinha de fundo de quintal. Este ano também mudou a formação. Entraram o Sukata *(baixo)* e o Português *(bateria)*. Começamos a ficar conhecidos na região do ABC. Gravamos uma fita no Vice-Versa e entramos com duas faixas na coletânea *Ataque Sonoro*, do Redson *(Cólera)*... Gravamos o primeiro LP na maior correria. A Lourdes, dona do *Rocker* — aquele jornalzinho do ABC —, ia bancar a produção, mas nós tínhamos que reembolsar. Toda grana que ganhamos nos primeiros mil discos foi para prensar mais mil, que venderam num só dia. Daí íamos prensar mais quatro mil e deu o maior rolo, porque o *Rocker* não pagou nada para a gente. Entramos bem!

BIZZ — *Aí vocês transferiram os direitos para a Lup Som?*

Português — Exatamente.

BIZZ — *Contem a história da merda no sapato no escritório da Lup Som...*

Mau — Foi assim: o contrato com a Lup Som estipulava muitas coisas — divulgação, disco mix... E o máximo que eles fizeram foi vender o disco e ganhar grana. Está certo, nos pagaram. Mas a gente pedia disco para divulgação e eles não davam. Era um absurdo... Então, para conseguirmos pegar esses discos, fomos da Estação da Luz até a Praça da República a pé, pisando em tudo quanto é merda que gente via no chão. E a gravadora toda acarpetada de marronzinho claro... ficamos passeando, com aquelas pegadas marrons *(risos)*...

Sukata — A próxima tática era jogar um peixe morto atrás do arquivo.

BIZZ — *Vocês acham que existe alguma chance desse cenário mudar?*

Mau — O negócio não é data, tempo, mas o processo. O que está ocorrendo é que em breve vai ter uma mudança radical no mundo todo. Tipo o proletariado no poder...

Sukata — Esse lero de proletariado no poder é papo de comunista, papo de aranha.

Mauro — O proletariado no poder vai se comportar da mesma forma.

Sukata — Que sejam os mesmos, mas que mudem, que dêem mais abertura. Porque o que está aí não é a "nova república". É uma puta farsa.

Mau — O problema é que você não vai conseguir mudar a marionete se você não mudar quem a maneja...

Mauro — Tem que quebrar as mãos de quem maneja.

Sukata — Quebrar as mãos e furar os olhos!

Mau — Mas enquanto o proletariado não estiver no poder...

Mauro — Mudando de assunto aí...

Sukata — Que a política se f*. O negócio é mudar logo essa m*.

BIZZ — *Qual a importância de se fazer esse tipo de som?*

Sukata — No mínimo vamos evitar essa hipocrisia artística que existe aqui no Brasil.

Mauro — Ninguém aqui é músico!

Sukata — Pequeno detalhe!

Mau — Queremos fazer um negócio bem feito, dentro das nossas limitações. O importante é você reunir pessoas que, através da música, possam divulgar suas idéias. É uma forma de participação política.

BIZZ — *Algo a acrescentar?*

Mauro — A BIZZ está cada vez pior.

Sônia Maia

Foto Joe Bangay Stills

ROCK CALIFORNIANO NO FEMININO

THE BANGLES

Versão feminina dos Beatles? Ou apenas mais um quarteto de adoráveis e bem torneadas garotas que não tocam nada? Nenhuma das alternativas? *José Emílio Rondeau*, via discagem internacional, confirma, encantado, que as mocinhas são algo mais do que rostinhos bonitos

Lembra das Go-Gos? Se você não se ausentou do planeta nos últimos 10 anos talvez ainda se recorde daquela banda californiana formada por cinco garotas fofinhas, boas instrumentistas mas sem muito o que dizer. Elas eram o estereótipo vivo do grupo feminino — vulneráveis, gostosinhas à sua maneira, sequiosas por diversão. E tão tolinhas! Lembrou bem delas? Bom, agora *esqueça* as Go-Gos. Faça de conta que nada daquilo aconteceu.

Conhece as Bangles? São quatro garotas (hum... já ouvi essa história antes...) de Los Angeles (hum duplo...) cujo pop casa as harmonias multitexturadas entregues de bandeja ao mundo pelos Beatles à pujança imposta pelo punk, nunca se esquecendo da modernidade anos 80. As Bangles são tudo que os outros grupos femininos de rock nunca conseguiram ser: reais, auto-suficientes, pesadas e inteligentes. O segundo álbum da banda — *Different Light* — sedimentou uma carreira bem-sucedida cujas diretrizes, desde o início, são ditadas à moda delas. Pelo menos dois compactos deste álbum — "Manic Monday" e "Walk Like an Egyptian" — lideraram a parada norte-americana. E a entrada em cena de Prince — autor de "Manic Monday" e, aparentemente, *paramour* de uma integrante das Bangles, a guitarrista e vocalista Susannah Hoffs — não atrapalhou em nada. Foi ele quem deu à banda o primeiro hit single.

Mas bem antes de Prince dar às Bangles sua bênção púrpura a banda já trazia na sacola uma carreira sólida de pelo menos três discos — um álbum, um EP e um compacto —, mais um público fiel e o aplauso da crítica, resultado de quase uma década de lapidação empreendida pelas duas fundadoras, as irmãs Vicki e Debbi Peterson, respectivamente guitarrista e baterista.

As irmãs se tornaram adolescentes no tórrido San Fernando Valley, apêndice de Los Angeles onde a voga musical dos anos 70 era o metal arrogante das chamadas superbandas da época — Led Zeppelin, Aerosmith e Bad Company. Nada daquilo seduzia as irmãs Peterson. A praia delas era Hollies, Joni Mitchel. E Beatles. Com duas amigas, Debbi e Vicki iniciaram uma sucessão de bandas, incorporando a todas elas todo o aprendizado adquirido em anos de adoração ao passado. Surgiram, assim, nomes como Crista Galli, Aishi, Muse and the Fans, Shanti and Those Girls e Kookoo and The Doo Doo Heads.

Susannah Hoffs — universitária de Berkeley, ex-pintora, ex-dançarina — estava saindo da faculdade naquela época, determinada a fazer parte de uma banda de rock. Colocou anúncio classificado num semanário de Los Angeles e teve uma resposta de Vicki. Imediatamente as duas descobriram que tinham muito em comum — em termos musicais e de disciplina. A entrada de Susannah motivou mais uma mudança de nome — a banda virou The Colours (com grafia inglesa, incluindo a letra *u*). Pouco tempo depois um artigo na revista *Esquire* a respeito dos cortes de cabelo da garotada dos anos 60 inspirou novo batismo e As Cores se transformaram em As Franjas — The Bangs. Com a baixista Annette Zalinskas também no grupo, as Bangs passaram a percorrer o circuito de pequenos clubs angelenos. Reunindo algumas economias conseguiram fundar seu próprio selo e gravaram um primeiro compacto, "Getting Out of Hand". Em nenhum momento, entretanto, pensaram em oferecer seus préstimos a uma gravadora — Los Angeles e a indústria fonográfica são notórias engolidoras de crias e a última coisa que as Bangs queriam era uma mãezona dominadora que as transformasse no que elas não eram.

Foi com esse espírito que elas se aproximaram de Miles Copeland, empresário do The Police e dono do selo I.R.S., o mesmo das Go-Gos (!!!). Vicki Peterson lembra bem daquele primeiro encontro, conforme explicou numa conversa telefônica cujas extremidades estavam em L.A. e no Rio de Janeiro. "Nos sentamos", rememora Vicki, "as garotas de um lado da sala e três associados de Miles no outro. Eu tinha levado um gravador comigo, no caso de ele fazer alguma promessa — aí teríamos tudo gravado em fita. Na verdade, ele não fez promessa

"Pelo lado artístico existem muitas mulheres. Só não há tantas bandas femininas auto-suficientes"

alguma, e essa foi uma das razões por que acabamos assinando com ele." Pelo selo Faulty Products, de Copeland, as Bangs lançariam um EP e excursionariam abrindo para o The Beat, em 1982. Duas mudanças acabaram ocorrendo: a entrada da baixista Michael Steele (ex-Slow Children, ex-Runaways) e o derradeiro batismo. Por causa de um grupo igualmente feminino também chamado Bangs, a banda optou por The Bangles (As Pulseiras).

Durante todo esse tempo a Columbia estava de olho na banda. Até que em 1984 adquiriu o passe das Bangles e lançou o álbum *All Over The Place*. A faixa "Going Down To Liverpool" teve sucesso quase tão instantâneo quanto foi unânime a aclamação crítica das Bangles. E invariavelmente todo texto que surgia na imprensa sobre o grupo citava pelo meno uma vez o nome Beatles. Isso incomodou a banda? "Não", responde Vicki, "Quer dizer, é obviamente um elogio, só não gosto da idéia das pessoas pensarem que nós achamos que somos a versão feminina dos Beatles. Isso é ridículo. Mas em termos de comparação, acho um elogio, porque eles eram os melhores compositores de melodias pop, ninguém sabia fazer aquele tipo de música como eles faziam."

Outra referência natural a emergir quando as Bangles começaram a fazer sucesso, lógico, foram as Go-Gos e todas as bandas femininas que precederam as Bangles. Um ponto em comum, pelo menos, havia: era uma banda de rock composta por mulheres. Mas será possível rotular toda banda de rock composta de mulheres numa única categoria? "De certa forma é um rótulo", explica Vicki. "Quatro vozes femininas tornam a coisa diferente de um grupo só de rapazes. Mas não há diferença musical alguma." De qualquer maneira não deve ser fácil ser mulher num universo dominado por homens, como é o caso do rock'n'roll. Até mesmo uma possível aliada, Patti Smith, já disse que não suporta a visão "das tetas de uma mulher caindo por cima do contrabaixo". Vicki sorri, deliciada. "É engraçado. Se você for examinar as paradas, em qualquer época — até mesmo nos anos 70 — verá que existem tantos momentos na história do rock em que o hit-parade é dominado por mulheres. As pessoas costumam dizer que o rock é dominado pelos homens, talvez porque existam na indústria fonográfica mais executivos homens do que mulheres, ou mais disc-jóqueis homens. Mas pelo lado artístico existem muitas mulheres. Só não há tantas bandas femininas auto-suficientes. Mas isso é por agora. Vai haver mais."

O sucesso gigantesco das Bangles sem dúvida apagou um tanto da imagem negativa que acompanha a maioria da ala feminina do rock. Mas houve necessidade de concessões. A mais notável delas surgiu durante as gravações do novo disco, *Different Ligth*. O produtor David Khane impôs à banda uma sonoridade mais pop, mais FM, o que desagradou as Bangles (Michael Steele deixou de falar com ele durante a estadia no estúdio). "Olhando para trás, contudo", contemporiza Vicki, "conseguimos fazer um bom álbum, não é?" Os planos para o disco já estão traçados: será um álbum que valorizará mais o espírito ao vivo e o som das guitarras. Khane produzirá? Nem pensar.

Foto R. Tacci

Gang 90

DE VOLTA À SELVA

A atual Gang 90 tem uma trajetória bastante acidentada. *Marcel Plasse* foi saber das mais novas, mas antes vale relembrar alguns marcos desta história

O primeiro capítulo se chama Gang 90 & Absurdettes. No começo, era uma espécie de brincadeira de Júlio Barroso, que, mesmo sem composições originais, trabalhando mais com colagens da *new wave* e *covers*, trazia um cheiro de novidade. E não deu outra: emplacaram "Perdidos na Selva" no festival da Globo de 81, gravaram um LP e, dois anos depois, "Louco Amor" estava na abertura da novela das oito. Enfim, o sucesso... mas a primeira Gang estava acabando. Júlio, agora com Taciana Barros (vocal), Beto Firmino (teclados), Gilvan Gomes (guitarra) e Gigante Brazyl (bateria), abandonava o rock-piada para partir para um som mais consistente. Este segundo capítulo nem chegou a ser registrado em vinil porque as gravadoras não deram ouvidos. E porque Júlio morreu em 84. Gang sem Júlio demorou mais um ano para se recuperar e lançar *Rosas e Tigres*. Os problemas com a gravadora já começaram na mixagem — da qual o grupo foi sumariamente excluído —, continuaram com a displicência na divulgação e culminaram com a saída da Gang. Agora, na Continental, eles se preparam para o terceiro capítulo com um novo disco. Com a palavra, a Gang...

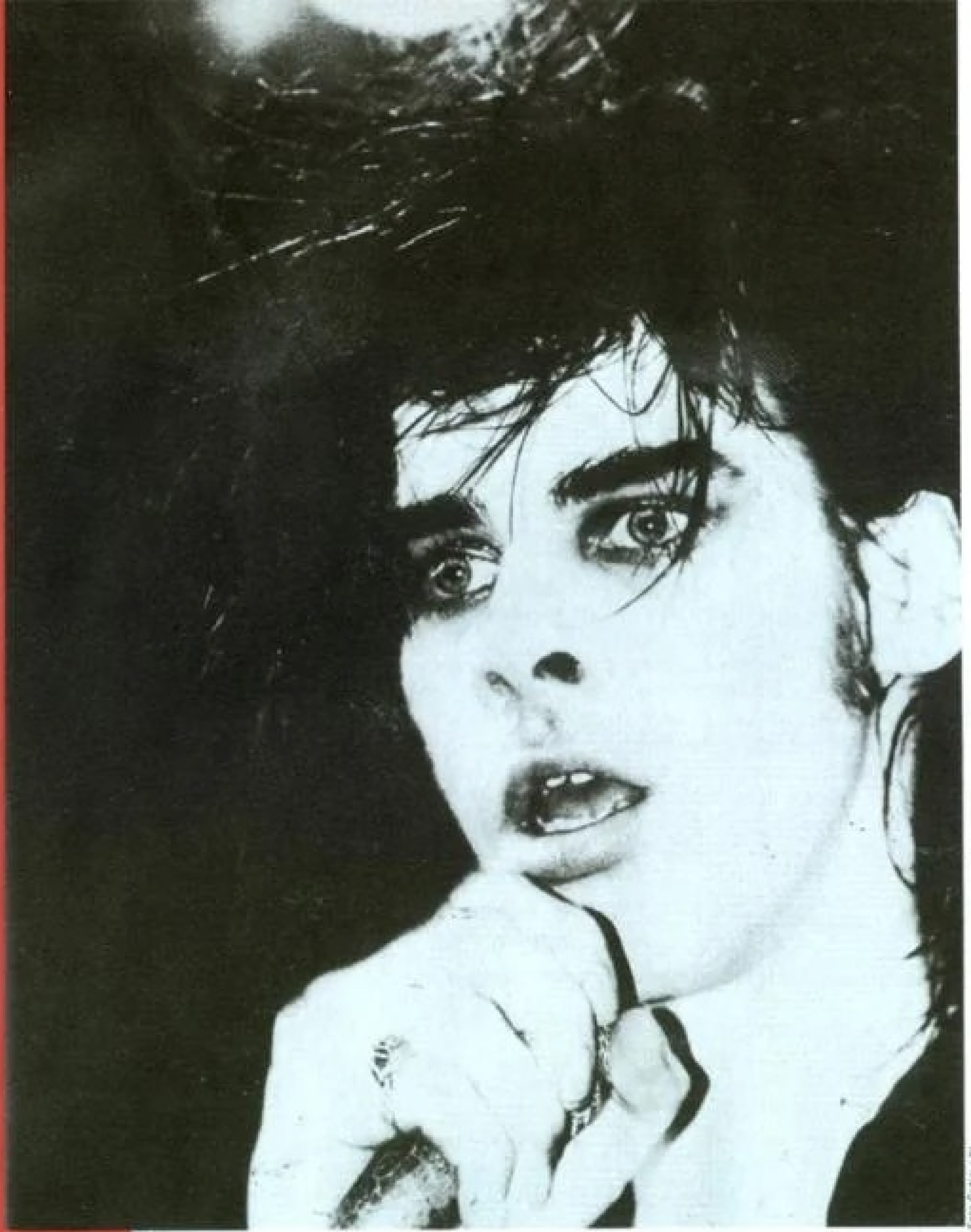
BIZZ — *Vamos começar pelo disco.*
Beto — Está com uma linha mais clara que o anterior. O repertório tem mais de um ano.
Paulinho — A gente resolveu gravar apenas oito faixas, embora existissem mais músicas que podiam ser utilizadas, justamente para fechar uma linguagem unitária. E também para desenvolver cada uma com mais tempo.
Gigante — A unidade deste disco é o resultado dançante. Tem uma pulsação muito forte.
BIZZ — *Dançante de um modo geral ou segue alguma tendência mais específica?*
Gilvan — Você pode ter uma unidade musical atacando em diferentes frentes. A gente não radicaliza estilo.
Beto — Dá para reconhecer elementos de funk, samba, rock... Agora, o que não dá para definir é cada música em si, porque a gente mistura muito. Mesmo nas músicas que são mais rock você distingue elementos de swing, samba... embora não esteja rolando isso lá.
BIZZ — *Como é trabalhar com Edgar Scandurra na produção?*
Taciana — Ele tem uma concepção de som que é o que a gente procurava: buscar o som do instrumento.
Beto — A gente gosta muito dos timbres das guitarras, que é a hora em que o Edgar desempenha o máximo. É o instrumento dele.
BIZZ — *O resultado, então, é mais rock?*
Paulinho — A sonoridade que a gente conseguiu no estúdio, sim, é uma coisa do bom e velho rock'n'roll. Agora, nos arranjos não tem concepção roqueira, só influências.
Gigante — Música é universal. Os caras estão tocando xaxado lá fora. Eu vi o baterista da Siouxsie tocando xaxado *(risos generalizados)!* É mole?
BIZZ — *Ainda tem letra do Júlio neste disco?*
Taciana — Tem uma dele, uma do Arnaldo Antunes (Titãs) e três do Alex Podre — por sinal, os caras que Júlio dizia que escreviam tão bem quanto ele.
Gilva — Júlio era um grande poeta. Tanto que Lobão e outros continuam aproveitando suas letras.
Taciana — E hoje até mais do que antes.
BIZZ — *Ele ia participar do disco anterior?*
Taciana — Ele iria participar *desta banda*. Isso é uma coisa que muita gente não entende. Gang 90 & Absurdettes foi uma coisa que morreu muito antes do Júlio. A gente estava montando uma nova banda. Quando ele morreu, ficou uma imagem de que a gente se aproveitou do nome dele para se lançar. Sendo que, quando ele estava vivo, nenhuma gravadora queria saber. Inclusive a Som Livre (que acabou gravando o LP) desligou o telefone na cara dele. Ninguém queria saber. A gente até ouviu propostas de fazer sem o Júlio, porque ele arrumava muita confusão...
Gigante — Você viu *Carrie, a Estranha?* Só faltou aparecer a mão do Júlio saindo do túmulo para pegar as pernas dos caras.
Beto — Nós ficamos muito traumatizados.
Gigante — O LP *Rosas e Tigres* foi um disco póstumo. Os caras (da gravadora) fizeram questão de não nos deixar desenvolver o instrumental, coisa que estamos fazendo agora. Com todo o respeito ao Júlio, mas é uma situação muito constrangedora.
Taciana — A gente gravou aquele disco em 11 dias...
Gigante — Depois passamos dois anos fazendo showzinho, ganhando mixaria... Os caras fizeram a gente se precipitar. O disco foi malfeito.
Taciana — As condições, hoje, são muito diferentes. Estamos trabalhando neste LP há três meses. Tem trombone, guitarras do Edgard...
Beto — Eu tenho muita vontade de ver isso pronto.
Gigante — Puta que pariu!

"Eu não estou te ouvindo muito bem. Dá pra você falar mais alto?"

A voz, ao contrário do que imaginava, é aguda, trêmula, frágil. Será mesmo *o* Nick Cave do outro lado, australiano cérebro do finado Birthday Party e dos Bad Seeds, que fez carreira na Inglaterra e hoje reside em Berlim? Será que a voz das mais negras trevas está rouca? Aos poucos, me certifico de que é mesmo o próprio, arredio, semi-eremita, com seus ouvidos atentos para Burt Bacharach e John Lee Hooker, extremamente simpático, um homem que não consegue guardar datas. Esse é Nick Cave, que acaba de ter seu penúltimo LP, *Kicking Against the Pricks,* lançado no Brasil. Um disco de versões, o que não o isenta da marca registrada imprimida pelo som único dos Bad Seeds, para nosso deleite. Com vocês, ele; o único, semideus das profundezas...

NICK CAVE

O HOMEM DA CAVERNA



BIZZ — *Por que é que o Birthday Party se mudou para a Inglaterra? É necessário para uma banda que vem de um país novo e distante conquistar este mercado?*

Nick — A nossa situação era a seguinte: estávamos tocando juntos lá na Austrália por uns dois ou três anos, e nunca demos bola se estávamos ou não ficando populares. Tocávamos juntos porque gostávamos um do outro. Depois de um tempo começamos a achar que não dava mais para a gente tocar em Sidney ou Melbourne, porque o número de pessoas que ia nos nossos shows não estava crescendo. Iríamos tocar três vezes por semana e atrair talvez umas duzentas ou trezentas pessoas. Mas basicamente saímos por razões particulares. Tivemos alguns problemas, com outras coisas... O problema é que a Austrália tem um terrível complexo de inferioridade em relação ao resto do mundo. Quando voltamos para lá, um ano depois, nós éramos exatamente a mesma banda — e tínhamos feito apenas uns três shows na Inglaterra — mas o nosso público de duzentas pessoas tinha crescido para duas mil. Éramos heróis nacionais. Isso só aconteceu porque fomos uma das primeiras bandas que se virou sem a ajuda de alguma grande gravadora australiana. Nós atravessamos o mar e fomos batalhar lá fora.

BIZZ — *Hoje em dia há várias bandas australianas tocando na Europa e EUA. Vocês foram, então, a primeira?*

Nick — Sim, nós fomos a primeira. Talvez os Saints tivessem ido antes, mas eles foram mandados por uma gravadora. Nós não tínhamos ninguém nos levando para lá.

BIZZ — *Por que o Birthday Party acabou?*

Nick — Por que acabou?

BIZZ — *Sim. Por que é que vocês resolveram acabar com o grupo?*

Nick — Não me lembro. Eu esqueci...

BIZZ — *Bom, em todos os casos, foi uma pena, porque era um grande grupo.*

Nick — Lamento que você ache uma pena. Eu estou feliz pelo fim do Birthday Party. Se o grupo não tivesse acabado, eu não estaria fazendo parte dos Bad Seeds, e pelo que sinto hoje em relação à minha idade, à minha maneira de ser, percebo que, de alguma maneira, eu fiquei adulto demais para o Birthday Party.

BIZZ — *Há quanto tempo você vive em Berlim, e por que escolheu esta cidade para viver?*

Nick — A razão pela qual eu vivo em Berlim não é porque eu *queira* viver aqui, mas apenas porque quero viver longe da Inglaterra. Nos últimos quatro anos eu estive viajando por várias cidades. Tenho que viver na Europa apenas por razões profissionais e Berlim me parece ser o melhor lugar. Tenho vários amigos na cidade.

BIZZ — *Você fala alemão?*

Nick — Não. Essa é uma das razões pelas quais eu vivo aqui.

BIZZ — *Todos falam inglês em Berlim?*

Nick — A maioria fala. Mas eu estou tentando me confrontar com os problemas de linguagem. Eu acho que as pessoas, mesmo as que tem domínio completo sobre a língua, não entendem de fato as sutilezas de uma conversação. Eu tenho grande interesse em palavras, e realmente sinto falta da capacidade de poder usufruir plenamente de um vocabulário. É meio chato ficar falando o tempo todo como uma criança de seis anos...

BIZZ — *Como é que os Bad Seeds foram formados?*

Nick — O grupo foi formado na Austrália... (pausa) Acho que foi quando Mick Harvey e Barry Adamson estavam por lá. Eles me procuraram e eu decidi que eles deveriam me tirar do meu isolamento para entrar num novo grupo. Eu curti a idéia, mas ela não foi minha. Foi de Barry e de Mick.

Nick Cave

BIZZ — *E como foi que o Blixa Bargeld entrou no projeto?*

Nick — Foi quando nós tocamos pela primeira vez em Berlim, ou em Amsterdã, isso foi em 80, ou 81, ou 82, ou 83 — realmente não me lembro... (longa pausa). Acho que nos conhecemos em turnê. E, no momento em que nos conhecemos, ficamos grandes amigos. Basicamente os Bad Seeds foram formados para ser um grupo de personalidades marcantes, muito mais do que músicos. Eu escolho os membros do grupo pelas suas personalidades. Não interessa o quanto eles tocam os seus instrumentos, isso não tem a ver com os Bad Seeds.

BIZZ — *Mesmo assim, você não concorda que eles são de fato grandes instrumentistas, não no sentido técnico, mas na habilidade em criar sons novos, novas texturas musicais?*

Nick — Se você encontra uma pessoa que tenha uma personalidade vibrante, ativa... isso reflete na sua música. São pessoas seguras da própria habilidade de ser criativo, em qualquer sentido... Blixa não sabe tocar os acordes básicos na guitarra... (longa pausa) Ele afina o instrumento de uma maneira totalmente diferente da convencional, e, mesmo assim, o que ele faz na guitarra em músicas como "In the Ghetto" ou "I'm Gonna Kill That Woman" é incrível.

BIZZ — *Existe algum outro músico ou amigo que você gostaria de ter nos Bad Seeds?*

Nick — Bem, existem várias pessoas que eu gostaria de ter no grupo. Por outro lado, estou satisfeito com o número atual de integrantes. Mas... você sabe, gostaria de ter Burt Bacharach compondo as músicas, mas não creio que ele o faria. Bob Dylan nos backing vocals, enfim, são tantas pessoas...

BIZZ — *Vocês ensaiam muito?*

Nick — Não. Nós nunca ensaiamos.

BIZZ — *Bem, então vocês conversam muito entre si?*

Nick — Não, não realmente. Para falar a verdade, nós quase nunca falamos sobre música, e quando isso acontece é porque sou eu que estou falando mais do que os outros. Nós entramos numa situação em que eu faço as músicas, entro no estúdio e — como não sou brilhante em instrumento algum — descrevo as músicas para Mick Harvey, que é o cara que consegue articular minhas idéias, musicalmente falando. Basicamente, eu chego para os integrantes do grupo e explico como a música deve seguir, coisa tipo "bom, essa é tipo estar babando por uma mulher, então toquem algo num beat lento, sacana, bem sexy". Aí eu escolho o tom... De fato, nós não fazemos músicas de forma tradicional...

"Viajar para Argentina e Brasil é a proposta mais excitante que recebemos nos últimos tempos"

BIZZ — *Vocês gravam ao vivo no estúdio, ou seja, todos tocam juntos ao mesmo tempo?*

Nick — Isso depende da música em questão e de quais integrantes aparecerem no estúdio. "Hey Joe", por exemplo, quando gravamos essa, só estávamos o Mick e eu no estúdio. Então começamos a gravar uma bateria e o vocal. Mick tocou uma batida meio errada, e eu cantei a letra sem música ou qualquer referência melódica, e depois, aos poucos, nós fomos colocando música em cima. Isso deu, acredito, um efeito legal para a canção. O vocal ficou meio *flat*, o tempo todo. Isso ajudou bastante a canção. Outras músicas foram feitas em situações em que estávamos todos juntos no estúdio, talvez. Isso sempre depende da música.

BIZZ — *Foi você quem escolheu as músicas do* Kicking Against the Pricks?

Nick — Não. Eu escolhi a maioria, e foi minha a idéia de fazer um disco de *covers*. Algumas músicas foram sugeridas por outros integrantes. Você não pode esquecer que, apesar do nome ser Nick Cave & the Bad Seeds, nós todos somos partes iguais de um todo. Nossos shows são bem coisa de *banda*, e não apenas eu na frente com o resto tocando atrás.

BIZZ — *Tem alguma outra música que você gostaria de ter incluído no disco?*

Nick — Teve uma ou duas que eu queria gravar, mas alguns membros do grupo não gostaram da idéia. Queria fazer uma versão de "Mammy Blue", você conhece essa música?

BIZZ — *É aquela cantada pelo Ricky Shayne?*

Nick — Não me lembro. Se você achar a música em disco 45 rpm, toque-a em 33 rpm. Soa muito bem, tem um belo ritmo. Foi uma idéia que eu tive mas foi difícil convencer o resto do pessoal da banda. Foi um barato fazer esse disco. Todos conheciam pelo menos algumas das músicas sugeridas. Nós apenas entrávamos no estúdio, ouvíamos as músicas em disco e depois tocávamos, sem ensaio ou preparação anterior.

BIZZ — *Você sabia que tem alguns fãs no Brasil?*

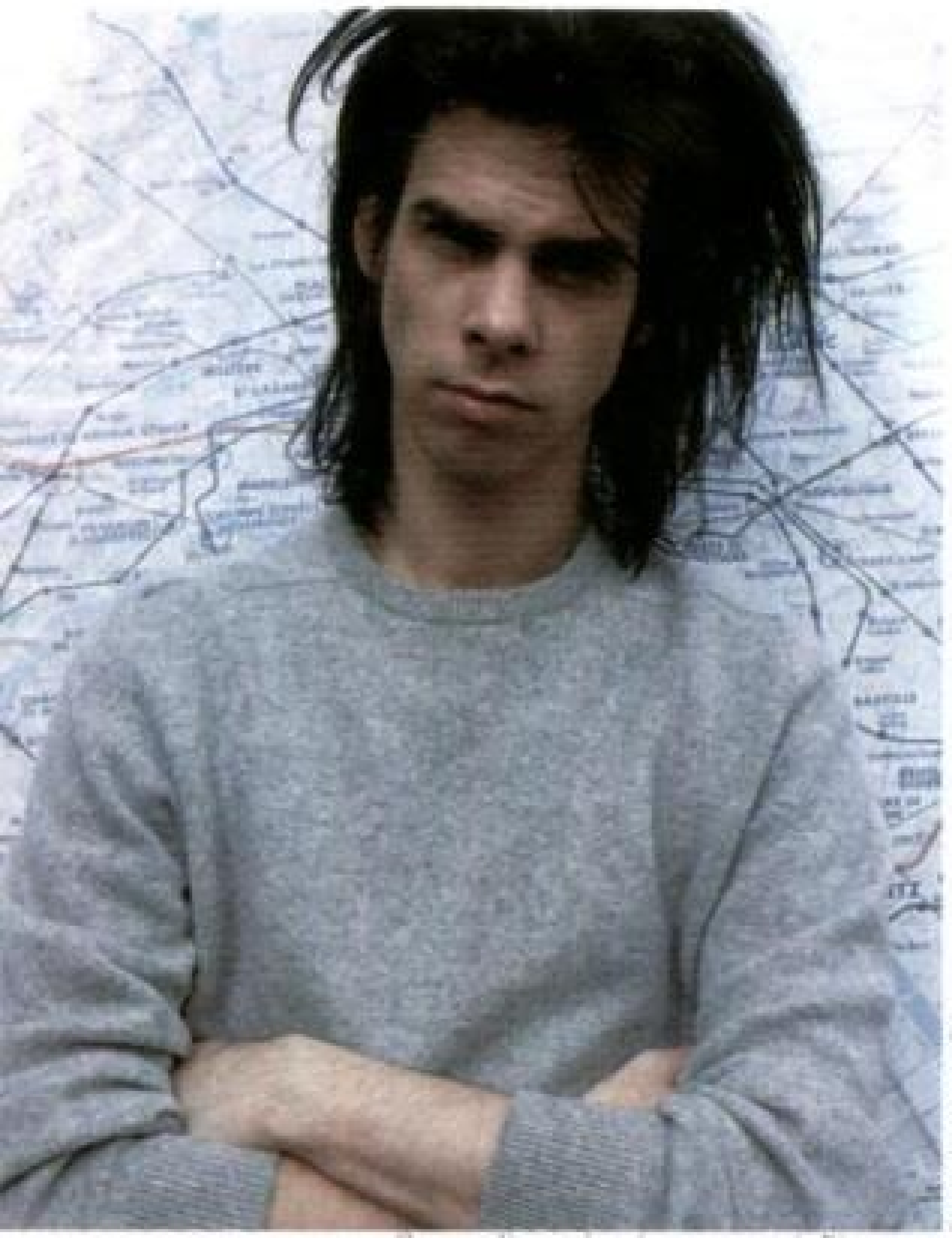
Nick — Não, realmente não sabia. Pra falar a verdade, eu não sei nada sobre o Brasil. Só soube recentemente que um disco nosso ia ser lançado aí. Fiquei meio desapontado quando soube que era o *Kicking Against the Pricks*...

BIZZ — *Por quê?*

Nick — Tenho orgulho desse disco, é um dos poucos ou talvez o único disco meu que seria capaz de ouvir, só pelo fato de não ter composto nenhuma das canções. Mesmo assim, eu gostaria que tivessem lançado o último LP, *Your Funeral... My Trial*, o qual, devo admitir, creio ser minha obra-prima, um disco muito bom. Mas vocês não conhecem esse disco ainda, então eu acho que isso não importa muito.

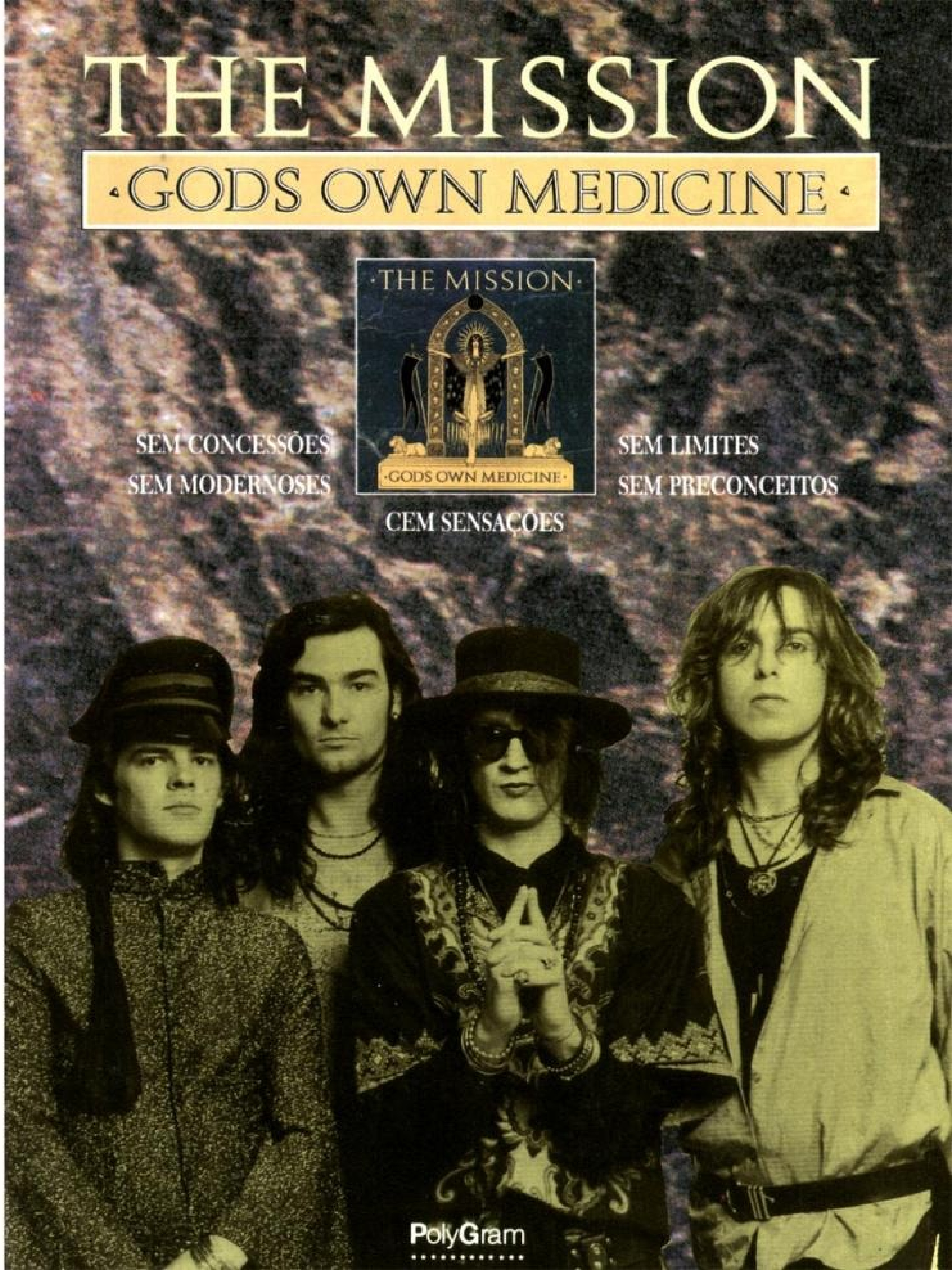
BIZZ — *Você tem planos de vir ao Brasil?*

Nick — Não costumo dizer esse tipo de coisas, mas tenho que dizer que não gosto de excursionar. Nunca fi-



O australiano nômade que gosta de Pixote

Foto Youri Lenquette/Stills



Nick Cave

co cem por cento satisfeito com a idéia de tocar ao vivo. A idéia de viajar para Argentina e Brasil, que seriam os dois lugares que visitaríamos, é provavelmente a proposta mais excitante que recebemos nos últimos tempos. Pelo pouco que sei sobre esses lugares, eles estão bem colocados na lista dos países que visitaria de qualquer jeito.

BIZZ — *Você conhece a música brasileira?*

Nick — Fico profundamente envergonhado comigo mesmo, mas sou totalmente ignorante em relação a ela.

BIZZ — *Você poderia contar-nos algo sobre suas letras? Ou seja, você as escreve quando as músicas já estão prontas?*

Nick — Geralmente acontece o oposto. Sou basicamente um homem de letras, e tendo a ver a música como um veículo para minhas letras, como um modo de adicionar drama e peso aos meus escritos, então geralmente as letras são mais importantes. Não me custa muito tempo escrever uma música. Uma música, para os Bad Seeds... (pausa) você sabe, para mim, o mais importante são as letras, mas os outros membros do grupo obviamente pensam diferente a este respeito.

BIZZ — *É verdade que você escreveu um roteiro de cinema, fortemente influenciado pelo filme brasileiro* Pixote?

Nick — Sim. Mas afirmar que fui fortemente influenciado por *Pixote* talvez seja um pouco exagerado, embora seja, sem dúvida, um dos meus filmes preferidos, eu amo esse filme.

BIZZ — *Aonde você assistiu ao filme, em Berlim?*

Nick — Não, foi em Londres. Depois eu batalhei um vídeo desse filme. É um filme brilhante, você não acha? Ele corresponde à realidade?

BIZZ — *Sim, mais ou menos...*

Nick — Se corresponde, o Brasil deve ser um lugar bem interessante...

BIZZ — *Esse filme que você escreveu vai mesmo ser rodado?*

Nick — Sim, é um filme sobre uma prisão. E eu acredito que a grande influência do *Pixote* sobre este projeto foi mostrar como se pode fazer um filme com orçamento baixo, usando não-atores, pelo menos... bem, não sei muito sobre *Pixote*, pouca informação foi veiculada sobre ele quando foi lançado aqui. Apenas aconteceu de eu ver o filme, mas ele foi feito com não-atores, não foi?

BIZZ — *Foi, em parte. Os atores mais jovens, principalmente...*

Nick — Isso é bem óbvio. É algo que tem no *script* que acabei de concluir. Provavelmente a maioria dos atores serão prisioneiros de verdade, ou ex-presidiários, e o filme deve ter um caráter levemente documental, assim como *Pixote*.

BIZZ — *Você também vai fazer a trilha do filme?*

Nick — Sim, vou.

BIZZ — *E vai trabalhar como ator?*

Nick — Se isso ocorrer, vai ser uma parte bem pequena. O diretor, Evan English, quer que eu atue de fato. Tem uma cena — que deverá ser filmada de cima, e por isso provavelmente ninguém me reconheceria — em que ele quer que eu participe com o cabelo raspado. A cena duraria apenas alguns segundos, talvez eu a faça, talvez não, ainda não sei.

BIZZ — *E a trilha vai ser lançada como disco dos Bad Seeds?*

Nick — Não. A trilha não é um projeto dos Bad Seeds. O diretor quer que eu e Blixa façamos a trilha, mas eu botei o Mick Harvey no projeto, porque, como eu já disse, ele é capaz de interpretar minhas idéias com exatidão. Eu também não quero que soe como os Bad Seeds, não quero que soe como rock. Eu faço outro tipo de música, paralelamente ao trabalho dos Bad Seeds. É um tipo de música mais apropriada para filmes, coisas que não fazemos no grupo. Para falar a verdade, compor para cinema me interessa muito mais do que fazer discos de rock. Não consigo pensar em outra coisa que gostaria mais de fazer do que escrever a música de um filme que eu tenha gostado. Se o diretor de *Pixote* quiser que eu faça a música de sua próxima fita, estou à disposição.

"...Burt Bacharach, ele é meu compositor predileto. Eu não gosto muito desses grupos de hoje..."

BIZZ — *Você assistiu* O Beijo da Mulher Aranha?

Nick — Este é o último filme dele? Não gostei tanto deste filme, como gostei de *Pixote*...

BIZZ — *Você viu* Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia? *É o longa anterior a* Pixote.

Nick — Não, não vi, gostaria imensamente de poder obter uma cópia em vídeo deste filme. As pessoas envolvidas na produção do filme que escrevi certamente também teriam grande interesse em conhecer este filme.

BIZZ — *Você vai muito ao cinema? Qual é seu filme preferido?*

Nick — Não vou muito ao cinema. Tenho grande interesse em filmes, mas não encontro nenhum que me atraia o suficiente para ir ao cinema... O meu favorito é o *Wise Blood*, um dos filmes de John Huston.... Foi baseado numa novela de horror, escrita por Flannery O'Connor. É com Brad Dourif, aquele que fez o Billy em *One Flew Over the Cuckoo's Nest (Um Estranho no Ninho)*. Ele é um ator incrível. Esse filme de Huston esteve pouco tempo em cartaz, e depois caiu no esquecimento, mas é realmente um dos filmes mais brilhantes que eu já assisti.

BIZZ — *E quais são seus discos preferidos?*

Nick — Espera aí que eu vou dar uma olhada nas minhas fitas... (pausa). Gosto dos discos do Enio Morricone... John Lee Hooker, principalmente do LP *Moanin' and Stompin'*... Burt Bacharach, ele é meu compositor predileto. Eu não gosto muito desses grupos de hoje...

BIZZ — *O que você acha dos grupos em que estão alguns dos Bad Seeds, como o Crime & the City Solution (com Mick Harvey) e o Einstürzende Neubauten (de Blixa Bargeld)?*

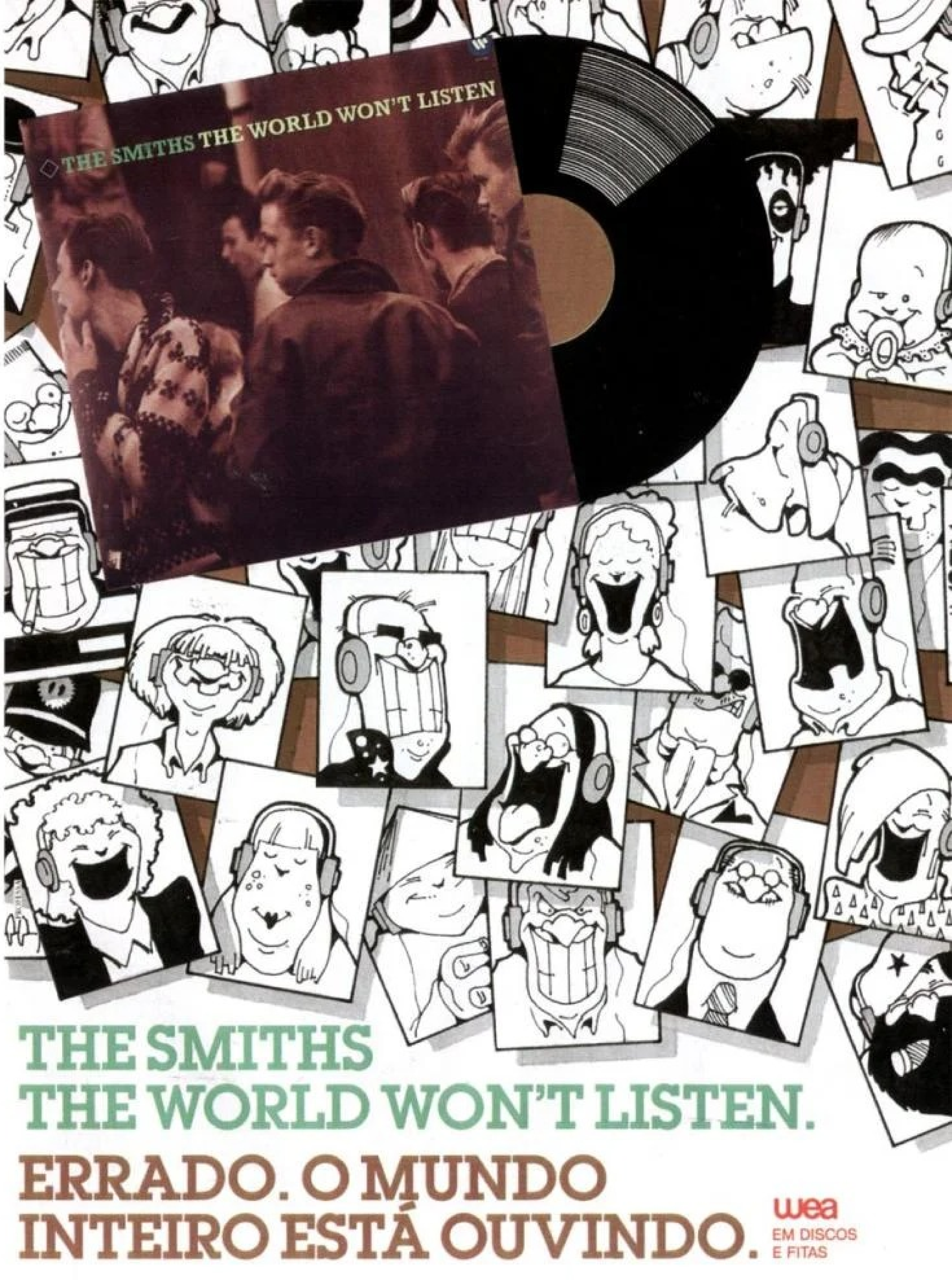
Nick — São grandes bandas. Sim, eu gosto bastante delas. Honestamente. Só existem uns quatro ou cinco grupos da atualidade que estão tocando música contemporânea que eu ouviria. Não estou muito interessado neste tipo de música. Não gosto do blues branco dos anos 60, baseado em Muddy Waters, na forma rígida dos doze compassos... Gosto de John Lee Hooker e de sua maneira solta de se expressar.

BIZZ — *Você ouve muito blues?*

Nick — Ouço muito John Lee Hooker, mas tive uma fase em que ouvia muita coisa do gênero. Hoje em dia tendo a gostar apenas de alguns artistas de blues, e a grande maioria deles me chateia. Odeio Muddy Waters, também não gosto muito de Howlin' Wolf... são apenas dois exemplos. Gosto muito de John Lee Hooker e Robert Johnson.

BIZZ — *Acho que isso é o suficiente, Nick. Muito obrigado.*

Nick — Foi muito interessante. Gostei de ouvir essas informações. Realmente gostaria de descolar um vídeo daquele filme... *Thomas Pappon*



LOS LOBOS

ROCK CHICANO?!

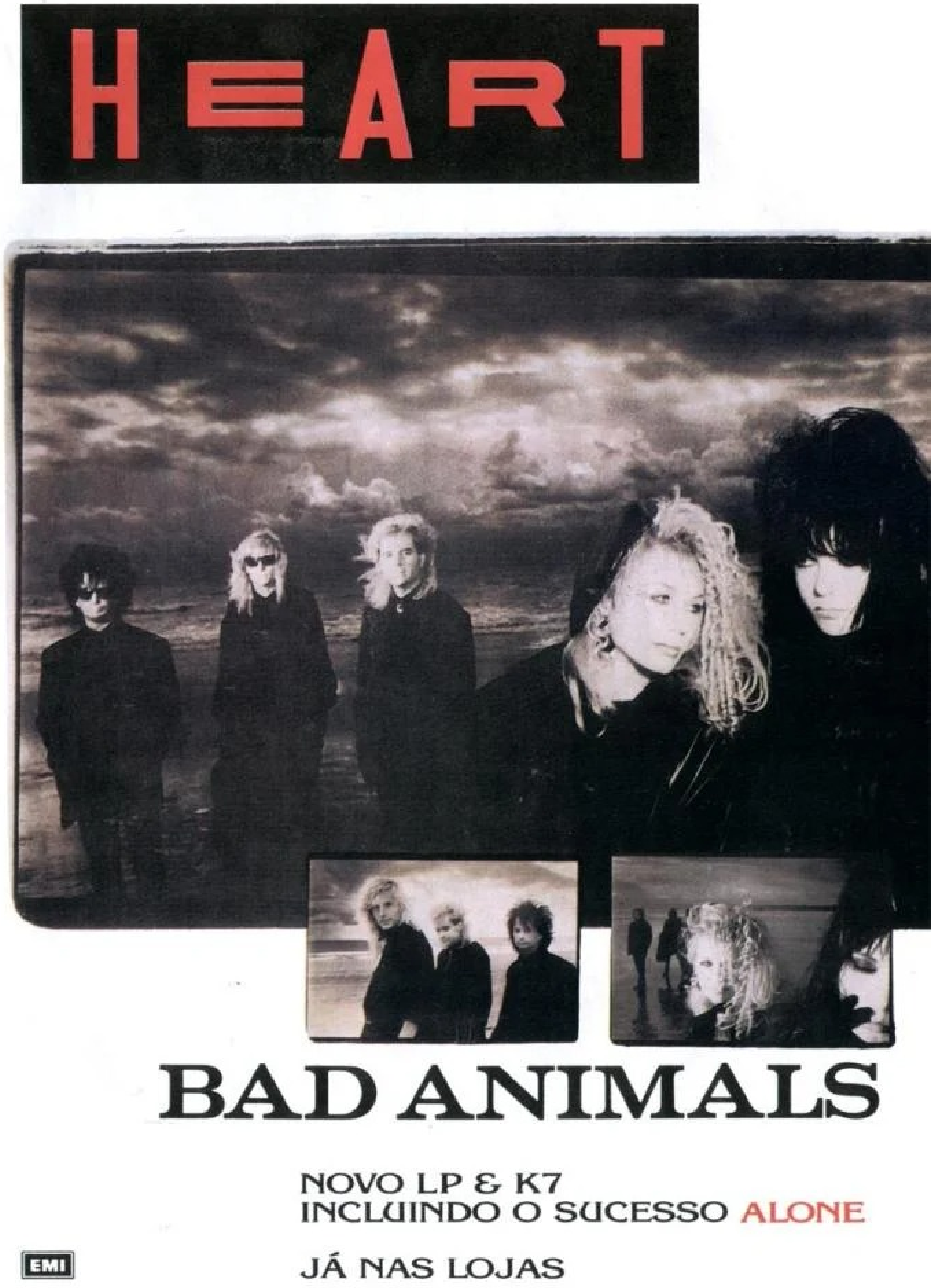
De todos os grandes mercados fonográficos do mundo, o norte-americano é o mais impermeável ao que não se conforme a determinados padrões pop estéticos e comerciais. Quem quiser penetrar nele — salvo raríssimas exceções — precisa tirar o chapéu e fazer reverências a essas regras, que incluem, também, uma determinada atitude profissional de dedicação cega e intensa. Mas, como já disse, existem exceções. Eventualmente, um artista ou um grupo consegue subverter esta ordem pre-estabelecida, se destaca por sua radical dissemelhança em relação aos "carneirinhos" pop e se torna o futuro do rock. Ou algo próximo disso.

Esse é o caso do quinteto Los Lobos. Através de um EP e dois álbuns, o grupo parece disposto a reescrever a história que circunscrevia artistas considerados étnicos demais a um mercado específico e reduzido. Fazendo música que mistura em doses democráticas rock, country & western, blues, temas *mariachi* e latinos, o Los Lobos é o grupo mais personalizado e "diferente" dos que atualmente habitam o showbiz norte-americano. Formado por quatro chicanos (americanos de ascendência mexicana) e um *gringo* (Steve Berlin, ex-saxofonista do The Blasters), o grupo vem cavalgando uma série contínua de vitórias. Umas das canções do EP de estréia, "Anselma", valeu à banda um dos Grammies de 1983. O álbum subseqüente, *How Will the Wolf Survive*, vendeu o suficiente para merecer um disco de ouro. O novo LP, *By the Light of the Moon*, tem sido recebido pela crítica como o primeiro grande disco pop de 1987 e as vendas têm correspondido a esta boa receptividade.

Alguns integrantes do grupo guardam em seu currículo nobres colaborações — com Elvis Costello, Bob Dylan (num álbum ainda inédito) e Paul Simon (eles tocam em uma das faixas de *Graceland*, composta pela banda e devidamente rapinada por Simon) — e agora estão em vias de concluir a trilha sonora de um filme sobre a vida de Ritchie Valens, o primeiro superstar chicano pinçado na área leste de Los Angeles, de onde também saíram Los Lobos.

Viver em *East L.A.* poderia ter sido a sentença de morte do grupo. Afinal trata-se de uma comunidade fechada em tradições culturais que pouco ou nada têm a ver com o pop norte-americano. Porém, atentos ao que se poderia chamar "mundo exterior", os integrantes da banda — Louie Perez (compositor, baterista e guitarrista), Conrad Lonzano (baixo e guitarrón), Cesar Rojas (guitarra, composições e bajo sexto) e David Hidalgo (vocalista, compositor e hábil numa diversidade de instrumentos) — mesclaram estas tradições aos sons que vinham de fora e alimentavam a trilha de suas juventudes — Yardbyrds, Rolling Stones, Cream, Sly Stone, Santana, Jimi Hendrix. A liquidificação de todos estes elementos não foi fácil, no entanto. Quando começaram a freqüentar o circuito tradicional de *East L.A.* com seu rock singular, o grupo encontrou resistência. O restante da cidade, mergulhado de cabeça no pós-punk, não compreendia o grupo. E quando, finalmente, o aceitou, a base original de Los Lobos se sentiu traída e magoada.

Talvez não tenha sido fácil compreender Los Lobos de início. As canções que compõem mantêm a assinatura étnica em muitos dos casos (mais ainda por causa da instrumentação acústica e tradicional adicionada), mas o apelo das letras e das demais faixas — tão dançantes e explosivas quanto às dos grupos de nova geração — é claramente universal. E é assim que eles pretendem permanecer, como explicou Rojas à revista *Musician*. "Nós não somos roqueiros", disse, "somos caras que tocam rock. Somos apenas *cabrones*".



Beijo aa Força — os ex-punks que hoje flertam com o pop e a vanguarda

Mea Culpa, caminhando pelo tecnopop e sem o mínimo de reconhecimento

Fotos Alberto Viana/ Agência AF

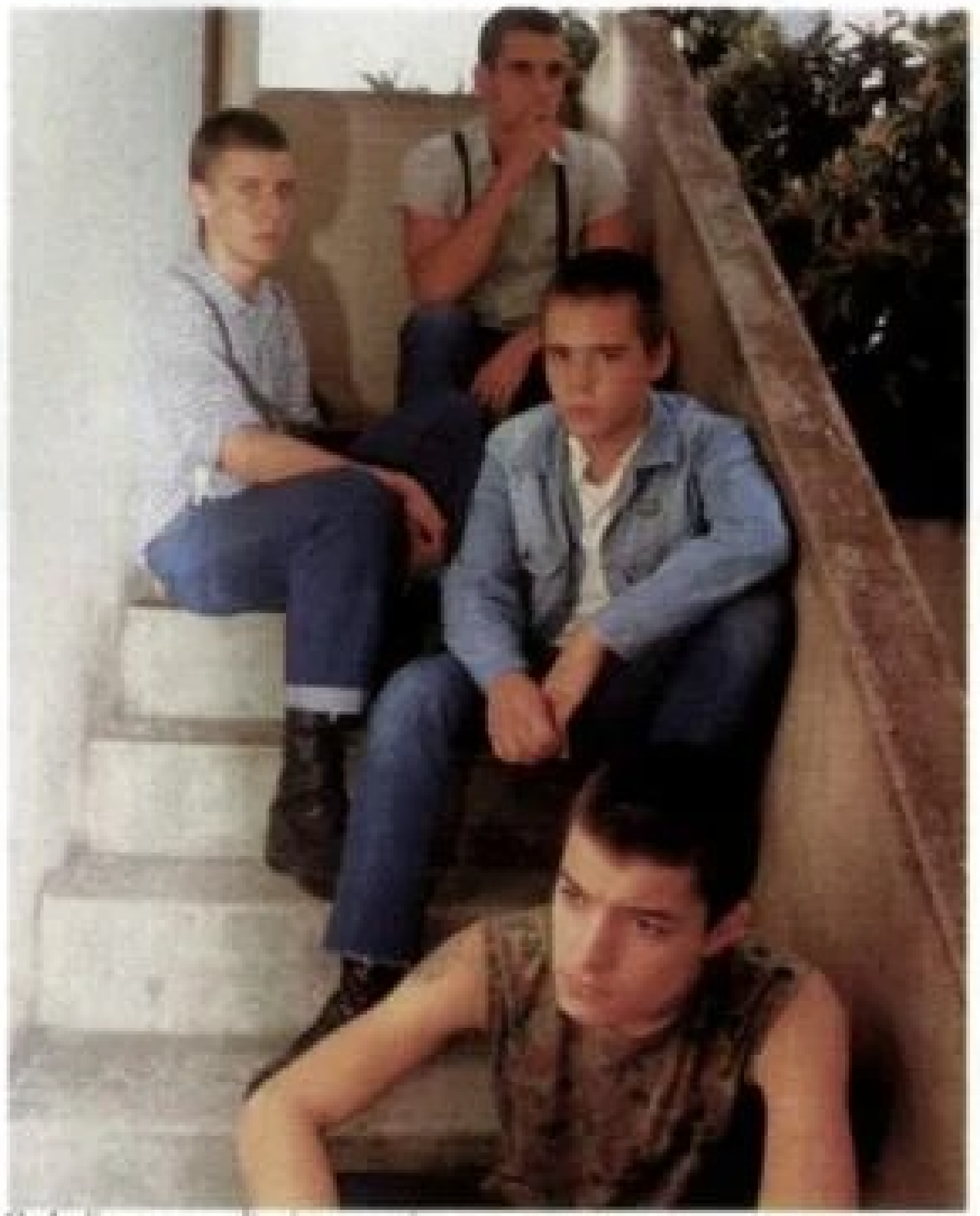
O Corte, com bons músicos mas ainda desrespeitados pelos empresários

Foto Orlando Azevedo

O Ídolos de Matinê, num estilo denominado trendie

OS NOVOS VAMPIROS DE CURITIBA

Ôopa! Nem só em São Paulo, Brasília e Rio que existe rock. Depois dos mineiros e dos gaúchos, agora é a vez do Paraná. Convocamos *Luiz Antônio de Oliveira* para seguir as pistas...



Os Indigentes, radicais e, por isso mesmo, sem espaço.

Curitiba tem a fama de ser fria, européia, distante do resto do país. Uma cidade que não perdoa quem vacila. Por isso, é conhecida como a cidade dos testes. Uma novidade bem aceita em Curitiba pode, então, ser lançada com sucesso em qualquer lugar do mundo. Um produto típico da cidade, que levou quase duas décadas se aperfeiçoando, agora está pronto para ser lançado no mercado nacional. É o rock curitibano.

Nascido na década de 60, como uma variação dos conjuntinhos de baile, o rock curitibano desde então luta contra a frieza da cidade. Uma frieza que devorou dezenas de bandas, mas que, de tanto comer rock, acabou se acostumando ao tempero. E 1987 parece ser o ano em que todo o país vai ouvir nomes estranhos como Beijo aa Força, Ídolos de Matinê, Máquina Zero, Pós Meridion, Mea Culpa, Blindagen, Indigentes, O Corte, Opinião Pública, Metal Pesado, DDI, Abaixo de Deus... São essas bandas que fazem o atual rock de Curitiba.

Duas delas estão prestes a estrear no vinil (Beijo aa Força e Ídolos de Matinê) e uma outra pode gravar o seu segundo LP (Blindagem). Independentemente disso, a maioria delas estará invadindo bares, clubes, danceterias, teatros e qualquer outro espaço disponível entre o Chuí e o Oiapoque. "Se nós conseguirmos ser bem aceitos em Curitiba, podemos tocar em qualquer lugar do mundo", diz Samuel, baixista do Pós Meridion.

Aliás, já começa a haver uma grande concorrência para ver quem consegue gravar e "estourar" primeiro no mercado nacional. A disputa maior fica entre as bandas Beijo aa Força e Ídolos de Matinê, que revivem, em termos locais, uma disputa *à la* Marlene e Emilinha Borba.

No entanto, apesar da rivalidade, as duas bandas vêm de uma mesma raiz, a Contrabanda. Nascida em 1980, a Contrabanda foi a marca de ruptura entre o rock tradicional — ainda hoje representado pelo Blindagem, com oito anos de "estrada", estágio de um ano no Rio e algumas músicas na parada de sucessos — e o novo pop curitibano. Com um visual new romantic e uma verdadeira anarquia em cima dos palcos, a Contrabanda levou dois anos para ser devorada. Dela surgiu o Beijo aa Força, que adotou o visual e a música punk, e o Estação no Inferno, que, logo depois, originaria o Ídolos de Matinê, com uma postura e um som mais *light*. Mesmo hoje, com mudanças no som e na postura das duas bandas, a rivalidade continua.

Depois de ser a primeira banda punk de Curitiba, hoje o Beijo aa Força passeia com desenvoltura pelo funk, rockabilly e o que mais pintar na inspiração. "A gente faz canções, meio entre o pop e a vanguarda. A banda não tem uma linha fixa, só um estilo, que é próprio, e tudo o que a gente toca tem a nossa cara", diz Rodrigo Barros Homem Del Rey (vocal). "Nós gostamos de ouvir milhares de coisas, não uma só", completa Ferreira (guitarra e principal compositor). A banda é integrada ainda por Baby Júnior, o Foguinho (bateria), e Renato (baixo). A maioria das letras da banda é feita por Marcos Prado, um poeta que se especializou em escrever letras, um dos grandes trunfos da banda.

O Beijo aa Força, além de contatos com as gravadoras Continental e Wop-Bop para a gravação do primeiro LP, tem mais planos para este ano. Foi convidado pelo cineasta Fernando Severo, de Curitiba, para a gravação de um vídeo. Ainda nessa área, tem convite para um trabalho com Valter Silveira — The Achademia Brasileira de Vídeo, de São Paulo. "Não serão videoclips", garante Rodrigo. "Serão vídeos, com roteiro e músicas, mas independentes, que não serão feitos para passar na televisão comercial." Fora isso, existem propostas de shows em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Em abril, pouco antes da Páscoa, a banda foi surpreendida com o roubo de duas guitarras, uma Fender e uma Ibañez, que tinham custado as últimas economias do grupo. "Agora nós vamos ter de voltar a tocar punk rock", brinca Rodrigo, afirmando que é o que se pode fazer com as guitarras nacionais que sobraram. Mas, até abril, nos três anos de carreira, já tinham cerca de 100 músicas. Compor muito e bem sempre foi a marca da banda. A música "Síndrome de Dom Juan" já tocou bastante na Estação Primeira, que, apesar do no-

me, é a primeira FM que toca rock de Curitiba em Curitiba.

No ano passado, enquanto o Beijo se firmava e assumia a liderança na preferência popular, o Ídolos sofria várias transformações. A mais sentida foi a passagem do guitarrista Renato Incesto justamente para a maior rival, onde hoje toca baixo. O golpe atingiu forte e só no começo deste ano a banda se recuperou, com nova formação.

A história do nascimento do Ídolos de Matinê é uma história romântica. Fernando Amaras, que era empresário da Contrabanda, resolveu, junto com Renato Incesto, criar uma banda própria. Nasceu daí o Estação no Inferno. Em um dos ensaios, quando tentavam compor um hardcore, foram interrompidos por uma furiosa vizinha. Tratava-se da neta do maestro Bento Mossurunga, falecido autor dos hinos de Curitiba e do Paraná. Ela, uma estudante de piano clássico, reclamava do barulho que não a deixava estudar para uma prova de música no dia seguinte. A raiva foi recebida por olhares gulosos desferidos por Fernando para cima daquela apetitosa *blondie* que acabava de entrar. De olhar em olhar, a banda ganhou uma tecladista, um novo nome e Fernando, uma namorada.

Foi assim que Debbie Lloyd entrou para a banda e, como um dos primeiros atos, convenceu Fernando e Renato a mudarem o nome de Estação no Inferno, homenagem a Rimbaud, para o atual Ídolos de Matinê. "É porque eu sou muito católica", explica Debbie. Com a entrada dela os componentes esqueceram de vez o punk, adotando "um refinamento e uma elegância que são nossa marca registrada", segundo Fernando.

O Ídolos de Matinê atualmente é formado por Fernando (baixo) Debbie Lloyd (sintetizador) Pablo Pichasso (bateria) Carlos Virallobos (guitarra) e Leonardo Secco (vocal). As composições se apóiam na base repetitiva do baixo e da bateria para permitir a liberdade de criação da guitarra e do sintetizador. "Para quem quiser saber qual é o estilo que tocamos, pode dizer que é *trendie*. E quem não souber o que é isso que nos procure. Só damos explicações pessoalmente", diz Fernando, fazendo mistério.

Em oposição a todas as outras bandas de Curitiba, o Ídolos de Matinê é a única que adota um visual especial para os shows. Cabelos espetados, maquiagem pesada e um enorme sobretudo preto com forro estampado de flores. "Esses trajes vão ser aposentados", esclarecem, contando que já encomendaram outros à estilista Branca, bem conhecida na cidade. A produção do visual deixou alguns membros do grupo um pouco incomodados, pois cansaram de ouvir gracinhas do público. "No começo mexia um pouco com a nossa masculinidade", confessa o vocalista Leonardo Secco, completando: "Mas é necessária essa preocupação estética. O público gosta de um show completo, gosta de ouvir e de ver também, por isso continuaremos adotando esse visual".

Como projetos eles estão com algumas fitas demo colocadas nas mãos de produtores de gravadoras conhecidas, uma proposta para gravação de vídeo, também com o cineasta Fernando Severo, e vários shows. A atual formação já foi

"Tocamos em bares, com cachê baixíssimo e péssimo som. Mas, o que mais vamos fazer em Curitiba?"

bastante elogiada nos shows que realizou e as letras — "Falamos as mesmas coisas que todo mundo quer falar, só que de maneira diferente" — são feitas por Fernando Amaras ou por Sérgio Virallobos, irmão do guitarrista Carlos e também parceiro de Marcos Prado em livros e outras letras.

A oposição entre os componentes do Beijo aa Força e dos Ídolos de Matinê só acaba quando falam do Pós Meridion, eleita por eles como a melhor banda de Curitiba — depois deles, é claro.

O Pós Meridion nasceu há cerca de um ano e é formado por pessoas que já tocaram juntas em várias outras bandas. São eles: Alexandre (vocal e guitarra), Samuel (baixo), Jean (bateria) e Paulo Cid (guitarra). Com um estilo "nervoso", como se definem, o Pós rapidamente agradou as platéias de Curitiba. A fama saiu do Paraná e eles foram convidados a fazer shows em várias cidades de Santa Catarina, onde também já estão conhecidos.

A razão do sucesso imediato da banda espelha a aceitação que o pop e o rock tiveram em Curitiba atualmente. Antes não era assim. O Máquina Zero, por exemplo, teve de sair de Curitiba e passar uma temporada em São Paulo para que seu devido valor fosse reconhecido. Com um som próprio e explorando vários tipos de ritmos , a Máquina Zero cansou de trabalhar muito e ter pouco retorno. "Agora nós só aceitamos fazer shows se pagarem o que pedimos", diz Trinchas, vocalista. Mas, pensando na falta de apoio e de espaço para a arte na cidade, Trinchas e o baixista Ricardo estão criando uma empresa de produção e promoção cultural, "que, por ser de artistas, entenderá as necessidades dos artistas e não os explorará", afirma Ricardo. O Máquina Zero é formado ainda pelo baterista Belmiro e os guitarristas Edu e Chico, que trabalham como músicos na noite de São Paulo e só vêm a Curitiba para ensaiar.

A falta de bons locais para shows é um dos principais problemas enfrentados pelas bandas de Curitiba. "Nós somos obrigados a tocar em bares, com baixíssimos cachês e um som péssimo", diz Alex, vocalista do Mea Culpa, um grupo que há mais de um ano tenta se firmar na cidade. Com a base feita pelo sintetizador e a leveza das letras, o Mea Culpa tem um trabalho mais para o lado do tecnopop, com um peso maior conseguido pelo ótimo baterista Fábio Dustin. Mário (baixo), Roberto (teclados) e Ricardo (também Máquina Zero) completam a banda.

Fábio Dustin também toca no O Corte, uma banda criada por Wilson Pichet Filho, guitarrista, compositor e letrista. O Corte, apesar de reunir também o guitarrista e vocalista Gallo e o baixista Marcelo, todos respeitados pelos músicos da cidade, ainda não conseguiu o respeito de empresários e donos de bares.

E, se a falta de espaço é um problema comum, ela se transforma em um impedimento total quando se fala em bandas mais pesadas. É o caso do Indigentes, ex-hardcore, que faz um som com influência de *oi* e que, apesar de respeitado pelas bandas punks de todo o país, não consegue espaço para tocar em sua cidade. Mas, como todos eles afirmam, "se deixarmos de tocar, o que vamos fazer em Curitiba?"

O REI DO PEQUENO INSTRUMENTO

SUGAR BLUES

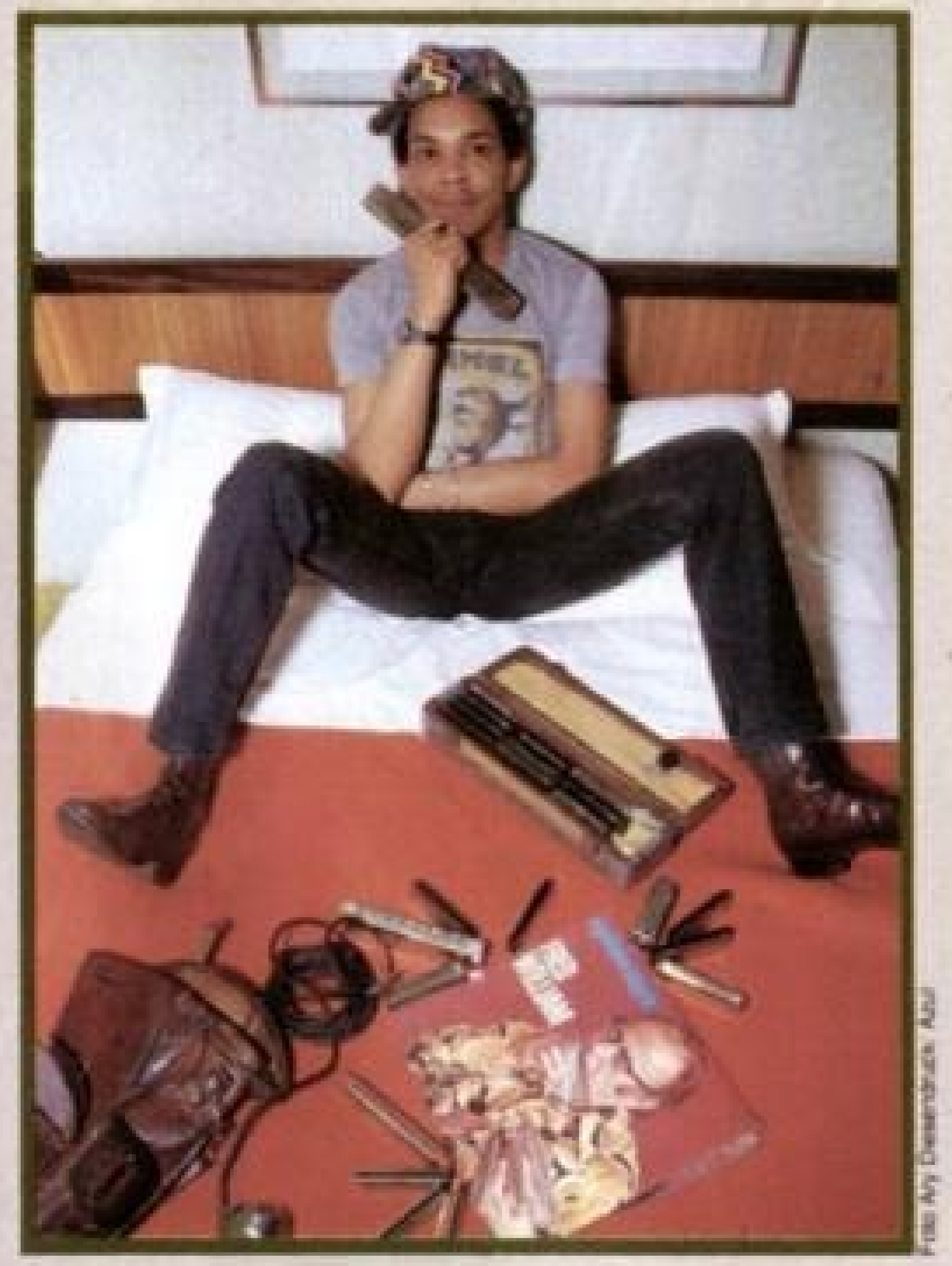


Foto Ary Diesendruck/Abril

Um dos maiores gaitistas vivos esteve no Brasil. Evidentemente, em meio à euforia com a vinda do Cure, muitos esqueceram deste bluesman de Holland, New York, detentor do Grammy de 85 para melhor gravação de blues — pelo LP *Blues Explosion*, registrado no Festival de Montreaux —, com mais dois LPs solo e várias participações em outros nas costas — inclusive em três LPs dos Rolling Stones (*Tatto You, Some Girls* e *Emotional Rescue*). Sugar Blues, a.k.a. James Whitting, veio ao Brasil acompanhando o lendário guitarrista-cantor Buddy Guy. Thomas Pappon foi surpreendido pelo seu desabafo... em defesa da MPB!

Foto Mila Maluhy

BIZZ — *Como é que pintaram os seus primeiros contatos com a música?*
Sugar — Eu nasci em um meio musical. Minha mãe era cantora e dançarina e grande amiga de Billie Holiday. Dexter Gordon era amigo de meu pai e eu os ouvia cantando ou tocando o tempo todo. Eles vinham, almoçavam e ficavam tocando. Aí, certa vez, eu ouvi uma música do Lester Young, acho que o nome era "DB Blues", e resolvi que queria ser músico.
BIZZ — *Quais foram suas primeiras influências no instrumento?*
Sugar — Little Walter, Big Walter Horton, Sonny Boy Williamson II... São todos bluesmen. Estão todos mortos. Mas, você sabe, o blues nunca morre, só os músicos (risos).
BIZZ — *E o que você acha de gaitistas brancos, mais ligados ao rock, como Alan Wilson (falecido integrante do Canned Heat), Magic Dick (J. Geils Band), John Mayall?*
Sugar — São bons, mas prefiro os originais. Você já ouviu Big Walter Horton? Tá tudo lá, foi dessa fonte que todos eles beberam.
BIZZ — *Você acha que a educação musical é necessária?*
Sugar — Acho que sim. Quanto mais você aprende melhor. Se você limita sua educação, limita suas possibilidades de se estender em várias áreas. Alguns dizem que ignorância é o canal. Basta conhecer dois acordes, usar umas correntes, rebites, uns cortes de cabelo ridículos, aí fazem um vídeo onde aparecem pulando como uns maníacos, e chamam isso de música...
BIZZ — *Mas, por outro lado, se você fica distante da educação musical tradicional, você se vê obrigado a evoluir sozinho, a criar a partir do nada, a aprender por si, o que representa uma libertação, um afastamento das manias e procedimentos impostos pelas escolas de música...*
Sugar — Educação, nesse caso, não se limita a aprender a ler música, a ter aulas ou a fazer escalas num instrumento. Educação musical pode ser adquirida por alguém que nunca teve aulas, mas ouve discos, vê pessoas tocando e desenvolve uma vontade de tocar a partir disso. Foi assim que Charlie Parker aprendeu a tocar. Louis Armstrong, Buddy Guy, Junior Wells, Stevie Wonder, muitos grandes músicos começaram assim. O resultado dessa recusa de certos músicos de rock em aprender acordes, em se desenvolver, em sair do esquema de só saber tocar uma batida na bateria, é uma postura degenerada. A música vira um corte de cabelo, uma jaqueta de couro. Se eles querem isso, tudo bem, mas desde que façam isso em outro planeta. As pessoas precisam e sempre vão precisar da música que vem da alma, do coração, como extensão da mente humana. Essas coisas horríveis que são feitas hoje, renegam toda a *finesse*, todas as conquistas do esforço humano. É muito fácil chegar e "um, dois, três... bléin-bléin-bléin", fazer um vídeo idiota e, pronto, você é um astro. Eu digo: *bullshit!* Hendrix, por exemplo, esse sim foi um artista, um guitarrista de rock! E sabe por quê? Porque ele ouviu e acompanhou, durante mais de vinte anos, os mestres do blues, gente como Buddy Guy, B.B. King. E por causa disso ele virou um dos maiores inovadores da guitarra nos últimos trinta anos. Por quê? Porque ele estudou. Se ligou num som, pesquisou. E hoje chegamos numa situação em que tudo o que ele fazia, usando apenas um *wah-wah* e um amplificador, pode ser feito acionando-se uma pedaleira de 25 efeitos espalhados pelo palco, e coisas assim... Música é uma coisa da alma humana, e a promoção de vacuidade é uma coisa ligada ao dinheiro e à estupidez.

"Odeio ver a música brasileira em segundo plano, atrás de coisas tipo Sigue Sigue Sputnik..."

BIZZ — *E a gaita? É um instrumento tão limitado, tão pequeno...*
Sugar (interrompendo) — Mas não é um "instrumento pequeno" que faz filhos? (risos).
BIZZ — *O que eu queria saber é se alguém ainda pode inovar na gaita, fazer algo que ainda não tivesse sido feito...*
Sugar — Não há limitações. Um berimbau, por exemplo, pode emitir talvez dez notas, no máximo. Mas quando o instrumentista tem vontade de expressar um sentimento ou deseja tocar algo novo — este é o artista, é aquele que toca por amor e não por dinheiro —, então ele cria uma nova sensação, uma nova vida, e isso garante uma criação *artística*, diferente de fato.
BIZZ — *Você tem várias gaitas, não? Qual é sua preferida?*
Sugar — Oooh! Tenho dezenas de gaitas. Mas para mim só existe uma marca, é a Hohner, feita na Alemanha.
BIZZ — *Não é curioso que a melhor gaita seja fabricada na Alemanha, que não tem nenhuma tradição de blues?*
Sugar — Você já ouviu Bach? Se você ouvir suas fugas, vai ouvir coisas bem lentas, bem funks. Sem a fusão das culturas européia e africana, estaríamos até hoje uivando música étnica ou folclórica. Quando você põe um instrumento europeu na mão de um músico africano, o resultado é sempre estrondoso. Toda a concepção do contrabaixo acústico, antes um mero instrumento de fundo de orquestra, mudou quando o instrumento foi parar na mão de músicos negros.
BIZZ — *Hey, Sugar, o que seria da música americana sem o blues?*
Sugar — Talvez algo parecido com a música flamenca. A essência de toda a música americana — que é uma força incontestável, que mudou os hábitos de audição do mundo inteiro — é o blues. Creio que o samba deve ser a base da música popular brasileira, não? Samba e blues são primos de primeiro grau. Se você misturar os dois vai conseguir um resultado extremamente homogêneo. É como dizem lá em casa: "Pássaros da mesma pena voam juntos".
BIZZ — *O que você tem ouvido de MPB?*
Sugar — Quando cheguei aqui estava louco para ouvir Gilberto Gil, mas só consegui ouvir o Cure! Dá um tempo! Conheço bem a música do Maurício Einhorn. Sou fã dele, isso sim é Brasil! Outro dia fiz um som com o Waltel Blanco. Que músico! Odeio ver a música brasileira em segundo plano, atrás de coisas tipo Sigue Sigue Sputnik, música punk e outros lixos...
BIZZ — *Mas não é só isso que tem por aqui.*
Sugar — Ah, não!? Pelo menos foi só isso que ouvi nas rádios brasileiras. Parece que não há difusão da força e do poder da música popular brasileira. Só se difundem as cópias carbono do lixo estrangeiro. Quando vim pra cá, não tinha como objetivo apenas tocar ou mostrar minha música, mas fazer com que a música brasileira viesse a fazer parte da minha. Quem sabe, da próxima vez...
BIZZ — *Finalizando, você se deu bem com os Rolling Stones?*
Sugar — Pessoalmente, me dei bem com Ronnie Wood. É um instrumentista muito, muito louco. Ele não é tão rico e me parece mais caloroso por causa disso. Isso é *minha* visão. Me diverti bastante com eles e ainda ganhei um dinheirinho.

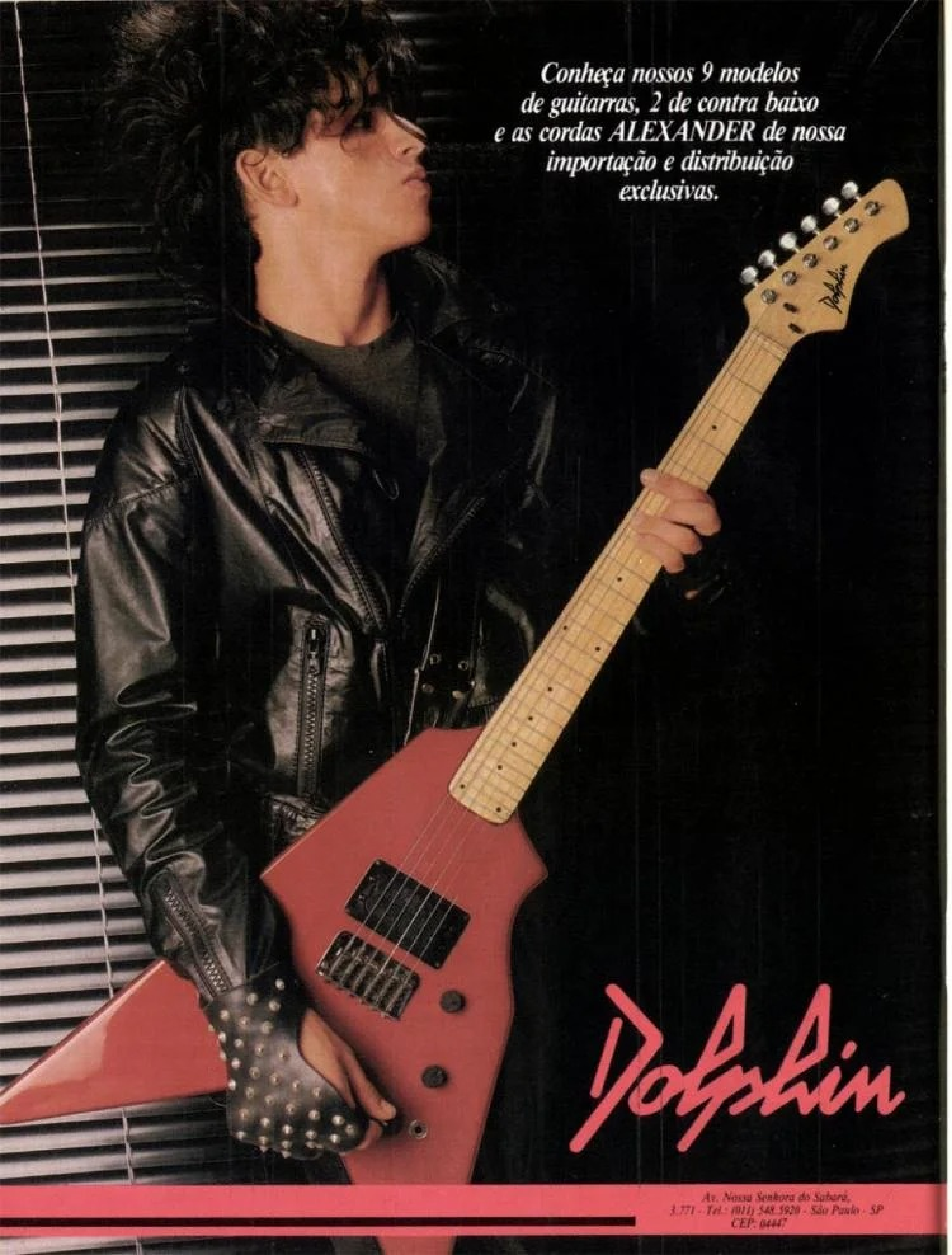


Foto Paul Cox/LFI

ECHO & THE BUNNYMEN

ECHO & THE BUNNYMEN

"Este é Paul", anuncia o vocalista, apontando para o baixista que está à sua esquerda, no palco. A platéia ruge, deleitada. "Este é Ringo", continua o da voz, gesticulando em direção ao baterista. "George!", prossegue a apresentação, e o nível de ruído que emana da garotada pulando suada defronte ao palco atinge picos criminosos. "Nossa próxima música é bastante antiga", prossegue a voz carregada de um sotaque a que o mundo já está bastante acostumado — o sotaque de Liverpool. "A música é 'Twist and Shout'". Os tímpanos dos desacostumados pedem arrego.

Os Beatles ao vivo? Negativo, meu bem. Bolinha no chão: o vocalista que apresentou sua banda ao público não se chama John. O nome dele é Ian. A banda que ele está apresentando tem cinco integrantes — o último deles, um tecladista, é apresentado como "Harry". E Harry, a bem da verdade, não é o nome dele. Mas a música que o grupo de Ian está prestes a tocar pertencia ao repertório dos Beatles. E Ian e seus companheiros são — como John, Paul, George e Ringo — de Liverpool. Coletivamente, Ian e Cia. são conhecidos como Echo & the Bunnymen. E "Twist and Shout" é a última música (antes de um bis quádruplo, arrematado com "Paint It Black", dos Rolling Stones) que o grupo apresenta no último show de sua ultra bem-sucedida turnê brasileira.

A brincadeira que Ian McCulloch fez com os Beatles vinha encharcada de ironia. A geração de fãs que cresceu ouvindo os Beatles jamais teve a chance de ver o grupo em palcos brasileiros. Mas a geração que hoje reverencia Echo & the Bunnymen, The Cure, Siouxsie And the Banshees e toda uma pletora de artistas ingleses está conseguindo ver ao vivo seus ídolos quando estes ainda estão no topo da forma. A convivência do público brasileiro com astros internacionais de rock torna-se, gradativamente, corriqueira. A efusiva recepção montada por esse público para os shows que o Echo & the Bunnymen fez durante sua turnê brasileira demonstram que a sede da garotada é insaciável.

Na noite seguinte ao último show no Canecão, os integrantes do EATB estão chegando ao saguão do hotel Meridien, em Copacabana. Garotos e garotas cuja idade varia entre 12 e 15 anos saem de uma demorada tocaia e cercam os músicos, armados de cadernos de autógrafo e máquinas fotográficas. Os músicos posam sorridentes, abraçados com a garotada. Pete De Freitas, o baterista, é a opção favorita das meninas. Um garoto mulato, num inglês corretíssimo, indaga a Bent, empresário do grupo, por Ian "Ele está no quarto", responde Bent, "telefonando". Com dificuldade, Bent controla o nervosismo causado pela meia-hora de demora dos músicos, aguardados desde as 18h30 para uma entrevista com BIZZ. A presença de Mac é uma incógnita, também. "Seria melhor que ele descansasse", explica Bent. Afinal, Mac havia feito uma incursão ao Crepúsculo de Cubatão, extemplo dark, hoje uma casa noturna em transição. Mac não gostara do Crepúsculo, para ele barulhento e enfumaçado demais. E estava cansado, também, das filmagens para o clip de "The Game", dirigido pelo fotógrafo Anton Corbjin e com seqüências exclusivamente gravadas no Brasil.

Driblado o pelotão de fãs, o grupo se aboleta num conjunto estofado, cercado de três inquisidores: **Tom Leão, Maurício Valladares** e **José Emilio Rondeau.** E nada de Mac... A conversa se inicia bastante informal — Les Pattison, o baixista, é dono de um timbre de voz idêntico ao de John Lennon. Will Seargent — feioso, narigudo — fala como Ringo Starr e desmente, de cara, a fama de caladão e emburrado que carregava até aqui. Junto com Les, é o que mais fala. E é o mais gozador.

Finalmente Mac surge — de óculos escuros, blusão de jacquard, rosto descansado. Já podemos começar.

BIZZ — *O que vocês acharam da turnê brasileira que o grupo encerrou ontem? Havia alguma expectativa que acabou sendo superada? Houve alguma decepção?*

Les Pattison — Já havíamos lido muito a respeito do Brasil na revista *National Geographic*, onde havia uma reportagem sobre o país, isso um mês antes de viajarmos para cá. E houve um programa na Radio 4, chamado *Medicine Now*...

Will Seargent — ... falando sobre as Dez Doenças Brasileiras Mais Populares *(risos)*.

Les — Tomamos tantas injeções (antes de vir para cá) que nossos braços ficaram inchados... pílulas contra malária, também.

BIZZ — *Mas em termos de reação do público, que tal?*

Will — Aqui é muito melhor que na Europa.

Les — Surpreendente, yeah! Especialmente no Rio. Porto Alegre é legal, (o público de lá) parece tanto com os italianos ou espanhóis que vão ver partidas de futebol!

Will — Acho (que o Rio foi melhor) por causa do lugar, que se parecia com um clube.

Les — Não havia cadeiras ou poltronas.

Will — Era um lugar onde você podia comprar um drinque e dançar, sem precisar ficar sentado no seu lugar.

BIZZ — *Parece que no primeiro show em São Paulo a platéia custou a reagir, estava um pouco fria.*

Will — Pareceu uma boa platéia. Só que o Rio foi mais selvagem... o pessoal já tinha tomado algumas cervejas.

Les — No Rio o pessoal sabia todas as letras!

BIZZ — *Parece que vocês ficaram bem impressionados com essa turnê brasileira.*

Ian Maclouch — Sem dúvida, yeah.

BIZZ — *No último show do Rio você até prometeu voltar no ano que vem.*

Mac — Na verdade eu nunca digo coisas desse tipo. Talvez às vezes, de brincadeira, mas é bom poder falar assim quando é verdadeiro, quando está todo mundo se sentindo numa boa. Voltaríamos (ao Brasil) provavelmente na mesma época, ano que vem, e isso seria o mais cedo possível, pois daqui vamos agora para os Estados Unidos, depois Inglaterra, o resto da Europa e, no início de 88, Austrália e Japão. Acho que (voltar aqui) antes do (que estamos prevendo) seria... como se tivéssemos acabado de sair daqui, entende? Precisamos de um ano.

"Às vezes você compõe uma canção e, no dia seguinte, entra no estúdio para gravar"

BIZZ — *Vocês só tocaram "Bring on the Dancing Horses" no Rio?*

Pete De Freitas — Tocamos uma vez antes, em São Paulo.

Will — Ela nunca funciona bem ao vivo, quase não tem relevo, é toda linear (nos shows).

BIZZ — *Vocês acham difícil transpor uma faixa de um disco para o palco?*

Les — Às vezes você compõe uma canção e no dia seguinte — ou na semana seguinte — entra no estúdio, sem nunca ter tido muita chance de tê-la tocado ao vivo. E é tão melhor quando você toca a música primeiro ao vivo, como ocorreu com "Lips Like Sugar". Tocamos essa música no ano passado e ela está obviamente melhor nos dias de hoje por causa disso; ela se beneficiou do fato de ter sido tocada bastante ao vivo.

BIZZ — *Por que vocês tocaram na turnê brasileira mais músicas do* Crocodiles *e* Ocean Rain *do que de qualquer outro álbum?*

Will — Bom, *Crocodiles* tinha aca-

Foto Claudia [illegible]

Foto Steve Rapport/LFI

Em Paris, diante da Notre Dame: Les Pattinson, Will Sargeant, Ian "Mac" McCulloch e Pete de Freitas, os quatro fabulosos de Liverpool

Foto Claude Gassian

Uma pose marcada pelo cansaço, às vésperas do ano de folga que a banda tiraria, em 85, quando o baterista Freitas acabaria deixando o grupo

ECHO & THE BUNNYMEN

bado de ser lançado aqui, né? *Ocean Rain* era o outro. Tentamos colocar também no show outras músicas de outros álbuns, mas... sei lá, é impossível tocar tudo, são tantas! Além do mais, como já dissemos, algumas músicas não funcionam tão bem ao vivo. Por exemplo, ensaiamos para a turnê "All My Colours", mas não chegamos a tocá-la. E se o show fica grande demais as pessoas se enchem, ficam querendo ir ao banheiro.

BIZZ — *E como vocês acabaram tocando "Twist and Shout" (clássico do rock que também já foi gravado por outro grupo de Liverpool, os Beatles)?*

Will — Mac sabia os acordes da música — são só quatro. Tocamos "Twist and Shout" na última noite de São Paulo também.

Mac — Nós já havíamos tocado "Twist and Shout" antes?

Les — Não, nunca.

Mac — Yeah. Antes de começarmos o último show de São Paulo eu sugeri "Twist and Shout" — é só Dó, Fá e Sol, sabe? É fácil, e é uma música ótima... e dá para ficar cantando "la-la-la-la-la-la-la bamba", saca?

BIZZ — *O que está acontecendo no Brasil, agora, é que a garotada está conseguindo ver seus ídolos ao vivo, ao passo que isso nunca aconteceu antigamente, com outras gerações. Quando os artistas chegavam por aqui — se chegavam — já estavam nas últimas.*

Mac — É estranho... é realmente engraçado. Existe mais oportunidade aqui, um mercado que ninguém sequer sonhava pudesse existir. Na

"No Brasil, a platéia é misturadíssima... Se você toca bem, eles adoram"

Holanda, por exemplo, tocamos uma porção de vezes lá, mas é preciso que você toque durante todo um ano por aqueles lados até que alguém preste atenção em você. Mas no Brasil — e isso é a coisa boa daqui, eu acho — a platéia é misturadíssima, com todo tipo de gente. E se você toca bem, eles adoram.

Les — O que acontece no Brasil é que há tanto futuro aqui, em termos de país, que não consigo entender como (o Brasil) está tão por baixo. As pessoas são tão amigas, realmente brilhantes, saudáveis e tudo o mais, há muita reserva de petróleo... mas existe pobreza, inflação... é apenas um caso de má administração.

Mac — De todas as bandas inglesas que já vieram tocar aqui... você acha que nós fomos a mais bem-sucedida?

BIZZ — *Pode até ser. De qualquer maneira, a promoção que as bandas tiveram foi fantástica — todo mundo sabia quem eram vocês, sabia onde eram os shows, sabia o que vocês diziam ou faziam.*

Mac — Os Smiths também tocaram aqui, né?

BIZZ — *Não, nunca.*

Mac — Oh?

Les — Parecia que já tínhamos chegado aqui há um tempão.

Mac — Yeah, teria sido muito chato vir tocar aqui e ninguém ir aos shows, se a reação do público tivesse sido estranha... quer dizer... dá para perceber que você está bem longe de casa, mas, quando as pessoas gostam, vale a pena.

BIZZ — *Vocês são uma banda de Liverpool, que também é a terra dos Beatles. Foi duro nascer e crescer musicalmente sob a sombra dos Beatles?*

Les — Os Beatles foram, provavelmente, a maior banda de todos os tempos. Por exemplo: todo esse tipo de coisa... a maneira como a mídia lida com um grupo, ou o jeito como uma gravadora conduz seu negócio, hoje em dia, tudo é baseado nos Beatles. Mas nós apenas *somos* de Liverpool. Somos de outra época de qualquer maneira. Esse tipo de relação só ocorre quando estamos numa viagem de férias, perguntam de onde somos e respondemos "Liverpool" e as pessoas dizem "Ah, The Beatles".

BIZZ — *Como foi, musicalmente, crescer em Liverpool?*

Les — A atmosfera era uma explosão chamada punk, new wave, ou seja lá o nome que você preferir...

Mac — Power pop! *(Risos)*

Les — ... e isso adicionou muita... mudou a atitude de todo mundo. Todo mundo teve sua chance de fazer música.

BIZZ — *As bandas brasileiras são, na maioria, muito fechadas em si mesmas. Às vezes existe até uma competição entre cidades. Existia esse tipo de coisa lá, durante aquela época?*

Mac — Yeah, e em Londres também. Tipo a gravadora parecia nos temer — a nós e a todos os grupos de Liverpool — porque sabia que (em Liverpool) havia uma atitude de "Ah, nós temos as melhores bandas do mundo"... Esse tipo de coisa não acontece em todo lugar? Acho que tem mais a ver com Liverpool do que com qualquer outra cidade

"Provavelmente, os Beatles foram a maior banda de todos os tempos"

da Inglaterra, porque (lá) é assim com tudo, música, futebol...

BIZZ — *Como eram as coisas no Eric's (nightclub onde começaram bandas como Echo & the Bunnymen, The Fall e Warsaw, mais tarde rebatizada Joy Division)?*

Will — Muita competição.

Les — Competição saudável.

Mac — Juntar os inimigos.

BIZZ — *Quando, finalmente, vocês se tornaram conhecidos nacionalmente, ficaram surpresos com a reação favorável da mídia?*

Les — É, eles gostaram da gente.

Mac — Nos surpreendemos pelo fato de terem gostado de nós. Foi bom, saca? Eles sempre gostam do coitadinho que está por baixo. Nós éramos novos, éramos vistos como um tipo de nova luz no horizonte que iria salvar a música, sabe? E assim que salvamos (a música) passaram a nos odiar.

BIZZ — *Parece que isso acontece muito na Inglaterra.*

Mac — Yeah.

BIZZ — *Vocês levam a sério a lista de Melhores do Ano do* New Musical Express?

Mac — Quando estamos lá em cima, sim. *(Risos)*

BIZZ — *Vocês acham que coisas desse tipo são importantes para dar credibilidade ao artista na Inglaterra?*

Les — Yeah, mas nós não lemos os jornais. É tudo uma enganação tão grande, sabia? Até mesmo a lista de melhores do *NME*.

Mac — Durante anos os editores e jornalistas do *NME* vêm tentando sempre derrubar os grupos mais po-

Foto Claude Gassian

Como quem não quer nada, o grupo abafou em sua turnê brasileira, arrebanhando mais uma legião de fãs que desconhecia seu trabalho

ECHO & THE BUNNYMEN

pulares, como U2, nós, Simple Minds. Ou, então, tentam derrubar o próprio rock, dizendo que o rock foi uma perda de tempo, coisas assim. Mas os leitores deles... é disso (dos grupos mais populares) que eles gostam! Acho que cada vez menos pessoas estão comprando (o *NME*). A tiragem despencou.

Will — As pessoas estão se ressentindo do jornal porque ele está tão sarcástico, sabe? Na verdade, (o jornal) não diz coisa alguma a você.

BIZZ — *A imprensa rock é uma espécie em extinção?*

Will — Porque não há nada que a faça agir, que a faça se entusiasmar. Não há nada como o punk, por exemplo, acontecendo. Quando o punk surgiu foi como se tivesse sido feito sob medida para o *NME*. Agora é só pop, é bosta. Aí você tem (revistas como) *Smash Hits, Record Mirror, Number 1*...

Mac — Os artigos que você lê na imprensa diária estão melhores, agora, porque existem discos melhores... e no *NME*... existe uma variedade tão grande de pessoas escrevendo em coisas como o *NME* que fica difícil avaliar — numa determinada semana descem o cacete em você e na semana seguinte o *NME* ama você. Parece que metade (da equipe) do jornal odeia uma coisa que a outra metade diz que gosta.

Will — Agora surgiu uma porção de novas revistas na Inglaterra que parecem ser uma rebelião óbvia contra aquela coisa sarcástica, cheia de piadas "das internas". Tem uma nova, chamada *Q, pretty good*. Não é só de música, mas é tão bem-feita, sem aquela atitude zombeteira de Londres. Outra é a *LM*, que também não é só sobre música, fala de velhas séries de televisão...

"Éramos vistos como um tipo de nova luz que iria salvar a música, sabe?"

BIZZ — *A imprensa sempre menciona uma forte influência de David Bowie sobre você, Mac. Você admite isso?*

Mac — Gosto do jeito que ele canta... ou do jeito que ele costumava cantar. Acho que isso sempre me influenciou mais do que qualquer outra coisa — apenas o jeito como ele cantava. Tenho uma voz diferente (da dele), mas usei técnicas e estilos similares. Também gostava de muitas letras dele, como as de *Hunky Dory*. As letras eram ótimas. E eu gostava de muitas coisas obscuras e abstratas que ele costumava fazer; ele não falava sobre coisas banais, do dia-a-dia.

BIZZ — *Numa entrevista você disse que suas próprias letras eram abstratas porque a vida em si já é abstrata. Você ainda pensa assim?*

Mac — Mais ou menos... é bastante abstrata (a vida)... quer dizer, tem pessoas morando em caixotes numa estrada...

Les — E isso é considerado normal, né? Mas é abstrato...

Mac — Tantas coisas esquisitas... como escovar os dentes... são abstratas.

Les — Escovar os dentes é abstrato?

BIZZ — *E nas suas letras dá para imaginar que você tenha preocupações ecológicas — você sempre cita a natureza, plantas, animais.*

Mac — Engraçado... passo a maior parte do tempo dentro de casa, embora tenha um bom quintal. Gosto de usar as imagens... Acho que o Partido Ecológico, ou o Partido Verde, é bom, é valoroso, é um partido que pelo menos se preocupa com a natureza, e tal. Mas não estou envolvido ativamente nele, além de eventualmente escrever (sobre a natureza). A maior parte é... metáfora fácil, acho. Muitos dos elementos que você pode usar — e isso em toda a literatura —, como vento, chuva, sempre foram usados como metáfora. Mas não é um posicionamento nosso.

BIZZ — *Os Doors, aparentemente, também tiveram grande influência sobre o grupo.*

Will — Nós gravamos "People Are Strange" para a trilha sonora do filme *Lost Boys*. O diretor nos convidou.

Les — Conhecemos Ray Manzarek, e nos encontramos algumas vezes. Os Doors iam dar uma coletiva para lançar um disco novo, a gravadora nos convidou e fomos conhecê-lo. Depois (Ray) foi nos ver (em Los Angeles), no Whisky A Go-Go.

BIZZ — *Parece que vocês estão à beira de um grande sucesso nos Estados Unidos (onde o Echo & the Bunnymen iniciará, em agosto, uma turnê com o New Order).*

Will — Nós acabamos sendo amontoados num mesmo bolo (de bandas inglesas), entendeu? Acaba sendo difícil avaliar.

Mac — Acho que vamos crescer (lá), sem dúvida. Porque a última turnê que fizemos lá, no ano passado, aconteceu depois de termos ficado um ano e meio sem aparecer (pelos Estados Unidos), e ninguém ia nos ver. Mas o nosso agente americano disse que estava sentindo (uma certa expectativa) em torno de nós, em torno de nosso novo álbum, e nos organizou uma turnê onde vamos estar tocando em lugares para cinco mil pessoas, cujos ingressos esgotaram em três dias. E no passado ninguém queria nos ver tocar.

BIZZ — *Fale um pouco sobre o novo álbum,* The Game. *Vocês tocaram sete músicas dele, durante essa turnê brasileira. Quanto tempo vocês levaram para gravá-lo?*

Les — Humm, não foi rápido e decerto a intenção era ensaiar, entrar no estúdio e gravar o disco em três semanas, mas as coisas acabaram se modificando. Sabe, tipo ter mais algumas idéias enquanto se faz o disco... e o processo foi se estendendo cada vez mais. E as letras de Mac... ele era capaz de mudar letras de uma canção inteira — no caso de acabar tendo uma idéia melhor... o baixo e a bateria originais ainda estão lá, por isso acho que não há uma superprodução.

BIZZ — *Vocês, então, levaram três meses para gravar o disco. Vocês acham excessivo esse tempo?*

Les — O tempo pareceu se arrastar. Geralmente o melhor é quando você entra no estúdio sem música alguma pronta. Como aconteceu, por exemplo, com "Bed Bugs and Ballyhoo". Estávamos em turnê, em São Francisco, e precisávamos gravar uma faixa para o lado B de um compacto. Então entramos num estúdio e alugamos equipamento que

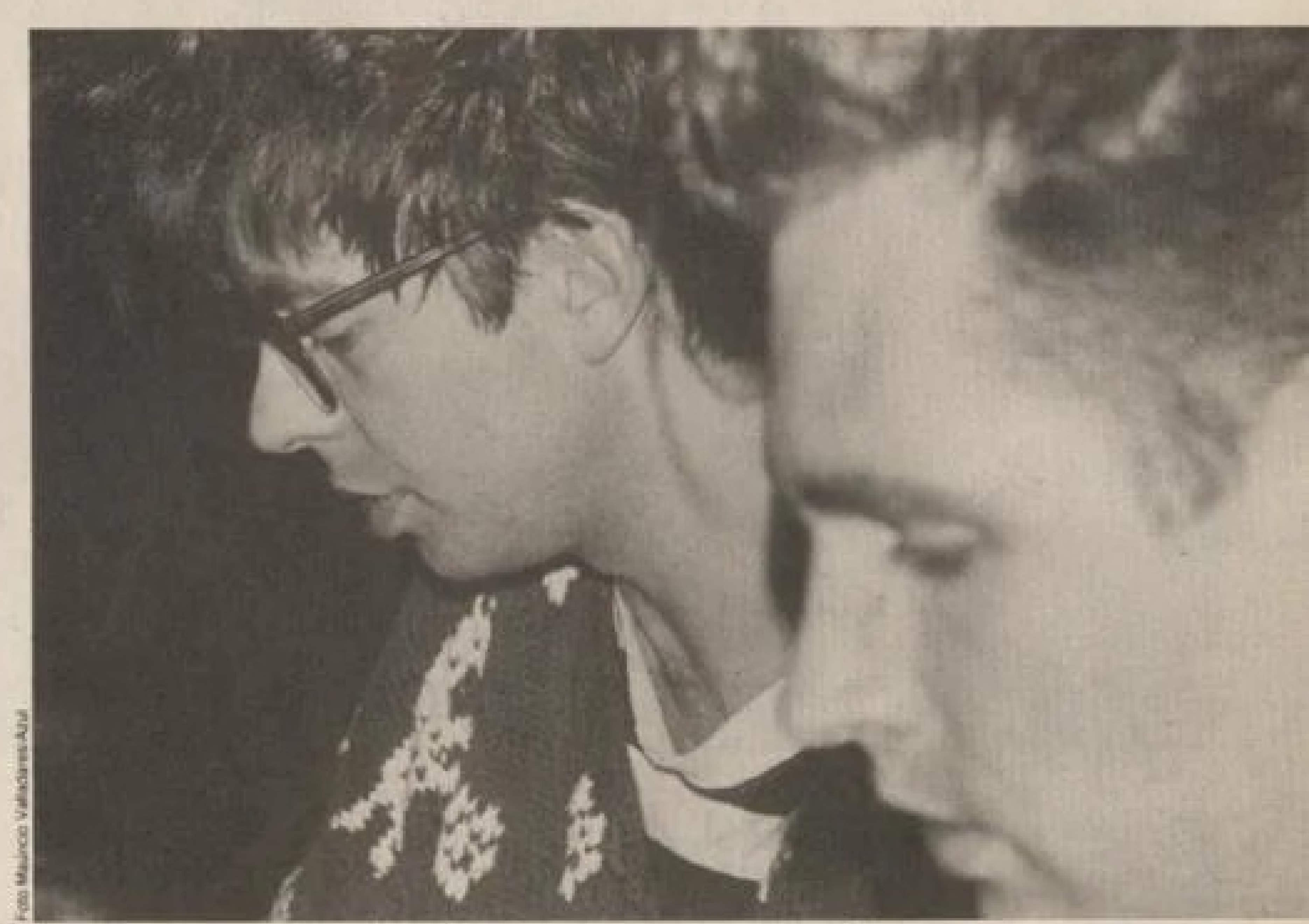


Foto Mauricio Valladares/Azul

Um flagra da entrevista: Mac (de óculos) e Les ponderam sobre mais uma perguntinha

Foto Mauricio Valladares/Azul

A coletiva do Rio de Janeiro: vinho tinto e olhares perplexos (da banda e do garçom)

Foto Claude Gassian

Paris, mais uma vez sob a franja de Will Sargeant: os "coelhinhos humanos" no tempo em que a turnê brasileira era um sonho de poucos

ECHO & THE BUNNYMEN

nunca havíamos usado antes. Eu tinha um baixo acústico, Will tinha um violão de onze cordas e Pete tinha apenas dois tambores. Então fomos forçados a fazer uma música, e foi ótimo.

BIZZ — *Mas, quando vocês relembram os discos que gravaram, vocês acabam achando que poderiam tê-los feito de uma forma diferente?*

Will — Sempre pensamos nisso, mas você esquece, no fim das contas. Por exemplo, quando você tem duas guitarras diferentes e precisa escolher apenas uma delas... você escolhe uma, certo? E *essa* acaba entrando no disco. Quando se está fazendo um disco você tem de aturar tanta babaquice, você tem de agradar todo mundo. É de enlouquecer.

BIZZ — *E sobre o novo vídeo, o que vocês podem falar dele?*

Les — É muito esquisito. Não havia nenhum conceito (por detrás dele), porque não sabíamos qual seria o compacto. No começo pensávamos que seria "Lips Like Sugar", então gravamos uma porção de gente em São Paulo fazendo assim *(faz um gesto bastante familiar dos brasileiros, aquele com a mão passando por cima da boca, como se estivesse dizendo "está no papo")*. E foi ótimo, o tempo estava bom, a rapaziada toda fazendo (o gesto). Mas no dia seguinte soubemos que o compacto seria "The Game" e precisamos mudar tudo.

Will — É bastante surreal.

BIZZ — *Vocês estão gravando o vídeo só no Brasil?*

Les — É tudo gravado no Brasil.

Will — Gravamos algumas seqüências no Cristo Redentor, outras nos Arcos da Lapa...

"Quando se está fazendo um disco, tem que se aturar tanta babaquice"

BIZZ — *A banda tem alguma influência na criação de seus vídeos?*

Les — Yeah, e ele está aqui, também (ele é Anton Corbjin, fotógrafo de rock), e ontem foi aniversário dele, então ele é como um amigo da gente. Nos conhecemos há oito anos, desde que Pete entrou na banda e fizemos nossa primeira sessão de fotos com ele. E ele está sempre pedindo sugestões... e ele sabe qual é o barato da banda.

BIZZ — *A banda tem algum projeto paralelo, álbuns solo, cinema, teatro?*

Mac — É um pouco difícil. Eu não sei onde essa gente arruma tempo para fazer tantas coisas diferentes. Como o Bowie — ele faz toda essa diversidade de coisas e lança álbuns merda, com uma ou outra música que é boa. É tão melhor e economiza tanto tempo fazer as coisas direito...

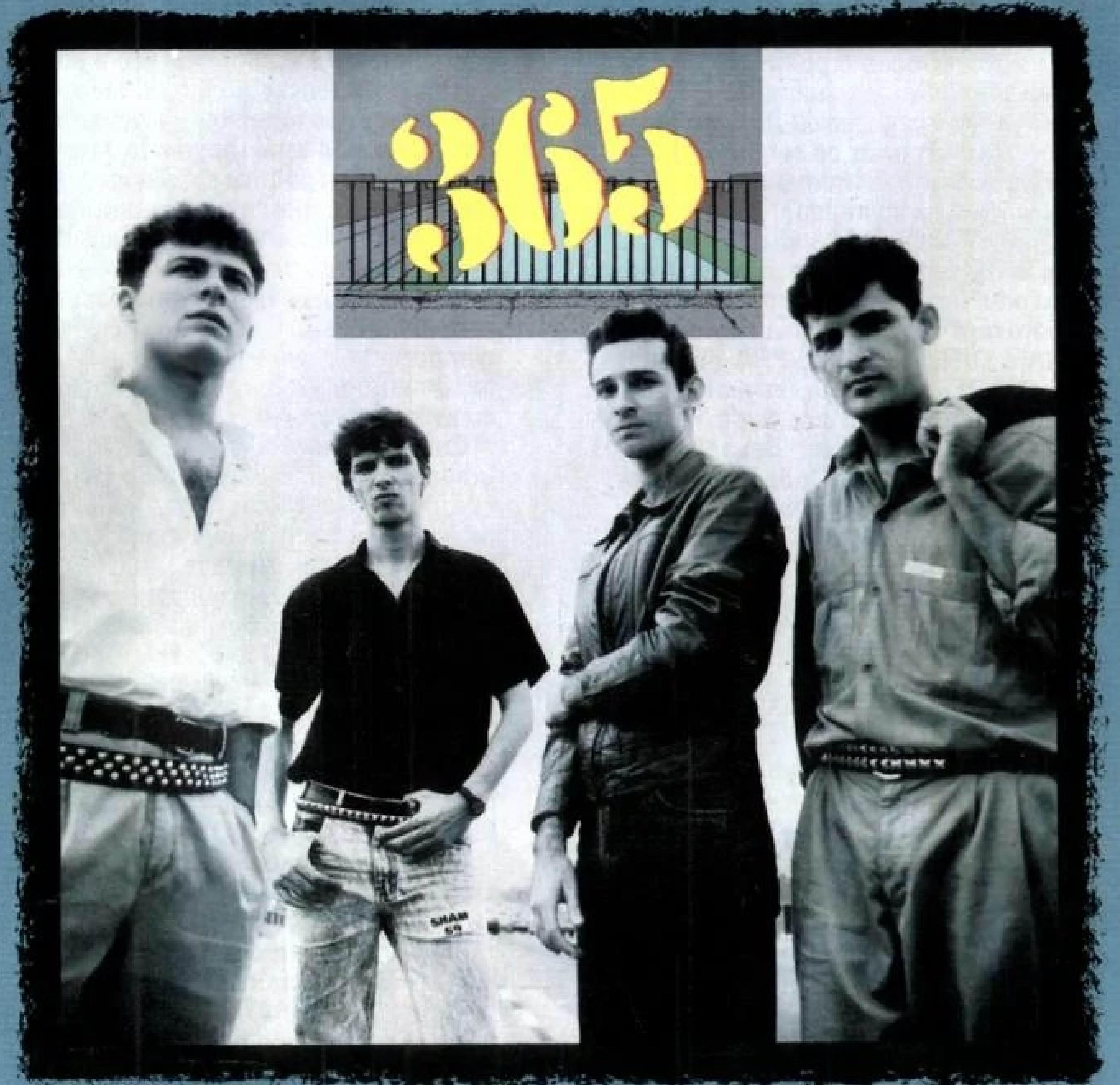
Will — Podíamos ter nossa própria série de TV... como os Monkees!

BIZZ — *Vocês, no passado, eram considerados a nova geração. Outras vieram depois de vocês. Como vocês vêem as novas gerações? Vocês vêem algo de novo acontecendo?*

Les — Há sempre uma nova geração crescendo, mas é impossível vê-la antes que ela acabe. Acho que as coisas acontecem em ciclos de dez anos.

Mac — Quando (a nova geração) pintar, provavelmente diremos que ela é apenas jovem, que ela não sabe tocar. Talvez nem cheguemos a perceber que alguma coisa esteja acontecendo, porque vamos estar velhos demais.

87 COMEÇA AGORA...



ESTE É O SOM DA GRANDE REVELAÇÃO DO ANO!

Continental

Reação em Cadeia

JOÃO LUIZ WOERDENBAG
O Lobão

"Violência, vamos viver sem violência? Como é que vamos viver sem violência se há uma violência letárgica ideológica somada a um retrocesso político?

Com que direito se acham os homens de desvendarem a cegueira da Justiça através de verdadeiras curras ao ser humano?

Como pode um ser humano ser alguma coisa sem a sua liberdade?

Vamos viver sem violência?

Em se tratando de revolta, e indignação, quero citar um aforismo que retrata toda essa mixórdia que é nossa sociedade: "CRIAM DIFICULDADES PRA VENDER FACILIDADES". Essa é de um amigo meu (Buster) e tem também uma do Kipling que me tocou profundamente: "Deus abençoe as ilhas cismarentas / Onde jamais chegam os mandatos de prisão / Deus abençoe as repúblicas justas / Que dão ao homem um lar".

E que Deus proteja os homens de boa vontade, aplaque a minha cólera e me dê fé. Que essa fé sempre seja cega, pois de nada valeria uma fé baseada numa troca como "fé em quê"? O que considero ridículo.

Penso nos meus colegas de cela e rezo. Axé para todos eles.

Como também me proponho a tentar saber por que sinto tanta raiva por gente tão insípida. Talvez pelo fato de sua própria insipidez.

Você vê políticos, artistas, executivos, empresários, enfim, um naco social de aparência sordidamente próspera, escorregando pela vida, sendo conivente com o obscurantismo.

O que essa gente incompetente, desprovida de brilhantismo, ou arte, faz dos nossos dias? São pessoas geradas pela mais miserável das violências: a falta de talento.

Saudações a quem tem coragem!

Chega de ser um animal estruturalmente cafona!

Chega desse provincianismo putrefato que fere as leis da "coerência" do pensar e a hereditariedade conduzida ao ponto de assumir a condição de "capachos de rendez-vous" terceiromundista.

Acho que essa síndrome de boa intenção ignorante é o maior cancro a atingir qualquer pretensão de integridade. Pois integridade não é caretice! Talvez seja por isso que eu não esteja gostando dessa política. Porque a política em si nunca foi íntegra, una. Sempre se apresenta por partidos, mesmo dilacerada na podridão da retórica que tantos danos causa à sociedade.

A arte então virou um frívolo veículo de entretenimento estéril, de violência "bem-comportada", podre de tanta assepsia "feliz". Arte que se torna impotente diante da conivência bovina de seus autores.

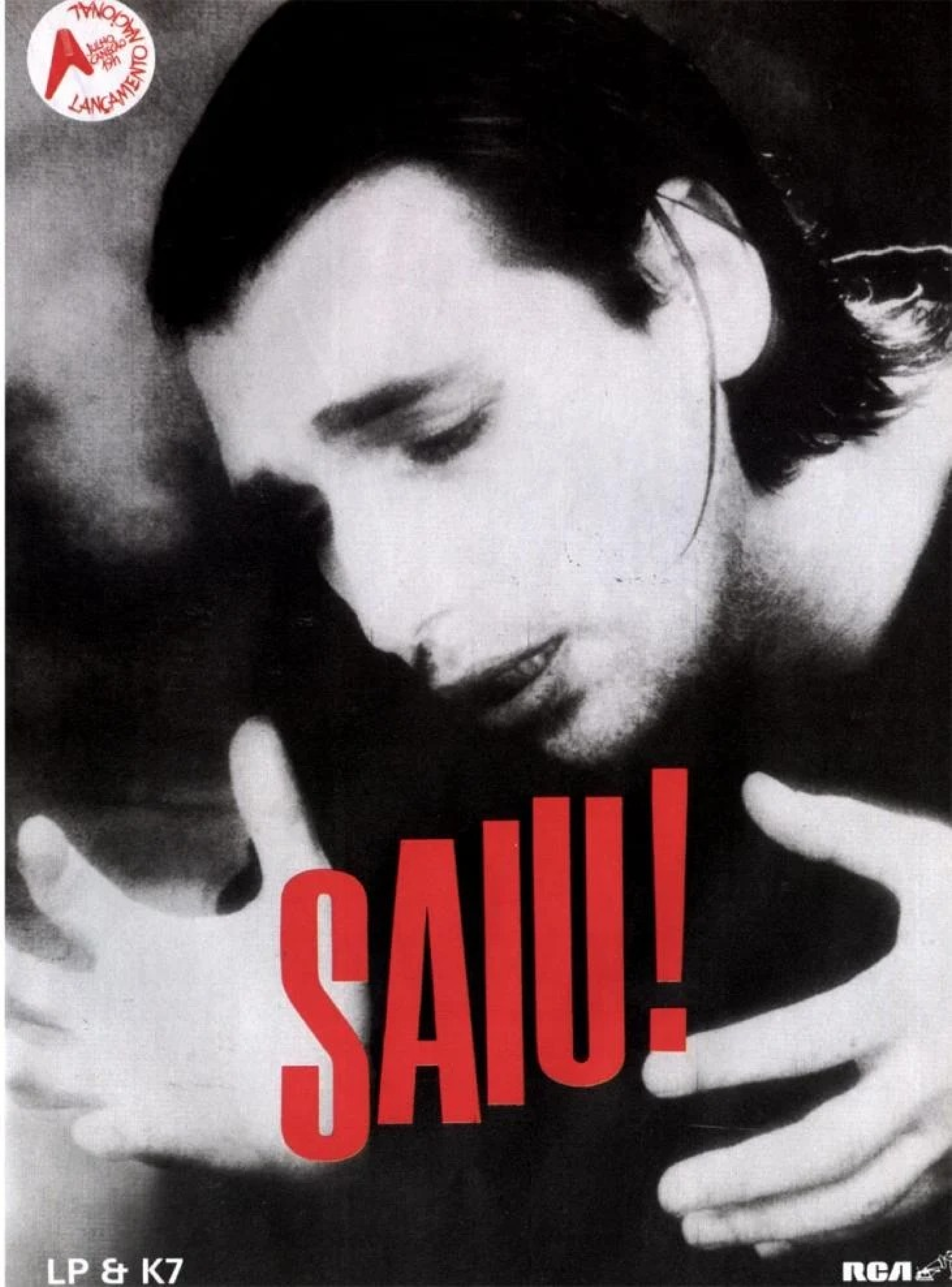
Queria também relembrar meu querido irmãozinho, velho e bom Júlio Barroso, que uma vez, naquelas noites..., me mandou um recado no guardanapo: "O poeta é o traficante da liberdade".

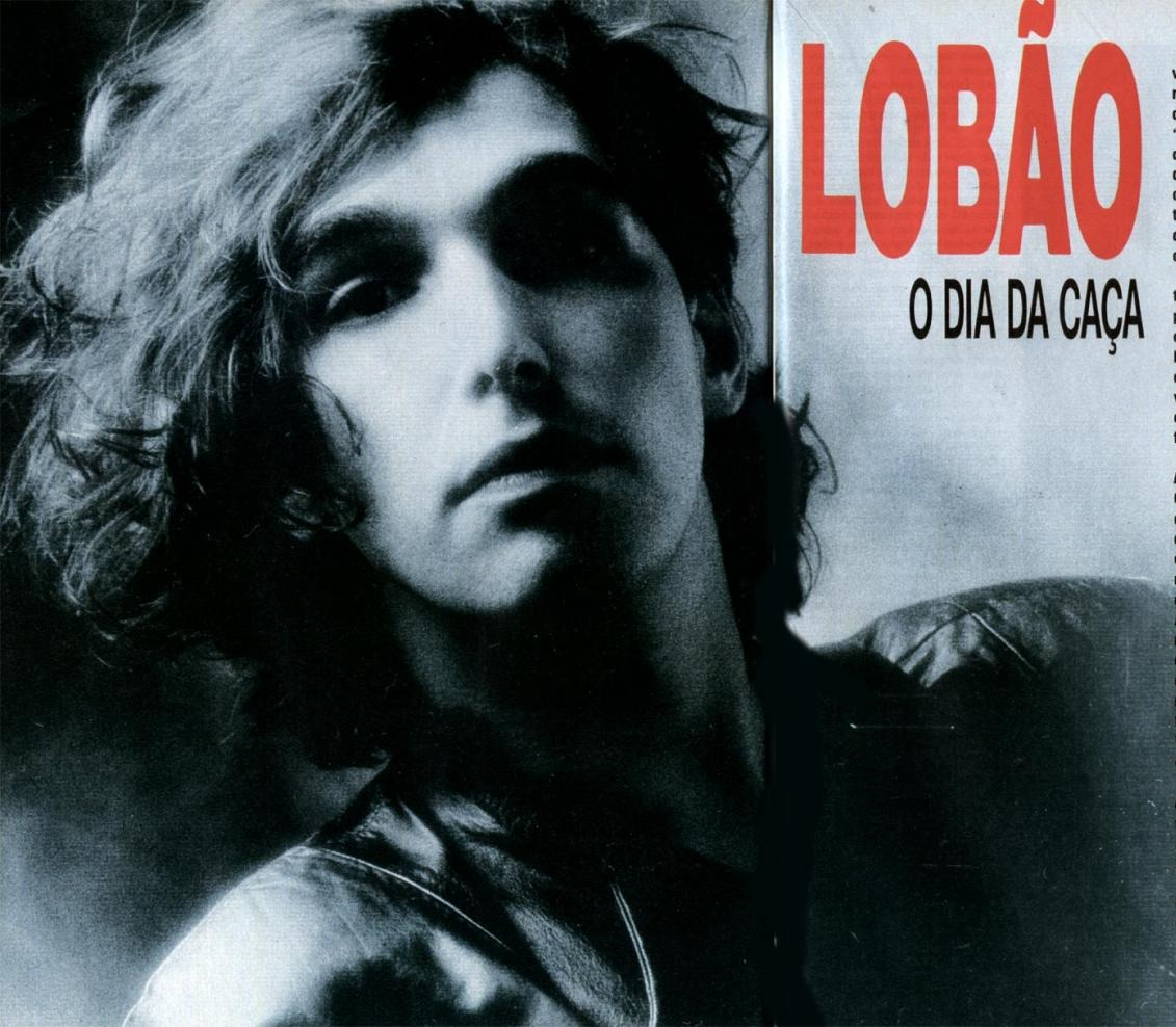
Não dá pra ver tanta gente presa (presa mesmo) por erros judiciais brutais. Não dá pra engolir a Justiça amortalhada por mantos de propina, ver vidas desmoronando pelas leis que regem tão arbitrariamente o lado mais fraco da sociedade, pois essa Justiça sempre guarda um sorriso ao dinheiro, "criando dificuldades para vender facilidades".

E se quiserem me enquadrar, que inventem um artigo penal só para poesia: "TRÁFICO DE LIBERDADE".

P.S.: Como diria meu amigo Bernardo Vilhena: 'Vida bandida' não é um samba-exaltação à bandidagem, é apenas a demonstração da força e do poder de um revide.

LOBÃO 87!!!*





LOBÃO

O DIA DA CAÇA

Numa noite do começo de maio, Lobão estava lavando as mãos. Ele havia acabado de devorar sozinho quase uma pizza inteira, sabor banana, antes de entrar no estúdio para colocar a voz na música "Soldier Lips", uma das faixas mais fortes de seu quarto álbum, *Vida Bandida*. Vinte quilos mais gordo, tomando mel-poejo para proteger as cordas vocais, energético, Lobão era a própria imagem do artista em ebulição — *Vida Bandida*, quando concluído, seria o álbum mais importante de sua carreira, o disco que, enfim, não havia saído torto.

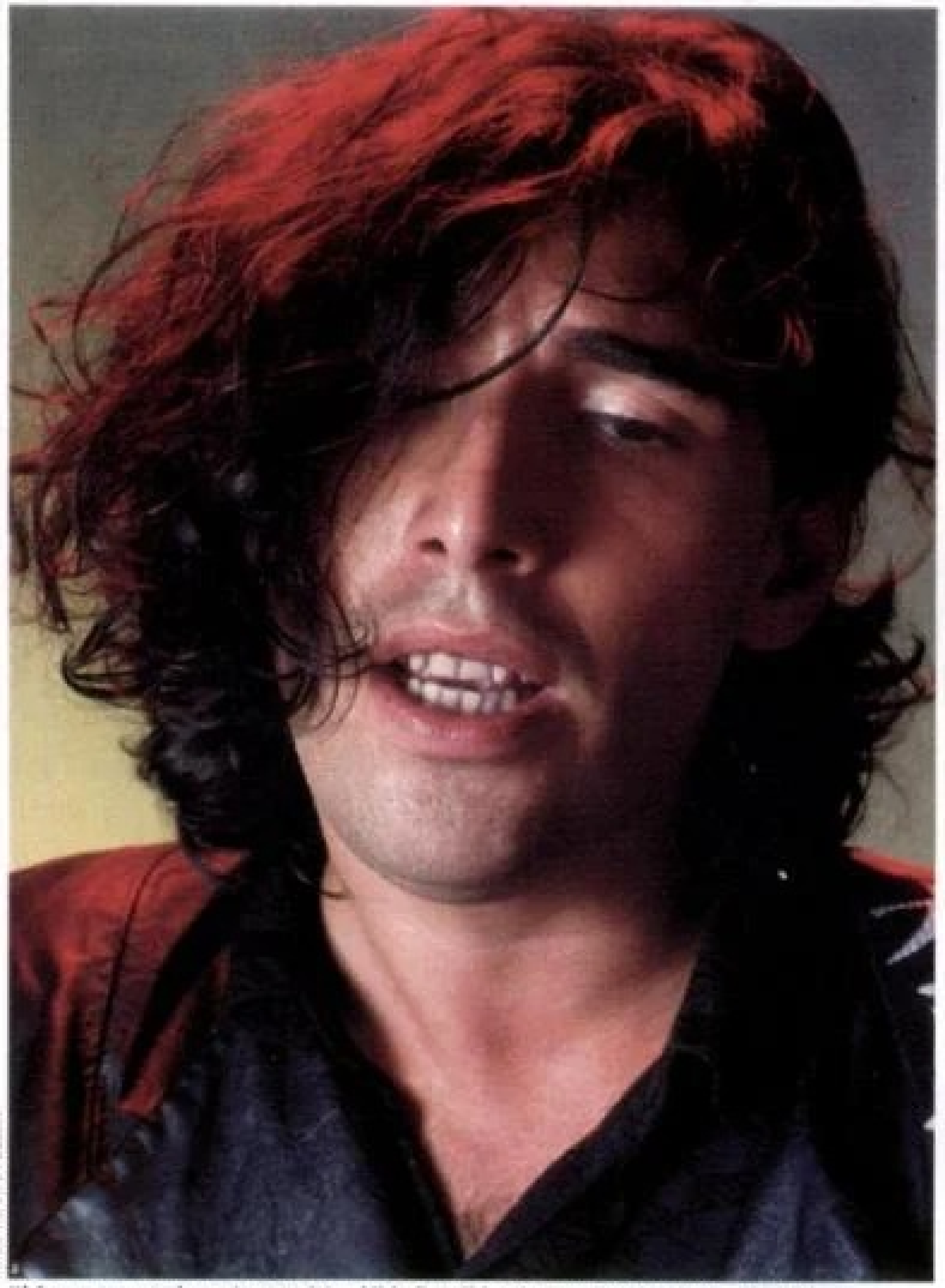
Tudo merecia comemoração: um bom disco, uma turnê nacional, o projeto de um filme e, o mais importante, talvez, a possibilidade de uma associação com a FBI, produtora de Miles Copeland (leia-se The Police), com direito a lançamentos nos mercados europeu e norte-americano, em inglês. "Tô com a vida mais regrada", disse Lobão naquela noite. "Vou comprar um terreno e fazer uma casa com um subterrâneo, para fazer o barulho que eu quiser".

Menos de 20 dias depois dessa conversa com *José Emilio Rondeau*, Lobão foi a julgamento na 2ª Vara Criminal, na Ilha do Governador, processado por uso de tóxicos reiterado, porque agentes da polícia federal encontraram na bagagem do artista, recém chegado ao Rio de Florianópolis, maconha e cocaína (28 decigramas de maconha e 8 decigramas de cocaína deteriorada, inadequada para consumo...). A sentença do Juiz Paulo Panza: um ano de prisão, mais o pagamento de multa correspondente a 50 dias de trabalho. O motivo da sentença: o uso de drogas e "os péssimos antecedentes e a péssima personalidade" de Lobão. Por ser reincidente, Lobão não teria direito de cumprir a pena em liberdade. Da 2ª Vara Criminal ele foi levado diretamente para a cela 4 da Polinter, no centro do Rio.

Daí até o dia (9/6) em que lhe foi concedido um *habeas corpus* para que ele respondesse o processo em liberdade, Lobão foi assunto para muitas páginas da imprensa — apoio e execração caminharam juntos nesses vinte dias.

Numa segunda entrevista, concedida com exclusividade no dia 11/6, à repórter *Sônia Maia*, Lobão continuava indignado. E não só ele...

LOBÃO



Fotos Marcelo Faustini

"Mesmo com todas as intempéries, Vida Bandida *teve um carinho mais especial"*

Primeira parte: Boletim de Ocorrência

BIZZ — *O processo de feitura deste novo disco teve muitos problemas: primeiro, você começou a gravar numa época em que os músicos estavam em greve. Depois, você foi preso. Queria que você falasse um pouco sobre essas atribulações.*

Lobão — Engraçado, eu pensava que esse disco não seria feito torto. Torto em termos de precariedade. O primeiro *(Cena de Cinema)* foi feito em oito canais, sem a menor pretensão de vender. O *Ronaldo Foi pra Guerra* foi feito numa época de mudança de diretoria da gravadora — o alto-falante do estúdio estava peidando, todo caído. Você tinha que dar porrada na máquina pra ela funcionar. Às vezes, eu chegava para gravar e estava o Antônio Marcos mixando. Aí veio o "Décadence avec Élégance", um compacto. Eu ia chamar de *Décadence* o disco que acabou virando *O Rock Errou*, mas os Ronaldos acabaram — ou melhor, eu fui saído dos Ronaldos —, e aí voltou toda a situação torta, novamente. Não botei "Décadence..." no álbum porque seria uma coisa anti-ética. Então dei aquela legendária parada de quatro meses... eu tinha que ir para casa, trabalhar. Ficar fazendo o que na rua? Estava namorando, é claro, mas tinha que trabalhar feito um alucinado, tive que refazer todo o conceito. Eu pensei: "Bom, vou contratar músicos", coisa que nunca tinha feito antes. Então acabei produzindo o disco — apesar da Leninha *(Brandão, empresária de Lobão naquela época)* estar ali de figuração, eu fiquei lá na voz ativa — e fiquei à deriva, como voz de comando dos músicos. Poucas músicas daquele disco eu consegui passar exatamente... as baladas geralmente passaram. Agora, "O Rock Errou", por exemplo, é uma música que ficou meio em cima do muro, porque eu queria que tivesse um clima meio "Instant Karma", do Lennon *(imita o padrão rítmico do disco de John)*. E o cara *(Juninho, então baterista de Lobão)* fazia *(imita uma bateria jazzística)* um *shuffle*, um lance de jazz. Aí eu, polianamente, dizia: "Bom, de uma forma ou de outra, poderia ser tido como uma invenção. O cara tá enjazzando... o rock errou... pode colar: o rock errou, ele está errado mesmo", pensei eu. Ficou um estilo... quer dizer, nem sei se posso dizer que isso é um estilo. Mas não é um disco que eu pus na vitrola para ouvir. Respeitei, gostei da capa, gostei do conteúdo, mesmo, do disco. Mas eu tinha perdido um certo controle, não sabia me referir aos músicos, estava em litígio com a Leninha. Então, outra vez, foi um disco torto. Falei: "Pô, no próximo..." Então, seis meses antes de começar a gravar *Vida Bandida* eu estava na gravadora discutindo o disco. Cheguei de Nova York, dia 10 de janeiro, todo embalado, mas não tinha nada pronto, né? Por enquanto, parecia que tudo ia bem. Eu e o Torquato *(guitarrista)* iríamos produzir o disco, mas houve uma discussão nossa, me deu um *insight* e eu resolvi chamar o Marcelo Sussekind — isso 24 horas antes do disco começar a ser gravado. Aí também tinha um fetiche, né? Marcelo trabalhou comigo no *Cena de Cinema*, foi o cara que mais me gravou direito. E o Torquato também não podia — estava a maior greve de músicos. E isso 24 horas antes! Eu já estava ficando maluco. Naquela indecisão, conversei com Bernardo *(Vilhena, o letrista)* e ele falou: "Vamos chamar o Marcelo, ele é um cara superobjetivo, pode tocar". Começamos o disco no meio da greve, recebendo telefonemas dos músicos. Eu falando: "Gente, pelo calendário da RCA, vocês têm que entender que eu não posso colaborar com vocês, senão só vou gravar em agosto! Eu não posso. E a necessidade que eu tenho de músicos é muito pouca. Eu vou tocar bateria e guitarra. O Marcelo toca baixo. É um disco de quarteto". Eu iria chamar os adornos depois — como chamei o Zé Luís *(sax)* e o Paulo Henrique *(teclados)*. Não adiei. Comecei a gravar só eu, na guitarra, com um click *(padrão rítmico de bateria eletrônica)*.

Isso numa segunda-feira. Na terça-feira, já embalado, eu fui preso! Fiquei preso até a sexta-feira, passei a semana inteira na cadeia. Aí voltei transtornado. Falei: "Vou capitalizar também, cara. Que porra é essa?" Então, parei o processo normal do disco e comecei a fazer "Vida Bandida". Queria gritar, né?

BIZZ — *Mas a música já estava pronta, com letra e tudo?*

Lobão — Já tinha letra, sim, mas na prisão eu só ficava escrevendo "Vida Bandida" numa folha de papel. E o pessoal da prisão cantava, todo mundo da cela 11 batucando com a mão. Na semana seguinte, depois de solto, fui lá na Polinter mostrar a música pra galera, né? Mas, por outro lado *(a conclusão de "Vida Bandida")*, deixou capenga o processo de realização do disco. Porque pararam todas as bases... depois, eu caí em Friburgo, fiquei com o cóccix quebrado e parei de tocar bateria. Aí tivemos que improvisar: parte com bateria eletrônica, parte com bateria "humana". O disco começou a ficar torto. A prisão foi um baque, uma perda de tempo.

BIZZ — *Como se deu a prisão? (A primeira, antes da condenação no dia 20/5.)*

Lobão — Foi uma quebra de fiança — meu *ex*-advogado se esqueceu de notificar a minha mudança de domicílio. Perdi um tempo precioso, uma grana violenta, fora a violência de estar preso, né? Toda vez que eu era revistado tinha "exame ginecológico", rato na cabeça. E ainda levei outro processo, porque no dia que me prenderam tinha uma bolinha de haxixe. Meu atual advogado *(Michel Assef)* acha que andei dando umas entrevistas bombásticas... Sei não... Aquela de *O Globo* foi um carão, né? Em todas as entrevistas eu estou exigindo uma retratação do delegado Aloísio Russo, porque em qualquer país civilizado ele seria demitido pelo que declarou. Ele tinha assumido a delegacia de narcotráfico numa sexta-feira. Na entrevista que ele deu em seu empossamento, deu a entender que não ia haver marginal, traficante, "nem esses caras que estão fazendo autopromoção em relação às drogas, como esse roqueiro Lobão. Todos eles — traficantes, marginais, esses roqueiros — vão sentir na carne a dura que eu vou dar". Era mais ou menos por aí. "Sentir na carne" é um termo muito brabo, sabe? E aberto a mil interpretações. Quando cheguei na cadeia, vi que as interpretações eram reais, mesmo. No mínimo devia ser processado por difamação, ou alguma coisa parecida. Agora, exijo uma retratação, porque sou um contribuinte, pago imposto de renda, pago parte do salário dele para ele me proteger. Para mim, a polícia foi feita para impor respeito, e não implantar pânico, tá entendendo? Eu acho que tirar nosso imposto de renda para botar metralhadora na mão da polícia... tão matando o povo! Pelo menos na minha carne, eu tô sentindo. Tô sentindo a Polícia Federal todo dia no meu hotel, sentada.

BIZZ — *Em entrevistas que você deu em rádios, logo depois de ter sido solto, você ficava falando sobre a prisão com um certo* fair play *— falava sempre das brincadeiras, da limpeza que fazia na cela, do cachorro que andava por lá. Mas não foi só isso. Teve um lado que foi justamente o lado da violência, que motivou sua mudança de atitude.*

"A 'quentinha' do Moreira, dizem, é só fígado podre... Tive um ataque de choro durante dois dias"

Lobão — Eu perguntei a um cara que estava preso, um traficante... era um cara esperto, me ofereceu um cobertor quando eu cheguei... eu perguntei: "Cara, como você tá nessa situação de traficante?" Ele: "Cara, eu sou negro, sou inteligente, e sou pobre. Isso é um perigo. Eu tenho inteligência para assumir vários cargos idôneos, cargos normais. Mas eu sou preto. Preconceito no Brasil existe. Minha inteligência *não vale só um* salário mínimo, porque eu acho que o governo está me roubando. Agora, o que é pior? O tráfico que eu faço ou o tráfico de vida que eles fazem?" Teve outro traficante que chegou todo torturado — sem unha, cheio de choques, com a perna quebrada em três, cara. E ainda fez uma flexão de braço na minha frente! Um cara barra-pesada mesmo, todo tatuado. Mas todo torturado, cheio de marcas de cigarro. Eu tive um ataque de choro durante dois dias, cara, de nervoso. Porra, de três em três dias tem um "presunto" saindo da prisão — se enforca ou é morto. A "quentinha" do Moreira, dizem, é só fígado podre, cada preso tem que comprar *(comida)* do próprio bolso. O Aloísio Russo diz que estou me autopromovendo. E digo que estou mesmo, porque as perdas e os danos que sofri são muito grandes, por uma causa que eu acho completamente injusta. Eu sou um cara que não faz mal à sociedade. Eu não roubo, eu não sou assassino, não sou corrupto, porra. Eu não fumo cigarro, eu não bebo. Também não sou um cara que é dono da verdade, não sou doutrinário a ponto de dizer "é isso mesmo". Não. Simplesmente eu tenho meu metabolismo, minha metodologia de vida. Então, fiquei aviltado, porque me considero uma pessoa íntegra, dentro do que me proponho a fazer. Dentro de um país onde existe a frase "tem que dar certo"... Isso é uma frase de curra: tem que dar certo! E não deu? Para mim, dar certo é cumprir seus intentos, suas metas. Graças a Deus, os intentos que tenho estipulado para cumprir tenho feito. Quis ser baterista, fui, sou. Cantei, por acaso. Quis tocar violão, toquei. Me considero uma pessoa vitoriosa. Então, vem um governo que não está dando certo prender uma pessoa que está dando certo? Não tem a menor lógica. E isso não é nenhum álibi sem-vergonha, é uma coisa de integridade, mesmo. E isso pode ser publicado a qualquer hora, em qualquer lugar, porque eu olho na cara de qualquer um e digo: "Não, amigo, você está errado. Você está lidando com a pessoa errada". Agora, você vê que a maioria da população carcerária no Brasil é negra, de classe baixa. E onde estão os outros presos em potencial que deveriam estar lá? Vou fazer a direção musical do filme *Escadinha II — A Missão*. Quem vai dirigir é o Artur Müllemberg. As tramas do filme têm umas armações muito legais: o bandido que é

mocinho, o bandido que estupra, o político que liberta o Escadinha para ganhar votos, a polícia que acochambra. Se eu fosse participar como ator, iria fazer o papel do delegado, porque conheço muito bem. Fiz o maior laboratório, né?

BIZZ — *Esses seus episódios policiais me lembram muito o que aconteceu com os Stones nos anos 60. Volta e meia eles eram presos e havia toda uma aparência de deliberação da polícia em quebrá-los como seres humanos e artistas.*

Lobão — Isso pode se repetir de uma maneira histórica, por ser automático. É uma onda de direita muito grande, reacionária. O *yuppie* é um reflexo disso. É a coisa de ser de direita, é o racismo, é a discriminação social, coisas básicas que estavam sendo abolidas e, com o tempo, estão voltando. Eu tô com medo, mesmo, sabe? Estou com medo da própria Constituinte. Tá vindo pena de morte por aí. Vai ser uma merda! Agora, vou chamar o ladrão para me proteger? Porque a polícia não vai estar do meu lado. A quem vou pedir segurança nesse país? Na prisão me senti em Auschwitz.

BIZZ — *Voltando, agora, à música: o disco, afinal, acabou não saindo torto?*

Lobão — Dentro de todas essas intempéries, é um disco que está tendo um carinho mais especial ainda. A capa é uma coisa totalmente inusitada: uma foto de Marcelo Faustini, toda carregada de expressionismo alemão, em preto e branco, eu chorando, assim, com uma complacência, olhando pra baixo, cheio de rugas e olheiras. A vida bandida, né?

BIZZ — *Musicalmente, ele difere dos discos anteriores?*

Lobão — A sonoridade está muito mais... A bateria que eu gravei deu mais sotaque. Além de funcionar como elemento rítmico, ela é um instrumento de pontuação — ela dá reticências dá ponto de exclamação, dá as vírgulas, tá entendendo? Nesse disco em peguei uma música de 1978, "Tudo Veludo", que é quase um samba-canção — parece Led Zeppelin com Lupicínio Rodrigues —, tem mudanças de acorde pra chuchu, são 30 acordes só na introdução. É uma música tipicamente daquela época. Tem "Girassóis da Noite", que é de 1980, a única com letra minha. É uma bossa nova... eu sempre gosto de fazer essa miscelânea, juntar músicas antigas e atuais. Tem o "Chorando no Campo", um country com chorinho, só violão e voz. Tem "Rádio Blá", do Tavinho Paes, minha e do Arnaldo Brandão. Tem uma música em inglês, "Soldier Lips", do Guto Barros *(guitarrista dos Ronaldos)* com música da minha irmã Glória Woerdenbag. O Guto fez essa letra para mim num guardanapo no Baixo Leblon, quando ele estava puto da vida comigo. Tenho a maior admiração por ele, e a letra é maluca pra caralho!

BIZZ — *Em relação à última vez que fiz uma entrevista com você, em 1985, você me parece bem mais focado, dá pra entender?*

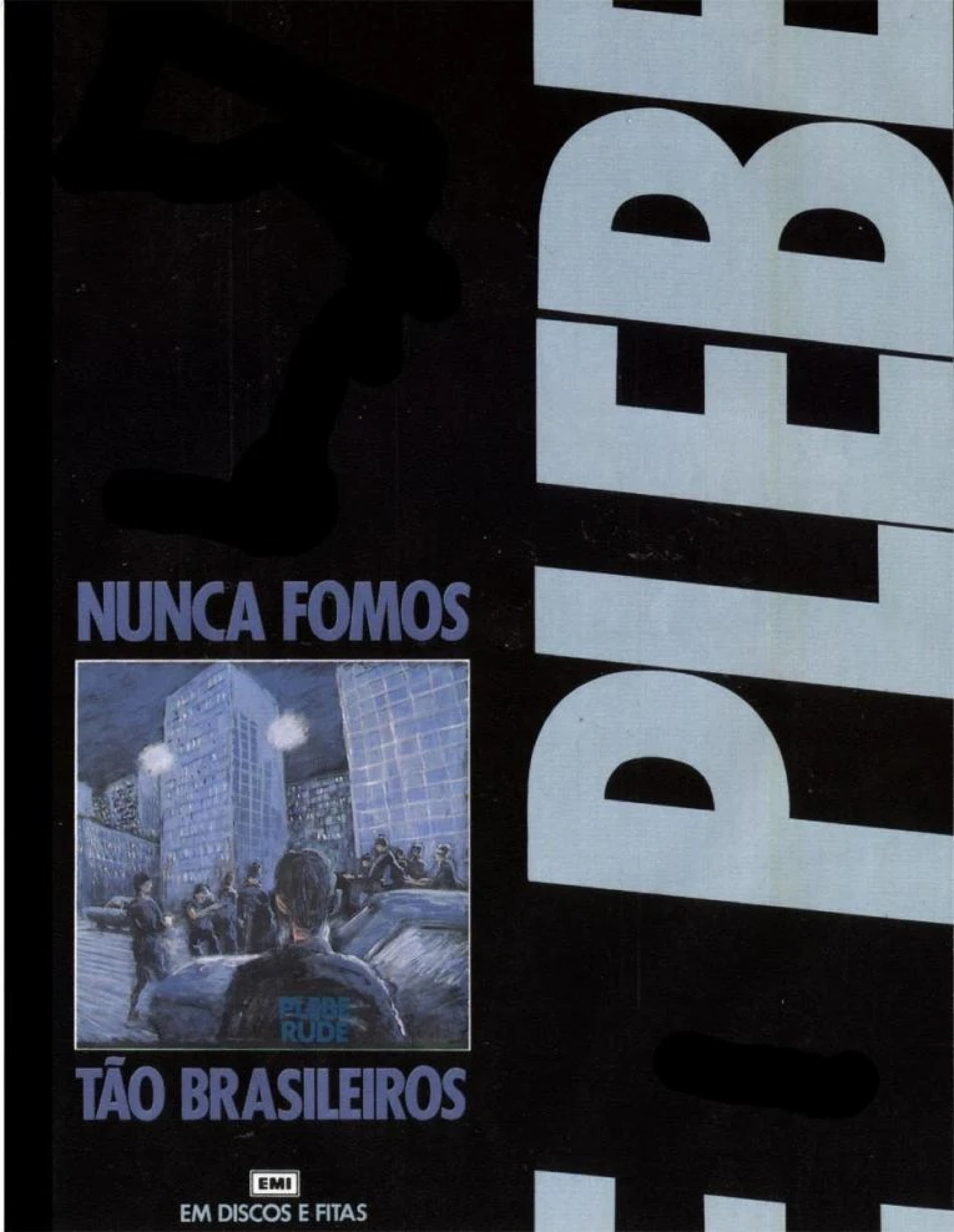
Lobão — Eu estava perdido. Os Ronaldos falavam: "Não, temos que preservar o nosso nome, o sucesso. E você tá maluco, tá maluco". Esse negócio de "tá maluco" me deixou maluco, inseguro. Eu estava realmente fragilizado. Acho que estou mais maduro, também. Estou mais velho, no legal da palavra. E também estou cansado de falar coisas... da maneira que eu ando falando, as pessoas não estão se sensibilizando, não estou me fazendo entender claramente. Ninguém poderia estabelecer uma fronteira entre o Lobão irado e o Lobão palhaço, fica tudo misturado. Então, hoje em dia eu procuro ser sério na hora séria e fazer brincadeira na hora da brincadeira. E, também, procuro não ser covarde. Às vezes eu abuso do meu poderio de comunicação. Seria uma leviandade de minha parte fazer isso. Estou cuidando mais disso.

Segunda parte: Reincidência

BIZZ — *Parece que seu relaxamento de prisão (requerido pelo advogado logo após a condenação do dia 20) foi negado principalmente por causa de algumas matérias desfavoráveis publicadas sobre você. É legal usar esse tipo de material como prova numa sentença jurídica?*

Lobão — Pela lei de imprensa você só pode pegar coisas que são assinadas pelo próprio cara *(o acusado)*. Com um certo semanário aconteceu o seguinte: a condição *sine qua non* que eu fiz para gravar a entrevista com eles era falar sobre música e política. A foto que foi publicada *(Lobão sorrindo ao lado do carro da polícia)* era simplesmente eu reconhecendo um amigo meu e tipo: "Pô, fui preso". Aí o cara fala que eu estava fazendo chacota da polícia... Eu disse *(na entrevista)*: "Olha, eu não sou nenhum expert no assunto para falar sobre drogas". Aí o cara, não sei quem — pois não posso nem atribuir ao repórter que me entrevistou, porque não está assinada por ninguém; ninguém teve a decência de assinar aquela porcaria —, pega e põe: "Lobão, inclusive, se diz um expert no assunto". Aí não dá para controlar, né, cara. Aí é "abobrinhas ao luar". Falei coisas substanciais ali, e neguinho sola nas minhas palavras? Pô, o que é isso?! E uma outra revista, numa entrevista que eu positivamente não dei... Eles pegaram em *off* alguma coisa que eu estava falando e deturparam tudo. Me colocaram quase como um traficante internacional em potencial... A lesão que isso tudo me causou é que eu fui condenado, por chacota à polícia... A ponto do juiz ficar tão chocado — você vê que a credibilidade da imprensa é grande — que rejeitou meu relaxamento de prisão. Quando ele viu, estava trêmulo, olhando para o advogado: "Eu não posso soltar uma pessoa dessas. Eu não posso..." Olha só o prejuízo que eu tomei. Olha só a revolta que eu fiquei. Agora, chacota eu não faço, que eu não sou mole-

Lobão no lugar certo: livre e tocando



LANÇAMENTO NACIONAL

RIO: DE 15 A 19 DE JULHO NO *CANECÃO*
BRASÍLIA: 30 DE JULHO NA *SALA VILLA-LOBOS*

LOBÃO

"Ninguém poderia estabelecer uma fronteira entre o Lobão irado e o palhaço"

que. Posso criticar as instituições, porque temos direito à livre palavra... Acho que esse naco da imprensa, esses jornalistas, essas duas revistas ficaram muito mal... Brincadeira de péssimo gosto.

BIZZ — *O que seu advogado está fazendo para resolver sua situação de vez? Como ficou esse* habeas-corpus?

Lobão — Eles me concederam que eu respondesse o processo em liberdade. Agora, meu advogado vai entrar com apelação para eles reverem a sentença. Tecnicamente ela tem várias falhas. Eu fui condenado a cumprir pena fechada. E o juiz não especificou onde eu vou cumprir esta pena. Geralmente você tem que designar — vai cumprir no... O juiz também disse que ia me condenar porque eu era um cara irreversível. Que no futuro eu transgrediria de novo. Quer dizer, fui condenado pelo que eu possa vir a fazer, dá para entender?

BIZZ — *Numa prisão você vê coisas que assustariam o próprio diabo. Você contou algumas da primeira prisão. E nesses vinte e tantos dias? Mesmo numa cela especial, aconteceu algum episódio digno de nota?*

Lobão — Teve um guardinha... vou falar mas não vão gostar não... Tinha um guardinha que chegou doidão lá em cima querendo me vender um papelote de cocaína. Um guardinha *fardado*, doidão, morou? Ele disse: "Aí, tenho um sacolé de quinhentos. Tá a fim? Pô, vamos cheirar juntos!" E eu: "Não, obrigado, estou me recuperando, amigo". E ele, insistindo: "Não, mas se você quiser recuperação pode botar no açúcar quente com canela, toma, que aí você 'distrinca' na hora. Eu tomei um *pitch (gíria que designa uma "picada", uma aplicação na veia)* antes de vir para cá". Olha o papo do cara. Pode? Ele tava há meia hora tentando me convencer. "Tu tá desconfiado de mim?", ele dizia. "Eu cheirei com fulano, com beltrano, sou de confiança", continuou. E eu: "Mas eu não quero cheirar!"... Foi aí que um amigo meu me salvou. "Aí, Lobão, tá na hora do jantar." Aí eu saí dessa. Maior roubada, né! *Um policial querendo vender e achando que eu estava desconfiando dele.* Imagina! É mole?

BIZZ — *E os planos para depois do lançamento do disco?*

Lobão — Começo a excursionar em junho, a partir de Brasília e Goiânia. E vou entregar essa música (*"Vida Bandida"*) à FBI, aquela firma produtora do Miles Copeland.

BIZZ — *Como assim?*

Lobão — Ah, é uma transação de Carmela (*atual empresária de Lobão*). Eles adoraram *O Rock Errou* e querem me lançar lá em inglês. Eu não estou interessado no mercado hispano-americano, entende? É roubada — cantar em castelhano eu não quero. Então fui lá aos Estados Unidos, mostrei o disco e as pessoas chaparam mesmo. Eu sinto que tem condição de eu fazer um puta show no Ritz *(em Nova York)*. Então vou preparar um repertório e lançar um disco lá. Se não for este ano, fatalmente vai estar engatilhado para o ano que vem.

"Vou preparar um repertório e lançar um disco nos EUA. Se não este ano, fatalmente no próximo"

BIZZ — *Quem está com você na banda, agora?*

Lobão — Acho que vou botar um nome no grupo: Os Marajás. Lobão e os Marajás... *(risos)* É o Marcelo Sussekind nas guitarras, Paulinho Black na bateria... O Bruno tá no baixo, o Zé Luiz no saxofone e Paulo Henrique nos teclados. Eu na guitarra, violão, voz e bateria *(Lobão vai tocar bateria em duas músicas, nas apresentações)*. Vai ser um show como eu nunca fiz, com saxofone e teclados.

BIZZ — *Dá aí um* the end *para isso tudo...*

Lobão — *(Antes de responder, ele fez uma longa lista de agradecimentos a todos que deram uma força durante sua prisão — intelectuais, cineastas, atores, músicos, grupos, associações. Citou algumas pessoas em particular: Marina, Ritchie, João Nogueira — que ia passar uma noite com ele na cadeia —, Paulinho da Viola, Ivan Lins... Fez ressalvas a outros, como o Fernando Gabeira* — "ele já queria que eu fizesse um show para o Partido Verde" — *e o Lulu Santos. E agradeceu, principalmente, a todas as pessoas que lhe mandaram cartas, centenas delas, em especial as crianças* — "com uma caligrafia assim, de quem está começando a escrever, dizendo coisas como: 'Aí, Lobão, senti firmeza!' " —, *além de todos os estudantes do colégio ao lado da Polinter, onde ele ficou preso. Durante todo o tempo em que Lobão esteve lá, eles o homenagearam com serenatas, cantando "Revanche" e "Me Chama". Dessas, em especial a Sandrinha, que estava todo dia lá...)* Para finalizar, tem uma frase do Baster: "O Brasil é uma nação interina, um país provisório, criam dificuldades para vender facilidades..." *(longa pausa)* Ah! Olha aqui, minha gente, cultura! O governo está tolhendo a informação direta da cultura! Está fortalecendo a polícia, e a polícia fica prendendo as pessoas erradas, fica armada, matando gente... Para quê? Quem vai acabar com a violência assim? Por que não pegam os 37 milhões de dólares empenhados na Ferrovia Norte—Sul e irrigam o Nordeste? Tá na cara que é mamata, ligar o galinheiro à casa grande, Maranhão até Brasília... Até a Constituinte foi carta marcada no baralho, ela é retrógrada. Vamos começar tudo de novo: diretas-já! Nós estamos num processo de volta ao passado, à mercê de pessoas malucas. O que eles estão fazendo é loucura, estão matando todo mundo! Cuidado, cuidado; o que eu peço é cuidado. Alerta geral! O governo está em ação... Meu Deus do céu! Está muito ruim. Está tudo muito ruim. Depois dizem que o louco sou eu — pó, que absurdo!!

A juventude sempre teve seus símbolos.

Desenhados numa camiseta.

Vista este clima.

Não existe símbolo mais forte de juventude que uma camiseta. A Hering entende disso. Fabrica camisetas há 107 anos. É uma das maiores fabricantes de camisetas do mundo. Por isso, toda vez que alguém conta a história da juventude, está contando a história da Hering. E vice-versa. Vanguarda, inconformismo, paixão, idealismo, patriotismo fazem parte do dia-a-dia dos dois. Deles e da Hering. Venha para o lado dos sempre-jovens. Vista uma camiseta Hering. É aqui que as coisas acontecem.

Foto Som Livre

RITA LEE

Panis et Circensis

★ ★ ★

Em meio a mil entrevistas, milhões de fotos e um tititi fora do comum por causa da má receptividade da crítica em relação aos último LP *Flerte Fatal*, *Sônia Maia* conseguiu uma exclusivíssima com aquela que já foi a rainha do rock'n'roll tupiniquim e a titia da nova geração. Ela discorreu sobre vários assuntos que podem ser traduzidos como um balanço geral de sua vida e seus novos planos além-música. Segue, então, o que se poderia chamar de Rita Lee por ela mesma

RITA LEE

Autocrítica

Não sei se eu criticaria a Rita Lee. Vamos ver se eu consigo. Vou fazer uma avaliação de épocas. Como eu vivi num momento dentro do tropicalismo, ativo no Brasil — acho que aquilo era uma atitude rock... Veja que coisa mais pré-histórica: não se podia tocar guitarra na MPB! E os Mutantes foram lá e quebraram a coisa. Os tempos mudaram. A Rita Lee... ela não... ela já... Vamos fazer o contrário. Não vamos fazer crítica, vamos entender o lance dela *(Rita)*. Quando ninguém ia ver show de rock, a gente chegava e levava caminhões de mudança pro Brasil inteiro. Mas a música para mim, hoje em dia, não é a minha vida. É apenas uma parcela dela. E Rita Lee é apenas um personagem nessa coisa de música. Eu não precisaria fazer isso *(o disco, contrato novo, estrada)*. Tirei o time de campo, em 83, porque eu estava drogada, estressada. Tirei o time de campo porque eu acho que esse personagem Rita Lee sempre propõe alegria, festa. Houve tempos em que fazer isso era uma revolução. Hoje em dia não é mais.

Rádio Amador

A experiência com *Rádio Amador (programa que Rita Lee levava aos sábados, pela 89FM de São Paulo)* foi uma das coisas mais gostosas e prazerosas que eu já fiz. O prazer de mexer com gente novíssima, com gente que já foi... E a sorte de ter um texto do Bivar toda semana. Mas tivemos que parar para poder divulgar um trabalho. De repente eu não podia fazer o programa porque as rádios deixaram de tocar as minhas músicas. Tenho vontade de fazer rádio de novo. Mexíamos muito com demo tapes. E tem muita gente que ainda não gravou, mas que virá. Estou só esperando, porque se grava muita porcaria nessa coisa de rock. Tobogã é foda! Acho que deveria ter programa de rádio que desse oportunidade para gente nova. Eu entendo a pobreza e os "debaixo do pano" que rolam. Mas não custava nada arrumar um patrocínio para que em toda rádio tivesse um espaço de uma hora — ou meia, que fosse — só para pegar demo tapes.

"AIDS Quem Faz Amor"

O amor é um passo da eternidade. De um lado você tem que ficar muito atento ao fazer amor. É uma coisa que deveria ser levada pelo coração. Mas agora você tem que ter um pouco da razão toda hora que você for fazer amor com um parceiro diferente. É uma situação triste, mas é a cara de 1987, a cara do apocalipse, a cara de Nostradamus, a cara da Peste Negra. Ainda não vejo muito o lado bom da AIDS — deve ter, sempre tem os dois lados. Mas... Não sei se é minha implicância com os americanos, de tanto que eles saquearam o mundo e saqueiam ainda — principalmente o Brasil —, mas aquela teoria de que a AIDS foi fabricada em laboratório eu não dispenso. Para mim faz muito mais sentido do que o coitadinho do macaco verde lá da África... E a discriminação que surgiu, da coisa gay, quando eu acho que esse lado gay é um benefício para a humanidade, no sentido de controle populacional. Tem que existir a coisa gay, existe entre os animais... Vi também aquela coisa de moral, aquela moral pobre das pessoas que aproveitam uma situação para atacar qualquer um. É terrível! Estamos vivendo em plena ficção científica...

Mutantes, Cilibrinas, Tutti Frutti

Na época era muito duro, mesmo dentro dos Mutantes. Já tinha uma coisa preestabelecida de que eu tinha de tocar pandeiro — só um pandeirinho e uma sainha curta para mostrar as pernas. Aí eu falava: "Oh! Diretor! Eu também tenho talento! Deixa eu provar que eu tenho talento!" Eu gosto de humor, mas não podia. Caetano e Gil tinham sido exilados e os Mutantes ficaram órfãos. Então eles mergulharam dentro da música progressiva e fui convidada a me retirar do grupo achando que: "Oba, vou fazer uma banda!" Nunca me passou pela cabeça ser cantora, tipo Gal Costa, ser a pessoa de frente e ter uma orquestra acompanhando. Sempre encarei a música como brincadeira e por isso gosto de fazer parte de um grupo. Aí passamos para o Tutti Frutti. E houve um certo clima esquisito, porque eles não conseguiam engolir eu como sendo a figura de frente. Mas o público gostava mais quando eu ia para a frente e eu sempre fui uma pessoa que faz o que o público gosta. Não sou intelectual, uma pessoa caga-regra. Por mais que eu tentasse dividir a coisa, tinha sempre um motim. Os *macho men*... Isso numa época em que o rock'n'roll ainda tinha cara de bandido, imagine uma mulher fazendo rock'n'roll, mais bandida ainda! E os próprios meninos (do Tutti Frutti) eram muito radicais nesse ponto. Chegou num ponto, em *Entradas e Bandeiras*, em que fui parar no

Foto Luís Dantas/ Abril

Miss Lee fazendo beicinho para Dr. Alex: projetos ecológicos, filantrópicos e mesmices

RITA LEE

Foto Nellie Solitrenick/ Abril

"Odeio Smiths, por exemplo. Aquela bicha louca (Morrisey) não tem nada para me dizer"

hospital por causa de uma anemia e eles simplesmente limaram *(na mixagem)* uma boa parte do que eu tinha feito — vocais, todas as interferências minhas... E não aconteceu porra nenhuma *(com o disco)* porque não tinha a Rita Lee fazendo as gracinhas que o público queria. Antes disso, depois dos Mutantes, teve uma dupla *(Cilibrinas)* com a Lúcia Turnbull. A gente queria fazer uma coisa acústica. Infelizmente fomos abrir para os Mutantes e, não teve dúvidas, fomos apedrejadas. No Tutti Frutti teve problemas com a Lúcia e o guitarrista, e ela acabou saindo por causa da pressão dos meninos. Ficou a coitadinha aqui sozinha, que acabou destransando o grupo da maneira mais sórdida possível. Porque o Sérgio Carlini *(guitarra)* pegou o nome Tutti Frutti, registrou e até logo para vocês! Pô, esse nome é do Bivar, que na época dirigiu o show da gente. Com Roberto foi legal. Acho que é tão mal creditado o lance dele. Porque ele não é marido, ele nem é casado! Roberto é responsável pela metade do trabalho — trata-se de uma dupla, que também é um grupo. Isso é tão mal digerido!

Punks

Os mais punks do planeta são os brasileiros. Gosto muito de Ratos de Porão, Olho Seco, Cólera... Acho que a coisa que tem mais força da moçada brasileira é o movimento punk. O Antônio Bivar me aplicou de punk. Hoje não consigo ouvir uma música com mais de um minuto... Gosto daquela coisa suja, porca, imunda. Aquilo sim é verdadeiro, é uma revolução. Não adianta dizer que é copiado. O que não é copiado? A gente não deve sofrer influências, deve ter influências. Acho que o movimento punk do Brasil é a melhor coisa que tem, ainda...

Flerte Fatal, o LP

Para o disco, a gente tirou um monte de música da cartola, como "Pega Rapaz", "Bwana", "Xuxuzinho", coisas que a gente sabe que é o vestido da dupla. E sabíamos que as pessoas iam falar: "Pô! Tão continuando na mesma? Não vão mudar?" Não, não vamos mudar. A gente mantém as coisas que dão certo, porra! O povo está fodido, precisando de festa. Não precisa de mais complicações, não precisa de música! Vamos dar o gostoso para eles, vamos dar a sobremesa logo de cara, já que não tem feijão e o sorvete é fácil. Eu gosto de fazer isso, não tenho pudores em fazer mesmices. Se bem que eu não acho que é mesmice. Chamo isso de estilo. Então, tiramos da cartola um monte de coisinhas para a gravadora vender seu disquinho, também, se quiserem.

Gosto, não gosto

Gosto de muita coisa e não gosto de muita coisa. Odeio Smiths, por exemplo. Acho uma bosta, um horror! Aquela bicha louca *(imita Morrissey)* não tem nada para me dizer. Prefiro ouvir Cólera. Gosto muito mais do Djavan do que do Lionel Richie. Titãs eu acho um barato. E, também, o Lobão.

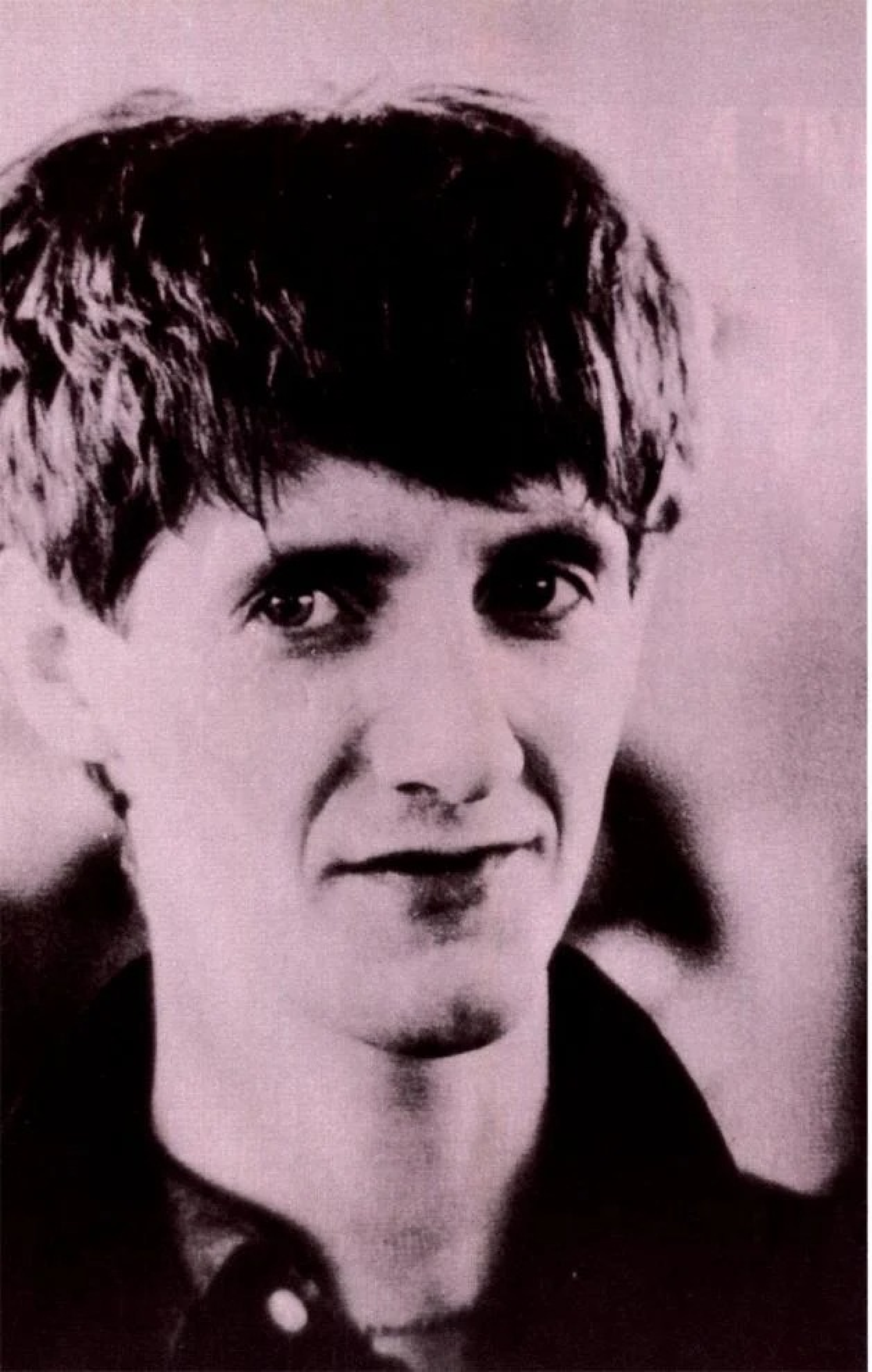
Outros projetos

Há muito tempo eu namoro com o cinema. Acho que lá pelo final do ano a gente estará filmando *Como a Lua*. A história é superlegal. Vai ser gravado no Pantanal, e por trás disso tem um manifesto ecológico de preservação do Pantanal... Os americanos estão interessados na produção da coisa. Então vai ter a versão em inglês. Mas este não é o único que eu tenho em vista. Tem um outro que eu não posso falar, senão gora. Fora cinema, queria continuar com literatura infantil. Já tenho o segundo livrinho do rato e chama-se *Dr. Alex e os Reis de Angra*. Tipo olhar esse lado da energia nuclear, que é uma vergonha no Brasil. Todos morrendo de fome, um monte de criança na Febem e... nuclear? Então tá! Política... Eu seria melhor prefeito que o Jânio Quadros. Ia pensar em limpar o rio Tietê primeiro em vez de cortar árvore a torto e a direito para fazer estacionamento subterrâneo... Tenho vontade de um monte de coisa. Tenho vontade de abrir uma creche super alegre, pegar a meninada com aquele potencial de trombadinha, que é fodido, e botar uma massinha na mão deles e ver o que sai dali. Botar uma guitarrinha... Ao mesmo tempo com os velhos... Os velhos! Menopausa criativa uma ova, meu filho! *(Rita se refere a um termo usado por um crítico sobre seu último disco.)* O velho é uma enciclopédia. Sabe aqueles velhinhos que são sábios? Então eu acho que tem que ter asilos que não sejam pré-cemitério. Tenho vontade de fazer uma reserva fauna-flora e um hospital para loucos, também. Para doido, drogados, alcoólatras. E ter proteção lá. Polícia não entra, meu filho! A Clínica Tobias? Eu estive lá. Eu, Julinho Barroso, Raul Seixas... E tinha gente da imprensa também. Eu perguntava: "Quem é você?" E eles diziam: "Sou da imprensa".

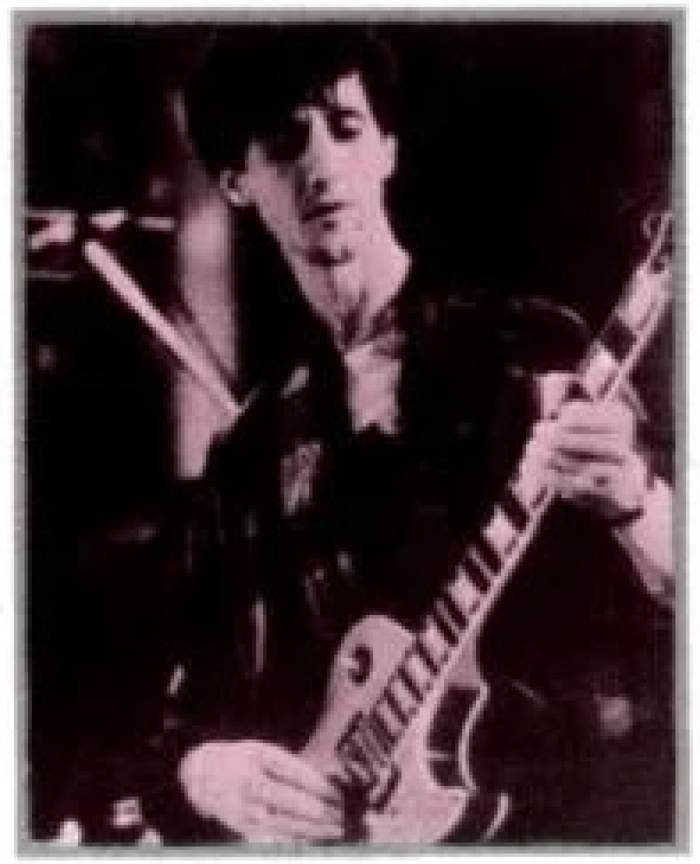
TEM
FILME NOVO NAS BANCAS

Estrelando a primeira edição MICKEY ROURKE, um mito masculino do cinema.
Com NASTASSJA KINSKI num inesquecível perfil fotográfico.
OLIVER "PLATOON" STONE em entrevista exclusiva.
MEL 'MAD MAX" GIBSON e HARRISON FORD em "MOSQUITO COAST."
AINDA NESTA EDIÇÃO: MAX HEADROOM, VELUDO AZUL, GOTHIC e A ERA DO RÁDIO.
Produção Especial: 100 VÍDEOS IMPERDÍVEIS.

EDITORA AZUL



DURUTTI COLUMN



O PROJETO "FRACASSADO" DE VINI REILLY

Com um atraso lamentável — lance do acaso —, chega ao Brasil finalmente um LP do Durutti Column, uma banda de Manchester, importantíssima pelas novas opções que oferece à música pop internacional. O destaque do grupo fica por conta das instrumentações (guitarras/piano) do anoréxico Vini Reilly, que, segundo Robert Fripp — uma das maiores autoridades do assunto —, é o guitarrista mais importante da atualidade. E o LP que nos chega é o segundo, o *LC*, lançado em 81. É mais um melancólico prospecto das emoções escancaradas de Reilly, um rapaz sensível, humilde e de uma gentileza fora do comum. *Thomas Pappon* conversou com Reilly pelo telefone, e se surpreendeu com algumas revelações. "Sei que falhei no meu intento", ele confessou com sua vozinha miúda, "desde que rotularam minha música de 'new age music'." Com vocês, uma entrevista exclusiva com uma das cabeças mais serenas e pensantes da música pop...

BIZZ — *Você estudou música?*
Vini — Sim, tive uma certa formação clássica. Também tive aulas de violão, ministradas por uma velha senhora alemã, que me ensinava de graça porque eu era muito pobre. Tive aulas durante uns sete ou oito anos. Ela dava prioridade às razões pelas quais se faz música... mais sobre a filosofia da música do que sobre os aspectos teóricos formais.
BIZZ — *Quando é que você começou a tocar em grupos?*
Vini — Comecei em 75. Tocava, em bares, versões de músicas do Sinatra, do Jimi Hendrix, de tudo...
BIZZ — *Você tocou em uma banda punk (The Nosebleeds), não tocou?*
Vini — Era uma banda punk de imitação, porque só havia duas bandas punk na Inglaterra. Uma era os Pistols, e eles não tinham muita noção do que estavam fazendo, pois eles eram dirigidos pelo (Malcolm) McLaren. E tudo o que girava em torno da ideologia do punk foi bolado por Jamie Reid (programador visual dos Pistols). McLaren e Reid estavam ligados aos situacionistas... E a outra banda era os Buzzcocks. A importância deles esteve no fato de seu empresário, Richard Boone, ter tido a idéia de formar um selo independente. Estas foram as duas únicas bandas realmente punks, todo o resto apenas os imitava. O Clash, todos eles estiveram no circuito dos pubs londrinos. Os Stranglers eram apenas *pub rockers*. Todo mundo vislumbrou a oportunidade e virou punk de imitação.
BIZZ — *O punk influenciou você? Existem elementos punks na sua música?*
Vini — Não realmente. Exceto pelo fato de que mesmo antes do movimento punk eu estava tentando criar música. Sempre escrevi canções e sempre tentei deixá-las originais. Não sei... Tudo parece ser tão derivativo há tanto tempo, e eu não quis ser derivativo. A música pop sempre foi, desde o rock'n'roll, baseada na escala pentatônica, que é uma escala de blues. Foi muito usada na música negra. É uma escala com um som bem específico. Sempre achei que esta escala não é muito agradável de se usar, nem interessante... A música clássica tem vários tipos de escala. Eu baseei minha música nas escalas clássicas, desde quando

DURUTTI COLUMN

era jovem. Eu preferi assim, apenas isso. Neste sentido, eu sempre estive remando contra a maré...

BIZZ — *Que tipo de música clássica você gosta de ouvir?*

Vini — Bem, eu ouço qualquer tipo de música que tenha valor, substância. Dos clássicos eu gosto de Bohuslav Martinú, um compositor tcheco. Gosto de alguns trabalhos orquestrais de Benjamin Britten... Mas isso tudo é irrelevante para mim, porque acho que as pessoas estão demasiadamente preocupadas com formas de música, e em se identificar com formas particulares. Você encontra jovens que se recusam a ouvir peças orquestrais bem simples, apenas por causa do som e da forma. E também encontra pessoas que gostam e se identificam com jazz, mas pelas razões erradas. A verdade é que existe música clássica ruim, assim como existe muito jazz ruim e muito jazz bom. Se as pessoas pudessem parar de pensar em música como uma forma, e soubessem o que isso implica e apenas se ligassem no conteúdo, isso seria um tremendo passo pra frente... Eu tento, o tempo todo, evitar fazer uma música que possa ser rotulada, tipo "OK, isso é música clássica", ou "isso é jazz". Infelizmente eu falhei no meu intento, porque as pessoas descrevem minha música, no Japão e nos EUA, como sendo "new age music", e new age music é horrível, não tem substância. Então, eu sei que falhei por causa disso, mas continuo tentando...

BIZZ — *Você ouve música brasileira?*

Vini — Não é que eu não queira, mas é muito difícil achar especificamente música brasileira. Ninguém aqui tem coragem de lançar e distribuir coisas que estão sendo feitas no Brasil, assim como eles têm medo de distribuir coisas que são feitas em outras partes do mundo, excetuando, obviamente, as provenientes das principais culturas ocidentais.

BIZZ — *O que é que inspira as suas letras?*

Vini — Bem, as letras são muito pobres. Eu sei que elas são bem ruins, e sei que minha voz também é horrível. Mas acontece que eu gosto de cantar, usar palavras, mesmo sabendo que faço isso apenas para mim. As letras são relevantes para as canções, no sentido de que foram feitas sobre a mesma coisa, geralmente alguma experiência pessoal ou uma pessoa que significou algo para mim. Mas nem vale a pena falar sobre as letras.

BIZZ — *Como é que você desenvolveu seu estilo de tocar guitarra? Você foi influenciado por algum guitarrista?*

Vini — Não realmente. Não ouço *guitarristas* por si só, ouço *música*. O meu estilo de guitarra evoluiu do fato de que durante muitos anos eu toquei sozinho, em casa, e tendia a tocar as notas de baixo com meu dedão... E, ao mesmo tempo, tocava a melodia com os outros dedos. Isso parece ser quase uma vulgarização de um estilo flamenco e uma técnica clássica... É bem simples, mas é este o estilo. Ninguém estava me acompanhando. Não tinha baixista e até hoje não tenho um... Acho que isso é a essência do meu estilo, eu suponho...

BIZZ — *E quem faz parte do grupo, hoje?*

Vini — O grupo originalmente foi formado pelo diretor da Factory Records, Tony Wilson, que me procurou em 77, com a idéia de que eu fizesse um grupo para um selo que ele estava bolando, que viria a ser o da Factory. Tony Wilson é, de fato, integrante do Durutti Columm. Atualmente, o Durutti Columm é formado por cinco pessoas: Tony Wilson, um outro cara, que também é diretor da Factory, chamado Alan Erasmus, Bruce Mitchell (o baterista), John Metcalfe, que toca viola, e eu... Durutti Columm é um tipo de fachada, e muda de sentido de acordo com a música que estou escrevendo no momento.

"Não acredito em falsa modéstia, realmente acho que são bem ruins. Mas ainda farei um bom disco"

BIZZ — *Fale-nos sobre a gravação de* LC...

Vini — Foi uma coisa estranha, pois nessa época eu estava morando na casa da minha mãe, e eu tinha um gravador de quatro canais no meu dormitório, sem mesa de mixagem, apenas o gravador, um ritmo eletrônico bem barato, uma câmara de eco e um microfone, isso foi tudo. A maioria do material deste LP foi gravada num período de cinco horas, em uma noite, enquanto minha mãe dormia no quarto ao lado. Tudo o que fizemos foi levar os tapes que eu tinha gravado — que de fato reuniam material para quase dois álbuns — para um estúdio em Manchester, onde adicionamos as baterias de Bruce e o piano, tudo isso, inclusive a mixagem, em apenas um dia. Não custou quase nada, esse disco. Foi apenas um extravasar de emoções, eu suponho.

BIZZ — *Você gosta desse disco?*

Vini — Não, não gosto de nenhum dos meus discos. Acho que todos eles falham miseravelmente no seu objetivo de expressar alguma coisa. Mas eu continuo tentando...

BIZZ — *Você não tem nenhum predileto entre os seus discos?*

Vini — Não consigo ouvi-los. Não acredito em falsa modéstia, realmente acho que eles são bem ruins. Mas um dia ainda farei um bom disco. Ainda estou aprendendo.

BIZZ — *O que você acha da atual cena musical inglesa?*

Vini — Tem várias coisas diferentes das quais eu gosto... Não tem nada a ver com algum gênero em especial, ou com algum disco, gosto daquilo que tem substância. Gosto do single do Prince, "Sign of The Times", e gosto de muitas coisas do Eurythmics... Gosto de muitos compositores eruditos obscuros, dos quais provavelmente muitos nunca ouviram falar. No momento, estou bem interessado na música flamenca, e um amigo meu me enviou doze discos da Espanha, de coisas que ele considera interessantes da música flamenca atual. É uma mistura incrível de tanta coisa com substância...

BIZZ — *O que você está achando de ter um LP seu lançado no Brasil?*

Vini — É muito estranho, e bem estonteante. É meio esquisito, mas bem gratificante. Se alguém me tivesse dito, há cinco anos atrás, que estaria fazendo discos que seriam lançados no Brasil, eu não acreditaria. É um barato.

BIZZ — *E quais são seus planos para o futuro?*

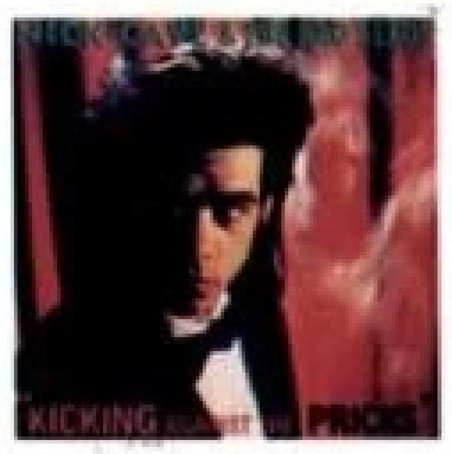
Vini — Acabamos de voltar do Japão. Eu tenho um tipo de doença (anorexia), já há vários anos, e eu sou realmente bem fraco porque tenho dificuldades para comer. No momento, estou tentando comer e revitalizar meu corpo. Depois disso, acho que vamos gravar mais um disco...

A revolução inglesa chegou.

Seis discos que vão abalar o Brasil.

Os programadores de rádio e lojistas de discos estão recebendo este tesouro da ilha mais musical do planeta, que é a Inglaterra. Os críticos serão os correspondentes no front dessa guerra justa contra a mesmice e o marasmo. Mas este movimento vai triunfar no Brasil, como triunfou em outros países, porque conta com a imaginação dos jovens — uma força que sempre fez as grandes mudanças começarem.

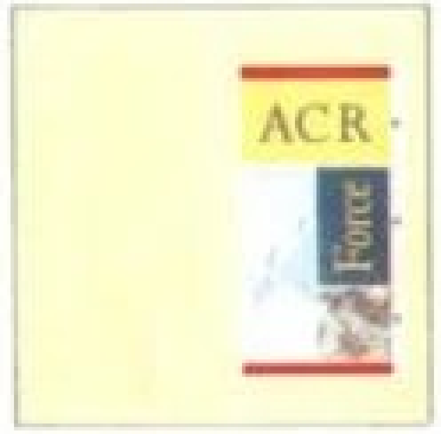
JOY DIVISION
A mais famosa "cult band" do mundo, liderada por Ian Curtis, morto em 80.



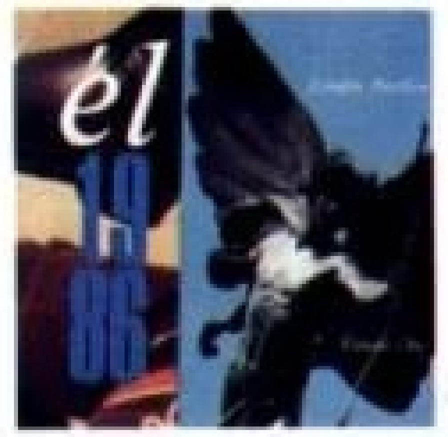
NICK CAVE
O cantor que recriou, neste LP, os clássicos do blues e do rhythm & blues.

DURUTTI COLUMN
Com Vinnie Reilly, aquele que Robert Fripp, do grupo "King Crimson", considera o mais importante guitarrista da atualidade.

FELT
O som acústico e envolvente do grupo mais independente da Inglaterra.



A CERTAIN RATIO
Uma das músicas deste LP está nas paradas inglesas. Grupo integrado por musician's musicians - os músicos que os músicos adoram. Você também vai adorar.



LONDON PAVILION
Um LP incluindo 14 grupos novos da Inglaterra, aglutinados por Mike Alway, descobridor do "Everything but the Girl".

Licenciado por Stiletto

ESTÚDIO ELDORADO
dez anos de boa música

BARÃO VERMELHO

OS DOIS LADOS DA MOEDA

Depois de dois anos amargando uma verdadeira guerra com a gravadora e cobertos pela sombra de um certo fantasma, a paz volta a reinar nos domínios do Barão Vermelho. Por *Carlos Albuquerque*

Foto Maurício Valladares

O Barão está de volta. Não um velhinho de polainas, mas quatro músicos que, embora jovens, cedo conheceram os dois lados da moeda chamada sucesso. Nascido no cenário rock carioca de 82, o Barão teve uma trajetória atípica. Enquanto muitas bandas tentavam arduamente fazer uma demo, o Barão Vermelho havia gravado um álbum e já engatilhava o segundo. Mais tarde, contudo, quando o terreno pop fertilizava e vender 1000 discos não era mais um sonho, mas um fato, o Barão tomou chá de sumiço. Um *rewind* faz-se necessário para que tudo seja esclarecido.

"É, de fato nós fomos meio precoces", diz Roberto Frejat, guitarrista e atual vocalista da banda. "Nós já havíamos tocado em vários lugares aqui no Rio, mas chegamos num estágio em que não podíamos mais tocar em barzinhos, porque a gente tocava muito alto, e não podíamos tocar em lugares mais amplos, porque não tínhamos reconhecimento suficiente."

Foi quando uma fita do grupo caiu nas mãos de Ezequiel Neves, que se apaixonou pelo som da banda e resolveu produzi-la. O resultado foi o álbum *Barão Vermelho*, de uma simplicidade contagiante. Frejat conta: "É um disco sem muita qualidade técnica. Éramos inexperientes, em termos de estúdio, além de ter sido gravado às pressas. Porém, é um disco do qual todo o grupo gosta. Ele possui uma energia difícil de se captar em estúdio, além da nossa própria inocência. Todo mundo era muito novo."

No segundo disco, *Barão Vermelho 2*, a preocupação maior foi a de conseguir uma eficiência em estúdio. Conseguiram, mas por um preço. "Nós perdemos o calor do primeiro disco", reconhece Frejat. "Foi uma questão de troca. O disco ia sendo ignorado até o Ney Matogrosso gravar 'Pro Dia Nascer Feliz', que provou que o Barão era viável comercialmente. Depois veio a música de *Bete Balanço*, o clip, uma verdadeira avalanche."

Que prosseguiu com *Maior Abandonado*, o terceiro álbum. Nos shows que o sucederam (entre eles, os do Rock in Rio) e a excursão pelo Brasil, começaram a pintar os primeiros atritos na banda, que se acumularam de tal modo que culminaram com a saída de Cazuza, vocalista e autor da maioria das letras. "Eu, particularmente, acho que foi a melhor coisa que aconteceu ao Barão", diz Frejat. "Foi a melhor coisa, no pior momento", arremata Dé.

O pior momento a que ele se refere foi às vésperas do grupo entrar em estúdio para gravar o virulento *Declare Guerra*. "Com a saída do Cazuza, passamos a ocupar espaços que *ele* preenchia, já que éramos de certo modo acomodados", conta Frejat. "Entramos no estúdio já sabendo o que tirar dele e acabamos gravando um disco que a gente considera bonito pra cacete, super-rock'n'roll, um dos bons discos de 86 e que simplesmente não chegou aos ouvidos do público porque a mesma gravadora que se propôs a gravá-lo não se dispôs a divulgá-lo", desabafa.

O papo esquenta: "O presidente da gravadora tirou todas as verbas de divulgação do Barão Vermelho", acusa Guto Goffi. Segundo ele, o disco só teve uma primeira tiragem (esgotada) de 30 mil cópias e ficou por aí. "Passamos um ano constrangidos dentro da gravadora. Parecia que para o Cazuza fazer sucesso, era preciso que o Barão morresse. Isso foi o que ficou mais explícito. Acabamos saindo de lá e ficamos dois anos divulgando o LP, sem apoio algum. Não nos entregamos. Se dependesse de quem levava a gente pra frente, nós teríamos acabado", declara Guto.

"O Plano Cruzado foi pinto perto do que o *Declare Guerra* foi pra gente. Aliás, era ridículo acreditar que ele pudesse dar certo num país que vive da impunidade judiciária. Acabamos provando que o nosso era o disco mais coerente de 86", concluiu Frejat.

Depois da tempestade, a calmaria. A troca de gravadora (o grupo mudou-se para a WEA) e um novo disco: *Rock'n Geral*, co-produzido pelo inseparável Ezequiel Neves e pelo incansável Liminha. O resultado soa inicialmente mais aberto e arejado, embora ainda basicamente rock'n'roll. "É um disco realmente mais solto", descreve Frejat. "Gravamos despreocupados, sem nenhum peso nas costas. O próprio (estúdio) Nas Nuvens chama uma outra sonoridade. Até o humor muda lá dentro."

E a produção a dois, como funcionou? "Ambos ocupam espaços diferentes. O Zeca trabalha mais em cima do lado conceitual da coisa. O Liminha já é mais técnico. Ele sabe tudo. É como o Zico: ele te deixa na cara do gol", conta Dé. "Quando o disco tá pronto", emenda Frejat, "o Liminha diz que tá sentindo falta de alguma coisa. Pode ter certeza de que é a guitarra dele *(risos)*. Aliás, tem uma coisa que talvez poucos saibam. O Liminha é um dos melhores guitarristas do Brasil. Eu fiquei de boca aberta, ele é muito bom", entusiasma-se Frejat.

O "fantasma Cazuza" parece definitivamente espantado. "O próprio Cazuza, ouvindo a fita desse nosso disco, disse que não pensava que pudéssemos nos sair tão bem sem ele", comenta Frejat. "Embora não calculássemos, nós tínhamos consistência musical para seguir em frente. O espírito de Cazuza adquiriu uma maturidade que ele tanto queria, enquanto nós redescobrimos uma juventude fantástica, que nos fez tocar o trabalho", visualiza Guto.

É Frejat quem finaliza: "Nós queremos, agora, trabalhar para reafirmar o Barão no cenário do rock nacional. Nós não nos vendemos de um disco pro outro. Mantivemos uma coerência, mesmo nos momentos difíceis".

A BASF AMPLIA OS LIMITES DO SEU OUVIDO.
Quando você escuta uma fita BASF, você está ouvindo o que a tecnologia de som tem de mais avançado.
São anos de pesquisas para dar aos seus ouvidos a melhor qualidade em som.
O ponto de honra de cada fita BASF é atingir o máximo.
O máximo na durabilidade, o máximo na qualidade das gravações, o máximo no desempenho.
Exija BASF. Se alguém tem tanto a dizer sobre a tecnologia do som como a BASF, é bom ser todo ouvidos.
BASF
NÃO SE CONTENTE COM MENOS.
BASF 90
chromdioxid extra II
hifi stereo cassette
BASF 90
LH extra I

LEON RUSSELL E EDGAR WINTER

Winter no microfone e Russell no fundo: os magos da nostalgia

Lição de casa

Palace (SP)
28/05/87

É preciso que os cabelos brancos apareçam para que se possa ver, ao vivo, aqui no Brasil, os ídolos de uma geração. Antes das feras entrarem no palco, este show tinha apenas o sabor de nostalgia. Leon Russell era o mago que comandou a turnê de Joe Cocker naqueles (in)esquecíveis anos 70. Também foi a mão de ouro que produziu alguns discos de Bob Dylan... Winter, apesar de ser menos conhecido que seu irmão Johnny, nasceu respirando música, é multiinstrumentista e percorreu todos os terrenos possíveis entre o rock, o jazz, o rhythm'n'blues e o country.

Acompanhados por uma banda tão fera quanto, eles saudaram os presentes com um espetáculo de duas horas ininterruptas de som, satisfazendo não apenas a nostalgia, como a sede de ouvir — alguns pela primeira vez — as mais profundas raízes do rock em primorosos arranjos.

Intercalando *covers* e composições próprias, abriram com uma leve introdução de "Jumpin'Jack Flash" dos Stones, que seria tocada na íntegra apenas no final do show. Leon Russell aos teclados, no centro e de frente para o público, chapéu e óculos escuros, era o Merlin que comandava o show. Sua voz trazia à tona aquela rouquidão de Joe Cocker nos bons tempos. Edgar Winter dividia sua performance entre o vocal, os solos afiados de seu sax e um DX-7, que entrou em duelo com os teclados de Russell em "Song For You".

No meio do show a banda se retirou do palco e ficaram apenas Russell e Winter, que soltaram uma seção *cool* recheada de blues, rhythm'n'blues e country, levando todos para fora daquele tempo e espaço — tinha-se a impressão de estar em algum pub nos áridos terrenos dos EUA.

A banda retornou e vale ressaltar aqui o trabalho de dois integrantes — o do baixista John Nessel, dono de uma voz exemplar, e o brilhante guitarrista Robert Brett, que segurou firme o desafio proposto por Edgar, que o obrigou a repetir n frases indicadas por ele no vocal. No repertório, pelo menos sete pérolas: "Tightrope" — Russell; "Mystery Train" — Sam Phillips e Herman Parker; "This Masquerade" — Russell; "Tobacco Road" — John Lowdermilk; "Roll Over Beethoven" — Chuck Berry, e "Long Tall Sally" — Little Richard.

O público permaneceu quieto e atento até o final do show. Mas quando eles deixaram o palco, toda a platéia se pôs de pé, exigindo o bis...

Sônia Maia

KEITH JARRETT

O exigente "chapeleiro maluco" e suas gesticulações dramáticas

Implicante e genial

Teatro Municipal (RJ)
24/05/87

Tanta papagaiada se criou em torno do "músico genial" e sua relação quase orgásmica com o piano, que a noite-concerto começou em clima de muita tensão. Ninguém — aqui incluídos público, organizadores e o próprio músico — sabia o que estava por vir.

E a expectativa era tamanha que não podia dar em outra — o elegante Municipal ficou *lotado* de músicos (tecladistas, na maioria), e de amantes da chamada "boa" música. Ah, sem esquecer da (a)bundância de socialites que nunca haviam ouvido falar de Keith Jarrett. E mesmo com o preço alto dos ingressos e a proibição categórica a qualquer espécie de ruído vindo da platéia (tossidos e câmeras com flash, nem pensar. Relógios digitais também ficaram de fora), todos pareciam realmente interessados em "ouvir" música com benevolência e sensibilidade.

Keith conseguiu um concerto muito bom. Abriu bem os trabalhos, com uma levada mais lenta, meio à la Bill Evans. Mas logo mergulhou naquilo que é um de seus maiores defeitos: quando improvisa algum trecho que soa feio de início, Jarrett leva pelo menos cinco minutos passeando por novas cadências, tentando consertar algo que não pode ser curado. E é aí que entram as notas lentas e as pausas chatíssimas, acompanhadas de todos os uivos e movimentos de ombro que são tradicionais do "chapeleiro louco" do piano. Mas, com novos fragmentos de improvisação, entrecortados por gestos cômicos, a sintonia com a platéia foi aumentando. Com as improvisações rítmicas — também meio monótonas — ele foi abrindo a portinha de sensibilidade interna e penetrando em belas baladas. O segundo ato, ótimo, já não teve firulas. Quando simplifica, Jarrett cresce, ao criar canções cheias de *blue notes* e melodias líricas, abrindo mão das tradicionais notas velozes e técnicas.

Descontando as teorias conceituais, o que se viu no Municipal do Rio foi um músico que custou a esquentar, mas que é dono de raro e inusitado lirismo. O tempo é amigo de Jarrett — nas duas vezes em que retornou ao palco, para o bis, Keith simplesmente estraçalhou com um blues descarado e uma versão de "O Mágico de Oz" (da trilha do filme homônimo). É nestes momentos de concisão que brilha o músico. *Alexandre Dines*

BRUHAHÁ BABÉLICO

Paisagens sonoras

Museu de Arte de São Paulo (SP)
08/05/87

Desde o ano passado elas promovem aparições discretas, se apresentando em galerias de arte e livrarias entre São Paulo e Rio. Seus instrumentos são pouco comuns à maioria dos conjuntos brasileiros. Desde o ano passado, Go (voz, guitarra), Dequinha e Zaba (sintetizadores, bateria eletrônica, vocais) acalentavam o sonho de se apresentar no Masp. Nada faltou: uma platéia elegante, um palco onde se misturavam seus instrumentos eletrônicos com os acústicos mais tradicionais de Hector Gonzales (contrabaixo) e Chica Brother (percussão). Na beira do palco, dezenas de sapatos puxados por fios transparentes começaram a se mover quando elas atacaram de "Bruhahá Babélico II", alinhando uma série de composições entre as mais exóticas que já ecoaram nas paredes deste respeitável museu.

Quem ouvia o Bruhahá pela primeira vez — o meu caso — não pôde deixar de se surpreender com aquelas melodias simples estruturadas por arranjos de teclados, contrabaixo e guitarra que vão seguindo, cada um com seu traçado frágil, para se reencontrar ao acaso numa improvisação programada.

As influências musicais mais óbvias — incentivadas pela presença dos sintetizadores — podem ser identificadas no minimalismo de Philip Glass e Laurie Anderson. Mas seria "no mínimo" precipitado reduzir a música do Bruhahá a esse rótulo. Seria ignorar as paisagens mais diversificadas oferecidas pelo passeio musical, que nos leva ao canto gregoriano ("Immoto Immerso"), a inflexões da música árabe ("Provérbios"), a ritmos francamente pop ("Bruhahá Babélico I"), a uma bossa nova sintética ("Suspeitas") e a um bolero eletrônico ("Embrasse mes Systèmes Nerveux") cantado em francês.

Um coquetel sutil de impressionismo eletrônico, reforçado na segunda parte do concerto pela chegada de uma seção de naipes: Roberto Queirós (flautim), Claudio Bazzone (oboé), Walmir Ramos (sax-tenor) e Domingos (trompete), intervindo com eficiência nas construções melódicas alambicadas. Alguns dos arranjos foram feitos por Paulo Miklos.

Resultado: um som atual, em sintonia com o mundo, mas fortemente tingido de verde-amarelo, pela sensibilidade e pelos ritmos. Tome nota: esta banda está tocando a música pop brasileira do ano 2000. *J.Y.*

O burburinho melodioso do Bruhahá

JERRY LEE LEWIS

The Killer, *o cinqüentão que resistiu a uma sorte de tragédias para ninguém botar defeito*

Foto Ruy Teixeira

A lenda vive

Rolling Stone (Milão) 07/04/87

Um menininho malvado, indisciplinado, mesquinho, um poço de vício e, ainda por cima, perseguido pela tragédia. É o juízo de uma certa sra. Lewis — quarentona hoje estabelecida em Atlanta, Georgia — a respeito do sr. Lewis. Ela deve saber do que está falando. Ela é a "mulher do escândalo", a terceira das seis esposas do sr. Lewis. E ele, ah, ele é nada mais, nada menos do que o *killer*, o próprio, o verdadeiro, único e insubstituível rebelde sem causa: Mr. Jerry Lee Lewis.

A vida do *killer* daria uma imbatível superprodução na linha "Uma Tragédia Americana". Poderia abrir na mitológica Memphis, Tennessee, com Jerryzinho batendo na porta da não menos mitológica Sun Records. 56: o furacão Elvis já foi para a RCA e Jerryzinho se torna na prática o seu sucessor na Sun. Cuidado com ele: ele é o *killer*, o agressor de pianos, o coiote furioso do *boogie-woogie* e do rock'n'roll. E quando em 57 estoura aquele cult dos cults "Come on over baby, whole lotta shakin' goin'on..."...

O resto é história e tragédia. No auge da glória, aos 22, o *killer* casa com a priminha, uma Lolita de 13 aninhos. Fatal transgressão. O sistema faz de tudo para destruir o herético. Mas o *killer* sobrevive — e sobreviveu, todos esses anos, mas a que preço...

Um filho morreu em um acidente de carro, outro afogado. Uma mulher morreu na piscina, outra de overdose. O *killer* levou a lenda ao pé da letra e matou um baixista de sua banda — por engano... Viveu anos bêbado e drogado. Direto. Em 81, quase morreu de úlcera perfurada. Mas um *killer* de elite jamais se entrega.

Emoção do cacete, ver aquele cinqüentão com cara de brabo entrar no palco de uma espelhada *disco* milanesa, para reverência de casais rockabilly, senhores calvos de terno recém-saídos da Bolsa, senhoras profissionais de sucesso — um público de verdadeiros filhos do rock'n'roll (leitores, onde vocês estavam em 57?)... Bota preta, jeans, casaco de couro, camisa branca depois arregaçada: o *killer* ainda é o Monarca Rockabilly. Atrás, uma banda que parecia diretamente saída de Nashville.

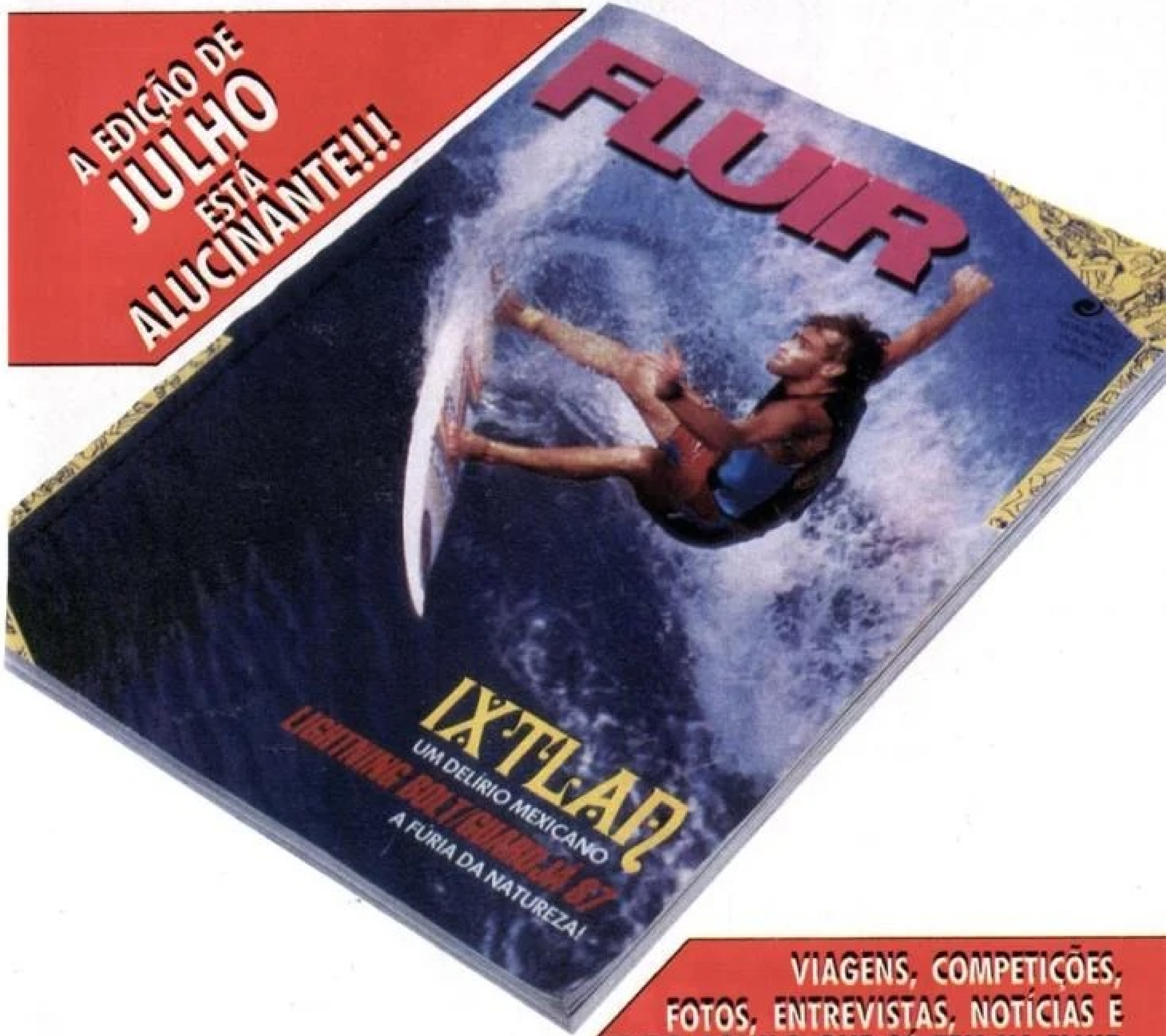
Sabe lá a profana família o que vai pela cabeça do *killer*. Turbilhões profundos, negros, *the dark side of a thousand moons*... É um concerto, no mínimo, extremamente irregular. Ele chuta o monitor, entra em um *boogie*, muda de idéia e vai para um country, a banda tenta segui-lo sem sucesso, ele sola e pára, levanta, muda de idéia, volta e maltrata o piano, reclama do som — está mesmo abafado —. Quando entra em "High School Confidential", é um tumulto: a moçada endoidece e parece que tudo vai explodir. Mas Jerry engata com uma versão de "Over the Rainbow" com violino lacrimoso e clima de arrasta-pé domingueiro no Alabama... O country chega a ser impecável — como uma versão de "This Heart of Mine" — mas todo mundo urra as tripas por rock'n'roll. Não adianta: a raiz do *killer* é country, foi o country que o salvou das trevas, é country que ele tem tocado nos últimos anos. Rock'n'roll é uma concessão outorgada pelo mito.

Não teve "Breathless". Mas teve "Great Balls of Fire". E, no final, guardada como um tesouro, o *killer* malvado pronunciou as palavras mágicas e abriu sua caixa de Pandora — diamantes e sêmen: "Come on over, baby..." Hecatombe. Aquele raio que Zeus manda lá das suas reinações olímpicas e comanda: "Que o êxtase esteja convosco, humanos!" (voz irônico-tonitroante). O *killer*, possesso, levanta-se, toca de pé, toca com a bunda, bate na madeira maso do Steinway de cauda, fecha o punho e empurra o braço para a frente e para trás, queima energia, suas duas backing vocals entram em um "shake, baby, shake" de tremer tumba... e o lendário *killer* sai de cena, com o casaco de couro nas costas, como o último Cassius Clay do rock'n'roll...

P.E.

A FLUIR TEM O MELHOR DO SURF!!

A EDIÇÃO DE JULHO ESTÁ ALUCINANTE!!!



VIAGENS, COMPETIÇÕES, FOTOS, ENTREVISTAS, NOTÍCIAS E TUDO AQUILO QUE SÓ TEM NA FLUIR

E AGORA TEM FLUIR NAS BANCAS TODO MÊS!!

AO VIVO

IRA!

Ira contida

Anhembi (SP) 30/05/87

Foto Fabiana Figueiredo/ Azul

Nasi e Edgard, uma dupla do barulho num show que sucumbiu aos problemas técnicos

Há sete meses atrás, o Ira! lançou o LP *Vivendo e Não Aprendendo* em grande estilo: um enorme show ao ar livre, que provava que o grupo tinha uma garra como poucos. Foi uma prova de fogo, da qual se saíram muito bem. Neste outro sábado, outro teste estava para acontecer. Com uma canção do segundo LP — e todo mundo sabe qual é —, tocando no horário nobre para milhões de pessoas, o Ira! está pronto para se tornar um sucesso popular.

O Palácio das Convenções estava lotado dos velhos mas, sobretudo, dos novos fãs. Um playback atacou a introdução orquestral de "Flores em Você". Foi a deixa para entrar o quarteto. Mas, desde o começo, uma conspiração dos amplificadores estava em curso: não se ouvia nada com clareza. Talvez por isso, nem os sinceros esforços de Edgar conseguiram afastar a impressão de que a banda estava mais cumprindo uma obrigação burocrática do que soltando os cachorros. Para quem nunca tinha visto o Ira!, talvez tivesse seu charme. Mas quem já assistiu pelo menos um show deles sabe que são capazes de muito mais emoção no palco. E não estava acontecendo nada disso. Se, na época do underground, a precariedade era um fato que deveria ser descontado, agora é, no mínimo, constrangedor.

Apesar de tudo isso, o Ira! conseguiu dar a volta por cima em alguns momentos: a batucada de "Ninguém Entende um Mod" continua contagiante, uma simpática homenagem às Mercenárias em forma de rap em "Vitrine Viva", "Pegue esta Arma" — uma canção que estava esquecida... São motivos para esperar o novo disco ou, pelo menos, um show melhor.

B.A

ARRIGO BARNABÉ

O crocodilo voador: da vanguarda independente ao equívoco flerte com a velha e boa MPB

Sem tempero

Sesc Pompéia (SP) 23/05/87

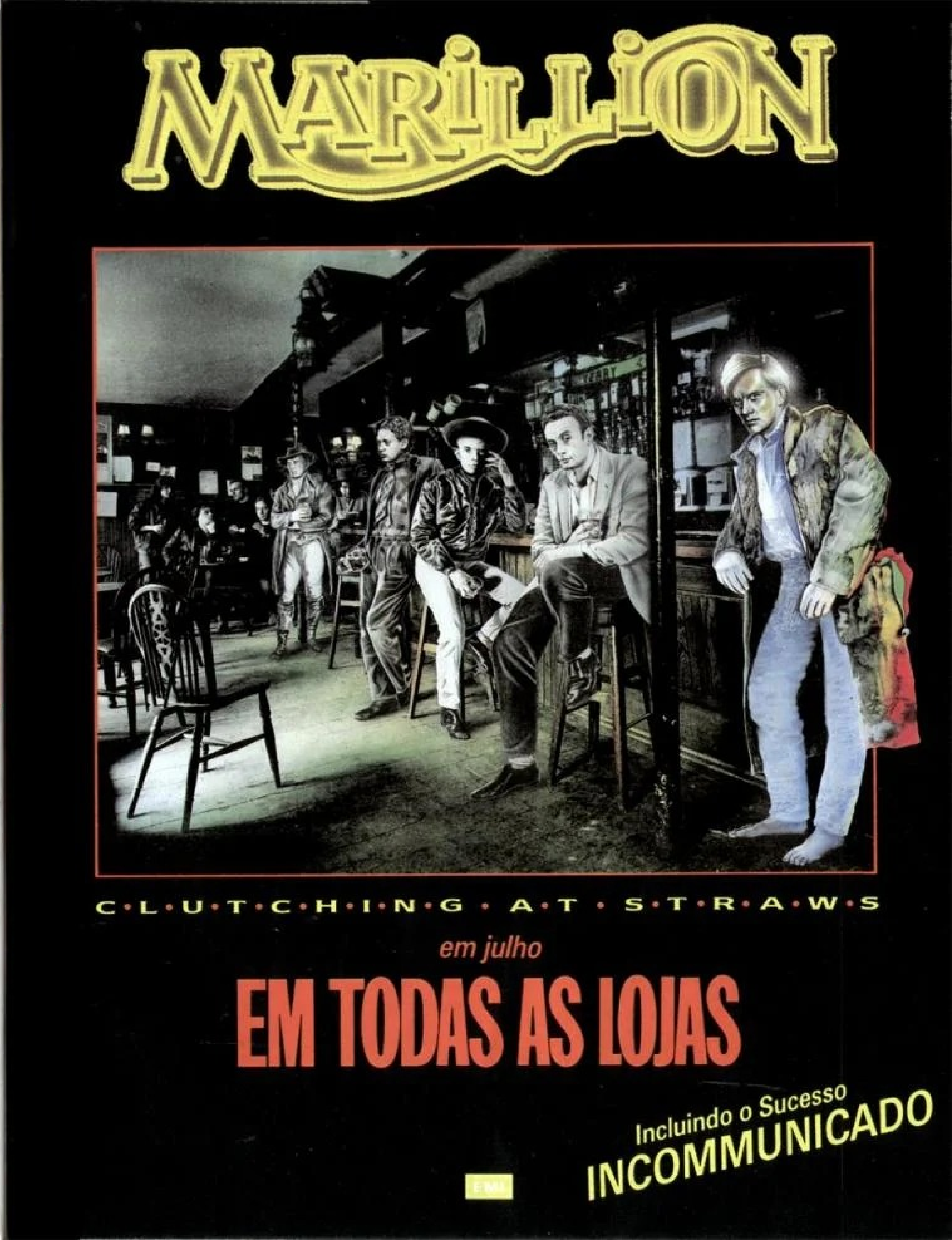
Não é de hoje que Arrigo Barnabé flerta com o pop e com a MPB. O resultado — anterior a este show — foi a participação dele nos arranjos, produção e algumas composições nos mais recentes LPs de Cida Moreira, Eliete Negreiros e Vânia Bastos. Segundo o próprio Arrigo, esta paixão começou lá por volta de 84, quando Dino Vicente assumiu a programação e escolha de timbres da faixa "Tubarões Voadores", do LP do mesmo nome.

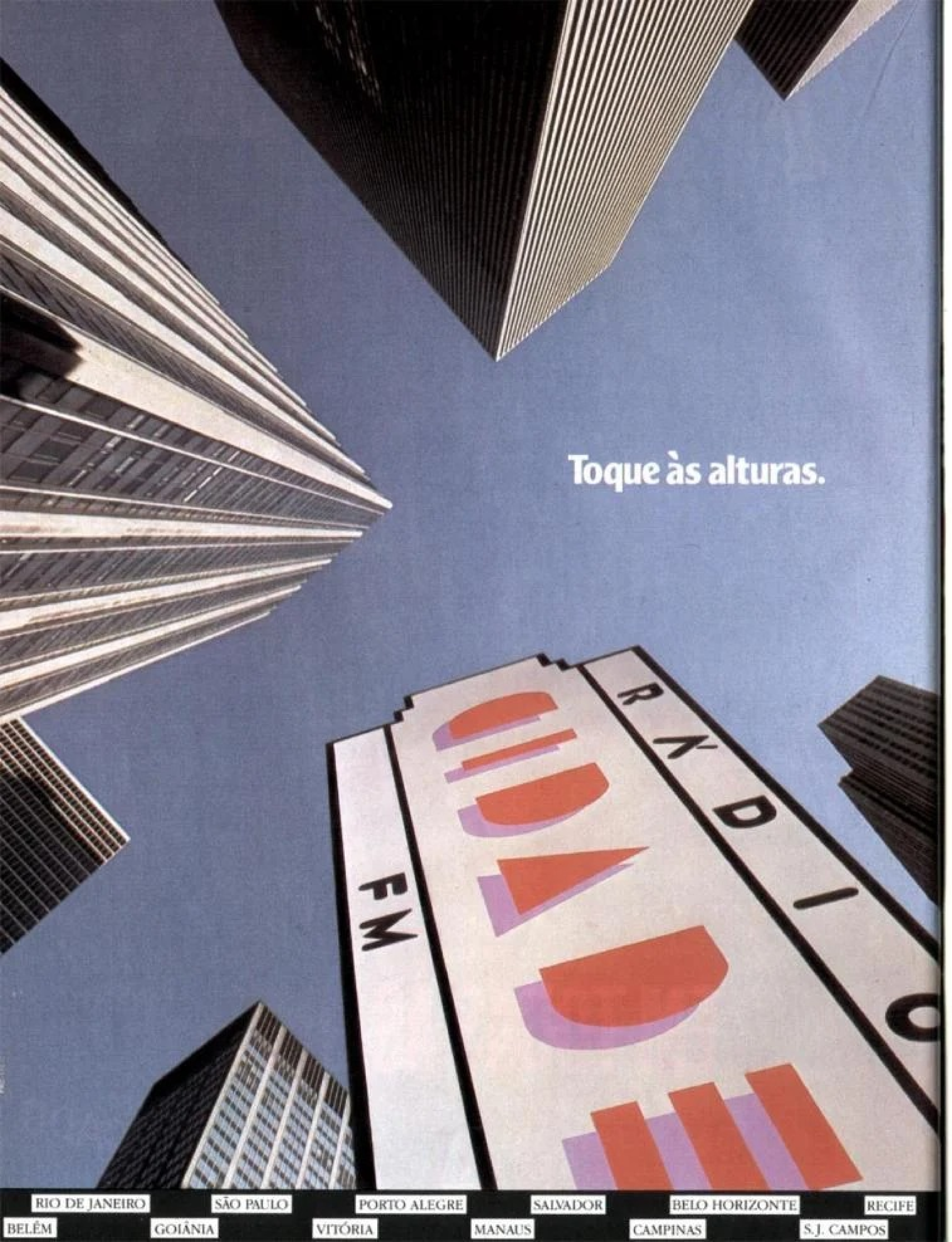
Não seria difícil, nem pouco louvável, transportar toda a criatividade e as influências eruditas que tanto diferenciaram os primeiros trabalhos de Arrigo para esse universo. Exemplo disso são duas belíssimas canções apresentadas neste show — "Cidade Oculta" e "Mente, Mente", além do arranjo pop/rock para "Clara Crocodilo" — ironicamente a melhor da noite. Mas daí a dizer que todo o show acompanhou o brilho dessas músicas seria forçar a barra. As outras composições — um total de dezesseis — não diferem em nada do que já estamos calejados de ouvir: MPB sem nenhum tempero a mais, nada a acrescentar...

O destaque aqui vai para a mais recente musa apresentada por Arrigo, com uma voz na medida e até muito bem resolvida em palco. Trata-se de Ana Amélia, uma intérprete a ser notada.

O show contou com Arrigo ao piano acústico, Dino Vicente na parafernália de teclados e Ana Amélia participando de algumas canções. O público aprovou e, Arrigo, apesar de um pouco tímido, se deu por satisfeito.

S.M.





TOM VERLAINE

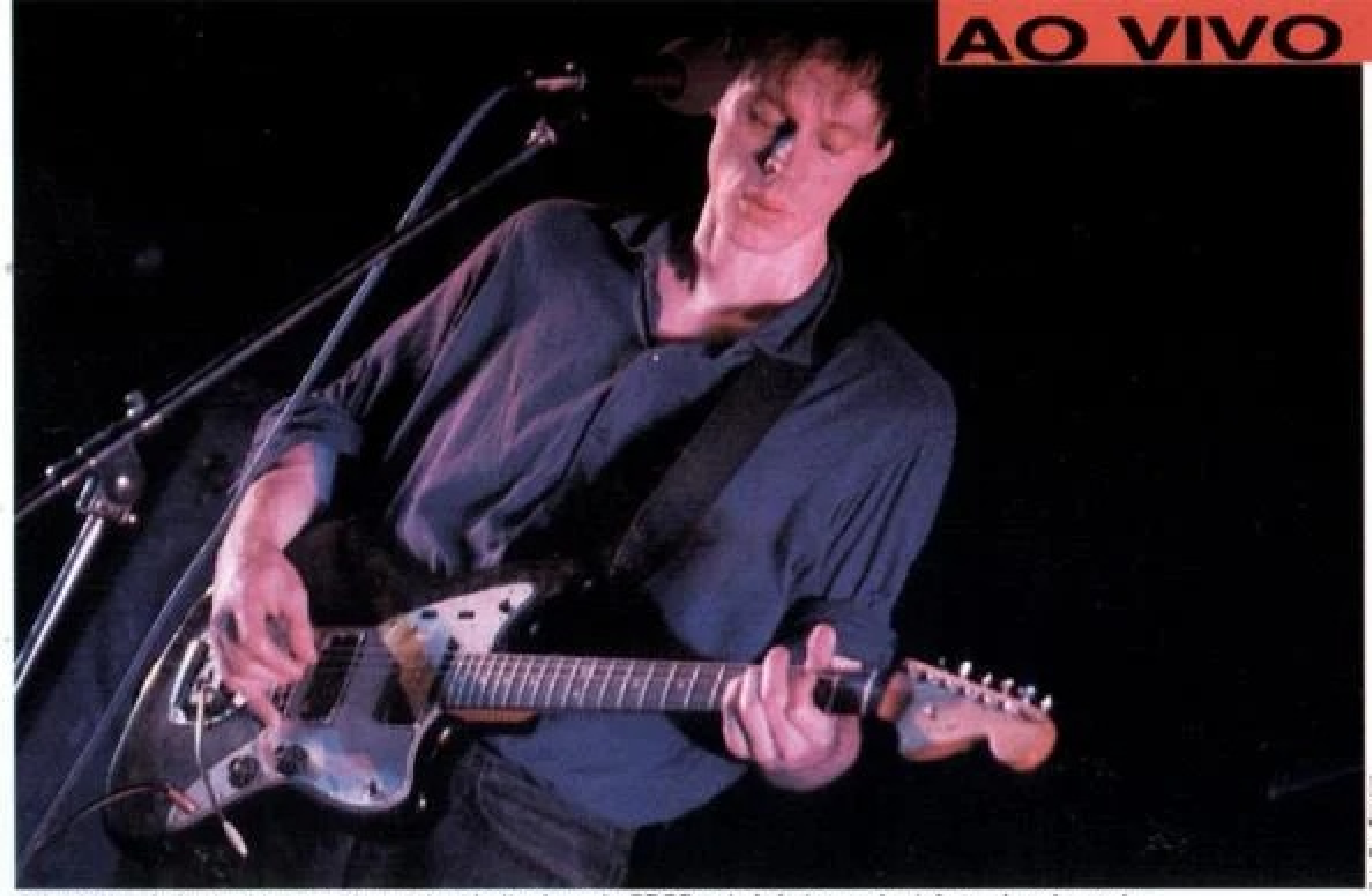


Foto Ruy Teixeira

Primeiro punk da América nos 70, um dos idealizadores do CBGB e ainda hoje anos luz à frente de tudo e todos

Um mito para sempre

Prego (Milão) 09/04/87

Nos anos 60,Thomas Miller e Richard Myers eram *teenagers*, queriam fazer literatura e viver a podridão dos ricos e famosos. Estudavam na mesma escola. Um belo dia, resolveram escapar para a Flórida. A polícia os alcançou no Alabama. Não desistiram. Poucos meses depois, se mandaram para Nova York. Mudaram de nome. Richard escolheu Hell (inferno) — o que sentia todo dia quando acordava de manhã. Richard Hell foi o primeiro punk da América nos anos 70.

Thomas escolheu Verlaine — em homenagem a seu poeta favorito, o simbolista arrebatador. Tom gostava de Ravel, Rolling Stones, Miles e Albert Ayler, além de poesia, boinas pretas e sobretudos idem (com um Verlaine no bolso). Começaram a trabalhar. Nova York no início dos 70 ainda respirava os resíduos ácidos de Stooges e Velvet. Estoura Patti Smith, poetisa, doidaça. Em 73, Tom e Richard montam uma banda chamada Television. Em 315 Bowery, no meio de uma zona caidíssima, descobrem um funéreo *point* de mendigos e bêbados. Salinha com palco. Cabem umas 300 pessoas. Falam com o dono e, assim, nasce o CBGB. Em pouco tempo, vira a meca da emergente new wave: os sacerdotes daquelas catacumbas sagradas são Television, Patti Smith e Talking Heads.

Tom e Richard terminaram se separando por "divergências ideológicas". Hell fundou os Voidoids. Verlaine, com o Television, lançou um álbum excepcional *(Marquee Moon)*, despertou o interesse de Brian Eno, foi para o segundo LP *(Adventure)*, e o Television acaba. 78: sob a generalização *larger than life* de new wave, o pop pós-molotov punk estoura no mundo inteiro. Mas uma coisa já era visível — Tom Verlaine laureado como um solitário *maître à penseur* do rock'n'pop mais inteligente do mercado. Resolve que não quer virar um superstar. Com suas delicadas obsessões, a voz de ecos do titio Lou e uma guitarra de estilo personalíssimo, sobreviveu, todos esses anos, em uma espécie de limbo para refinados.

E lá está ele no palco de uma caída *disco* rock milanesa. Roupa escura, entre o preto e o *blue note*. Nada de cenografia, laser, spots de designer, decorativas ferramentas high-tech. Temos duas guitarras, baixo e bateria — simples — tocando um rock'n'pop cheio de imaginação, sutileza e honestidade. Som forte, compacto, cheio de sugestões oníricas. Verlaine — com sua cinematografia em cordas, plena de abandonos psicodélicos — sugere o clima e a banda o segue à perfeição. Tremenda banda, com um guitarrista à vontade tanto na pegada rítmica quanto nos efeitos à la The Edge, o ultra-confiável Fred Smith (do Television, claro) no baixo, e o ex-baterista de Patti Smith, Jay Dee, uma fera "enigmática e fascinante" na definição do próprio e tímido Verlaine.

Patti Smith retirou-se. James White sumiu. O Suicide tremula nas sombras. Daqueles velhos companheiros de viagem, só sobraram os Heads, hoje supergrupo. A diva Debbie hoje parece uma máscara triste, naquele seu vídeo "French Kissing in the USA"... Verlaine está com quase 40 anos. Qual é o seu segredo? Uma série de fatores: emotividade inteligente, lucidez, uma música que respira fundo no meio de nervosas vibrações, ausência de nostalgia. O *Verlaine sound* é um art rock à parte, sem a menor indulgência, a milhões de anos luz deste lixo plástico transnacional.

E ainda fecharam com um "Marquee Moon" de meia hora invadido por uma contagiante e orgiástica improvisação. Os quatro se olhavam dominados por uma euforia de garotos. Magia pura. O reencontro da arca perdida — aquele tumulto de sensações vertiginosas que o rock nos dava, e hoje dá cada vez menos. *God bless you, Major Tom.*

Pepe Escobar.

Os Eles

Agora não adianta mais.
Os Eles são vocês!

PolyGram

O velho Dizzi "Bochechas Inchadas": na quinta turnê, causando agradáveis surpresas

DIZZY GILLESPIE

O velho ritual

Anhembi (SP) 16/05/87

Os fãs mais apaixonados do Echo & The Bunnymen ainda relutavam em deixar o Anhembi, como se eles ainda fossem voltar mais uma vez. Começavam a chegar ao Palácio das Convenções os admiradores do velho trumpetista, muito conhecido por aqui, chamado Dizzy Gillespie. Dizzy, ou John Gillespie, seu trumpete torto e uma trupe de músicos convidados (entre os quais seu filho), iriam encerrar sua quinta turnê pelo Brasil. Para desapontamento dos promotores e dos cambistas — que vendiam ingressos por "qualquer cem cruzados" — o público que foi ver o velho mestre do bebop era pequeno. Mas Dizzy parecia não se preocupar muito com isso.

Pelo contrário, bastante alegre e com ares de quem tomou umas a mais, Dizzy fez de tudo um pouco: tocou tumbadora, piano, cantou, dançou e chamou para o palco um cantor brega chamado Marco Camargo, com quem dividiu um número chamado "A Gente Se Vê Por Aí", ou algo que o valha. Para azar de quem possuía algum senso musical, Dizzy deixou seu "ilustre" convidado brasileiro cantar, o que provocou uma debandada geral da platéia. Lá pelas tantas, entra James Moody, um saxofonista que impressionou muito por sua técnica. Moody e Dizzy são velhos amigos e começaram a tocar juntos em plena segunda guerra, numa base aérea norte-americana. A dupla teve grandes momentos, como na hora de "Night in Tunisia", que se estendeu, no mínimo, por dez minutos, num autêntico duelo de metais.

Depois de mais de duas horas de show, em que passeou por diversas correntes do jazz e revelou um interesse pelos sons africanos (especialmente na primeira parte do espetáculo), Dizzy foi embora. Para os que já conheciam e os que viram pela primeira vez o homem inflar suas imensas bochechas naqueles instrumentos pouco convencionais, ficou a impressão de que ainda existem deuses na música. Dizzy, com certeza, é um deles.

Paulo Vieira

VELOCIDADE

Concerto versátil

Espaço Mambembe (SP) 19/04/87

Mais conhecido dentro do restrito círculo da chamada vanguarda brasileira, Lívio Tragtemberg trama uma nova experiência com o grupo Velocidade, voltada para o universo pop.

Atuando mais como reagentes musicais, eles partem de cinco temas que se repetem em esquema de rodízio, por onde circulam o jazz, a música primitiva e a contemporânea. Os temas estão seguros pela viola de Fábio Tagliaferri e antecedem, permanecem ou se adiantam aos improvisos estruturados do sax de Lívio e dos efeitos e percussão de Arroz. Este utiliza canecas de ágate de vários tamanhos para conseguir uma sonoridade que se aproxima de um xilofone, além de gravações em fitas e outros pequenos instrumentos. João de Bucó (co-autor das músicas), tem uma excelente presença de palco. Com apenas um bumbo pendurado ao pescoço, ele contorce o corpo no seu próprio ritmo ou na melodia dos demais. A voz, quando entra, serve mais como um instrumento e as palavras são utilizadas como significado musical. Confortavelmente instalados no palco, o grupo mescla música e performance sem cair em maneirismos que, em geral, tornam este tipo de fusão inverossímel aos olhos e ouvidos da platéia.

A proximidade com o pop é dada justamente pela sobreposição de todos esses elementos. A melodia que fica pairando sobre os temas fixos tem sempre um referencial, e é justamente este possível retorno a ele que torna a música acessível e, ao mesmo tempo, diferenciada.

Donos de um conhecimento musical ímpar e distanciados do virtuosismo anacrônico que domina os "entendidos", Lívio e seu grupo conseguem passar uma idéia de concerto sem pedantismo e maleabilidade sem máscaras. *S.M.*

O darling do novo cinema americano ainda é pouco conhecido por aqui. Enquanto seus filmes não chegam, *Bia Abramo* esboçou uma apresentação do jovem diretor mais festejado dos últimos tempos

O "MUNDO TRISTE E BONITO" DE JIM JARMUSCH

Fazia tempo que não aparecia um diretor americano que fosse tão bem recebido pela crítica. Sucessos de público o cinema dos EUA sempre produziu em grande quantidade mas o terreno das invenções estéticas quase sempre foi dominado pelos diretores europeus. Depois das estrepolias eletrônico-estilizadas de Coppola, Jim Jarmusch brilha sozinho como o mais promissor talento da década de 80 (quase 90). Mesmo com só dois longas. Ele tem apenas 34 anos e a aparência de um pop star — o contraste entre os seus cabelos precocemente grisalhos e as roupas sempre pretas parecem um visual de algum inglesinho oxigenado que canta numa banda de rock. Mas são os seus filmes que produzem a impressão que estamos, de fato, diante de um olhar novo sobre o mundo. *Stranger than Paradise* e *Down by Law* são documentos de uma época.

O universo de Jarmush é preto e branco ("as cores", diz ele, "são supérfluas"). Contenção talvez seja a caracteristica que permeia todos os aspectos da sua maneira de fazer cinema. Não há uma tomada ao caso. A imagem se oferece à câmera reduzida ao mínimo essencial. Os diálogos e o próprio roteiro, são um prodígio de concisão, chegando num caso, às raias da inércia, e no outro, da indiferença. Essa obsessão pelo despojamento já lhe custou as qualificações de entediante e vazio de alguns críticos americanos. Mas *Stranger than Paradise* foi premiado em Cannes e *Down by Law* foi muito bem recebido pela crítica européia. O que, para um diretor americano, não é mau sinal. Hitchcock precisou ser descoberto por um jovem crítico do *Cahiers du Cinema,* um certo François Truffaut, para que deixasse de ser considerado apenas como um competente realizador de filmes de suspense. Da mesma forma, enquanto o curta que deu origem a *Stranger than Paradise* recebia prêmios na Europa e Jarmusch procurava financiamento para transformá-lo num longa, nos EUA, o roteiro foi recusado porque só tinha 59 páginas e isso só daria 59 minutos de filme.

Foi numa viagem a Paris também que o jovem Jim descobriu o cinema. Nascido na obscura Akron, Ohio sua formação cinematográfica, segundo ele mesmo, se reduzia a "James Bond e filmes de monstro japonês". O que não o incomodava muito, pois queria ser escritor. Chegou a cursar três anos e meio na Columbia University, estudando literatura inglesa e americana. Escrevia

Foto Blake Snake INC

Eddie (Edson) em primeiro plano, Eva (Balint) e os saxofonista/ator Lurie como Willie: o paraíso dos motéis e das estradas do primeiro Jarmusch

JIM JARMUSCH

poesia e gostava de Rimbaud, Baudelaire e Blake. Mas antes de acabar o curso fez uma viagem para Paris, e lá descobriu a Cinemathèque Français, o maior arquivo de cinema do mundo. Assim, conheceu os grandes diretores japoneses, o neo-realismo italiano, a *nouvelle vague*, o novo cinema alemão e também, os diretores europeus que foram para Hollywood como Fritz Lang. Resultado: a viagem estava prevista para três meses e durou quase um ano. Quando Jim voltou para Nova York, ele continuava escrevendo mas com um estilo cada vez mais cinematográfico. Nessa época (78), a cena musical novaiorquina estava fervilhando. Jim também começou a participar de uma banda, os Del-Byzanteens: "A idéia era que você não precisava ser um virtuose para ter uma banda. O espírito era mais importante do que ter habilidades técnicas e isso influenciou vários cineastas". Estas experiências anteriores com a literatura e com a música marcaram toda a sua concepção cinematográfica.

O passo decisivo para se tornar um cineasta foi entrar para a New York University Film School. Lá ele teve aulas com Nicholas Ray, o diretor de *Juventude Transviada*, e se tornou assistente do mestre. Wim Wenders nesta mesma época fazia um documentário sobre Ray e Jim biscoitou um lugar como assistente de direção. A colaboração entre os dois foi adiante: Wenders utilizou uma música dos Del-Byzanteens em *O Estado das Coisas* — filme inédito no Brasil, que só foi exibido no circuito dos festivais — e deu uma força para Jim realizar o seu segundo curta. O primeiro foi feito para a escola, *Permanent Vacation* — dois dias na vida de um sujeito sem nada para fazer — e ganhou prêmios em vários países da Europa. A idéia para o segundo curta era de Jarmusch e John Lurie, seu amigo e saxofonista dos Loungue Lizards — da qual também participava Arto Lindsay, que esteve no Brasil do ano passado. E foi Wenders que deu sobras de filme e emprestou a câmera para Jim filmar. A filmagem durou um fim de semana num pique que Lurie comentou desta maneira: "Se alguém pegasse resfriado durante a filmagem, seria o fim do filme". Dos quarenta minutos brutos foram aproveitados trinta na montagem, segundo uma das máxima de Jarmusch que nada pode ser melhorado na montagem — se uma cena não ficou boa, deve ser refilmada. E foi ao montar o filme que ele teve a idéia de continuar com a história. Willie (Lurie), um húngaro morando nos EUA há dez anos recebe a visita inesperada e indesejada de Eva (Ezster Balint), sua prima recém-chegada de Budapeste que vai morar com uma tia em Cleveland mas antes, tem que passar dez dias em sua casa. O único outro personagem que aparece é Eddie (Richard Edson), amigo de Willie e as cenas são quase todas dentro do apartamento. Três pessoas que não falam muito por que não tem nada para dizer. Willie vai às corridas e esse é seu máximo de atividade. Eva fuma Chesterfields, tenta dar um trato na casa e ouve uma fita com Screamin' Jay Hawkins. O único indício de algum afeto no relacionamento dos dois é quando Eva afana algumas coisas no supermercado e Willie diz que "você é uma garota legal". Eva vai embora, tão sozinha como chegou. Na versão longa de *Stranger than Paradise*, foram acrescidas mais duas partes, cada uma separada como se fosse independente, inclusive com sub-títulos — o curta original foi chamado de "The New World". Na segunda parte, "One Year Later", Willie e Eddie, depois de limpar uns otários no pôquer, descolam um carro e vão visitar Eva em Cleveland, na casa da Tia Lotte (a excelente Cecilia Stark), que insiste em falar húngaro com Willie. A terceira e última parte, "Paradise" é uma

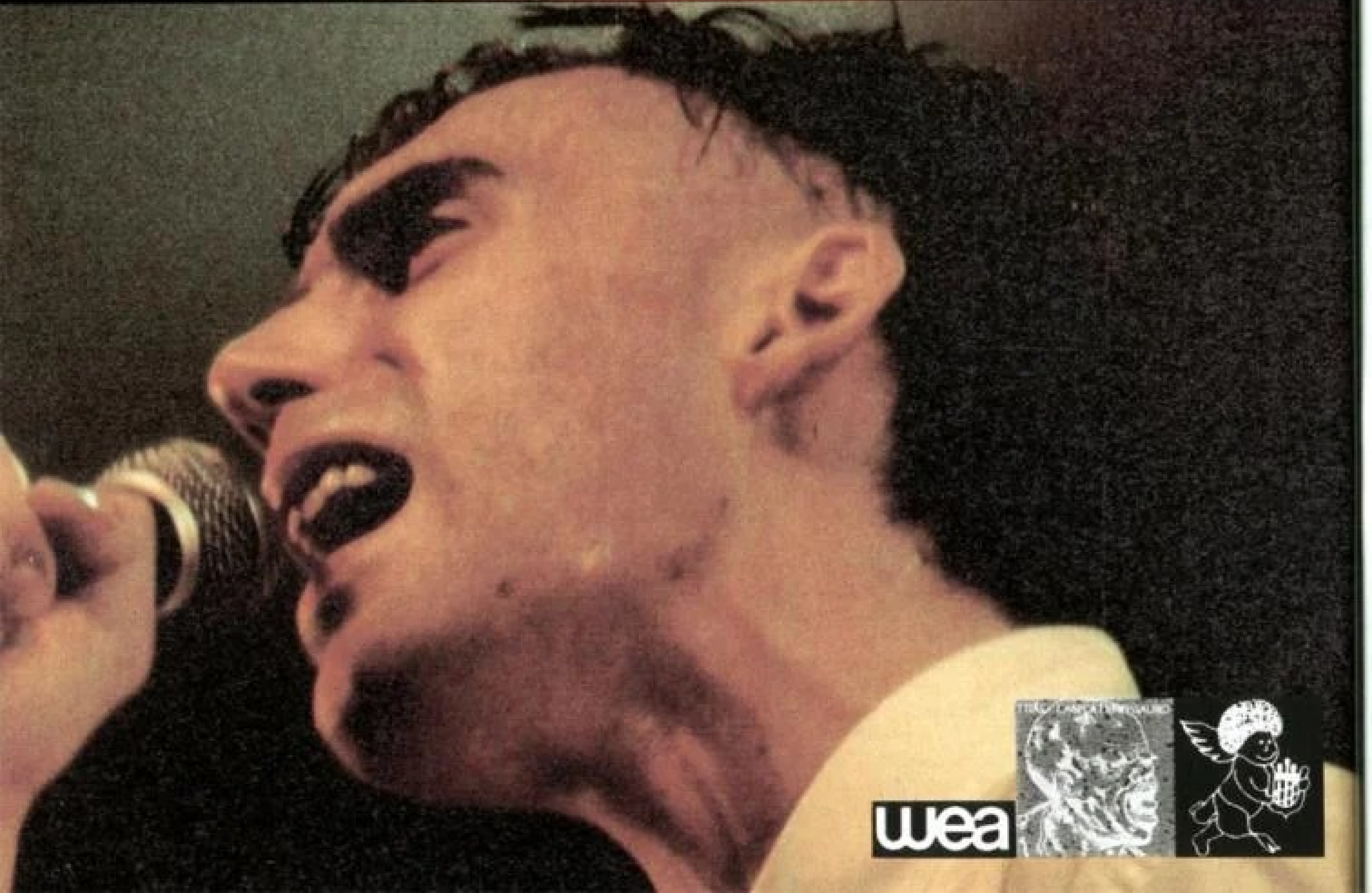


Foto The Samuel e Goldwyn Company

Ambientes claustrofóbicos e personagens sem destino: Zack (o músico Waits), Jack (Lurie) e Roberto (o italiano Begnini) se encontram numa cela

JIM JARMUSCH

viagem para Flórida, e tudo começa a dar errado.

As duas últimas partes foram feitas dois anos depois de pronto o curta. Se Jarmusch não tivesse encontrado um jovem investidor alemão, o destino de *Stranger than Paradise* seria o restrito circuito independente novaiorquino, que a imprensa batizou de new wave (mais uma vez). Mas o filme foi aceito na seleção oficial de Cannes. Lá, mais uma vez, Wenders atravessou (no bom sentido) o caminho de Jarmusch. Foi ele que arrumou ingressos para Jim ver o seu filme. Na noite da exibição, Jim não podia entrar no seu próprio filme. Assim, a premiação foi uma surpresa. Depois que *Stranger than Paradise* ganhou a Câmera d'Or em Cannes, Jarmusch passou a ser paparicado pela crítica americana de todas as formas. E o mais curioso é que recebeu inúmeros convites para dirigir filmes do tipo comédias de adolescentes perdendo a virgindade. Como estes produtores conseguiram imaginar Jarmusch dirigindo um filme deste tipo, é um mistério. Não há, nem de leve, qualquer insinuação, sensual que seja, em seus filmes. O fato é que o sucesso e a transformação em *cult* deve procurar explicações menos rasteiras. Uma pista é o próprio Jim que dá: "O que eu quero é fazer filmes narrativos, que contem histórias mas de uma forma nova, não da maneira manipulativa habitual que os filmes funcionam no público". Outra pista é caracterização de tipos mais ou menos idealizados pela juventude: não o rebelde sem causa de Ray — isso pertence a uma inocência impossível e perdida — mas um tipo sequer rebelde, mais ou menos à margem mas não marginal, cuja ruptura com a realidade ocorre no nível da ironia e do sarcasmo, e sobretudo, romanticamente distante de qualquer romantismo, por mais paradoxal que pareça. E neste ambiente claustrofóbico aparece — e aí uma das maiores virtudes de Jarmusch — alguém (Eva em *Stranger than Paradise* e Roberto em *Down by Law*) que desequilibra esta espécie de harmonia da inação.

Down by Law teve uma trajetória bem menos acidentada que o filme precedente. Jarmusch chamou de novo dois não-atores que adoram se intrometer em cinema: Lurie e Tom Waits (lembram do barman de *O Selvagem da Motocicleta*?). E convidou também Roberto Begnini, um ator cômico e diretor muito popular na Europa, para o papel de Roberto. O curioso é que Begnini, como seu personagem, fala muito pouco inglês. Roberto vai parar na cadeia onde já estão Jack e Zack (Lurie e Waits), um gigolô e um DJ desempregado, no limite entre a lei e o fora da lei. Jack e Zack cometeram delitos mais ou menos leves dos quais são realmente culpados; Roberto matou um sujeito, mas por acidente numa briga. Os três resolvem traçar um plano de fuga, que acaba dando certo. E como em *Stranger than Paradise*, os três acabam se separando no final como se nada tivesse acontecido entre eles. Tanto em um como em outro filme, apesar da distância e frieza em que as relações ocorrem e em tudo perpasse uma nota de desencanto, o humor é parte essencial deles, embora a léguas do humor convencional. O riso que Jarmusch causa é um pouco amarelo, como quando nos confrontamos com situações ridiculamente humanas. Outra característica da obra de Jarmusch é a utilização de clichês do cinema americano — como a viagem em *Stranger* — só que filtrados pelo olhar de quem não precisa deles. Embora seja cedo para prever aonde vai dar isso, Jarmusch já está trazendo novos nomes do cinema, como o de Sara Driver, sua mulher e produtora de seus filmes, diretora de *Sleepwalker*. E mais, arejou de maneira saudável o cinema americano.

B.A.

TOTALMENTE SELVAGEM

Lulu (Melanie Griffith): ''algo selvagem'' — na forma de uma deliciosa maluca, ataca um panaca...

Foto Prod. DB

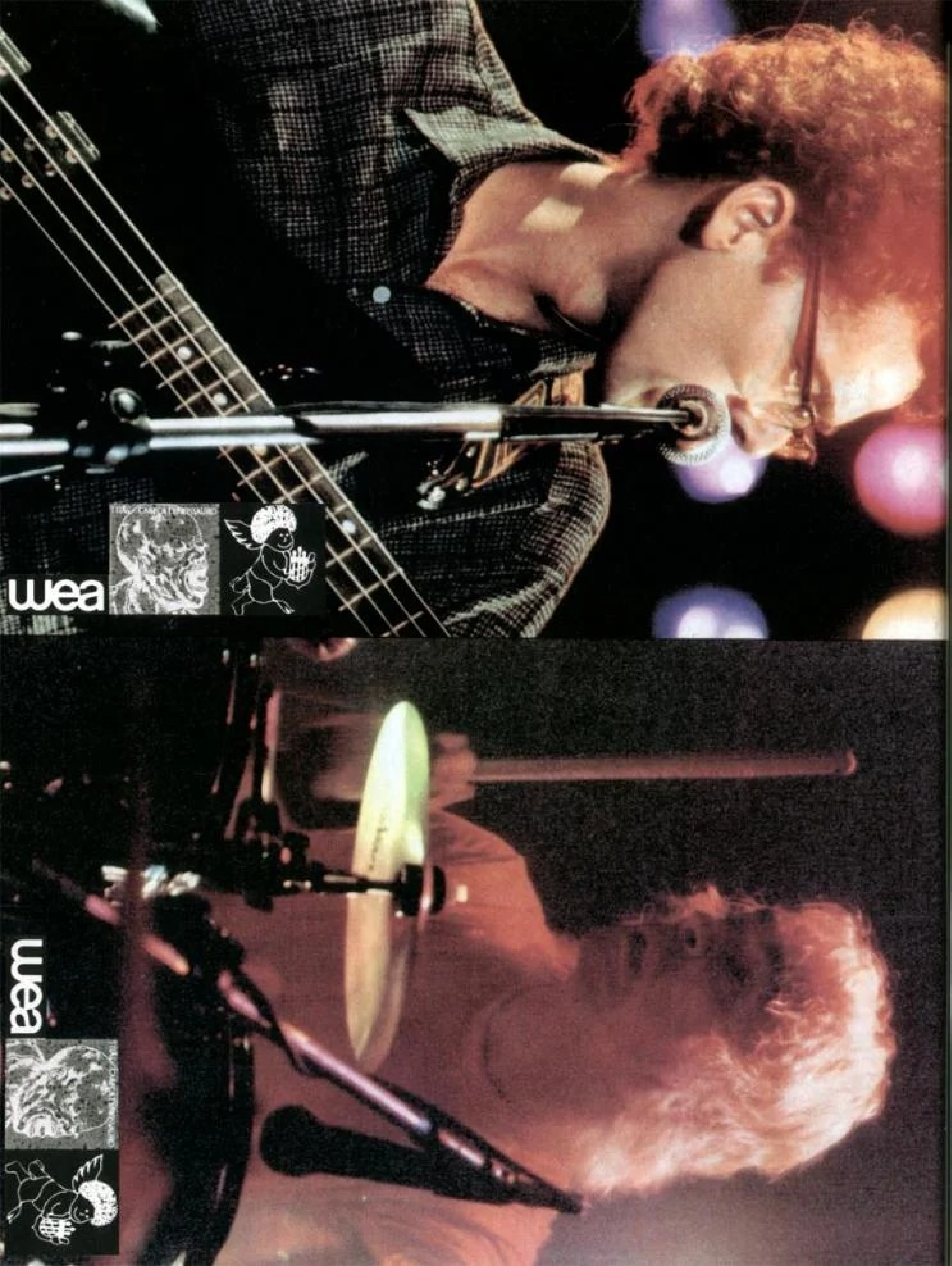
O argumento remete um pouco às situações enfrentadas pelo herói de *Depois de Horas*, de Martin Scorcese: um solteirão *yuppie* conhece uma misteriosa garota numa lanchonete e acaba se metendo em uma série de enrrascadas divertidas. O grande barato do filme é a expectativa pelos perigos que vão aparecendo. Assim como um Ulisses que é obrigado a passar pelo ciclope, por Circe e pelas sereias, Charles Driggs (Jeff Daniels, o insólito herói de *A Rosa Púrpura do Cairo* de Woody Allen) é seduzido pelos (en)cantos da misteriosa Lulu (Melaine Griffith, que faz o strip-tease em *Dublê de Corpo*, de Brian De Palma), enfrenta o perigoso marginal Ray Sinclair (Ray Liotta) e ainda tem que imaginar saídas para um monte de situações embaraçosas.

É gozada a forma como Demme explora os horrores do yuppie americano. Perder o emprego, ser desmascarado quando mente sobre seu passado amoroso ou familiar, enfrentar marginais, dementes ou punks e, obviamente, perder dinheiro – em determinado momento, quando perguntado se já tinha feito algo "rebelde", na sua vida Driggs responde orgulhoso: 'Sim. Uma vez comprei ações municipais').

Demme foi esperto na condução do projeto — ele também produziu o filme. Fez uma fita sátira emocionante e com um final piegas e romântico — uma solução insólita, pois é bem difícil acreditar na "despaspalhização" de Charles Driggs — isentando o filme e possíveis rotulações (como *"cult movie"*) que dificultariam seu sucesso comercial e sua aceitação em mercados mais amplos. No mesmo espírito, o diretor enriqueceu os créditos com nomes ilustres. Em pontas, figuram Steve Scales (percussionista dos Talking Heads, no papel de um atendente num posto de gasolina), John Waters (diretor de *Polyester* e *Pink Flamingos*, no papel de um vendedor de carros usados) e o grupo americano The Feelies.

A trilha sonora foi outro grande acerto de Demme. Ele chamou John Cale (ex-Velvet Underground) e Laurie Anderson para escolher as várias canções do filme. São pérolas do rock'n'roll, músicas animadas, novas e antigas, que dão um embalo especial no ritmo da fita e realçam o pique novaiorquino da coisa toda.

A canção tema é cantada pela cubana Célia Cruz com David Byrne. O outro destaque vai para as várias versões de "Wild Thing". No restante, mais algumas preciosidades dos Troggs, Timbuk 3, Jerry Harrison, James Brown, Big Youth, Yellowmen, Pete Shelley (ex-Buzzcocks) e Steve Jones (ex-Pistols). *T.P.*



BESAME MUCHO

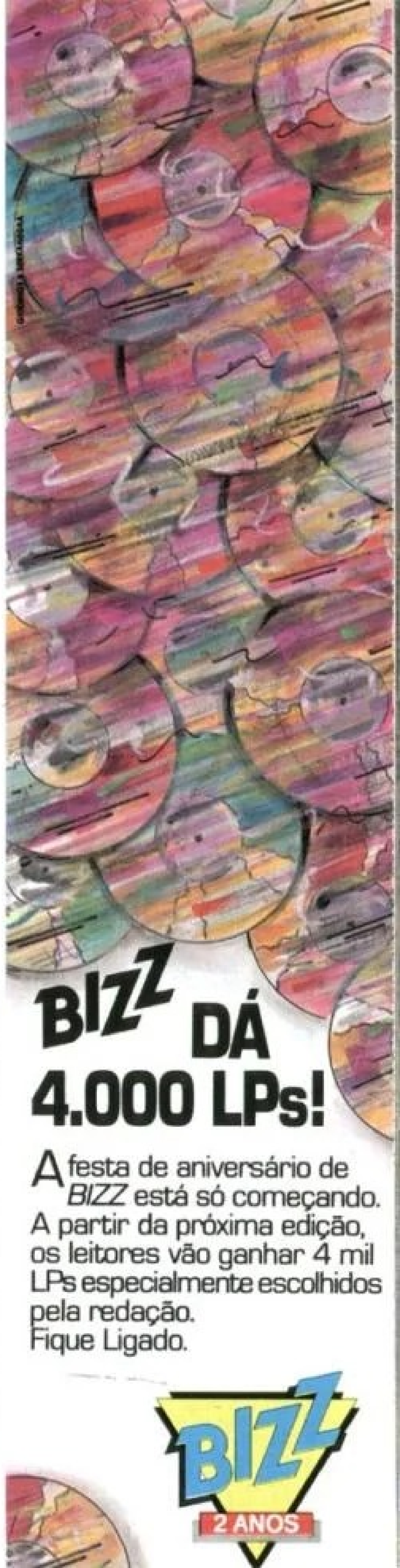
Christiane Torloni revelando sua face cômica, um dos pontos altos do filme de Ramalho

Foto HB

Boa notícia: o cinema nacional saiu de sua fase primitiva no que toca os aspectos de produção. Está provado pelas recentes produções do cinema brasileiro que dá para fazer um filme tecnicamente bom do lado de baixo do Equador. Além da direção segura, Francisco Ramalho Jr. realizou um filme que acerta em todos os detalhes. Agora, infelizmente a má notícia: apesar de todos os acertos, *Besame Mucho* é um filme cheio de problemas. Parte deles está no roteiro. Adaptado da peça de teatro homônima de Mario Prata, trata basicamente da amizade de Xico (José Wilker) e Tuca (Antônio Fagundes). Acompanhados de suas respectivas, primeiro namoradas e depois, esposas, Olga (Gloria Pires) e Dina (Christiane Torloni), eles passam por um painel da história recente (de 64 a 86) do Brasil. A intenção do filme não é documentar ou ilustrar os acontecimentos deste período. Se fosse, seria um a ilustração parcial e cheia de lacunas. Mas ao enfocar as relações afetivo-sexuais dos dois personagens, também carece de originalidade. O resultado são personagens rasteiros como caricaturas, situações previsíveis como uma novela da Globo e diálogos que reeditam piadas velhas e discussões histéricas cheias de lugares comuns. O recurso de contar a história de frente para trás também não ajuda a impressão de que estamos diante de mais uma tentativa malograda de falar dos sombrios e anódinos anos 70. Mas merece ser notado que, enquanto as roupas mudam e as esposas rejuvenescem, Xico e Tuca continuam os mesmos que aos quarenta anos, quando começa o filme: machistas, covardes e comuns.

Até a jovialidade de Fagundes se perde nestes circunlóquios da trama. O destaque vai para uma Torloni convincente e revelando uma faceta cômica insuspeitada. E Giulia Gram mostra que tem futuro.

B.A.



LANÇAMENTOS

Foto Rui Mendes

Cólera — Minutos de Cólera — 20 minutos, Artificial Cinema — OK, faz tempo que essa explosiva compilação de onze músicas do grupo punk brasileiro mais bem-sucedido na Europa já está nas ruas. Mas ocorre que este vídeo em breve será transformado num produto mais amplo. Em breve, aos shows do Cólera — gravados no Rio de Janeiro (Circo Voador e Metrópolis) e no Juiz de Fora Rock Festival — serão somadas seqüências com os Ratos de Porão. Portanto, se você é um purista que só gosta de primeiras edições, esta talvez seja sua última chance.

Run DMC — The Video — Profile — São cinco músicas do trio falastrão de rappers que ganhou notoriedade internacional com uma versão espertíssima de "Walk This Way", antigo sucesso do metálico Aerosmith. O clip de "Walk This Way" — ultra bem engendrado pela dupla Godley & Creme — abre os trabalhos.

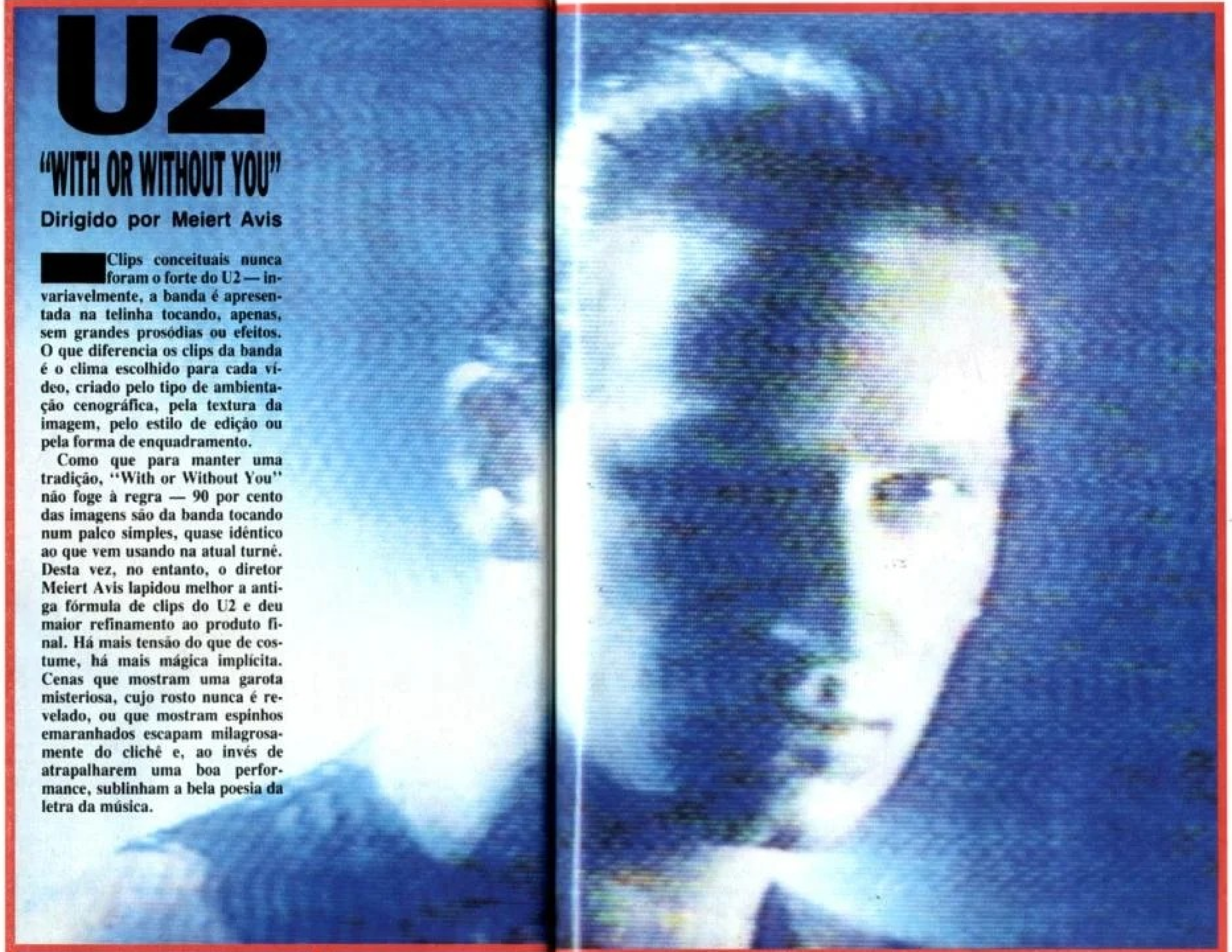
Guitarra — The Guitar in Spain with Julian Bream, Parts I and II — 60 minutos, Home Vision — Estas são as primeiras prestações de um interessantíssimo seriado de oito vídeos que traçam o caminho do violão espanhol a partir de 1500 até os dias de hoje. O mestre-de-cerimônias Julian Bream — experimentado violonista clássico — vasculha, nessa primeira parte, o que classifica como "A Era Dourada" e "O Violão Barroco". Uma verdadeira gema para qualquer músico ou estudioso do violão.

Vladimir Horowitz — The Last Romantic — MGM/United Artists — Para comemorar os 80 anos do grande pianista soviético, foi preparada uma série de álbuns históricos mais este vídeo, na verdade um misto de concerto e documentário. Se essa for sua praia, mergulhe.

PARADA

1 BON JOVI — Bon Jovi
2 CONTROL-THE VIDEOS — Janet Jackson
3 LIVE WITHOUT A NET — Van Halen
4 U2 LIVE AT RED ROCKS — U2
5 MOTLEY CRUE UNCENSORED — Motley Crue
6 EVERY BREATH YOU TAKE-THE VIDEOS — The Police
7 DAVID LEE ROTH — David Lee Roth
8 THE PRINCE'S TRUST ALL-STAR... — Vários
9 DOKKEN — Dokken
10 HEARBEAT — Don Johnson

Fonte: revista Billboard



U2

"WITH OR WITHOUT YOU"

Dirigido por Meiert Avis

[redacted] Clips conceituais nunca foram o forte do U2 — invariavelmente, a banda é apresentada na telinha tocando, apenas, sem grandes prosódias ou efeitos. O que diferencia os clips da banda é o clima escolhido para cada vídeo, criado pelo tipo de ambientação cenográfica, pela textura da imagem, pelo estilo de edição ou pela forma de enquadramento.

Como que para manter uma tradição, "With or Without You" não foge à regra — 90 por cento das imagens são da banda tocando num palco simples, quase idêntico ao que vem usando na atual turnê. Desta vez, no entanto, o diretor Meiert Avis lapidou melhor a antiga fórmula de clips do U2 e deu maior refinamento ao produto final. Há mais tensão do que de costume, há mais mágica implícita. Cenas que mostram uma garota misteriosa, cujo rosto nunca é revelado, ou que mostram espinhos emaranhados escapam milagrosamente do clichê e, ao invés de atrapalharem uma boa performance, sublinham a bela poesia da letra da música.

Fotos R. Tucci

NOTAS

Foto LFI

■ O **Mötley Crüe** — *darling* do metal norte-americano — resolveu inovar no marketing. Pela primeira vez na história um artista lança, simultaneamente, um novo álbum e uma compilação de vídeos correspondentes ao disco. Disco e vídeo chamam-se *Girls, Girls, Girls*. Agora, quanto à inspiração e à qualidade...

■ Pelo andar da carruagem, a Rede Manchete parece bem disposta a capturar o segmento mais jovem do público de televisão. Desde maio a rede vem pondo no ar, um domingo por mês, o **Rock Expresso.** Produzido pela Metavideo e dirigido por Roberto Naar, o programa traz íntegras de shows com os principais artistas e grupos do rock nacional.

■ O primeiro programa, transmitido em maio, apresentou o show que os **Paralamas do Sucesso** fizeram em março passado, no Estádio de Remo da Lagoa, e que encerrou a turnê *Selvagem?*. E os planos para dar seqüência à série são promissores: desde junho (quando foi a vez de **Cazuza** se postar defronte às câmeras), o Rock Expresso está sendo transmitido em som dolby estéreo e toda a série terá o áudio gravado em 24 canais, a exemplo do que aconteceu ano passado com a série *Chico e Caetano*. Mais: um mês após sua exibição, os programas estarão, sucessivamente, disponíveis para comprar em *home video*.

■ Um dos casamentos artísticos mais inusitados ocorreu na Califórnia, quando o grupo **Wall of Voodoo** — responsável por um dos mais criativos clips de toda a história do gênero, o imperdível "Mexican Radio" — convidou **Brian Wilson,** dos **Beach Boys,** a participar do clip para a música "Do It Again", antigo hit dos veteraníssimos BB. Qual será o resultado?

ALTERNATIVA NATIVA

O SOM DA MODA

LOBÃO 2 A 5/7 E 8 A 12/7

PLEBE RUDE 15 A 19/7

RITCHIE 22 A 24/7

EVANDRO MESQUITA 30 E 31/7

IRA! 25 E 26/7

HERÓIS DA RESISTÊNCIA 1 E 2/8

UM TOQUE DE ROCK, NATIVO, ATIVA UM SÓ OBJETIVO: DAR UMA FORÇA À NOSSA MÚSICA JOVEM. ESTA É A ALTERNATIVA QUE ALTERNATIVA NATIVA TRAZ AGORA PRA VOCÊ, DURANTE TODO O MÊS DE JULHO, NO CANECÃO.

VOCÊ VAI CURTIR GRUPOS COMO PLEBE RUDE, IRA!, HERÓIS DA RESISTÊNCIA, ALÉM DE FERAS COMO LOBÃO, RITCHIE E EVANDRO MESQUITA, EM SHOWS DE QUARTA A DOMINGO, SEMPRE ÀS 7 DA NOITE.

ALTERNATIVA NATIVA. UM LANCE DE ALTERNATIVA, A MODA DO MUNDO DA RUA. É UMA FORÇA QUE A MESBLA DÁ PRA QUEM FAZ O ROCK BRASIL.

JULHO 19h CANECÃO

REALIZAÇÃO SHOWS E FERAS

APOIO BIZZ

UM LANCE DE ALTERNATIVA®

A MODA DO MUNDO DA RUA QUE VOCÊ CURTE NA MESBLA

Projeto beneficiado pela Lei 7.505

Um das melhores surpresas do ano é africana... e vem da Inglaterra

Foto Azul

BHUNDU BOYS

Jit, o som africano que sacudiu a Inglaterra, decifrado por *Maurício Valladares*

Jamais convide para a mesma mesa Paul Simon e os cinco Bhundu Boys. A chacina seria inevitável. O LP *Graceland* continua gerando muita polêmica. Para nós, com a distância, as idéias se tornam duvidosas. No entanto, para os Bhundu Boys é cristalina a certeza de que Paul Simon recebeu dinheiro de Pieter Botha para realizar seu projeto.

Não adianta. Esses bicudos não se beijarão. E foram justamente eles, Paul Simon com *Graceland* e os Bhundu Boys com *Shabini*, seu disco de estréia, que melhor interpretaram a música africana nos últimos meses.

Os Bhundu Boys começaram a despertar atenção em setembro do ano passado através dos programas de John Peel e Andy Kershaw, na Radio One (BBC). Por trás de seu som ultradançante se abrigam as idéias revolucionárias que formaram o Zimbabwe em 1980, ano em que a banda também nasceu. O ritmo infernal, aliado a uma forte poesia sempre cantada no dialeto shona, caracteriza o estilo conhecido como *jit*. Esta marca fez dos Bhundu Boys uma das principais atrações de Harare, capital do país.

No final de 86, o grupo foi carregado para a Escócia por seu empresário. Aos poucos, o *jit* começou a ser dançado no circuito de universidades e pubs britânicos. Entre um show e outro, surgiu o contrato com o selo independente Discafrique, o que possibilitou o lançamento de *Shabini*. A consagração foi instantânea. Em janeiro passado, habituês do sucesso como New Order, Nick Cave e Smiths, tiveram a visita dos "meninos do matagal" na lista dos mais vendidos.

Shabini segue a tradição da música criada na região que vai do Zaire à África do Sul. O disco não impressiona por nenhum aspecto inovador, mas sim pela qualidade de suas dez faixas. Além de serem instrumentistas precisos, os Bhundu Boys realizam um envolvente trabalho vocal.

O resultado de *Shabini* foi tão positivo que a WEA já colocou a banda sob suas asas. O próximo disco já está no forno e tem Elvis Costello como produtor.

THE PASTELS

Anorak: a nova doença que aflige *Marcel Plasse,* flagrada em sua origem escocesa

Tons pastel. Melancolia ácida. Uma voz introvertida cortando o pop em pedaços. Guitarras velvetianas enterradas no fundo dos sulcos. Estas características são referência para inúmeros novos grupos ingleses, genericamente alinhados em torno do termo *anorak bands*. Mas também podem ser vistas com menos pose — afinal, *anorak* é uma espécie de blusa com capuz, rústica, muito usada pelos ingleses pobres. Na versão musical, denomina as bandinhas baratas — independentes, *of course* —, com acordes *jingle-jangles* de guitarras, vocal desafinado, batida seca e chimbau estridente. Coisas que os críticos ilhéus, há mais de dez anos, adoram. Alguns grupos são extremamente competentes no assunto. E de forma alguma assemelham-se à rispidez *hard* dos punks — estão mais para as *garage bands* dos 60. São como cultuadores de velhos filmes B em preto e branco, com aversão à imagem computadorizada.

Os precursores desta redescolorização vieram de Glasgow, Escócia. Stephen Pastel, Brian Taylor e Martin Heywood gravaram seu primeiro compacto ("Heavens Above") em 1982, pelo selo Whaam. Uma gravação muito pobre, que apenas realizou a transposição da demo-tape para o disco. Mesmo assim, continha o germe de um som que diferia do gótico vigente nas paradas independentes.

No ano seguinte, embarcaram no barco da Rough Trade (que começava a descobrir os Smiths). Lançaram um novo single ("I Wonder Why"), mais maduro que o precedente, incluindo até uma participação da gata do Strawberry Switchblade. A gravadora prometia transformá-los no novo Aztec Camera. Barco furado. Eles preferiram partir pra outra.

Mais um ano, mais uma gravadora. Alan McGhee, o *big boss* da Creation (que lançou Jesus & Mary Chain), procurou-os como um autêntico fã. O grupo tornou-se um quarteto com a entrada da baterista Bernice Simpson, gravou três singles, participou de uma coletânea... Até que, em novembro de 85, num tumultuado concerto coletivo promovido pela Creation no Riverside Studios de Londres, acusaram a gravadora de sabotagem e a abandonaram — junto com os Membranes, que também participavam do evento.

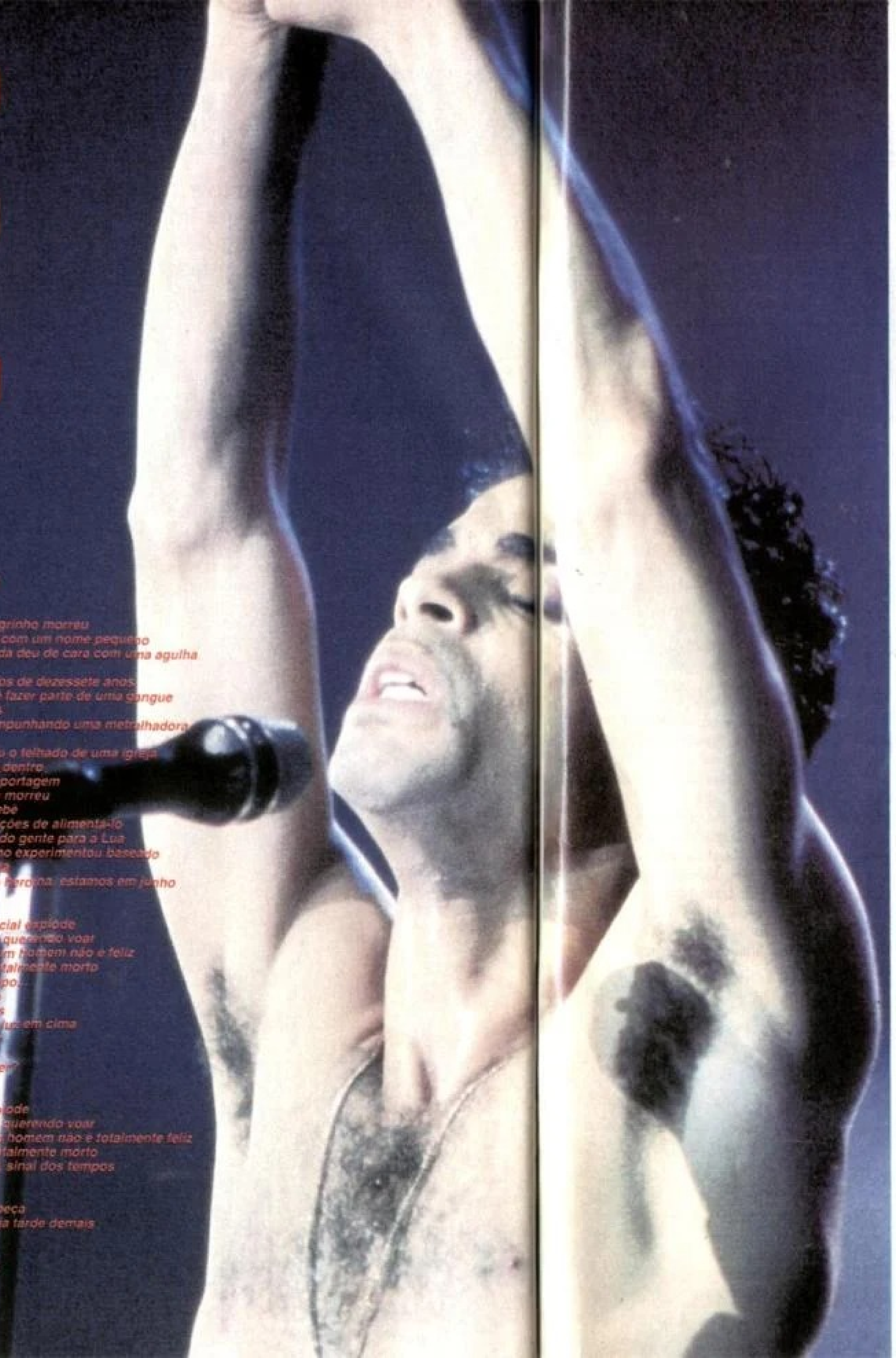
Através de um novo contrato, desta vez com a tímida Glass, lançaram seu single melhor sucedido ("Truck Train Tractor") e, finalmente, o LP *Up for a Bit with the Pastels* — em fevereiro de 87.

Da rotação 45 para a 33, os Pastels transformaram sua trajetória numa *trip* amalgamada de tensão, guitarras melodiosas e vocais frágeis. Sintetizaram frases simples sobre situações e relacionamentos complexos em torno de uma melodia redonda (pop), combinada com uma inspirada anarquia musical que vem direto de 1979, e uma corrosiva agonia proveniente dos anos 60 ("So sad baby blue, but it's all over now for you..."). Do doce ao amargo, até a vertigem. Numa batida blasé.

Foto Syndication International

The Pastels: o ácido desencanto de Stephen, Brian, Martin e Bernice sem cores modernas — um barato (pop) corroído

PRINCE



SIGN O' TIMES

(Prince)

Oh yeah
In France, a skinny man died of
a big disease with a little name
By chance, his girlfriend came across a needle
and soon she did the same
At home there are seventeen year old boys
And their idea of fun is being in a gang
called The Disciples
High on crack and totin' a machine gun
time, time
Hurricane Annie ripped the ceiling off a church
And killed everyone inside
U turn on the telly and every other story
is tellin' U somebody died
Sister killed her baby
cuz she couldn't afford 2 feed it
and we're sending people 2 the moon
In September my cousin tried reefer
4 the very first time
Now he's doing horse, it's June
times, times
It's silly, no?
when a rocket ship explodes
and everybody still wants to fly
Some say a man ain't happy
unless a man truly dies
Oh why, time, time
Baby make a speech
Star Wars fly
neighbours just shine it on
But if a night falls
and a bomb falls
Will anybody see the dawn?
time, time
It's silly
when a rocket blows
and everybody still wants 2 fly
Some say man ain't happy truly
'til man truly dies
Oh why, oh why, sign o' the times
time, time
Sign o' the times
Mess with your mind
hurry before it's 2 late
Let's fall in love
get married, have a baby
We'll call him Nate
(if it's a boy)
Time, time
Time, time

Paisley Park Records

SINAL DOS TEMPOS

Oh yeah
Na França, um cara magrinho morreu
de uma grande doença com um nome pequeno
por acaso, sua namorada deu de cara com uma agulha
e logo fez o mesmo
Aqui em casa, há garotos de dezessete anos
cuja idéia de diversão é fazer parte de uma gangue
chamada Os Discípulos
chapados de crack e empunhando uma metralhadora
tempo, tempo...
Annie Furacão arrancou o telhado de uma igreja
e matou todo mundo lá dentro
você liga a TV e toda reportagem
vem contar que alguém morreu
Uma irmã matou seu bebê
porque não tinha condições de alimentá-lo
e nós estamos mandando gente para a Lua
Em setembro, meu primo experimentou baseado
pela primeira vez na vida
agora ele está tomando heroína, estamos em junho
tempos, tempos...
é besta, não?
quando uma nave espacial explode
e todo mundo continua querendo voar
tem gente que diz que um homem não é feliz
enquanto não estiver totalmente morto
Oh por quê, tempo, tempo...
Baby, faça um discurso
voe Guerra nas Estrelas
os vizinhos só jogam a luz em cima
mas e se uma noite cair
e uma bomba cair?
alguém verá o sol nascer?
tempo, tempo...
É besta
quando um foguete explode
e todo mundo continua querendo voar
tem gente que diz que o homem não é totalmente feliz
enquanto não estiver totalmente morto
Oh por quê, oh por quê, sinal dos tempos
tempo, tempo
sinal dos tempos
Bagunce com a sua cabeça
depressa, antes que seja tarde demais
vamos nos apaixonar
casar, ter um bebê
o chamaremos de Nate
(se for um menino)
tempo, tempo...

ROCK TRADUZIDO

Tem edição nova de Letras Traduzidas nas bancas. Nesta revista tem tudo o que pintou de melhor na music pop: The Cure, Dire Straits, Peter Gabriel, Run DMC, Ramones, Sting, Sex Pistols, Led Zeppelin, Madonna, Rolling Stones, A-HA, The Bangles, Huey Lewis, Echo & The Bunnymen, Smiths...

NÃO PERCA

Foto Ivan Klingen

Pai e filha: Hélcio e sua inusitada criação percussiva.

HÉLCIO MILITO

Um dos maiores bateristas nacionais fala de sua formação e do instrumento que inventou...

Hélcio Milito é uma pessoa inquieta. Mas o sentimento que existe dentro desse paulista de 56 anos — fundador do Tamba Trio e um dos papas da Bossa Nova — não tem nada a ver com angústia. A inquietude se traduz na vida de Hélcio pelo desejo de sempre partir para caminhos novos.

Foi exatamente assim que ele não desanimou com o início de sua carreira — , quando aos 9 anos, o pai jogou a primeira bateria de Hélcio num rio próximo de sua casa. O italiano "durão", segundo a definição de Hélcio, era contra uma carreira que não fosse "sinfônica" para o filho. Mas o menino realizador sempre encontrou um jeito de seguir em frente: mergulhou no rio e catou o que restava, e estudou nas panelas da mãe até economizar o suficiente pra comprar uma bateria "xexelenta".

Depois, mudou-se para o Rio, já como semiprofissional que atuava em bailes de *dancings* da noite paulistana.

Mas novamente o irrequieto Hélcio fez a sua carreira dar um salto: "Eu já tinha algum nome no Rio", conta, "tinha até inventado a coisa de tocar samba com baqueta de vassourinha. Mas faltava técnica, tinha muitos vícios". O estudo veio, numa aproximação oportuna, com o convite para um velhinho morar na sua casa.

"Era um percussionista da orquestra sinfônica de Cleveland, o Muller, solteiro e solitário. Quando ele veio pra minha casa, suguei tudo que podia dele, que me deu um *approach* teórico. Ele me mudou até a maneira de segurar a baqueta", diz.

O progresso — de duzentos por cento, segundo Milito — fez a sua carreira consolidar-se. E por essa época nascia a bossa nova e explodia o Tamba Trio, com Luís Eça (no piano) e Bebeto (no contrabaixo). Nascia, também, a tamba (ver box), o instrumento que ele inventou segundo valores "nacionalistas".

"A bossa nova foi uma revolução não só de bom gosto musical" diz, "mas uma afirmação dos brasileiros. Em vez de ouvir *big bands*, podia-se ouvir música brasileira boa. E foi a primeira vez que a nossa música chegou até lá fora." Para exemplificar a importância do Tamba Trio, ele fala de um trio de fãs, de Minas Gerais, que ficava babando e imitando o Tamba: Wagner Tiso (piano), Milton Nascimento (baixo) e Paulinho Braga (bateria).

O sucesso do grupo permitiu a Hélcio manter uma bem-sucedida carreira no exterior, onde ele é músico de estúdio e já tocou com Wes Montgomery, Duke Ellington e Peter, Paul & Mary. Além disso, ele mantém uma carreira solo, dedicando-se agora apenas à tamba — e sem o trio, que agora terminou definitivamente.

A permanência no exterior deu a Milito uma visão mais ampla de como funciona a indústria fonográfica lá fora: a música instrumental que ele faz não tem nada a ver com alguns padrões e clichês daqui.

Com um primeiro disco de formação inusitada (tamba, violão, flauta e voz) e com um contrato para outros três pela Island Records (WEA), Milito diz que os brasileiros têm uma visão errada sobre "sucesso" lá fora. "Não tem essa de brasileiro ser super aceito lá", diz.

Além disso, ele considera que o Brasil está estagnado. "A ditadura fez os jovens ficarem perdidos. Alguém da minha idade quer apenas se aposentar, sem buscar realizações."

Já o inquieto Milito toca um dia em Nova Iorque, outro no Havaí, e vive tranqüilamente como cidadão do mundo.

Alexandre Dines

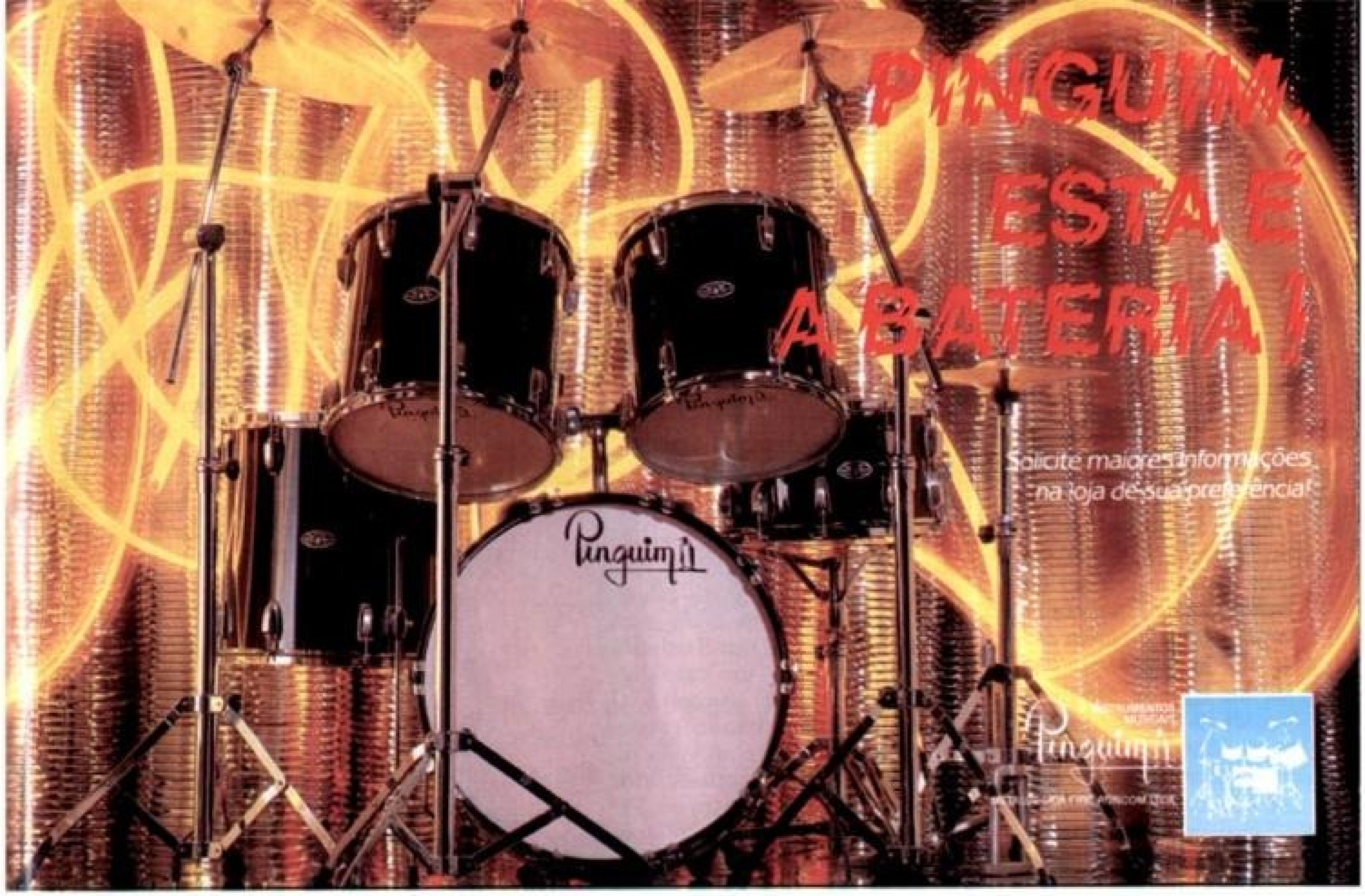
FICHA TÉCNICA

PERCUSSÃO E INFORMÁTICA

Segundo Hélcio, a tamba é uma espécie de bateria artesenal, formada com componentes brasileiros: tambores, uma caixa, frigideiras (que substituem os pratos) e um piano de bambu, que serve para condução de ritmo.

Como os bambus produzem afinação, a riqueza de timbres é muito maior.

A tamba está sendo adaptada para a produção industrial (por Pete Engelhart) e Milito ainda a acopla a samplers da Roland, via Midi.



III FEIRA UNIVERSAL DO JOVEM

UNIJOVEM 87

O lugar ideal para você se encontrar com quem quer comprar de tudo.

No RioCentro, em julho de 87, vai ser realizada a III Feira Universal do Jovem. Este evento caracteriza-se pela descontração e participação efetiva do público através das diversas atividades paralelas que são desenvolvidas durante a sua realização: shows musicais, apresentação de academias de ginástica, campeonatos esportivos, desfiles de moda, cinema e vídeo clips, jogos eletrônicos, sorteios e distribuição de brindes, etc.

Além da motivação natural e da distribuição de cerca de 120.000 convites aos lojistas e compradores, a UNIJOVEM terá uma completa estrutura de divulgação junto aos principais meios de comunicação.

Prevê-se igualmente, dentro do aspecto comercial, a reserva de horários fechados ao público, para o encontro de fabricantes, lojistas e prestadores de serviços para mútua realização de negócios.

Por isso, se você fabrica ou oferece algum tipo de produto ou serviço voltado para o jovem, prepare-se para encontrá-lo em julho no local mais indicado: a UNIJOVEM 87.

Consulte-nos pelo telefone (021) 263-3577.

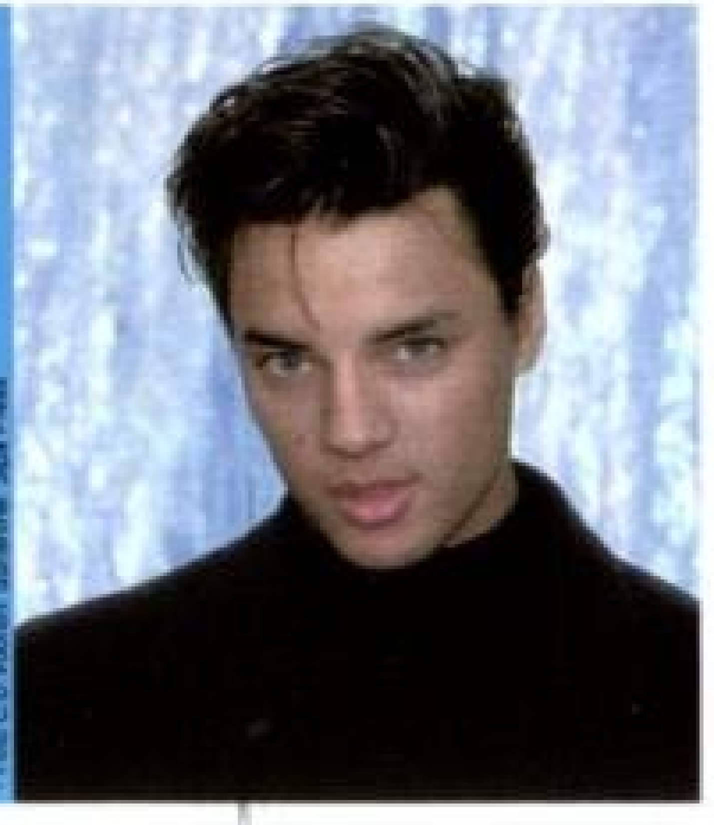
Mas ande logo. Porque o jovem tem pressa de comprar.

Fibra
PROJETOS PROMOCIONAIS
13 A 19 DE JULHO
RIOCENTRO

AIR MAIL

Por *Pepe Escobar*

Como todos os que lêem esta coluna já sabem, a estilizadíssima campanha publicitária da Levi's foi a responsável pelo relançamento nas paradas européias de **Marvin Gaye, Percy Sledge, Jackie Wilson, Sam Cooke** *e outras feras arrepiantes do soul. Só que um sonho de marketing — jeans, cenários hollywoodianos, clima de inocência, soul music — também engendra monstros. O Golem de plástico, no caso, é* **Nick Kamen,** *o Madonna para (mais ou menos) machos. Nick era o modelito que, no comercial ao som de Marvin Gaye, entrava em uma lavanderia automática dos fifties e ficava de cueca, esperando sair o encardido de suas 501. A interpretação foi tão aplicada que ele virou capa de revista, jornal, TV, rádio, o diabo, gravou um LP e está vendendo horrores. Marvin, Sam, Jackie e cia. devem estar se perguntando lá no céu: onde foram parar os bons e velhos tempos, quando para dar certo era preciso cantar pra cacete — e pegar no pesado anos a fio?*



Suzanne Vega foi o fetiche poético-intelectual de 85. **Patsy Kensit** foi o fetiche carnal de 86 (ao vivo é meio caída. Além disso, é debilinha...) **Rosie Vela** já é o fetiche de 87. Americana, ex-modelo. Ficou anos para montar um estudiozinho em casa e gravar seu disco — tem a mão do **Steely Dan** no meio. Voz *hot* na medida certa e, por trás de uma floresta de biondagem, um rosto de anjo de Da Vinci. Mas nenhuma, claro, será jamais igual a Debbie em 77.

Age of Chance, **até um minuto atrás, era a trincheira mais avançada do** *disco* **demencial pós-o-que-você-quiser. Era até o advento em vinil de** The Justified Ancients of Mu Mu **(glorioso nome!). A moçada em questão é escocesa de Edimburgo e gravou o mais cataclísmico rap de Aids até este minuto. Por falar em rap anti-Aids, um dia desses estava escutando uma fita de reggae rap daquelas marretadas em Notting Hill, e o que aparece? Um "rap da gonorréia", didático, por uma figurinha que canta na linha Kurtis Blow... A safra é definitivamente 87. Aguardem novos desdobramentos do tema (rap do** *blow job?* **Rap da castidade? Rap do tampão? Rap do vibrador?...).**

O melhor show exclusivo do ano até agora é de **David Bowie** em sua "entrevista coletiva" romana. No meio de uma gritaria infernal, um Sardanápalo de groupies, um caos digno da torcida do Napoli, "Il Duca" David e banda conseguiram tocar duas músicas do novo LP com uma musculatura ausente desde a turnê *Serious Moonlight*. Quem tem estilo não se entrega nunca. Entrevista não teve muita. Só queriam mesmo saber com quem anda, com quem dorme, que perfume usa (não usa: só loção de barba). Bowie, fissurado em Itália e extremamente bem-humorado, depois foi seqüestrado pela RAI, e explicou cena por cena a floresta simbólica de seu último vídeo para "Day In, Day Out".

Music Vídeo é a MTV italiana, que, como a sua contraparte made in USA, fica 24 horas sobre 24 fulminando a psique dos incautos. Normal. O problema são os vídeos-DJs: seu look e linguagem debila são imbatíveis em qualquer latitude. Estrela favorita absoluta no primeiro semestre: a bichona dos **Blow Monkeys** *e seus rififis em "It Doesn't Have To Be That Way".*

O *cult* dos *cults* entre os lançamentos do ano já é a caixa de blues da Atlantic Records, com sete LPs contendo tudo e mais alguma coisa da moçada "Lord, Have Mercy" que andou colocando a sua melancolia no vinil da casa. Temos aqui mais diamante negro reunido do que todo o acervo da Duquesa de Windsor leiloado em Genebra. Audição essencial para quem pretende salvar o futuro do rock'n'roll.

Como já adiantamos nesta coluna há alguns meses, **Arthur** "deixa que eu remixo" **Baker** volta a atacar com força total em seu novo selo, Criminal. O cabeludo padeiro do vinil está lançando um LP matador de **Wally Jumper**, e prepara uma duplinha supostamente qualificada como a resposta porto-riquenha aos Pet Shop Boys ("You got the looks/ I got the brains/ Let's make lots of money..."). Baker, com a antológica "Renegades of Funk", junto com **Afrika Bambaataa**, fez o que quase todo mundo está copiando agora. Ele quer acabar com o monopólio de **Prince**, montando uma banda internacional com músicos de todas as latitudes, e está gravando um LP solo (sem vocais seus), mas quer botar a boca no microfone. O melhor de tudo é que, se não fosse a mão e o verbo de Baker, os arrombadores **Beastie Boys** ainda estariam no buraco. Bestial.

Depois de febres de ***go-go, house music*** **e** ***tecno-scratching,*** **vem aí a última dos guerreiros mixomaníacos black: o reggae rap atravessado de Parliament-Funkadelic, ou seja, funkaço trash anos 70. Sly and Robbie — a multicamaleônica melhor-seção-rítmica-do-mundo-quando-está-a-fim-de-tocar — já demarcaram a linha em um single precioso, "Boops". Tudo isso diluído pela engenharia genética, logo mais em dois ou três anos no seu Top Ten preferido.**

Foto Derek Ridgers/LFI

COMPRE AGORA AS EDIÇÕES QUE VOCÊ PERDEU

BIZZ

Se a sua coleção não está completa, você ainda pode comprar qualquer um, ou todos os números atrasados de Bizz que estão neste anúncio, pelo preço da Bizz que está nas bancas. As instruções estão no cupom.

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

EDIÇÃO N.º 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22

NOME ______

ENDEREÇO ______

CIDADE ______

CEP ______ ESTADO ______

Envie para: BIZZ, Editora Azul, "Números Atrasados". Estrada Velha de Osasco, 132, Cep 06000 - Osasco - SP

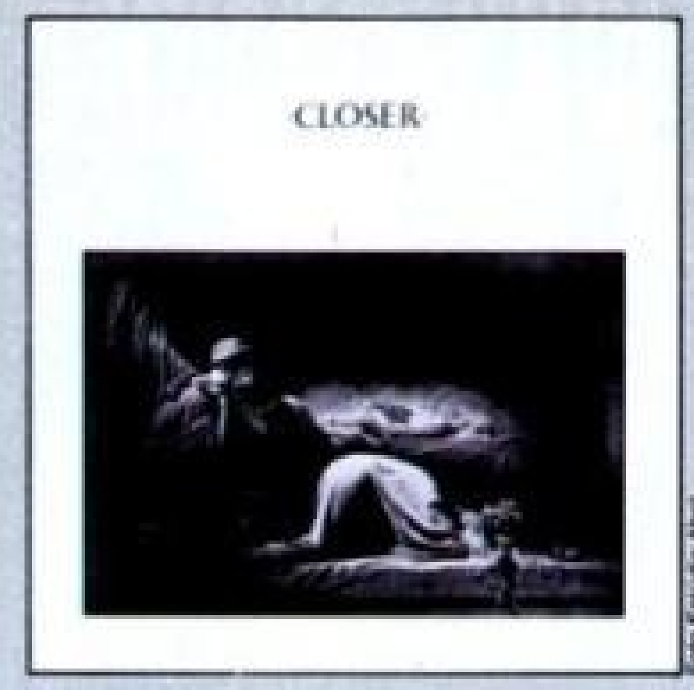


Foto Estúdio Abril

JOY DIVISION

CLOSER (1980)

O Joy Division influenciou de maneira definitiva o rock da década de 80. A força de sua música consistia em resgatar o espírito soturno de preciosas antiguidades como Doors, Velvet e Stooges e aliá-lo ao som inovador feito por Bowie (na fase alemã) e Kraftwerk nos anos 70. Tudo isto dentro de um estilo próprio que, a princípio, lidava com elementos do punk, e depois evoluiu para uma espécie de antítese de heavy metal mesclada a sons sintetizados. Através de componentes sonoros "normais" e despojados, eles transformavam a soma de pequenas partes em um grande todo.

Ian Curtis (voz), Bernard Albrecht, ou Sumners (guitarra e teclados), Peter Hook (baixo) e Stephen Morris (bateria) jogavam a última pá de terra sobre o romantismo do rock. Não há resquícios de "paz, amor e esperança" nas letras de Ian Curtis. Elas são apenas observações sobre a condição humana em um mundo dominado pela miséria e o desespero.

Para forjar sua música, esta banda de Manchester contava com a produção de Martin Hannett, apresentado a eles por Tony Wilson, fundador da Factory Records. Hannett desenvolveu o som deles em estúdio e poderia ser considerado um quinto membro não-oficial da banda. Na pequena discografia do grupo, o próximo é o LP *Closer* — "Mais perto" (cabe aqui a pergunta: mais perto do quê?). A banda sempre esteve envolta em uma aura de mistério que já estava resumida em uma frase impressa na contracapa de seu primeiro LP: "Isto não é um conceito, é um enigma". Tudo em *Closer* é enigmático. A capa, as letras e sobretudo o som. Se no primeiro LP, *Unknown Pleasures*, a música soa densa e pesada, em *Closer* eles optaram por uma linha diferente. O disco foi gravado sob uma abóbada de estuque especialmente construída com a finalidade de conseguir a ressonância de uma capela. O som é vazio e distante, com ênfase em sintetizadores estranhamente colocados. A voz de Curtis, ainda mais cavernosa, vomita os versos de forma lúgubre e levemente desafinada.

Não há indicação dos lados do disco no encarte ou no selo. Escolho um deles, o que começa com "Heart and Soul". Ian canta: "Instantes que podem trair-nos/ Uma jornada que conduz ao sol/ Sem alma e voltado à destruição/ A luta entre o certo e o errado". O clima se torna terminal em "Twenty four hours": "Apenas por um momento/ Ouvi alguém chamar/ Olhei além do dia presente/ E não havia nada lá afinal". Em "The Eternal", por entre baixo, bateria e teclados esparsos, Ian conduz um desfile de imagens bucólicas e fúnebres. A faixa que encerra este lado, "Decades", serve de tema e empresta seu primeiro verso como título do único vídeo da banda *(Here are the Young Men)*, impressionante tanto pela falta de apuro técnico como pelas imagens do grupo ao vivo envolto em sombras. O outro lado é aberto por "Atrocity Exhibition", baseada num livro homônimo do escritor inglês J.G. Ballard, a quem Curtis admirava. Continua com "Isolation", um mergulho nos abismos da solidão com versos como "Rendido à autodefesa/ Daqueles que só se preocupam consigo mesmos/ Mas quando a vida alcança a perfeição/ Ela se parece com todo o resto". Em "Passover", Ian tristemente finaliza: "Esta é a crise que eu sabia que vinha/ Destruindo o equilíbrio que eu tinha/ Encaro o próximo monte de mentiras/ E imagino o que virá depois". Depois vem "Colony", um elogio à loucura embalado em uma armação pseudo-heavy. Este lado termina com "A Means to an End", onde Curtis despede-se de maneira melancólica: "Uma casa em algum lugar em solo estrangeiro/ Aonde amantes magoados chamam/ É esta a sua meta, seus objetivos finais/ Aonde comem os cães e os abutres?/ Ainda posso e vou partir/ Eu confiei em você". Logo após ter completado este disco, Ian Curtis se enforcou em 18 de maio de 1980, aos 23 anos. Seria o fim do Joy e o começo de uma nova ordem.

Celso Pucci

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: Alex Antunes, José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Jean-Yves Neufville, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Coordenador de Produção: Igor Ismael Assan
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Colaboradores - Texto: Alexandre Dines, Arthur Geraldo Couto Duarte, Celso Salles Pucci, César Garcia Lima, Eva Joory (Londres), Fernando Naporano, Leopoldo Rey, Luiz Antonio de Oliveira, Luiz Antônio Giron, Marcel Plasse, Otávio Perdigão, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Thompson (New York), Eurico Salis, Eva Joory (Londres), Gabriel Rensonnet, Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, Tucci; **Past-up:** Murilo Rodrigues de Maria, Mercedes G. De La Lastra.
Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lidia Camarate (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731F
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Propaganda: Alfredo Nastari
Promoções: Fernando Mendonça (Rio), Paulo Sérgio Vieira (SP)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

GRÁTIS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 - São Paulo - SP - Destinatário: Stamp. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

CAMISETAS: Cz$ 280,00

Preço válido até a próxima edição

Horário: 2ª a 6ª das 8.00 às 17.30 hrs. Telefone: (011) 299-7478

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
☐ cheque ☐ vale postal no valor de Cz$
☐ Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais

BIZZ 24

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome
End.
Est. CEP

Envie este cupom ou cópia para Stamp, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - São Paulo - SP - Santana.

Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa.

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

GAROTOS PODRES

Venho demonstrar publicamente minha indignação contra os Garotos Podres que, além de podres, são nazistas. Digo isso depois de ouvir a música "Führer" — ou melhor, barulho — que, a certa altura, diz: "filhos de Israel/eu quero matá-los". Confiando na seriedade desta revista, espero que minha bronca venha a ser publicada. **Luis Wolftrzcina, Rio de Janeiro — RJ**

A questão é muito complexa e delicada para que seja discutida neste parco espaço. Vale esclarecer que BIZZ não tem qualquer tipo de compromisso com opiniões emitidas pelos entrevistados. Respeitando o direito de resposta, pedimos que Mau, vocalista dos Garotos Podres explicasse melhor: "Somos, antes de tudo, anti-nazistas. Acreditamos, porém, que o sionismo é semelhante ao nazismo, na medida em que também tem como fundamento a noção de raça e utiliza os mesmos métodos de extermínio. Somos contra os nazistas, sejam eles representados pela suástica ou pela Estrela de Davi. Escrevi essa letra em 84, na época de Sabra e Chatilla — o grande massacre de um campo de refugiados palestinos no Líbano realizado por tropas israelenses".

PINK COMPLETO

Estou lhes escrevendo para pedir que publiquem a discografia do Pink Floyd. Ficarei eternamente agradecido. **Evandro Nascimento, Salvador — BA**

Vamos lá, Evandro. O grupo iniciou suas atividades em 65, com a seguinte formação: Syd Barrett (guitarra, vocal), Richard Wright (teclados), Roger Waters (baixo, vocal) e Nick Mason (bateria). Com essa formação, lançaram, em 67, o primeiro LP, The Piper at the Gates of Dawn. *Em 68, acrescido de um novo guitarrista, David Gilmour, o grupo lançou dois álbuns:* A Saucerful of Secrets *e a trilha-sonora* Tonight Let's All Make Love in London. *Nesse mesmo ano, Syd Barrett deixa o Pink Floyd e inicia um tratamento para se livrar das drogas. Mais tarde, Barrett lançaria dois discos solo:* The Madcap Laughs *(70) e* Barrett *(70), relançados em 74 como um álbum duplo. Com David Gilmour assumindo a guitarra, o grupo lançou, a seguir, os LPs* Ummagumma *(69) e* Atom Heart Mother *(70). São também dessa fase as trilhas sonoras para os filmes* More *(69) e* Zabriskie Point *(70). Os álbuns seguintes são* Meddle *(71) e a coletânea* Relics, *do mesmo ano. Em 72, lançaram* Music from La Vallée *e* Obscured by Clouds, *outra trilha sonora. 73 é o ano de* The Dark Side of the Moon, *a obra definitiva do grupo (BIZZ 21). Seguiram-se* Wish You Were Here *(75), disco dedicado a Syd Barrett,* Animals *(77) e* The Wall *(79). Em 81, sai a coletânea* A Collection of Great Dance Songs. *O último LP do grupo seria lançado em 83, com o título de* The Final Cut. *Completa ainda a discografia do grupo a coletânea* Works, *lançada nesse mesmo ano. Todos os membros do Pink Floyd desenvolveram trabalhos paralelos. Assim, temos os discos solo de David Gilmour,* David Gilmour *(78) e* About Faces *(84).* Wet Dream, *de Richard Wright, foi lançado em 78. Nick Mason iniciou em 74 sua carreira como produtor, trabalhando ao lado de Robert Wyatt (ex-Soft Machine) e Carla Bley. Já Roger Waters tem dois trabalhos individuais: a trilha sonora* The Body *(70) e* The Pros and Cons of Hitch Hiking *(83). Para 87 estão previstos vários lançamentos: os álbuns de Waters,* Radio K.A.O.S. *(Bizz 23), e de Wright. Gilmour & Mason — os três, novamente reunidos sob o nome Pink Floyd, prometem uma grande turnê com shows de mais de cinco horas, como nos bons velhos tempos. Prometidas também para este ano a coletânea* Beyond The Wild Wood, *com gravações de músicas de Barrett por grupos independentes ingleses, e uma antologia da obra do compositor, organizada pela EMI inglesa (BIZZ 19). Toda a discografia do Pink Floyd foi lançada no Brasil, com exceção do segundo solo de Barrett.*

SEM ENCARTE

Sugiro que publiquem uma matéria sobre algumas gravadoras que, além de fabricarem as capas dos LPs com um material de péssima qualidade, estão editando os discos sem encartes e contra-capas. Isto está acontecendo com discos que originalmente continham os encartes, tanto nas edições importadas, como nas primeiras edições lançadas no Brasil. Estas gravadoras estão tendo um lucro incrível, mas mesmo assim os LPs estão com os preços que p*q*p*! **Aldo Moreira, Brasília — DF**

ESCLARECIMENTO

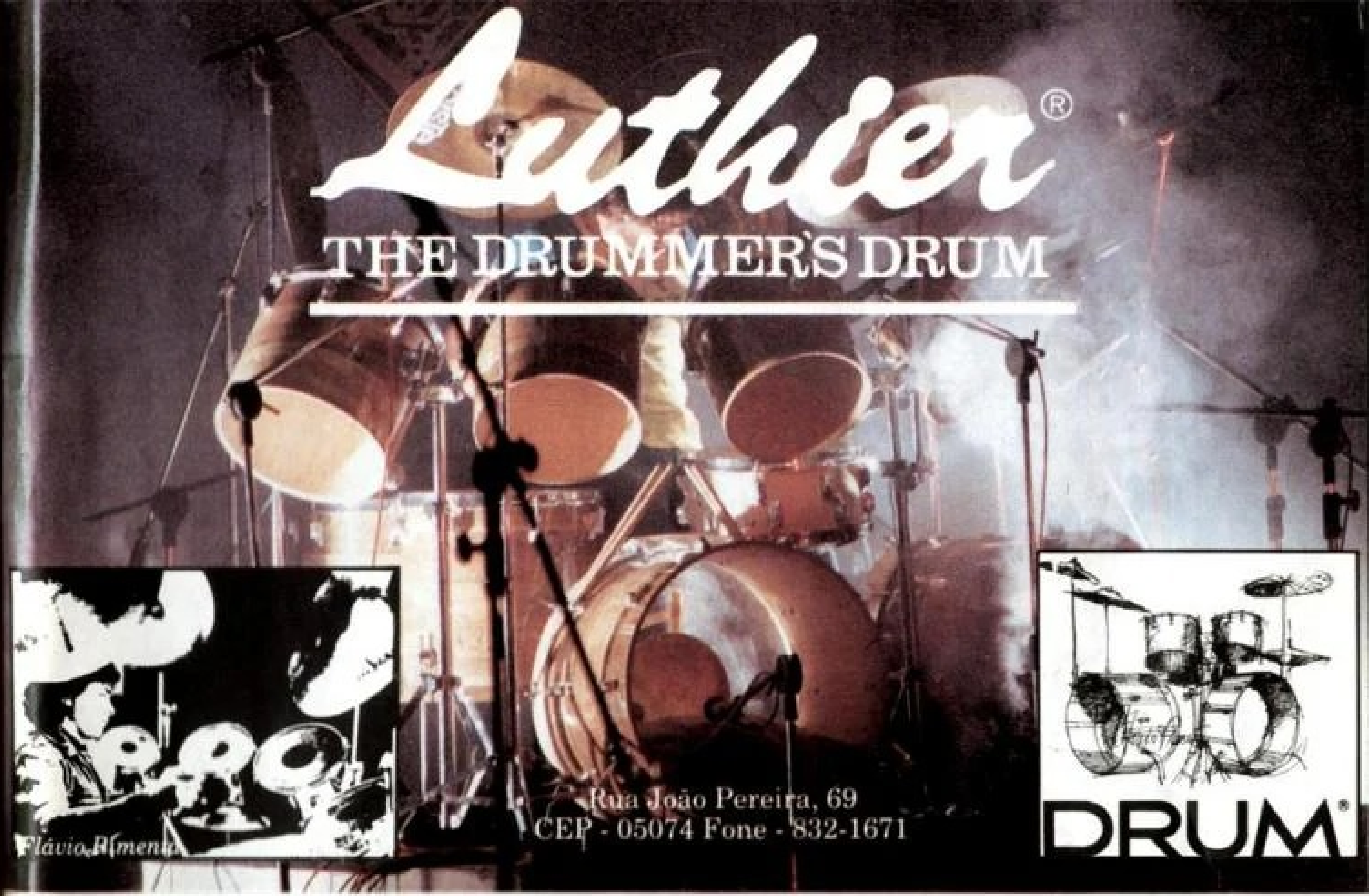
A EDITORA AZUL S/A., responsável pela produção e publicação do fonograma intitulado "BIZZ — MELHORES DE 86", distribuído gratuitamente na festa de entrega do troféu "MELHORES DE 86" da Revista BIZZ, realizada em 23 de março de 1987, no Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro, declara que por lapso deixou de constar, na etiqueta do referido disco, os nomes dos autores das obras musicais nele incluídas, o que faz agora, com total anuência da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS EDITORES DE MÚSICA:

OBRAS/AUTORES — LADO A

1) TEMPO PERDIDO (Renato Russo)
2) ALVORADA VORAZ (Paulo Ricardo/Luiz Schiavon/Paulo Pagni)
3) O QUE (Arnaldo Antunes)
4) TOMORROW NEVER KNOWS (Lennon/McCartney)
5) G.U.E.T.O (Edson X/Júlio Cesar/Márcio Hermes/Marcos Tomé)

OBRAS/AUTORES — LADO B

1) BOYS DON'T CRY (Tolhurst/Dempsey/Smith)
2) CONSIDER ME GONE (Sting)
3) JUST LIKE HONEY (James Reid/William Reid)
4) TAKE ON ME (M.Harket/P.Waaktaar/M.Waaktaar)
5) LOVE MISSILE FI-11 (Degville/James/Whitmore)
6) WALK THIS WAY (S.Tyler/J.Perry)



A ÚNICA ESCOLA ESPECIALIZADA PARA BATERISTAS

Ligue e peça informações sobre nosso curso por correspondência.

Matrículas abertas para Curso de Percussão

Flávio - Joelho de Porco, Studio.

Dinho - Willy Bobo, Hector Costita

Magno - Elis Regina, Orquestra.

DRUM®

Albino Infantozzi - Raul Seixas, Intelligence

Rua Edson, 96 - Brooklin - Fone: 533-7721
CEP 04618 - São Paulo - SP

CARTAS E SERVIÇOS

PINGOS NOS IS

Seria muito bom que a repórter Sônia Maia esclarecesse certas coisas para o pobre leitor que vos escreve. Desde que ouvi pela Rádio Fluminense uma entrevista com o conjunto Camisa de Vênus, venho tendo dúvidas quanto à integridade dos textos da revista. Na dita, Marcelo Nova, depois de lançar várias farpas contra a revista (segundo ele, a *Contigo* do meio musical), disse que, na reportagem com Raul Seixas, o responsável "deu a entender" que o autor de "Ouro de Tolo" não havia gostado da versão do Camisa para a música. Ora, na entrevista, segundo Sônia, Raul afirma que não havia gostado porque a *cover* perdeu o sentido que ele queria dar à canção. O vocalista disse que Seixas gostou da versão e mandou o seguinte aviso: "Não acreditem em nada publicado na BIZZ sobre o Camisa", acusando alguns — injustamente — de não terem coragem de assinar seus textos. Gostaria que colocassem os pingos nos devidos is. **Jorge Fernando, Nova Iguaçu — RJ**

Sônia Maia esclarece: "Não apenas confirmo o que foi publicado na entrevista com Raul, como aproveito para transcrever uma declaração dada por ele a Cristina Iori, publicada no Jornal da Tarde *de 20 de fevereiro de 87: 'Recentemente, o grupo (Camisa de Vênus) gravou uma paródia de "Ouro de Tolo"'. A opinião de Raul: 'Não era exatamente aquilo o que a música queria dizer. Era um lamento, a música mais triste que eu já fiz na minha vida. E eles a fizeram muito rock'".*

ECHO REMARCADO

"O Brasil não é um país sério" — De Gaulle. Parece que cada vez mais essa afirmação se acentua. Após saber que o Echo & the Bunnymen viria ao Brasil, procurei me informar, através da 89 FM, a respeito dos preços e da data de venda dos ingressos. Recebi a informação de que as vendas seriam iniciadas no dia 25 de abril e de que os preços eram de Cz$ 250, 350 e 450 para os setores 3, 2 e 1, respectivamente. No dia 25, pela manhã, me desloquei até o Mappin Itaim para comprar os ingressos. Após uma hora e meia de espera, chegou a nossa vez e descobri o porquê da demora: os ingressos haviam sido remarcados! Para todos os setores e qualquer dia, os preços agora eram de Cz$ 450! Mais uma vez o público havia sido enganado. E a remarcação não parece ter sido coisa de última hora, já que os ingressos estavam sem rasura gráfica. A quem devemos reclamar? À Poladian, à 89 FM, ao Sarney, ao Funaro, ao FMI, ao Mark Chapmann, à WEA? Quem sabe uma "Ocean Rain" possa vir lavar toda essa sujeira, essa lama pegajosa que nos amarra os pés. **Aparecido Henrique de Melo, São Paulo — SP**

AINDA OS MELHORES DO ANO

Queria ofertar, através desta seção, ao leitor Ediney Soares, de Curitiba, três dos dez melhores discos do ano, segundo a votação da crítica de BIZZ: *Fellini Só Vive Duas Vezes, Noite e Dia* (Smack) e *Cadê as Armas?* (Mercenárias), que, infelizmente, não tocam no rádio, não aparecem na TV e só são encontrados em lojas mais sintonizadas de algumas capitais e grandes cidades. Em Curitiba, por exemplo, as lojas Savarim Discos (Rua Saldanha Marinho, 266) e Música Viva (Galeria Júlio Moreira) têm à disposição todo o catálogo da Baratos Afins, um selo independente mas "dependente" do espaço que as grandes gravadoras concedem no processo de produção e divulgação. Estar em gravadoras independentes não é sinônimo de qualidade; significa às vezes opção, às vezes um vestibular para entrar nas gravadoras maiores. Mas não é o sucesso que qualifica o brilho do artista. Quanto a você, caro Ediney, é só informar seu endereço para receber os discos ou vir retirar pessoalmente na loja da Baratos Afins. **Luiz Carlos Calanca (Baratos Afins) — São Paulo, SP**

FÃ-CLUBES

A-ha *The Sun Always Shines on A-ha*, Rua Mourato Coelho, 1430, ap. 11, CEP 05417, São Paulo — SP

Cure *The Cure Fan Club*, A/C Jackson Robert, Rua Johann Sachsse, 3177, CEP 89070, Blumenau — SC

Fellini *Fellini Fã-Clube*, Rua Capitão Luis Penna, 229, CEP 13730, Mococa — SP

Legião Urbana *Omnia Vincit Fã-Clube*, Avenida Ernani do Amaral Peixoto, 116/803, CEP 24020, Niterói — RJ

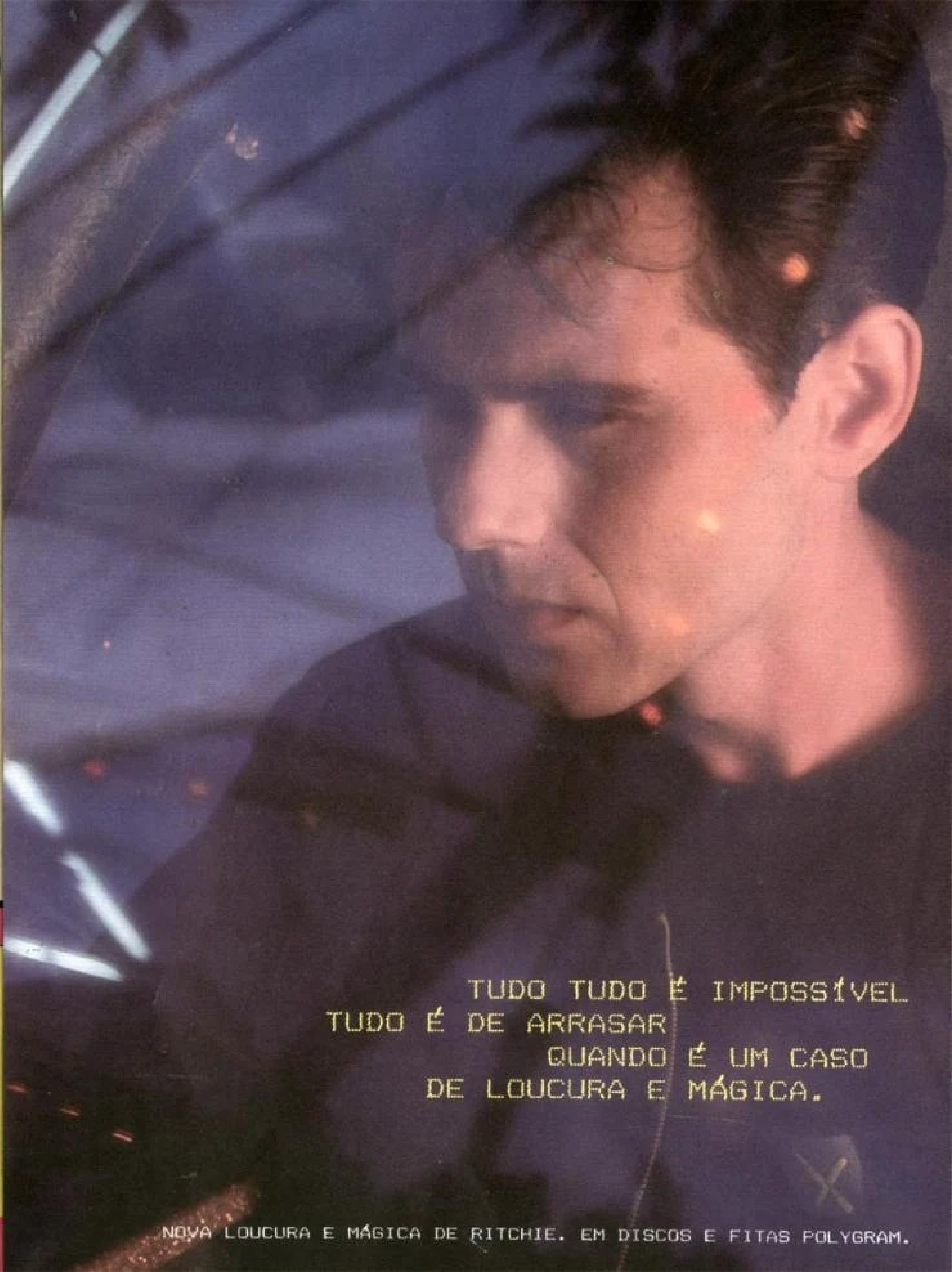
Lobão *Fã-Clube Lobão, Me Chama*, A/C Rozeilton Martins, Rua Doutor Area Leão, 2495, CEP 64000, Teresina — PI

Zero *Zero Absoluto*, Caixa Postal 155, CEP 20001, Rio de Janeiro — RJ

MÊS QUE VEM NA

BIZZ

TEM:
***ELVIS*, DEZ ANOS DEPOIS**
EXCLUSIVAS COM *BRUCE SPRINGSTEEN*, EVERYTHING BUT THE GIRL E KID ABELHA
A HISTÓRIA DO *ROCK ALEMÃO*



LEVEL 42

Running in the family

Você sabe por que o Lp *Running In The Family* explodiu na Europa, Estados Unidos e Japão?

( ) Porque é o melhor trabalho do Level 42.
( ) Porque desde o início da carreira, quando abria os shows do Police, o Level 42 sonhava em gravar um disco como este.
( ) Porque Running In The Family reúne o melhor da tecnologia de gravação com o que há de mais puro de ritmo e pulso.
( ) Porque o Level 42 aprimorou-se sem abandonar a simplicidade.
(X) Todas as respostas acima.

Em discos e fitas
PolyGram